Allan Kardec

O Livro dos Médiuns

ou

O Guia dos Médiuns e dos Evocadores



cel d

Léon Denis

O LIVRO DOS MÉDIUNS



Outras obras do autor editadas pelo CELD:

- *A Passagem* (Brochura)
- *A Prece Segundo o Espiritismo*
- *Temor da Morte. O Céu* (Brochura)
- *O Livro dos Espíritos*
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo (Bolso)*
- *A Gênese*
- *Obras Póstumas*
- *O Céu e o Inferno*
- *O Que é o Espiritismo*

CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

K27l Kardec, Allan, 1804-1896

O Livro dos Médiuns, ou, guia dos médiuns e dos evocadores: o ensino especial dos espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo dando sequência ao Livro dos Espíritos / Allan Kardec; tradução Maria Lucia Alcantara de Carvalho. — 1.ed. — Rio de Janeiro: CELD, 2016.

464p.; 21 cm
eISBN:

Tradução de: *Le livre des médiums, ou, guide des médiums et desévocateurs*

1. Espiritismo. 2. Médiuns.
I. Título: Guia dos médiuns e dos evocadores.

09-1975. CDD 133.9
CDU 133.9

Allan Kardec

O LIVRO DOS MÉDIUNS

OU GUIA DOS MÉDIUNS E DOS EVOCADORES

O ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo dando sequência ao Livro dos Espíritos.

Tradução de Maria Lucia Alcantara de Carvalho

1ª Edição

CELD
Rio de Janeiro, 2016

Fac-símile do original francês.

COLLECTION
« PHILOSOPHIE SPIRITUALISTE »

LE LIVRE DES MÉDIUMS

OU

GUIDE DES MEDIUMS ET DES EVOCATEURS

CONTENANT

L'ENSEIGNEMENT SPECIAL DES ESPRITS SUR LA THEORIE DE TOUS LES GENRES DE MANIFESTATIONS, LES MOYENS DE COMMUNIQUER AVEC LE MONDE INVISIBLE, LE DEVELOPPEMENT DE LA MEDIUMNITE, LES DIFFICULTES ET LES ECUEILS QUE L'ON PEUT RENCONTRER DANS LA PRATIQUE DU SPIRITISME POUR FAIRE SUITE AU

Livre des Esprits

PAR

ALLAN KARDEC

DERVY-LIVRES
26, rue Vauquelin
Paris-V^e^

Tradução do fac-símile.

COLEÇÃO
"FILOSOFIA ESPIRITUALISTA"

O LIVRO
DOS MÉDIUNS

ou

GUIA DOS MÉDIUNS E DOS EVOCADORES

CONTENDO
O ENSINO ESPECIAL DOS ESPÍRITOS SOBRE A TEORIA
DE TODOS OS GÊNEROS DE MANIFESTAÇÕES, OS MEIOS DE
COMUNICAÇÃO COM O MUNDO INVISÍVEL,
O DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE, AS
DIFICULDADES E OS TROPEÇOS QUE
SE PODEM ENCONTRAR
NA PRÁTICA DO ESPIRI-
TISMO DANDO
SEQUÊNCIA AO

Livro dos Espíritos

POR

ALLAN KARDEC

DERVY – LIVROS
Rua Vauquelin, 26
Paris – V.º

O LIVRO DOS MÉDIUNS
Allan Kardec
Título do original francês:
LE LIVRE DES MÉDIUMS

1ª Edição: agosto de 2016;
1ª tiragem, do 1º ao 3º milheiro.

Tradução:
Maria Lucia Alcantara de Carvalho
Revisão de originais:
Homero Dias de Carvalho
Composição:
Luiz de Almeida Jr. e Márcio de Almeida
Capa e diagramação:
Rogério Mota
Arte-final:
Roberto Ratti
Revisão:
Elizabeth Paiva e Teresa Cunha
Produção de ebook:
S2 Books

Para pedidos de livros, dirija-se ao
Centro Espírita Léon Denis
(Distribuidora)
Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290
Telefax (21) 2452-7700
E-mail: grafica@leondenis.com.br
Site: leondenis.com.br

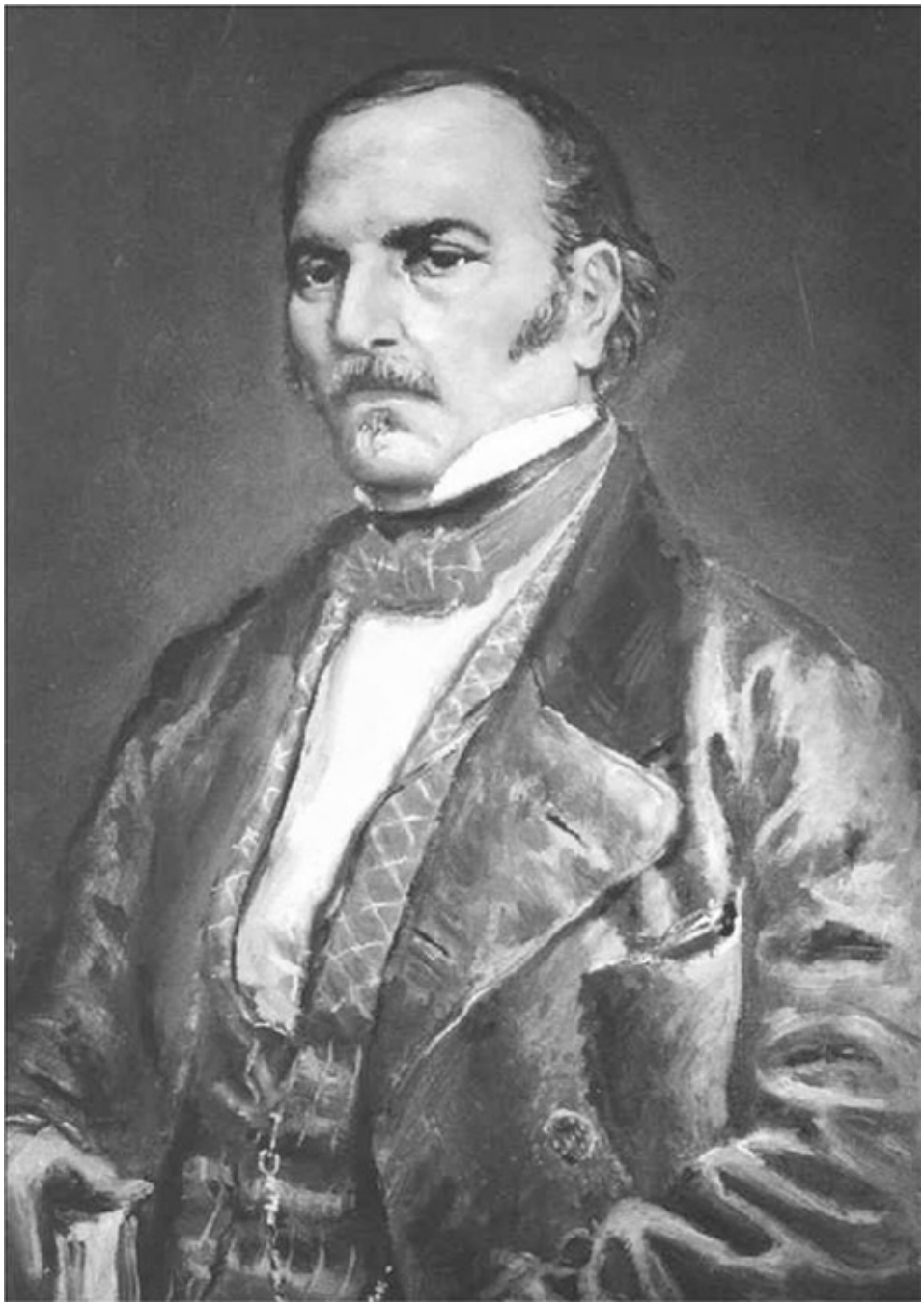
Centro Espírita Léon Denis
Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290
CNPJ 27.921.931/0001-89
IE 82.209.980
Tel. (21) 2452-1846
E-mail: editora@celd.org.br
Site: www.celd.org.br

Remessa via Correios e transportadora.

Todo produto desta edição é destinado à manutenção das obras sociais do Centro Espírita Léon Denis.


CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

c
eld



ALLAN KARDEC

(1804 - 1869)

SUMÁRIO

Capa

Ficha catalográfica

Folha de rosto

Créditos

Introdução

Primeira Parte - Noções Preliminares

- Capítulo I. Existem espíritos?
- Capítulo II. O maravilhoso e o sobrenatural
- Capítulo III. Método
- Capítulo IV. Sistemas

Segunda Parte Manifestações Espíritas

- Capítulo I. Ação dos espíritos sobre a matéria
- Capítulo II. Manifestações físicas
- Capítulo III. Manifestações inteligentes
- Capítulo IV. Teoria das manifestações físicas
  - Movimentos e levantamentos. – Ruídos. – Aumento e diminuição do peso dos corpos
- Capítulo V. Manifestações físicas espontâneas

Ruídos, barulhos e perturbações. Arremesso de objetos. – Fenômeno de transporte. – Dissertação de um espírito sobre os transportes

Capítulo VI. Manifestações visuais

Noções sobre as aparições. – Ensaio teórico sobre as aparições. – Espíritos glóbulos. – Teoria da alucinação

Capítulo VII. Bicorporeidade e transfiguração

Aparição do espírito dos vivos. – Homens duplos. – Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua. – Vespasiano. – Transfiguração. Invisibilidade

Capítulo VIII. Laboratório do mundo invisível

Vestuário dos espíritos. – Formação espontânea de objetos tangíveis. – Modificações das propriedades da matéria. – Ação magnética curativa

Capítulo IX. Lugares mal-assombrados

Capítulo X. Natureza das comunicações

Comunicações grosseiras, frívolas, sérias ou instrutivas

Capítulo XI. Sematologia e tiptologia

Linguagem dos sinais e das pancadas. – Tiptologia alfabética

Capítulo XII. Pneumatografia ou escrita direta.

Escrita direta

Capítulo XIII. Psicografia

Psicografia indireta: cestas e pranchetas. – Psicografia direta ou manual

Capítulo XIV. Médiuns

Médiuns de efeitos físicos. – Pessoas elétricas. – Médiuns sensitivos ou impressionáveis. – Médiuns auditivos. – Médiuns falantes. – Médiuns videntes. – Médiuns sonâmbulos. – Médiuns curadores. – Médiuns pneumatógrafos

Capítulo XV. Médiuns escreventes ou psicógrafos

Médiuns mecânicos. – Intuitivos. – Semimecânicos. – Inspirados ou involuntários. – Méiuns de pressentimentos.

Capítulo XVI. Médiuns especiais

Aptidões especiais dos médiuns. – Quadro sinótico das diferentes variedades de médiuns

Capítulo XVII. Formação dos médiuns

Desenvolvimento da mediunidade – Mudança do tipo da letra. Perda e suspensão da mediunidade – Desenvolvimento da mediunidade

Capítulo XVIII. Inconvenientes e perigos da mediunidade

Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde. – Idem sobre o cérebro. – Idem sobre as crianças

Capítulo XIX. Papel do médium nas comunicações espíritas

Influência do espírito pessoal do médium. – Sistema dos médiuns inertes. – Aptidão de certos médiuns para coisas que desconhecem: as línguas, a música, o desenho. – Dissertação de um espírito sobre o papel dos médiuns

Capítulo XX. Influência moral do médium

Questões diversas. – Dissertação de um espírito sobre a influência moral

Capítulo XXI. Influência do meio

Capítulo XXII. Mediunidade nos animais

Dissertação de um espírito sobre esta questão

Capítulo XXIII. Obsessão

Obsessão simples. – Fascinação. – Subjugação. – Causas da obsessão. – Meios de combatê-la

Capítulo XXIV. Identidade dos espíritos

Provas possíveis de identidade. – Distinção entre bons e maus espíritos. – Questões sobre a natureza e a identidade dos espíritos

Capítulo XXV. Evocações

Considerações gerais. – Espíritos que se podem evocar. – Linguagem de que se deve utilizar com os espíritos. – Utilidade das evocações particulares. – Questões sobre as evocações. – Evocações dos animais. – Evocações das pessoas vivas. – Telegrafia humana

Capítulo XXVI. Perguntas que se podem fazer aos espíritos

Observações preliminares. – Perguntas simpáticas ou antipáticas aos espíritos. – Perguntas sobre o futuro. – Sobre as existências passadas e futuras. – Sobre os interesses morais e materiais. – Sobre a destinação dos espíritos. – Sobre a saúde. – Sobre as invenções e descobertas. – Sobre os tesouros ocultos. – Sobre os outros mundos

Capítulo XXVII. Contradições e mistificações

Contradições

Capítulo XXVIII. Charlatanismo e embuste

Médiuns interesseiros. – Fraudes espíritas

Capítulo XXIX. Reuniões e sociedades espíritas

Reuniões em geral. – Sociedades propriamente ditas. – Assuntos de estudos. – Rivalidade entre as sociedades

Capítulo XXX. Regulamento da sociedade parisiense de estudos espíritas – fundada em 1 de abril de 1858

Capítulo XXXI. Dissertações espíritas

Sobre o Espiritismo – Sobre os Médiuns – Sobre as reuniões espíritas. – Comunicações apócrifas

Capítulo XXXII. Vocabulário espírita

Nota explicativa

INTRODUÇÃO

Todos os dias, a experiência nos confirma a opinião de que as dificuldades e as decepções, que se encontram na prática do Espiritismo, têm sua origem na ignorância dos princípios desta Ciência e nos sentimos feliz de ter constatado, diretamente, que o trabalho que fizemos para precaver os adeptos contra os tropeços de um noviciado, produziu frutos e que muitos conseguiram evitá-los, com a leitura desta obra.

Um desejo bem natural, nas pessoas que se ocupam com o Espiritismo é o de poderem, elas próprias, comunicar-se com os Espíritos; esta obra destina-se a aplainar o caminho, fazendo-os tirar proveito de nossos longos e laboriosos estudos, pois faria uma ideia muito falsa quem pensasse que, para ser perito nesta matéria, bastasse saber colocar os dedos sobre uma mesa para fazê-la mover-se, ou segurar um lápis, para que ele escrevesse.

Enganar-se-ia, igualmente, se acreditasse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. Embora cada um traga, em si mesmo, o gérmen das qualidades necessárias para tornar-se um médium, essas qualidades só existem em graus muito diferentes e seu desenvolvimento se deve a causas que independem de alguém para que se verifiquem à vontade. As regras da poesia, da pintura e da música não tornam poetas, nem pintores, nem músicos aqueles que não possuem o gênio para isto; elas apenas guiam no emprego das faculdades naturais. O mesmo acontece com o nosso trabalho: seu objetivo é indicar os meios de desenvolver a faculdade mediúnica, tanto quanto o permitam as disposições de cada um e, principalmente, dirigir-lhe o emprego de uma maneira útil, quando a faculdade exista. Porém, esse não constitui o objetivo único a que nos propusemos.

Ao lado dos médiuns propriamente ditos, há uma multidão de pessoas que cresce, todos os dias, que se ocupa com as manifestações espíritas; guiá-las nas suas observações, indicar-lhes os tropeços que elas podem e devem, necessariamente, encontrar em algo novo, iniciá-las na maneira de se comunicar

com os Espíritos, indicar-lhes os meios de obter boas comunicações, tal é o círculo que devemos abarcar, sob pena de fazer uma coisa incompleta. Portanto, não ficaríamos surpresos de encontrar no nosso trabalho informações que, à primeira vista, poderiam parecer estranhas a ele: a experiência mostrará a utilidade delas. Após tê-lo estudado cuidadosamente, compreender-se-ão melhor os fatos de que foram testemunha; a linguagem de alguns Espíritos parecerá menos estranha. Como instrução prática, ele não se dirige, portanto, exclusivamente aos médiuns, mas a todos aqueles que estejam em condições de ver e de observar os fenômenos espíritas.

Algumas pessoas gostariam de que publicássemos um manual prático bem sucinto, contendo, em poucas palavras, a indicação dos procedimentos a adotar para comunicar-se com os Espíritos; imaginam que um livro desta natureza, que pudesse ser largamente difundido pelo seu baixo preço, representaria um poderoso meio de propaganda, multiplicando o número de médiuns; quanto a nós, veríamos tal obra como mais nociva do que útil, pelo menos, por enquanto. A prática do Espiritismo está cercada de muitas dificuldades e não se encontra isenta de inconvenientes, que só um estudo sério e completo pode prevenir. Portanto, seria temível que uma indicação muito resumida provocasse experiências feitas levianamente e das quais viéssemos a nos arrepender; com estas coisas não é *conveniente*, nem prudente brincar e acreditamos prestar um mau serviço, colocando-as à disposição do primeiro estúpido que achasse divertido conversar com os mortos. Nós nos dirigimos às pessoas que veem no Espiritismo um objetivo sério, que lhe compreendem toda a gravidade e não fazem das comunicações com o mundo invisível um passatempo.

Publicamos uma *Instrução Prática* com o objetivo de guiar os médiuns: esta obra encontra-se, hoje, esgotada e, embora tivesse um objetivo eminentemente grave e sério, não a reimprimiremos, porque a consideramos ainda bastante incompleta para esclarecer sobre todas as dificuldades que se possam encontrar. Nós a substituímos por esta, na qual reunimos todos os dados que uma longa experiência e um estudo conscienciosо nos permitiram adquirir. Ela contribuirá, pelo menos é o que esperamos, para dar ao Espiritismo o caráter sério, que é sua essência e para evitar que nele vejam um tema de frívola ocupação e de divertimento.

A estas considerações acrescentaremos uma muito importante: é a má impressão que produz sobre os novatos ou sobre pessoas de má vontade a visão de experiências feitas levianamente e sem conhecimento de causa; elas apresentam o inconveniente de dar uma ideia falsa do mundo dos Espíritos e de

se prestar à zombaria e a uma crítica, muitas vezes, fundamentada; é por isso que os incrédulos raramente saem dessas reuniões convertidos e dispostos a ver um lado sério no Espiritismo. A ignorância e a leviandade de certos médiuns causaram mais enganos do que se possa imaginar, na opinião de muita gente.

O Espiritismo realizou grandes progressos há alguns anos; mas, desde que entrou no caminho filosófico, eles se tornaram imensos, porque ele passou a ser apreciado por pessoas instruídas. Atualmente, não é mais um espetáculo; é uma doutrina da qual não riem mais aqueles que zombavam das mesas girantes. Ao fazermos esforços para conduzi-lo e mantê-lo neste terreno, temos a convicção de conquistar para ele mais adeptos úteis do que provocando, a torto e a direito, manifestações de que se poderia abusar. Todos os dias, temos a prova disso pelo número de adeptos que foram conquistados unicamente com a leitura de *O Livro dos Espíritos*.

Após termos exposto em *O Livro dos Espíritos* a parte filosófica da ciência espírita, damos, nesta obra, a parte prática para uso daqueles que querem se ocupar com manifestações, quer pessoalmente, quer para tomar conhecimento dos fenômenos, que poderão ter ocasião de observar. Aí verão os tropeços que podem ser encontrados e terão, dessa forma, um meio de evitá-los.

Estas duas obras, embora sendo a continuação uma da outra, são, até um certo ponto, independentes entre si; mas àquele que quiser ocupar-se seriamente com a matéria, diremos que leia, primeiramente, *O Livro dos Espíritos*, porque ele contém princípios fundamentais, sem os quais algumas partes, talvez, fossem dificilmente compreendidas.

Melhoras importantes foram introduzidas na segunda edição, muito mais completa que a primeira. Ela foi corrigida com um cuidado particular pelos Espíritos que a ela acrescentaram um número bem grande de observações e de instruções do mais elevado interesse. Como tudo reviram, aprovaram ou modificaram à sua vontade, pode-se dizer que ela é, em grande parte, sua obra, pois a intervenção deles não se limitou a alguns artigos assinados; nós apenas indicamos os nomes, quando isto nos pareceu necessário, para caracterizar algumas citações um pouco extensas emanadas deles, textualmente; de outra forma, teria sido preciso citá-los, quase que em todas as páginas, principalmente em todas as respostas dadas às questões propostas, o que não nos pareceu útil. Os nomes, como se sabe, pouco importam em assunto semelhante; o essencial é que o conjunto do trabalho corresponda ao objetivo a que nos propusemos.

Como lhe acrescentamos muitas coisas e vários capítulos inteiros, suprimimos alguns artigos que ficariam repetidos, entre outros, a *Escala*

Espírita, que já se encontra em *O Livro dos Espíritos*. Suprimimos, igualmente, do *Vocabulário*, o que não se ajustava especialmente ao quadro desta obra e que se encontra, utilmente substituído, por coisas mais práticas.

Depois da segunda edição, o texto não foi modificado.



O LIVRO DOS MÉDIUNS

Primeira Parte
Noções Preliminares

CAPÍTULO I

EXISTEM ESPÍRITOS?

1. A dúvida, no que se refere à existência dos Espíritos, tem como causa primeira a ignorância sobre sua verdadeira natureza. Geralmente, representam-nos como seres à parte na criação e cuja necessidade não está demonstrada. Muitos só os conhecem através dos contos fantásticos com os quais foram embalados, assim como se conhece a história através dos romances; sem procurar saber se esses contos, despojados dos acessórios ridículos, encerram um fundo de verdade; unicamente os impressiona o lado absurdo; sem se darem ao trabalho de retirar a casca amarga para achar a amêndoa, rejeitam o todo, como fazem, na religião, aqueles que, chocados por certos abusos, misturam tudo numa mesma reprovação.

Seja qual for a ideia que se faça dos Espíritos, esta crença está necessariamente baseada na existência de um princípio inteligente fora da matéria; ela é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, portanto, nosso ponto de partida na existência, na sobrevivência e na individualidade da alma, cuja demonstração teórica e dogmática está no *Espiritualismo* e a demonstração patente, no *Espiritismo*. Deixemos de lado, por um instante, as manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a que consequências chegaremos.

2. Desde o momento em que se admita a existência da alma e sua individualidade após a morte, é preciso admitir também: 1º) que ela é de uma

natureza diferente do corpo, já que, uma vez separada deste, não mais possui suas propriedades; 2º) que ela goza da consciência de si mesma, visto que a ela se atribuem a alegria ou o sofrimento; de outra forma seria um ser inerte e, para nós, de nada valeria possuí-la. Admitido isto, esta alma deve ir para algum lugar; o que acontece com ela e para onde vai? Segundo a crença comum, ela vai para o céu ou para o inferno; mas onde estão o céu e o inferno? Diziam, outrora, que o céu ficava no alto e o inferno embaixo; mas o que significam o alto e o baixo no Universo, uma vez que se conhecem a redondeza da Terra, o movimento dos astros, que faz com que o que está no alto, num dado momento, esteja embaixo daí a doze horas e o infinito do espaço no qual o olhar mergulha a distâncias incomensuráveis? É verdade que por lugares baixos, compreendem-se, também, as profundezas da Terra; mas o que se tornaram essas profundezas desde que foram escavadas pela Geologia? O que se tornaram, igualmente, essas esferas concêntricas chamadas céu de fogo, céu das estrelas, desde que se sabe que a Terra não é o centro dos mundos, que o nosso próprio Sol é apenas um dos milhões de sóis que brilham no espaço e que cada um representa o centro de um turbilhão planetário? Que é da importância da Terra, perdida nessa imensidão? Graças a que privilégio injustificável este imperceptível grão de areia, que não se distingue nem pelo seu volume, nem pela sua posição, nem por um papel particular, seria o único povoado por seres racionais? A razão se recusa a admitir esta inutilidade do infinito e tudo nos diz que esses mundos são habitados. Se são habitados, fornecem, portanto, seu contingente ao mundo das almas; porém, mais uma vez, que é feito dessas almas, visto que a Astronomia e a Geologia destruíram as moradas que lhes estavam designadas e, principalmente, depois que a teoria tão racional da pluralidade dos mundos as multiplicou ao infinito? Não podendo estar de acordo com os dados da Ciência a doutrina da localização das almas, uma outra doutrina mais lógica estabelece-lhes por domínio, não um lugar determinado e circunscrito, porém o espaço universal: é todo um mundo invisível no qual vivemos, que nos cerca e incessantemente nos acotovela. Haverá nisto uma impossibilidade, algo que repugne à razão? De modo algum; tudo nos diz, ao contrário, que não pode ser de outra forma. Mas, então, que é das penas e das recompensas futuras, se tirais delas os lugares especiais? Observai que a incredulidade, no que concerne a essas penas e recompensas, é geralmente provocada porque apresentam-nas em condições inadmissíveis; mas dizei, em vez disso, que as almas haurem sua felicidade ou sua desgraça em si mesmas; que a sorte delas está subordinada ao seu estado moral; que a reunião das almas simpáticas e boas constitui uma fonte de felicidade; que, segundo o

seu grau de purificação, elas penetram e entreveem coisas que, diante das almas grosseiras, se dissipam e todo mundo compreenderá, sem dificuldade; dizei mais: que as almas não chegam ao grau supremo senão pelos esforços que fazem para melhorar-se e após uma série de provas que servem para sua purificação; que os anjos são as almas que atingiram o último grau da escala, o qual todas podem atingir com boa vontade; que os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de velar pela execução de seus desígnios em todo o Universo; que são felizes por desempenharem essas missões gloriosas e dareis à sua felicidade um objetivo mais útil e mais atraente do que o de uma contemplação perpétua, que não seria outra coisa senão uma inutilidade perpétua; dizei, finalmente, que os demônios são simplesmente as almas dos maus, ainda não purificadas, mas que podem chegar, como os outros, à perfeição e isto parecerá mais de acordo com a justiça e a bondade de Deus do que a doutrina de seres criados para o mal e perpetuamente a ele destinados. Mais uma vez, eis o que a razão mais severa, a lógica mais rigorosa, o bom senso, numa palavra, podem admitir.

Ora, essas almas que povoam o espaço são precisamente o que se chama de *Espíritos*; os *Espíritos* não são, portanto, outra coisa senão as almas dos homens, despojadas de seu envoltório corporal. Se os Espíritos fossem seres à parte, sua existência seria mais hipotética; porém se se admite que há almas, é preciso também admitir os Espíritos, que são simplesmente almas; se se admite que as almas estão por toda a parte, é necessário admitir, igualmente, que os Espíritos estão por toda a parte. Não se poderia, portanto, negar a existência dos Espíritos sem negar a das almas.

3. Isto é apenas uma teoria, é verdade, mais racional que a outra; porém, já representa muito uma teoria que nem a razão, nem a Ciência contradizem; se, além disso, ela é corroborada pelos fatos, tem a seu favor a sanção do raciocínio e da experiência. Esses fatos, nós os encontramos no fenômeno das manifestações espíritas, que são, assim, a prova patente da existência e da sobrevivência da alma. Entretanto, para muitas pessoas, a crença para aí; elas admitem a existência da alma e, por conseguinte, a dos Espíritos; negam, porém, a possibilidade de comunicação com eles, pela razão, dizem elas, de que seres imateriais não podem agir sobre a matéria. Esta dúvida se fundamenta na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, de que fazem, geralmente, uma ideia muito falsa, pois representam-nos, erradamente, como seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é verdade.

Imaginemos, primeiramente, o Espírito na sua união com o corpo; o Espírito é o ser principal, já que é o *ser que pensa* e que *sobrevive*. O corpo é, portanto,

apenas um *acessório* do Espírito, um envoltório, uma veste que ele deixa, quando está usada. Além desse envoltório material, o Espírito possui um segundo, semimaterial, que o une ao primeiro; por ocasião da morte, o Espírito se despoja deste, mas não do segundo, ao qual damos o nome de *perispírito*. Este invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para ele um corpo fluídico, vaporoso, mas que, por ser invisível para nós, no seu estado normal, não deixa de possuir algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, portanto, um ponto, uma abstração, mas um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável para se assemelhar aos seres humanos. Por que, então, não agiria sobre a matéria? Seria porque o seu corpo é fluídico? Mas não é entre os fluidos mais rarefeitos, aqueles mesmos que consideramos imponderáveis, como, por exemplo, a eletricidade, que o homem encontra seus motores mais possantes? Será que a luz imponderável não exerce uma ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito; mas supomo-lo formado de matéria elétrica ou de uma outra tão sutil quanto esta; por que, sendo dirigida por uma vontade, não teria a mesma propriedade?

4. A existência da alma e a de Deus, que são a consequência uma da outra, sendo a base de todo o edifício, importa, antes de iniciar qualquer discussão espírita, certificar-se de que o interlocutor admite esta base. Se a estas questões:

Credes em Deus?

Credes possuir uma alma?

Credes na sobrevivência da alma após a morte? Se ele responder negativamente ou, mesmo se disser, simplesmente: *Não sei*; *gostaria de que assim fosse*, *mas não tenho certeza disso*, o que, com frequência, equivale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos incisiva, para evitar chocar muito bruscamente o que ele chama de preconceitos respeitáveis, seria tão inútil ir além, quanto tentar demonstrar as propriedades da luz a um cego, que não admitisse a existência da luz; pois, definitivamente, as manifestações espíritas não são outra coisa senão os efeitos das propriedades da alma; com este interlocutor é toda uma outra ordem de ideias a seguir, se não se quiser perder tempo.

Admitida a base, não como simples *probabilidade*, mas como coisa averiguada, incontestável, a existência dos Espíritos, muito naturalmente, daí decorrerá.

5. Resta agora a questão de saber se o Espírito pode se comunicar com o homem, isto é, se ele pode trocar ideias com ele. E por que não? O que é o

homem senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que o Espírito livre não poderia comunicar-se com o Espírito cativo, como o homem livre com aquele que está encarcerado? Desde o momento em que admitis a sobrevivência da alma, será racional não admitir a sobrevivência dos afetos? Visto que as almas estão por toda a parte, não será natural pensar que a de um ser que nos amou, durante sua vida, venha para junto de nós, que deseje comunicar-se conosco e que se sirva para isso dos meios que estejam à sua disposição? Enquanto vivo, não agia sobre a matéria de seu corpo? Não era ele quem lhe dirigia os movimentos? Por que, então, depois de sua morte, em concordância com um outro Espírito que estivesse ligado a um corpo, não tomaria emprestado este corpo vivo para manifestar seu pensamento, como um mudo pode se servir de alguém que fale para se fazer compreender?

6. Façamos, por um instante, abstração dos fatos que, para nós, tornam a coisa incontestável: admitamo-la apenas como hipótese; pedimos aos incrédulos que nos provem, não através de uma simples negação, pois suas opiniões pessoais não podem constituir a lei, mas através de razões peremptórias, que isto não pode acontecer. Nós nos colocamos no terreno deles e já que querem apreciar os fatos espíritas com o auxílio das leis da matéria, que extraiam, então, deste arsenal, alguma demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica e provem por *a* mais *b*, sempre partindo do princípio da existência e da sobrevivência da alma:

1º) que o ser que pensa em nós, durante a vida, não pode mais pensar após a morte;

2º) que, se continua a pensar, não deve mais pensar naqueles que amou;

3º) que, se pensa naqueles que amou, não deve mais querer comunicar-se com eles;

4º) que, se pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º) que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

6º) que não pode agir sobre a matéria inerte, através do seu envoltório fluídico.

7º) que, se pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

8º) que, se pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir sua mão para fazer com que escreva;

9º) que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e

nem transmitir-lhe seu pensamento.

Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isto é impossível, através de razões tão patentes quanto aquelas através das quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira em torno da Terra, então, poderemos dizer que suas dúvidas têm fundamento; infelizmente, até hoje, toda sua argumentação resume-se nestas palavras: *Não creio, logo, isto é impossível*. Eles nos dirão, com certeza, que cabe a nós provar a realidade das manifestações; nós a provamos através dos fatos e pelo raciocínio; se eles não admitem nem um nem outro, se negam até o que veem, cabe a eles provar que nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.



CAPÍTULO II

O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

7. Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações constituísse uma concepção isolada, o produto de um sistema, ela poderia, com aparente razão, ser suspeita de ilusória; mas, digam-nos mais uma vez, por que a encontramos tão viva em todos os povos antigos e modernos, nos livros santos de todas as religiões conhecidas? É, dizem alguns críticos, porque o homem, em todos os tempos, gostou do maravilhoso. — Mas, para vós, o que significa maravilhoso? — O que é sobrenatural. — O que entendeis por sobrenatural? — O que é contrário às leis da Natureza. — Conheceis, portanto, tão bem essas leis que vos é possível estabelecer um limite ao poder de Deus? Pois bem! Então, provai que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que não é, nem pode ser uma dessas leis. Segui a Doutrina Espírita e vede se este encadeamento não possui todos os caracteres de uma lei admirável, que resulta de tudo o que as leis filosóficas não puderam resolver até agora. O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade de agir sobre a matéria, de impressionar nossos sentidos e, por conseguinte, de transmitir seu pensamento resulta, se podemos assim nos exprimir, de sua constituição fisiológica: logo, nada há de sobrenatural neste fato, nem de maravilhoso. Que um homem morto e bem morto reviva, corporalmente, que seus membros dispersos se reúnam para formar novamente o seu corpo, isto, sim, é maravilhoso, sobrenatural, fantástico; aí estaria uma verdadeira derrogação da lei, que Deus só poderia realizar através de um milagre; nada há de semelhante na Doutrina Espírita.

8. Entretanto, dirão, vós admitis que um Espírito possa levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não seria isto uma derrogação da lei de gravidade? — Sim, da lei conhecida; mas a Natureza já disse sua última palavra? Antes que se tivesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada máquina transportando vários homens pudesse vencer a força de atração? Aos olhos do vulgo, isto deveria parecer maravilhoso,

diabólico? Teria passado por louco aquele que tivesse proposto, há um século, transmitir um telegrama a 500 léguas e receber a resposta em alguns minutos; se o fizesse, teriam acreditado que ele tinha o diabo às suas ordens, pois, então, só o diabo era capaz de ir tão rápido. Por que, então, um fluido desconhecido, em dadas circunstâncias, não teria a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Isto, observemos de passagem, é uma comparação, não, porém, uma assimilação e, unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível. Ora, foi precisamente quando os sábios, ao observarem essas espécies de fenômenos, quiseram proceder pela via da assimilação que se equivocaram. De resto, o fato aí está; negação alguma poderá fazer com que ele não exista, pois negar não é provar. Para nós, nada há de sobrenatural; é tudo o que podemos dizer no momento.

9. Se o fato for comprovado, dirão, aceitá-lo-emos; aceitaremos mesmo a causa que acabais de citar, a de um fluido desconhecido; mas quem prova a intervenção dos Espíritos? Aí está o maravilhoso, o sobrenatural.

Seria preciso, aqui, toda uma demonstração que estaria fora do seu lugar e seria, aliás, repetitiva, pois ressalta de todas as outras partes do ensino. No entanto, para resumi-la em algumas palavras, diremos que ela está fundamentada, teoricamente, neste princípio: todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente; e, na prática, na observação de que os fenômenos ditos espíritas, tendo dado provas de inteligência, sua causa devia estar fora da matéria; de que esta inteligência, não sendo a dos assistentes — isto é um resultado da experiência — devia estar fora deles; já que não se via o ser que agia, tratava-se, portanto, de um ser invisível. Foi então que, de observação em observação, chegou-se a reconhecer que este ser invisível, ao qual deu-se o nome de Espírito, nada mais era do que a alma daqueles que viveram corporalmente e que a morte despojou do seu grosseiro envoltório visível, deixando-lhe apenas um envoltório etéreo, invisível no seu estado normal. Aqui estão, portanto, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua mais simples expressão. A existência de seres invisíveis, uma vez constatada, sua ação sobre a matéria resulta da natureza de seu envoltório fluídico: esta ação é inteligente, porque, ao morrerem, perderam apenas seus corpos, mas conservaram a inteligência que lhes constitui a própria essência; aí está a chave de todos esses fenômenos considerados, erradamente, sobrenaturais. A existência dos Espíritos não é, portanto, um sistema preconcebido, uma hipótese imaginada para explicar os fatos; é um resultado de observações e a consequência natural da existência da

alma; negar esta causa é negar a alma e seus atributos. Que os que pensam poder dar uma solução mais racional para esses efeitos inteligentes, podendo, sobretudo, explicar a causa de *todos os fatos*, o façam e, então, poder-se-á discutir o mérito de cada uma.

10. Aos olhos daqueles que veem a matéria como a única potência da Natureza, *tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural*; e, para eles, *maravilhoso* é sinônimo de *superstição*. Assim sendo, a religião, que se baseia na existência de um princípio imaterial, seria um tecido de superstições; eles não ousam dizê-lo em voz alta, mas o dizem baixinho e acreditam salvar as aparências, admitindo que é preciso uma religião para o povo e para que as crianças se tornem mais comportadas; ora, de duas coisas uma: ou o princípio religioso é verdadeiro, ou é falso; se é verdadeiro, ele o é para todo o mundo; se é falso, não é melhor para os ignorantes do que para as pessoas esclarecidas.

11. Aqueles que atacam o Espiritismo, em nome do maravilhoso, apoiam-se geralmente, portanto, no princípio materialista, já que negando todo efeito extramaterial, negam, por isso mesmo, a existência da alma; sondai o fundo de seus pensamentos, escrutai bem o sentido de suas palavras e vereis, quase sempre, este princípio, se categoricamente formulado, brotar de baixo das exterioridades de uma pretensa filosofia racional com a qual o cobrem. Atribuindo tudo ao maravilhoso, tudo o que decorre da existência da alma, eles são, portanto, consequentes consigo mesmos; não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos; daí, entre eles, uma opinião preconcebida que os torna impróprios para julgar sensatamente o Espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo o que não seja material. Quanto a nós, pelo fato de admitirmos os efeitos que são a consequência da existência da alma, quer dizer que aceitemos todos os fatos qualificados de maravilhosos? Que sejamos os campeões de todos os sonhadores, os adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Demonstraria conhecer bem pouco o Espiritismo quem pensasse assim; nossos adversários, porém, não veem isto de muito perto; a necessidade de conhecer aquilo de que falam é o de que menos cuidam. Segundo eles, o maravilhoso é absurdo; ora, o Espiritismo se apoia em fatos maravilhosos, portanto, o Espiritismo é absurdo: trata-se, para eles, de um julgamento sem apelação. Acreditam opor um argumento sem réplica, quando, após terem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard, os calvinistas de Cévennes, ou as religiosas de Loudun, descobriram, nestes, fatos patentes de trapaça que ninguém contesta; mas essas histórias representam o

evangelho do Espiritismo? Seus partidários negaram que o charlatanismo haja explorado certos fatos em proveito próprio? Que a imaginação os tenha criado? Que o fanatismo muito os tenha exagerado? Ele é tão solidário com as extravagâncias que se cometem em seu nome, quanto a verdadeira Ciência o é com os abusos da ignorância e a verdadeira religião o é com os excessos do fanatismo. Muitos críticos julgam o Espiritismo unicamente pelos contos de fadas e lendas populares que dele são as ficções; seria o mesmo que julgar a História pelos romances históricos ou pelas tragédias.

12. Em lógica elementar, para se discutir uma coisa, é preciso conhecê-la, pois a opinião de um crítico só tem valor, quando ele fala com perfeito conhecimento de causa; só então, sua opinião, embora errônea, pode ser levada em consideração; mas que peso terá ela sobre uma matéria que ele não conhece? A verdadeira crítica deve demonstrar, não apenas a erudição, mas um saber profundo a respeito do objeto de que trata, um julgamento sensato e uma imparcialidade a toda prova, de outra forma, o primeiro violinista que chegasse poderia atribuir-se o direito de julgar Rossini e um aprendiz o de censurar Rafael.

13. Portanto, o Espiritismo não aceita, absolutamente, todos os fatos maravilhosos ou sobrenaturais; longe disso, ele demonstra a impossibilidade de um grande número e o ridículo de certas crenças que constituem, propriamente falando, a dita superstição. É certo que, naquilo que ele admite, há coisas que, para os incrédulos, são puro maravilhoso, em outras palavras, superstição. Que seja; mas, pelo menos, discuti apenas esses pontos, pois sobre os outros, ele nada tem a dizer e pregais no deserto. Ao atacardes o que ele próprio refuta, provais vossa ignorância sobre o assunto e vossos argumentos caem por terra. Perguntar-se-á: mas, até onde vai a crença do Espiritismo? Lede, observai e sabê-lo-eis. Qualquer ciência só se adquire com o tempo e o estudo; ora, o Espiritismo, que aborda as questões mais graves da filosofia, todos os ramos da ordem social, que abrange tanto o homem físico quanto o homem moral, é, ele próprio, toda uma ciência, toda uma filosofia que não pode ser aprendida em algumas horas, tal como qualquer outra ciência; haveria tanta puerilidade em ver todo o Espiritismo numa mesa girante, quanto em ver toda a Física em alguns brinquedos de criança. Para todo aquele que não queira deter-se na superfície, são necessários, não apenas umas horas, mas meses e anos, para sondar-lhe todos os segredos. Por aí pode-se considerar o grau de saber e o valor da opinião daqueles que se atribuem o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências, geralmente, como forma de distração e de passatempo. Eles dirão, certamente, que não

dispõem do tempo necessário para consagrar a este estudo. Que seja: nada os constrange a isso; mas, então, quando não se tem tempo para aprender uma coisa, não se deve falar sobre ela e, menos ainda, julgá-la, se não se quiser ser acusado de leviandade; ora, quanto mais elevada seja a posição que ocupemos na ciência, menos desculpáveis somos por tratar levianamente de um assunto que desconhecemos.

14. Resumimos nas seguintes proposições:

1º) Todos os fenômenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações;

2º) Estando baseados numa lei da Natureza, esses fenômenos nada têm de *maravilhoso*, nem de *sobrenatural*, no sentido comum dessas palavras;

3º) Muitos fatos são considerados sobrenaturais, apenas porque não se lhes conhece a causa; o Espiritismo, ao lhes atribuir uma causa, os faz retornar ao domínio dos fenômenos naturais;

4º) Dentre os fatos qualificados de sobrenaturais, existem muitos cuja impossibilidade o Espiritismo demonstra, incluindo-os entre as crenças supersticiosas;

5º) Embora o Espiritismo reconheça um fundo de verdade em muitas crenças populares, não admite, absolutamente, a mesma fundamentação em todas as histórias fantásticas criadas pela imaginação;

6º) Julgar o Espiritismo pelos fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar todo o valor de seu parecer;

7º) A explicação dos fatos admitidos pelo Espiritismo, suas causas e suas consequências morais constituem toda uma ciência e toda uma filosofia, que requer um estudo sério, perseverante e aprofundado;

8º) O Espiritismo só poderia considerar como crítico sério aquele que tivesse visto tudo, estudado tudo e aprofundado tudo, com a paciência e a perseverança de um observador conscienciosо; que soubesse tanto sobre esse assunto, quanto o adepto mais esclarecido; que tivesse, por conseguinte, haurido seus conhecimentos em outra parte que não nos romances da ciência; a quem não se pudesse opor *fato algum* de que ele não tivesse conhecimento, nenhum argumento sobre o qual não tivesse meditado; que refutasse, não, através de simples negações, mas através de outros argumentos mais decisivos; que pudesse, finalmente, atribuir uma causa mais lógica aos fatos averiguados. Este crítico ainda não foi encontrado.

15. Pronunciamos ainda há pouco a palavra *milagre*; uma curta observação

sobre este assunto não ficará deslocada, neste capítulo sobre o maravilhoso.

Na sua acepção primitiva e pela sua etimologia, a palavra *milagre* significa coisa *extraordinária*, coisa *admirável de se ver*; mas esta palavra, como tantas outras, afastou-se do sentido original e, hoje, refere-se (segundo a Academia) *a um ato do poder divino, contrário às leis comuns da Natureza*. Esta é, com efeito, sua acepção usual e apenas por comparação e por metáfora é que se aplica às coisas comuns que nos surpreendem e cuja causa é desconhecida. De forma alguma entra em nossas cogitações examinar se Deus tenha julgado útil, em algumas circunstâncias, derrogar as leis estabelecidas por ele mesmo; nosso objetivo é, unicamente, o de demonstrar que os fenômenos espíritas, por mais extraordinários que sejam, de maneira alguma derrogam essas leis, que nenhum caráter miraculoso possuem, do mesmo modo que não são maravilhosos ou sobrenaturais. O milagre não se explica; os fenômenos espíritas, ao contrário, se explicam da maneira mais racional; portanto, não são milagres, porém simples efeitos que possuem sua razão de ser nas leis gerais. O milagre tem ainda um outro caráter: o de ser insólito e isolado. Ora, quando um fato se reproduz, por assim dizer, à vontade e por diversas pessoas, não pode ser um milagre.

Todos os dias, a Ciência faz milagres aos olhos dos ignorantes, eis por que, outrora, aqueles que sabiam mais do que o vulgo passavam por feiticeiros; e, como se acreditava que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, queimavam-nos. Hoje, que somos mais civilizados, contentam-se em mandá-los para hospitais psiquiátricos.

Que um homem realmente morto, como o dissemos no início, possa retornar à vida através de uma intervenção divina, aí está um verdadeiro milagre, porque isto é contrário às leis da Natureza. Porém, se este homem só aparentemente está morto, se ainda há nele um resto de *vitalidade latente* e a Ciência ou uma ação magnética consegue reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas trata-se de um fenômeno natural; mas, para o vulgo ignorante, o fato passará por milagroso e o autor será perseguido a pedradas, ou venerado, de acordo com o caráter dos indivíduos. Que no meio de certos campos, um físico solte uma pipa elétrica e faça cair um raio sobre uma árvore, este novo Prometeu será, certamente, visto como portador de um poder diabólico; e, diga-se de passagem, Prometeu nos parece, singularmente, ter sido precursor de Franklin; mas Josué, ao deter o movimento do Sol, ou melhor, o da Terra, eis o verdadeiro milagre, pois não conhecemos magnetizador algum dotado de tão grande poder para realizar tal prodígio. De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é, incontestavelmente, o da escrita direta e um dos que demonstram da maneira

mais patente a ação das inteligências ocultas; mas, pelo fato de o fenômeno ser produzido por seres ocultos, ele não é mais miraculoso do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque estes seres ocultos, que povoam os espaços são uma das potências da Natureza, potência cuja ação é incessante, tanto sobre o mundo material, quanto sobre o mundo moral.

O Espiritismo, esclarecendo-nos sobre essa potência, nos dá a chave de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que passaram por prodígios, em épocas remotas; ele revela, assim como o magnetismo, uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, pois eles se produziram em todos os tempos, mas, não, a lei e foi a ignorância desta lei que engendrou a superstição. Sendo conhecida esta lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritos não fazem mais milagres ao fazer uma mesa girar ou os defuntos escreverem, do que o médico que faz um moribundo reviver, ou o físico que faz cair o raio. Aquele que pretendesse, com o auxílio desta ciência, *fazer milagres*, seria ou um ignorante do assunto, ou um mistificador.

16. Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos, antes que se lhes conhecesse a causa, tiveram que passar por prodígios; ora, como os cépticos, os espíritos fortes, isto é, os que têm o privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não acreditam que uma coisa seja possível, se não a compreendem; eis por que todos os fatos tidos como prodigiosos são motivo de suas zombarias; e, como a religião contém um grande número de fatos desse gênero, eles não creem na religião e, daí à incredulidade absoluta, é só um passo. O Espiritismo, explicando a maioria desses fatos, dá a eles uma razão de ser. Ele vem, portanto, auxiliar a religião, demonstrando a possibilidade de certos fatos que, por não terem mais o caráter miraculoso, não são menos extraordinários, e Deus não fica menor nem menos poderoso, por não ter derrogado suas leis. De quantas piadas não foram objeto os arrebatamentos de São Cupertino! Ora, a suspensão etérea dos corpos pesados é um fato explicado pela lei espírita; fomos, *pessoalmente, testemunha ocular* deles e o Sr. Home, assim como outras pessoas nossas conhecidas, repetiram várias vezes o fenômeno produzido por São Cupertino. Portanto, este fenômeno pertence à ordem das coisas naturais.

17. Entre os fatos deste gênero, é preciso colocar em primeiro lugar as aparições, porque são as mais frequentes. A de Salette, que divide até o clero, nada tem, para nós, de insólita. Certamente, não podemos afirmar que o fato tenha ocorrido, porque dele não possuí-mos a prova material; mas, para nós, é

possível, visto que conhecemos milhares de fatos análogos *recentes*; acreditamos nele, não apenas porque a realidade deles foi averiguada por nós, mas, principalmente, porque conhecemos a maneira como se produzem. Queiram se reportar à teoria das aparições, que expomos mais adiante, e verão que este fenômeno torna-se tão simples e tão plausível quanto uma imensidade de fenômenos físicos, que só são considerados prodigiosos por falta de uma chave que permita explicá-los. Quanto ao personagem que se apresentou em Salette, é uma outra questão: sua identidade não nos foi absolutamente demonstrada; constatamos, simplesmente, que uma aparição pode ter acontecido, o restante não é de nossa competência; cada um pode, a esse respeito, manter suas convicções, o Espiritismo não se ocupa com isso; dizemos apenas que os fatos produzidos pelo Espiritismo nos revelam leis novas, e nos dão a chave de uma imensidade de coisas que pareciam sobrenaturais; se alguns deles, que passavam por miraculosos, nele encontraram uma explicação lógica, é um motivo para não se apressar a negar o que não se compreende.

Os fenômenos espíritas são contestados por algumas pessoas, precisamente porque parecem escapar à lei comum e à compreensão. Dai-lhes uma base racional e a dúvida desaparece. A explicação, neste século em que as pessoas não se contentam com palavras, é, portanto, um poderoso motivo de convicção; também não vemos, todos os dias, aquelas que não foram testemunhas de fato algum, que não viram nem uma mesa girar, nem um médium escrever e que estão tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se devêssemos acreditar apenas no que vimos com os nossos olhos, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.

CAPÍTULO III

MÉTODO

18. O desejo muito natural e louvável de qualquer adepto, desejo que nunca seria demais encorajar, é fazer prosélitos. Tendo em vista facilitar-lhes a tarefa é que nos propusemos a examinar, aqui, o caminho que nos parece mais seguro para atingir este objetivo, a fim de poupar-lhes esforços inúteis.

Dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia; aquele que quiser seriamente conhecê-lo deve, portanto, como primeira condição, sujeitar-se a um estudo sério e convencer-se de que ele não pode, como qualquer outra ciência, ser aprendido brincando. O Espiritismo, já o dissemos, aborda todas as questões que interessam à Humanidade; seu campo é imenso e é principalmente pelas suas consequências que convém encará-lo. A crença nos Espíritos forma-lhe, sem dúvida, a base, mas ela não é mais suficiente para fazer um espírita esclarecido, como a crença em Deus não basta para fazer um teólogo. Vejamos, pois, de que maneira convém proceder neste ensino para conduzir, com mais segurança, à convicção.

Que os adeptos não fiquem espantados com esta palavra: ensino; não existe apenas o ensino que é dado do alto da cátedra ou da tribuna; há, também, o da simples conversa. Qualquer pessoa que procura convencer uma outra, seja através das explicações, seja através das experiências, ensina; o que desejamos é que seu trabalho dê frutos e é por isso que acreditamos dar alguns conselhos que poderão, igualmente, aproveitar os que quiserem se instruir por si mesmos; eles, aqui, encontrarão o meio de atingir mais seguramente e com maior presteza o objetivo.

19. Em geral, acredita-se que, para convencer, basta apresentar os fatos; com efeito, isto parece o caminho mais lógico, no entanto, a experiência mostra que nem sempre é o melhor, pois veem-se, frequentemente, pessoas que de maneira nenhuma se convencem diante dos fatos mais patentes. A que se deve isto? É o que vamos tentar demonstrar.

No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva; não

constitui o ponto de partida e aí, precisamente, está o erro em que se cai, e que, frequentemente, leva ao fracasso diante de algumas pessoas. Os Espíritos não sendo outra coisa senão as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é, portanto, a existência da alma. Ora, como o materialista pode admitir que fora do mundo material vivam seres, quando acredita que ele próprio é apenas matéria? Como pode acreditar em Espíritos exteriormente a ele, quando não crê possuir um em si mesmo? Em vão acumular-se-iam, diante de seus olhos, as provas mais palpáveis; ele as contestará todas, porque não admite o princípio. Todo ensino metódico deve partir do conhecido para o desconhecido: para o materialista, o conhecido é a matéria; parti, portanto, da matéria e tentai, antes de tudo, fazendo com que a observe, convencê-lo de que há nele alguma coisa que escapa às leis da matéria; numa palavra, *antes de torná-lo espírita, tentai torná-lo espiritualista*; mas, para isso, há toda uma ordem de fatos, um ensino todo especial ao qual é preciso proceder através de outros meios; falar-lhe dos Espíritos, antes que esteja convencido de possuir uma alma, é começar por onde se deve acabar, pois ele não pode admitir a conclusão, se não admite as premissas. Antes, portanto, de tentar convencer um incrédulo, mesmo através dos fatos, é conveniente assegurar-se de sua opinião relativamente à alma, isto é, se ele acredita na sua existência, na sua sobrevivência ao corpo, na sua individualidade após a morte; se a resposta for negativa, será perda de tempo falar-lhe dos Espíritos. Eis a regra; não dizemos que ela não tenha exceção, mas, então, é que talvez exista uma outra causa que o torne menos refratário.

20. Dentre os materialistas, é preciso distinguir duas classes: na primeira, colocaremos aqueles que o são por *sistema*; neles não há dúvida, há a negação absoluta, raciocinada à sua maneira; aos seus olhos, o homem é apenas uma máquina que funciona enquanto está organizada, que se estraga e da qual, após a morte, só resta a carcaça. Felizmente, o número deles é bem restrito e em parte alguma constitui uma escola abertamente confessada; não precisamos insistir nos deploráveis efeitos que resultariam da vulgarização de semelhante doutrina para a ordem social; já nos estendemos suficientemente sobre este assunto em *O Livro dos Espíritos* (questão 147 e conclusão, § III).

Dissemos que a dúvida cessa nos incrédulos diante de uma explicação racional, entretanto, é preciso excetuar os materialistas, os que negam qualquer poder e qualquer princípio inteligente fora da matéria; a maioria deles obstina-se em sua opinião por orgulho e crê que seu amor-próprio os obriga a nela persistir; e eles nela se mantêm, a despeito de todas provas contrárias, porque não querem ficar por baixo. Com estas pessoas, nada há a fazer; nem mesmo se deixar

enganar pela falsa sinceridade daqueles que dizem: fazei com que eu veja e acreditarei. Há outros mais francos e que dizem abertamente: mesmo que eu visse, não acreditaria.

21. A segunda classe de materialistas e muito mais numerosa, pois o verdadeiro materialismo é um sentimento antinatural, compreende aqueles que o são por indiferença e, pode-se dizer, por *falta de coisa melhor*; eles não o são deliberadamente e o que mais desejariam é crer, pois a incerteza constitui um tormento para eles. Neles há uma vaga aspiração pelo futuro; este futuro, porém, lhes é apresentado em cores que sua razão não pode aceitar; daí, a dúvida e, como consequência da dúvida, a incredulidade. Neles a incredulidade não é, portanto, um sistema; assim, apresentai-lhes alguma coisa de racional e eles a aceitam solícitos; estes podem, portanto, nos compreender, pois estão, sem dúvida, mais perto de nós do que eles próprios imaginam. Com os primeiros, não faleis nem de revelação nem de anjos, nem do paraíso, eles não vos compreenderiam; mas, colocando-vos no terreno em que estão, provai-lhes, primeiramente, que as leis da Fisiologia são impotentes para tudo explicar; o restante virá em seguida. As coisas acontecem de outra maneira, quando a incredulidade não é preconcebida, pois, então, a crença não está absolutamente anulada; é um gérmen latente, abafado por ervas daninhas, mas que uma centelha pode reanimar; é o cego a quem se devolve a visão e que fica feliz por rever a luz; é o náufrago a quem se estende uma tábua de salvação.

22. Ao lado dos materialistas propriamente ditos, há uma terceira classe de incrédulos que, embora espiritualistas, pelo menos de nome, são tão refratários quanto aqueles; são os *incrédulos de má vontade*. Estes ficariam aborrecidos por acreditar, porque isto perturbaria sua quietude nos prazeres materiais; temem ver aí a condenação de sua ambição, de seu egoísmo e das vaidades humanas com que se deliciam; fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Só podemos lastimá-los.

23. Falaremos, apenas para lembrar, de uma quarta categoria, que chamaremos *incrédulos interesseiros* ou de *má-fé*. Estes sabem muito bem em que se apoia o Espiritismo, mas ostensivamente, eles o condenam por motivos de interesse pessoal. Deles nada há a dizer, como nada há o que fazer com eles. Se o materialista puro se engana, ele tem a seu favor pelo menos a desculpa da boa-fé; pode-se reconduzi-lo, provando-lhe o seu erro; aqui, trata-se de uma opinião preconcebida, contra a qual todos os argumentos acabam por se destruir; o tempo se encarregará de lhes abrir os olhos e de lhes mostrar, talvez às suas próprias custas, onde estavam seus verdadeiros interesses, pois, não podendo impedir que

a verdade seja difundida, serão arrastados pela torrente e, com eles, os interesses que acreditavam salvaguardar.

24. Além dessas diversas categorias de opositores, há uma infinidade de matizes, dentre os quais podem-se incluir os *incrédulos por covardia*: terão coragem, quando virem que os outros não se queimam; *os incrédulos por escrúpulos religiosos*: um estudo esclarecido lhes ensinará que o Espiritismo se apoia em bases fundamentais da religião e que respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é dar sentimentos religiosos àqueles que não o possuem, fortalecê-los naqueles que são vacilantes; depois, vêm os incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por negligência, por leviandade, etc., etc.

25. Não podemos omitir uma categoria que chamaremos *incrédulos por decepções*. Ela compreende as pessoas que passaram de uma confiança exagerada à incredulidade, porque experimentaram decepções; então, desencorajadas, desistiram de tudo, rejeitaram tudo. Elas estão no caso daquele que negasse a boa-fé, por ter sido enganado. É ainda o resultado de um estudo incompleto do Espiritismo e de uma falta de experiência. Aquele que é mistificado pelos Espíritos o é, geralmente, porque lhes pergunta o que não devem ou não podem dizer, ou porque não está bastante esclarecido sobre o assunto, para discernir a verdade da impostura. Muitos, aliás, veem no Espiritismo apenas um novo meio de adivinhação e imaginam que os Espíritos são feitos para predizer a sorte; ora, os Espíritos levianos e zombeteiros não perdem tempo, divertindo-se às suas custas: é assim que anunciarão maridos às moças; ao ambicioso, honras, heranças, tesouros escondidos, etc.; daí, frequentemente, decepções desagradáveis, mas de que o homem sério e prudente sabe sempre preservar-se.

26. Uma classe muito numerosa, a mais numerosa de todas, mas que não poderia ser incluída entre os opositores é a dos *incertos*; eles são, geralmente, *espiritualistas por princípio*; na maioria, há uma vaga intuição das ideias espíritas, uma aspiração em direção a algo que não podem definir; aos seus pensamentos só falta serem coordenados e formulados; o Espiritismo é, para eles, como um raio de luz: é a claridade que dissipa o nevoeiro; assim o acolhem, solícitos, porque ele os libera das angústias da incerteza.

27. Se, daí, lançarmos o olhar sobre as diversas categorias de *crentes*, encontraremos, primeiramente, *os espíritas sem o saber*; é, falando propriamente, uma variedade ou um matiz da classe precedente. Sem nunca ter ouvido falar da Doutrina Espírita, possuem o sentimento inato dos grandes princípios dela decorrentes e este sentimento se reflete em certas passagens de

seus escritos e de seus discursos, a tal ponto que, ouvindo-os, acreditar-se-ia serem completamente iniciados. Destes, encontram-se numerosos exemplos nos escritores sagrados e profanos, nos poetas, nos oradores, nos moralistas, nos filósofos antigos e modernos.

28. Dentre os que se convenceram através de um estudo sério podem-se destacar:

1º) Os que creem pura e simplesmente nas manifestações. O Espiritismo constitui para eles apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos; nós os chamaremos de *espíritas experimentadores*;

2º) Os que veem no Espiritismo algo além dos fatos; dele compreendem a parte filosófica; admiram a moral dele decorrente, mas não o praticam. Sua influência sobre seus caracteres é insignificante ou nula; nada mudam nos seus hábitos e não se privariam de um único prazer; o avarento continua sempre avarento, o orgulhoso sempre cheio de si mesmo, o invejoso e o ciumento sempre hostis; para eles, a caridade cristã é apenas uma bela máxima; são os *espíritas imperfeitos*;

3º) Os que não se contentam em admirar a moral espírita, mas que a praticam, aceitando-lhe todas as consequências. Convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, tentam aproveitar esses curtos instantes para caminhar na via do progresso, a única que pode elevá-los na hierarquia do mundo dos Espíritos, esforçando-se para fazer o bem e reprimir suas más tendências; suas relações são sempre seguras, pois a convicção deles os afasta de qualquer pensamento do mal. A caridade constitui, em todas as coisas, sua regra de conduta, aí estão os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas cristãos*.

4º) Há, finalmente, os *espíritas exaltados*. A espécie humana seria perfeita, se visse sempre o lado bom das coisas. O exagero, em tudo, é nocivo; no Espiritismo, ele dá uma confiança cega demais e, geralmente pueril, nas coisas do mundo invisível e leva a aceitar muito facilmente e sem averiguação aquilo em que a reflexão e a verificação demonstrariam o absurdo ou a impossibilidade; mas o entusiasmo não reflete, deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo; são os menos aptos para convencer alguém, porque, com razão, desconfia-se do bom senso deles; são de muito boa-fé enganados, quer por Espíritos mistificadores, quer por homens que procuram explorar-lhes a credulidade. Se apenas eles sofressem as consequências, não haveria senão meio-mal; o pior, é que oferecem, sem o saber, armas aos incrédulos, que procuram muito mais as ocasiões de zombar do que de se convencer e não deixam de imputar a todos o ridículo de alguns. Certamente,

isto não é justo, nem racional; mas, como se sabe, os adversários do Espiritismo só reconhecem a sua própria razão como sendo recomendável e conhecer a fundo o de que falam é a menor de suas preocupações.

29. Os meios de convencimento variam extremamente, conforme os indivíduos; o que persuade a uns, nada produz sobre outros; este convenceu-se através de algumas manifestações materiais, este outro, por comunicações inteligentes, a grande maioria, pelo raciocínio. Podemos até dizer que, para a maior parte daqueles que não se prepararam pelo raciocínio, os fenômenos materiais pouco peso têm; quanto mais extraordinários são esses fenômenos e quanto mais se afastam das leis conhecidas, mais oposição encontram, e isto por uma razão bem simples, é que somos naturalmente levados a duvidar de uma coisa que não tem sanção racional; cada um a encara sob seu ponto de vista e a explica à sua maneira: o materialista nela vê uma causa puramente física ou uma mistificação; o ignorante e o supersticioso, uma causa diabólica ou sobrenatural, enquanto que uma explicação prévia tem por efeito deduzir as ideias preconcebidas e mostrar, senão a realidade, pelo menos a possibilidade da coisa; compreendem-na antes de a terem visto; ora, desde que a possibilidade seja reconhecida, três quartos da convicção já estão feitos.

30. Será útil procurar convencer um incrédulo obstinado?

Já dissemos que isto depende das causas e da natureza de sua incredulidade; frequentemente, a insistência que se tem em persuadi-lo, faz com que acredite na sua importância pessoal e esta é uma razão para se obstinar ainda mais. Aquele que não se convenceu pelo raciocínio, nem pelos fatos, é que deve ainda experimentar a prova da incredulidade; é preciso deixar à Providência o cuidado de preparar-lhe circunstâncias mais favoráveis; muitas pessoas só pedem para receber a luz, para não perder seu tempo com aqueles que a rejeitam; dirigi-vos, portanto, aos homens de boa vontade, cujo número é maior do que se imagina e o exemplo deles, multiplicando-se, vencerá mais resistências do que as palavras. O verdadeiro espírita nunca deixará de fazer o bem; aliviar corações aflitos, consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais, aí está sua missão; aí também encontrará sua verdadeira satisfação. O Espiritismo está no ar; ele se espalha pela força das coisas e porque torna felizes aqueles que o professam. Quando seus adversários sistemáticos o ouvirem repercutir em torno de si mesmos, até entre seus próprios amigos, eles compreenderão o isolamento em que se encontram e serão forçados a se calar ou a se render.

31. Para proceder, no ensino do Espiritismo, como se faria com as ciências comuns, seria preciso passar em revista toda a série dos fenômenos que podem

ser produzidos, começando pelos mais simples e chegar, sucessivamente, aos mais complicados; ora, é isso o que não pode acontecer, pois seria impossível fazer um curso de Espiritismo experimental como se faz um curso de Física e de Química. Nas ciências naturais opera-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade e estamos quase sempre certos de poder regular os efeitos; no Espiritismo, nós nos ocupamos com inteligências que possuem sua liberdade e nos provam, a cada instante, que não estão submetidas aos nossos caprichos; é preciso, portanto, observar, esperar os resultados, colhê-los à passagem; dizemos ainda, abertamente, que *quem quer que se gabe de obtê-los à vontade não passa de um ignorante ou um impostor*; é por isso que o Espiritismo verdadeiro jamais dará espetáculo e jamais subirá nos tablados. Há mesmo algo de ilógico em supor-se que os Espíritos venham se exibir e se submeter à investigação, como objetos de curiosidade. Os fenômenos podem, portanto, falhar, quando tivermos necessidade deles, ou se apresentar diferentemente daquilo que desejamos. Acrescentemos ainda que, para obtê-los, são necessárias pessoas dotadas de faculdades especiais e que essas faculdades variam ao infinito, segundo a aptidão dos indivíduos; ora, como é extremamente raro que a mesma pessoa possua todas as aptidões, isto constitui uma dificuldade a mais, pois seria preciso sempre ter à mão uma verdadeira coleção de médiuns, o que não é possível.

O meio de impedir este inconveniente é muito simples: é começar pela teoria; aí todos os fenômenos são passados em revista; são explicados, pode-se analisá-los, compreender a possibilidade deles, conhecer as condições em que podem produzir-se e os obstáculos que podem ser encontrados; então, qualquer que seja a ordem em que as circunstâncias os conduzam, nada terão que possa surpreender. Esse caminho oferece ainda uma outra vantagem: poupar, àquele que quer produzir, uma imensidade de desilusões; precavido contra as dificuldades, ele pode manter-se em guarda e evitar adquirir a experiência às suas custas.

Desde que nos ocupamos com o Espiritismo, ser-nos-ia difícil dizer o número de pessoas que vieram até nós e, dentre estas, quantas vimos permanecerem indiferentes ou incrédulas, na presença dos fatos mais patentes, e só se convencerem mais tarde, através de uma explicação racional; quantas outras, finalmente, foram persuadidas sem nada terem visto, mas, unicamente, porque haviam compreendido. É, portanto, por experiência, que falamos, é, também por isso, que dizemos que o melhor método de ensino espírita é o de dirigir-se à razão, antes de se dirigir aos olhos. Este é o método que seguimos nas nossas lições e por isso só temos que nos felicitar. [1]

32. O estudo prévio da teoria tem uma outra vantagem — é o de mostrar, imediatamente, a grandeza do objetivo e o alcance desta ciência; aquele que inicia por ver uma mesa girar ou bater está mais propenso à zombaria, porque dificilmente imaginará que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da Humanidade. Sempre temos observado que aqueles que creem antes de terem visto, mas porque leram e compreenderam, longe de serem superficiais, são, ao contrário, os que mais refletem; prendendo-se mais ao fundo do que à forma, a parte filosófica é, para eles, a principal, os fenômenos propriamente ditos são o acessório; e dizem que, ainda que esses fenômenos não existissem, dela restaria uma filosofia que é a única a resolver problemas até hoje insolúveis; que é a única a oferecer a teoria mais racional do passado do homem e de seu futuro; ora, eles preferem uma doutrina que explica àquelas que não explicam, ou explicam mal. Quem quer que reflita compreenderá muito bem que se poderia abstrair das manifestações e a doutrina não deixaria de existir; as manifestações vêm reforçá-la, confirmá-la, mas não constituem sua base essencial; o observador sério não as rejeita, ao contrário, aguarda as circunstâncias favoráveis que lhe permitirão testemunhá-las. A prova do que afirmamos é que, antes de ter ouvido falar das manifestações, grande número de pessoas possuía a intuição desta doutrina, que apenas deu um corpo, um conjunto às suas ideias.

33. Aliás, não seria exato dizer que aqueles que iniciam pela teoria privam-se de fatos de observações práticas; ao contrário, possuem aqueles que devem ter, aos seus olhos, um peso maior do que os que poderiam produzir-se diante deles: são os fatos numerosos de *manifestações espontâneas*, das quais falaremos nos próximos capítulos. Há poucas pessoas que delas não tenham tido conhecimento, pelo menos, por ouvir dizer; muitas experimentaram manifestações ocorridas com elas mesmas, às quais, entretanto, não prestaram muita atenção. A teoria tem por efeito dar-lhes a explicação; e dizemos que esses fatos têm um grande peso, quando se apoiam em testemunhos irrecusáveis, porque não se pode supor nem preparações, nem conivência. Se os fenômenos provocados não existissem, os fenômenos espontâneos, nem por isso, deixariam de existir e o Espiritismo não teria, como resultado, senão dar-lhes uma solução racional, o que já seria muito. Assim, a maioria daqueles que leem previamente associam suas lembranças sobre esses fatos, que representam para eles uma confirmação da teoria.

34. Enganar-se-ia singularmente, quanto à nossa maneira de ver, quem supusesse que aconselhamos negligenciar os fatos; foi através dos fatos que chegamos à teoria; é verdade que nos foi preciso, para isso, um trabalho assíduo

de vários anos e de milhares de observações; porém, já que os fatos nos serviram e nos servem todos os dias, seríamos inconsequentes conosco mesmo, se lhes contestássemos a importância, principalmente, quando escrevemos um livro destinado a torná-los conhecidos. Dizemos apenas que, sem o raciocínio, eles não são suficientes para determinar a convicção; que uma explicação prévia, destruindo as prevenções e mostrando que eles nada têm de contrário à razão, *dispõe* a aceitá-los. Isto é tão verdadeiro que, de dez pessoas completamente novatas que assistirem a uma sessão de experimentação, seja ela das mais satisfatórias do ponto de vista dos adeptos, nove delas sairão sem estar convencidas e, algumas, mais incrédulas do que antes, porque as experiências não terão correspondido à sua expectativa. Acontecerá de maneira completamente diferente com as que puderem compreender, através de um conhecimento teórico antecipado; para estas, representa um meio de verificação, mas nada as surpreen-de, nem mesmo o insucesso, porque elas sabem em que condições os fatos se produzem e que só se deve pedir o que eles podem dar. O conhecimento prévio dos fatos as coloca, portanto, em condições de compreender todas as anomalias, mas, além disso, ele nos permite apreender inúmeros detalhes, minúcias frequentemente muito delicadas, que representam, para elas, meios de convicção que escapam ao observador ignorante. Estes são os motivos que nos animam a só admitir, nas nossas sessões experimentais, as pessoas que possuem noções preparatórias suficientes para compreender o que nelas se faz, convencido de que os outros, ali, perderiam o seu tempo, ou nos fariam perder o nosso.

35. Aos que quiserem adquirir estes conhecimentos preliminares, pela leitura de nossas obras, eis a ordem que lhes aconselhamos:

1º) *O que é o Espiritismo?* Esta brochura, de apenas uma centena de páginas, é uma exposição sumária dos princípios da Doutrina Espírita, uma visão geral, que permite abarcar o conjunto, dentro de um quadro restrito. Em poucas palavras, vê-se o objetivo e pode-se julgar do seu alcance. Além disso, aí se encontram as respostas às principais questões ou objeções, que estão naturalmente dispostas a fazer as pessoas novatas. Esta primeira leitura, que exige bem pouco tempo, é uma introdução que facilita um estudo mais aprofundado.

2º) *O Livro dos Espíritos*. Contém a doutrina completa, ditada pelos próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas consequências morais; é a revelação do destino do homem, a iniciação no conhecimento da natureza dos Espíritos e nos mistérios da vida de além-túmulo. Lendo-o, compreende-se que o

Espiritismo tem um objetivo sério e não constitui um frívolo passatempo.

3º) *O Livro dos Médiuns*. Destina-se a guiar na prática das manifestações, pelo conhecimento dos meios mais apropriados para se comunicar com os Espíritos; é um guia, quer para os médiuns, quer para os evocadores e o complemento de *O Livro dos Espíritos*. [2]

4º) *A Revista Espírita*. É uma variada coletânea de fatos, de explicações teóricas e de trechos isolados que completam o que é dito nas duas obras precedentes e que constitui, de alguma forma, a aplicação destas. Sua leitura pode ser feita simultaneamente; será, porém, mais proveitosa e mais inteligível, principalmente, após a de *O Livro dos Espíritos*. [3]

Assim é, com relação ao que nos diz respeito. Aqueles que desejam tudo conhecer de uma ciência devem, necessariamente, ler tudo o que estiver escrito sobre a matéria, ou, pelo menos, as coisas principais e não se limitar a um único autor; devem mesmo ler o pró e o contra, as críticas, assim como as apologias; iniciar-se nos diferentes sistemas, a fim de poder julgar pela comparação. Sob este aspecto, não preconizamos, nem criticamos obra alguma, não querendo, de nenhum modo, influenciar a opinião que delas se possa formar; ao trazer nossa pedra para a construção do edifício, entramos na concorrência: não nos cabe ser juiz em causa própria, nem temos a ridícula pretensão de ser o único dispensador da luz; cabe ao leitor separar o bom do mau, o verdadeiro do falso.

CAPÍTULO IV

SISTEMAS

36. Quando os estranhos fenômenos do Espiritismo começaram a se produzir, ou, melhor dizendo, quando se renovaram, nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que despertaram foi o da dúvida, quanto à sua própria realidade e, mais ainda, quanto à sua causa. Quando eles foram averiguados, através dos testemunhos irrecusáveis e pelas experiências que cada qual pôde fazer, aconteceu que cada um os interpretou à sua maneira, conforme suas ideias pessoais, suas crenças, ou suas prevenções; daí, vários sistemas, que uma observação mais atenta devia reduzir ao seu justo valor.

Os adversários do Espiritismo acreditaram ter encontrado um argumento nessa divergência de opiniões, dizendo que os próprios espíritas não estavam de acordo entre si. Uma razão bem pobre, se se reflete que os passos de qualquer ciência nascente são necessariamente incertos, até que o tempo tenha permitido reunir e coordenar os fatos que possam ajustar a opinião; à medida que os fatos se completam e são melhor observados, as ideias prematuras se apagam e a unidade se estabelece, pelo menos, com relação aos pontos fundamentais, senão a todos os detalhes. Foi o que ocorreu com o Espiritismo; ele não podia escapar à lei comum e devia mesmo, pela sua natureza, prestar-se, mais do que qualquer outra coisa, à diversidade das interpretações. Pode-se até dizer que, a este respeito, ele foi mais rápido do que outras ciências, suas irmãs mais velhas; a medicina, por exemplo, que ainda divide os maiores sábios.

37. Na ordem metódica, para seguir a marcha progressiva das ideias, convém colocar, em primeiro lugar, os que podemos chamar de *sistemas da negação*, isto é, os dos adversários do Espiritismo. Já refutamos suas objeções na introdução e na conclusão de *O Livro dos Espíritos*, assim como no opúsculo intitulado: *O Que é o Espiritismo?* Seria supérfluo a isso retornar aqui; limitar-nos-emos a relembrar, em duas palavras, os motivos sobre os quais eles se fundamentam.

Os fenômenos espíritas são de duas espécies: os efeitos físicos e os efeitos inteligentes. Não admitindo a existência dos Espíritos, pela razão de nada

admitirem fora da matéria, concebe-se que neguem os efeitos inteligentes. Quanto aos efeitos físicos, eles os comentam do ponto de vista deles e seus argumentos podem resumir-se nos quatro sistemas seguintes:

38. *Sistema de charlatanismo*. Entre os antagonistas, muitos atribuem esses efeitos à mistificação, pelo fato de que alguns puderam ser imitados. Esta suposição transformaria todos os espíritas em trapaceados e todos os médiuns em trapaceiros, sem considerar a posição, o caráter, o saber e a honradez das pessoas. Se ela merecesse uma resposta, diríamos que alguns fenômenos da Física também são imitados pelos mágicos e que isto nada prova contra a verdadeira ciência. Aliás, há pessoas cujo caráter afasta qualquer suspeita de fraude e é preciso ser carente da arte de saber viver e de qualquer urbanidade, para ousar vir dizer-lhes na face que elas são cúmplices de charlatanismo. Num salão muito respeitável, um senhor, supostamente bem educado, tendo-se permitido uma reflexão desta natureza, a dona da casa lhe disse: "Senhor, já que não estais satisfeito, vosso dinheiro ser-vos-á devolvido à porta"; e, com um gesto, fê-lo compreender o que ele tinha de melhor a fazer. Será que isto quer dizer que nunca houve abuso? Para crê-lo, seria preciso admitir que os homens fossem perfeitos. Abusa-se de tudo, até das coisas mais santas; por que não se abusaria do Espiritismo? Porém, o mau uso que se possa fazer de uma coisa não pode fazer com que ela própria seja prejulgada negativamente; o controle que se pode ter, no tocante à boa-fé das pessoas, está nos motivos que as levam a agir. Onde não há especulação, o charlatanismo nada tem a fazer.

39. *Sistema da loucura*. Alguns, por condescendência, concordam em afastar a suspeita de mistificação e pretendem que aqueles que não trapaceiam, são, eles próprios, trapaceados: o que quer dizer que são imbecis. Quando os incrédulos utilizam menos rodeios, dizem, simplesmente, que estamos loucos, atribuindo-se, sem cerimônia, o privilégio do bom senso. Aí está o grande argumento daqueles que não têm uma boa razão para objetar. Enfim, esse modo de ataque tornou-se ridículo por causa da banalidade, e não merece que se perca tempo em refutá-lo. Aliás, os espíritas não se impressionam com isso; tomam corajosamente seu partido e se consolam, lembrando que têm por companheiros de infortúnio muitas pessoas cujo mérito não poderia ser contestado. Com efeito, é preciso convir que esta loucura, se existe, tem um caráter muito singular: é que ela atinge, de preferência, a classe instruída, em cujo meio o Espiritismo conta, até o presente, a imensa maioria de seus adeptos. Se, entre estes, encontram-se algumas excentricidades, elas nada provam contra esta doutrina, do mesmo modo que os loucos religiosos nada provam contra a religião, nem os loucos

melomaníacos contra a música; nem os loucos matemáticos contra as matemáticas. Todas as ideias encontraram fanáticos exagerados e seria preciso ser dotado de um raciocínio bem obtuso, para confundir o exagero de uma coisa com a coisa, em si mesma. Recomendamos, para mais amplas explicações sobre este assunto, a nossa brochura: *O Que é o Espiritismo?* e *O Livro dos Espíritos* (Introdução, § 15).

40. *Sistema da alucinação*. Uma outra opinião menos ofensiva, por ter uma aparência levemente científica, consiste em atribuir os fenômenos à ilusão dos sentidos; assim, o observador estaria de muito boa-fé; apenas, acreditando ver o que não vê. Quando vê uma mesa levantar-se e manter-se no espaço, sem ponto de apoio, a mesa não teria mudado de lugar; ele a vê suspensa no ar, por uma espécie de miragem, ou um efeito de refração, como aquele que faz com que se veja um astro ou um objeto na água, fora de sua posição real. A rigor, isto seria possível, porém aqueles que testemunharam esses fenômenos puderam constatar o deslocamento, ao passar sob a mesa suspensa, o que parece difícil, se ela não tivesse saído do chão. Também tem acontecido inúmeras vezes de a mesa quebrar-se, ao cair: dir-se-ia, ainda, tratar-se apenas de um efeito de ótica?

Uma causa fisiológica bem conhecida pode, sem dúvida, fazer com que se creia ver movimentar-se algo que não se mexe, ou que ela própria acredita movimentar, quando este permanece imóvel; mas, quando várias pessoas, em torno de uma mesa, são arrastadas por um movimento tão rápido, que elas têm dificuldade de acompanhar; que algumas delas, às vezes, são atiradas ao chão, dir-se-á que todas estão com vertigem, como o bêbedo, que acredita ver passar diante de si a própria casa?

41. *Sistema do músculo estalante*. Se assim fosse, com relação à visão, não poderia ser de outra forma, relativamente à audição e, quando pancadas são ouvidas por toda uma assembleia, não se pode razoavelmente atribuí-las a uma ilusão. Afastamos, é claro, qualquer ideia de fraude e supomos que uma observação atenta tenha constatado que elas não se devem a qualquer causa fortuita ou material.

É verdade que um sábio médico deu desse fenômeno uma explicação peremptória, segundo ele. [4] "A causa, diz ele, está nas contrações voluntárias ou involuntárias do tendão do músculo curto-perônio." Ele entra; a este respeito, nos detalhes anatômicos mais completos, para demonstrar através de que mecanismo este tendão pode produzir esses ruídos, imitar as batidas do tambor e até executar árias ritmadas; daí, ele conclui que aqueles que acreditam ouvir pancadas numa mesa são enganados, por uma mistificação ou por uma ilusão. O

fato, em si mesmo, não é novo; infelizmente, para o autor dessa pretensa descoberta, sua teoria não pode explicar todos os casos. Digamos, primeiramente, que aqueles que gozam da singular faculdade de fazer estalar, à vontade, seu músculo curto-perônio ou qualquer outro, e de tocar árias, através desse meio, são indivíduos excepcionais; enquanto que a de fazer as mesas produzirem ruídos é muito comum e que, daqueles que possuem esta faculdade, nem todos gozam da primeira. Em segundo lugar, o sábio doutor esqueceu-se de explicar como o estalido muscular de uma pessoa imóvel e isolada da mesa pode nela produzir vibrações sensíveis ao toque; como este barulho pode repercutir, à vontade dos assistentes, nas diferentes partes da mesa, nos outros móveis, nas paredes, no teto, etc.; como, finalmente, a ação desse músculo pode estender-se a uma mesa que ninguém toca e fazê-la mover-se. Enfim, esta explicação, se de fato fosse uma, só invalidaria o fenômeno das pancadas, mas não poderia referir-se a todos os outros modos de comunicação. Concluamos, daí, que ele julgou sem ter visto, ou sem ter visto tudo, e bem visto. É sempre lamentável que os homens de ciência se apressem em dar, sobre o que não conhecem, explicações que os fatos podem desmentir. Seu próprio saber deveria torná-los mais circunspectos nos seus julgamentos, já que deles afasta os limites do desconhecido.

42. *Sistema das causas físicas*. Aqui, saímos do sistema da negação absoluta. Sendo averiguada a realidade dos fenômenos, o primeiro pensamento que naturalmente veio ao espírito daqueles que os reconheceram foi o de atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade ou à ação de um fluido qualquer; numa palavra, a uma causa física ou material. Esta opinião nada tinha de irracional e teria prevalecido, se o fenômeno se tivesse limitado a efeitos puramente mecânicos. Uma circunstância parecia até corroborá-la: era, em alguns casos, o aumento da potência, em virtude do número de pessoas; cada uma delas podia, assim, ser considerada como um dos elementos de uma pilha elétrica humana. O que caracteriza uma teoria verdadeira, nós o dissemos, é poder explicar tudo; mas se um único fato vier contradizê-la, é que ela é falsa, incompleta ou muito absoluta. Ora, foi o que não demorou a acontecer, neste caso. Esses movimentos e essas pancadas deram sinais inteligentes, obedecendo à vontade e respondendo ao pensamento; eles deviam, portanto, ter uma causa inteligente. Desde que o efeito deixava de ser puramente físico, a causa, por isso mesmo, devia ter uma outra fonte; então, o sistema da ação *exclusiva* de um agente material foi abandonado e só o admitem aqueles que julgam *antecipadamente* e *sem ter visto*. O ponto capital é, portanto, constatar a ação

inteligente e é o que pode convencer todos os que queiram dar-se ao trabalho de observar.

43. *Sistema do reflexo*. Uma vez reconhecida a ação inteligente, restava saber qual era a fonte de onde se originava essa inteligência. Pensou-se que podia ser a do médium ou dos assistentes, que se refletia como a luz ou os raios sonoros. Isto era possível: só a experiência podia dar sua última palavra. Mas, primeiramente, observemos que este sistema já se afasta, completamente, da ideia puramente materialista; para que a inteligência dos assistentes pudesse reproduzir-se por via indireta, seria preciso admitir, no homem, um princípio fora do organismo.

Se o pensamento expresso tivesse sempre sido o dos assistentes, a teoria da reflexão teria sido confirmada; ora, o fenômeno, mesmo reduzido a essa proporção, já não seria do mais alto interesse? Já não seria algo bem notável o pensamento a repercutir-se num corpo inerte e traduzir-se pelo movimento e o ruído? Já não haveria, aí, com que excitar a curiosidade dos sábios? Por que, então, eles a desprezaram, eles, que se consomem na pesquisa de uma fibra nervosa?

Só a experiência, dizemos, podia dar ou não razão a essa teo-ria e a experiência a desmentiu, pois demonstra, a cada instante e através dos fatos mais positivos, que o pensamento expresso pode ser, não apenas estranho ao dos assistentes, mas que, frequentemente, ele lhe é inteiramente contrário; que vem contradizer todas as ideias preconcebidas, frustrar todas as previsões; com efeito, quando penso no branco e ele me responde preto, é difícil, para mim, acreditar que a resposta provenha de mim mesmo. Apoiam-se em alguns casos de identidade entre o pensamento expresso e o dos assistentes; mas o que isto prova, senão que os assistentes podem pensar como a inteligência que se comunica? Não se estabeleceu que eles devem ser sempre de opinião oposta. Quando, numa conversa, o interlocutor emite um pensamento análogo ao vosso, direis, por isso, que ele provém de vós? Bastam alguns exemplos contrários, bem constatados, para provar que esta teoria não pode ser absoluta. Como, aliás, explicar pela reflexão do pensamento, a escrita produzida por pessoas que não sabem escrever, as respostas do mais elevado alcance filosófico obtidas por pessoas iletradas; as que são dadas a perguntas mentais, ou numa língua desconhecida do médium, e mil outros fatos que não podem deixar dúvida sobre a independência da inteligência que se manifesta? A opinião contrária só pode ser o resultado da falta de observação.

Se a presença de uma inteligência estranha é moralmente provada pela

natureza das respostas, ela o é, materialmente, pelo fato da escrita direta, isto é, da escrita obtida espontaneamente, sem pena, nem lápis, sem contato e apesar de todas as precauções tomadas para garantir-se contra qualquer subterfúgio. O caráter inteligente do fenômeno não poderia ser colocado em dúvida; logo, existe algo além de uma ação fluídica. Enfim, a espontaneidade do pensamento expresso fora de qualquer expectativa, de qualquer pergunta formulada, não permite que nele se veja um reflexo do dos assistentes.

O sistema do reflexo é bastante deseducado em certos casos; quando, numa reunião de pessoas honestas, sobrevém, inopinadamente, uma dessas comunicações de revoltante grosseria, seria ter pouquíssima consideração pelos assistentes, imaginar que ela pudesse provir de um deles e é provável que cada um se apressasse em repudiá-la. (Vede *O Livro dos Espíritos*, Introdução, § 16.)

44. *Sistema da alma coletiva*. É uma variante do precedente. Segundo este sistema, só a alma do médium se manifesta, porém ela se identifica com a de vários outros vivos presentes ou ausentes e forma um *todo coletivo* que reúne as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de cada um. Embora a brochura onde esta teoria está exposta seja intitulada *A Luz*, [5] ela nos parece ter um estilo muito obscuro; confessamos pouco tê-la compreendido e dela falamos apenas de memória. É, aliás, como muitas outras, uma opinião individual, que fez poucos prosélitos. O nome de *Emah Tirpsé* é o que o autor usa para designar o ser coletivo que ele representa. Ele apresenta, como epígrafe: *Nada há oculto que não deva ser conhecido*. Esta proposição é, evidentemente, falsa, pois há uma imensidade de coisas que o homem não pode e não deve saber; bem presunçoso seria aquele que pretendesse desvendar todos os segredos de Deus.

45. *Sistema sonambúlico*. Este teve mais partidários e ainda conta com alguns. Como o precedente, ele admite que todas as comunicações inteligentes têm sua origem na alma ou Espírito do médium; mas, para explicar sua aptidão para tratar dos assuntos que estão fora de seus conhecimentos, em vez de nele supor uma alma múltipla, atribui essa aptidão a uma sobre-excitação momentânea das faculdades mentais, a uma espécie de estado sonambúlico, ou extático, que exalta e desenvolve sua inteligência. Não se pode negar, em certos casos, a influência dessa causa; mas, basta ter visto agir a maioria dos médiuns, para convencer-se de que ela não pode explicar todos os fatos e que constitui a exceção e não a regra. Poder-se-ia acreditar que fosse assim, se o médium sempre tivesse o ar de um inspirado ou de um extático, aparência que ele poderia, aliás, perfeitamente simular, se quisesse representar uma farsa; mas, como acreditar na inspiração, quando o médium escreve como uma máquina,

sem ter a menor consciência do que obtém, sem a menor emoção, sem se preocupar com o que faz, distraído, rindo e conversando sobre uma coisa ou outra? Concebe-se a sobre-excitação das ideias, mas não se compreende que ela possa fazer escrever aquele que não sabe escrever e, ainda menos, quando as comunicações são transmitidas por pancadas, ou com o auxílio de uma prancheta, ou de uma cesta. Veremos, na sequência desta obra, a parte que se deve atribuir à influência das ideias do médium; mas os fatos em que a inteligência estranha se revela, através dos sinais incontestáveis, são tão numerosos e tão evidentes que não podem deixar dúvida a esse respeito. O erro da maioria dos sistemas, surgidos na origem do Espiritismo, é o de ter tirado conclusões gerais de alguns fatos isolados.

46. *Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco*. Entramos, aqui, numa outra ordem de ideias. Sendo constatada a intervenção de uma inteligência estranha, tratava-se de saber qual era a natureza dessa inteligência. O meio mais simples era, sem dúvida, perguntar-lhe isto; porém, algumas pessoas não encontraram nele uma garantia suficiente e apenas admitiram ver, em todas as manifestações, uma obra diabólica; segundo elas, somente o diabo ou os demônios podem comunicar-se. Embora este sistema, hoje, encontre pouco eco, gozou, durante certo tempo, de algum crédito, pelo próprio caráter daqueles que procuraram fazê-lo prevalecer. Entretanto, ressaltaremos que os partidários do sistema demoníaco não devem ser incluí-dos entre os adversários do Espiritismo; ao contrário. Que os seres que se comunicam sejam demônios ou anjos, são sempre seres incorpóreos; ora, admitir a manifestação dos demônios é sempre admitir a possibilidade de comunicar-se com o mundo invisível, ou, pelo menos, com uma parte deste mundo.

A crença na comunicação exclusiva dos demônios, por mais irracional que seja, podia não parecer impossível, quando se viam os Espíritos como seres criados fora da Humanidade; mas, desde quando se sabe que os Espíritos não são outra coisa senão as almas daqueles que viveram, ela perdeu todo seu prestígio e, pode-se dizer, toda verossimilhança; pois, daí, resultaria todas essas almas serem demônios, ainda que fossem a de um pai, a de um filho, ou a de um amigo e que nós mesmos, ao morrer, tornar-nos-íamos demônios; doutrina pouco lisonjeira e pouco consoladora para muita gente. Será bem difícil convencer uma mãe de que seu filho querido, que ela perdeu e que vem lhe dar, após sua morte, provas de seu afeto e de sua identidade, seja um suposto Satanás. É verdade que, entre os Espíritos, há os que são muito maus e que não valem mais do que os que chamamos *demônios*, por uma razão bem simples: é que há homens muito maus

e a morte não os torna imediatamente melhores; a questão é saber se unicamente eles podem comunicar-se. Aos que pensam assim, dirigimos as seguintes perguntas:

1º) Há bons e maus Espíritos?

2º) Deus é mais poderoso do que os maus Espíritos, ou do que os demônios, se assim os quereis chamar?

3º) Afirmar que apenas os maus se comunicam é dizer que os bons não podem fazê-lo; se fosse assim, de duas coisas uma: isto acontece pela vontade, ou contra a vontade de Deus. Se é contra a Sua vontade é que os maus Espíritos são mais poderosos do que Ele; se é pela Sua vontade, por que, em Sua bondade, não o permitira aos bons, para contrabalançar a influência dos outros?

4º) Que prova podeis apresentar da impotência dos bons Espíritos para se comunicar?

5º) Quando se vos opõe a sabedoria de certas comunicações, respondeis que o demônio se utiliza de todas as máscaras, para melhor seduzir. Sabemos, efetivamente, que há Espíritos hipócritas, que dão à sua linguagem um falso verniz de sabedoria; mas, admitis que a ignorância possa simular o verdadeiro saber e uma natureza má imitar a verdadeira virtude, sem nada deixar transparecer que possa revelar a fraude?

6º) Se apenas o demônio se comunica, já que ele é inimigo de Deus e dos homens, por que recomenda que se ore a Deus, que se seja submisso à Sua vontade, que se suportem, sem reclamar, as tribulações da vida, que não se ambicionem as honras nem as riquezas, que se pratiquem a caridade e todas as máximas do Cristo; numa palavra: que se faça tudo o que for necessário, para destruir o império do demônio? Se é o demônio que dá tais conselhos, é preciso convir que, por mais astuto que seja, ele é muito inábil, fornecendo armas contra si mesmo. [6]6

7º) Visto que os Espíritos se comunicam, é porque Deus o permite; vendo as boas e as más comunicações, não será mais lógico pensar que Deus permite umas para nos experimentar e as outras para nos aconselhar ao bem?

8º) O que pensaríeis de um pai que deixasse seu filho à mercê dos exemplos e dos conselhos perniciosos e que o afastasse de si; que o proibisse de ver as pessoas que pudessem desviá-lo do mal? É o que um bom pai não faria. Dever-se-á pensar que Deus, que é a bondade por excelência, faça menos do que faria um homem?

9º) A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da Virgem e de

outros santos, nas aparições, visões, comunicações orais, etc. Essa crença não estará em contradição com a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios?

Acreditamos que algumas pessoas professaram essa teoria de boa-fé; mas acreditamos, também, que muitas o fizeram unicamente tendo em vista desviar as pessoas de se ocuparem com essas coisas, por causa das más comunicações que estamos todos sujeitos a receber; dizendo que só o diabo se manifesta, elas quiseram aterrorizar, quase como quando se diz a uma criança: não toques nisto, porque queima. A intenção pode ser louvável, mas o objetivo falhou, pois a própria proibição desperta a curiosidade e o medo do diabo detém muito pouca gente: querem vê-lo, nem que seja para ver como ele é feito e ficam muito espantados, por não o acharem tão feio quanto o pintavam.

Não se poderia, também, ver um outro motivo para essa teoria exclusiva do diabo? Há pessoas que acham que todos aqueles que não comungam com sua opinião estão enganados. Ora, não seriam, aqueles que imaginam que todas as comunicações são obra do demônio, movidos pelo temor de não encontrar Espíritos que estejam de acordo com eles sobre todos os pontos, mais ainda sobre os que se referem aos interesses deste mundo, do que aos do outro? Não podendo negar os fatos, quiseram apresentá-los de uma forma apavorante; mas esse meio não apresentou melhor resultado do que os outros. Onde o temor do ridículo é impotente, é preciso resignar-se a deixar as coisas fluírem.

O muçulmano que ouvisse um Espírito falar contra algumas leis do Corão, certamente, pensaria tratar-se de um mau Espírito; aconteceria o mesmo com um judeu, no que se refere a certas práticas da lei de Moisés. Quanto aos católicos, ouvimos um afirmar que o Espírito que se comunicava só podia ser o *diabo*, porque ele se permitira pensar diferentemente dele sobre o poder temporal, embora ele só tenha, de resto, pregado a caridade, a tolerância, o amor ao próximo e a abnegação das coisas deste mundo, todos, preceitos ensinados pelo Cristo.

Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens e não sendo os homens perfeitos, daí resulta que há Espíritos igualmente imperfeitos e cujo caráter se reflete nas suas comunicações. É um fato incontestável haver, entre eles, maus, astuciosos, profundamente hipócritas, contra os quais é preciso acautelar-se; mas, o fato de encontrarmos, no mundo, homens perversos, será motivo para fugir de toda a sociedade? Deus nos deu a razão e o discernimento para apreciar os Espíritos, tanto quanto os homens. O melhor meio de precaver-se contra os inconvenientes que a prática do Espiritismo pode apresentar, não é proibi-lo, mas torná-lo compreensível. Um temor imaginário só impressiona por um instante e

não afeta todo o mundo; a realidade claramente demonstrada é compreendida por todos.

47. *Sistema otimista*. Ao lado daqueles que só veem, nestes fenômenos, a ação dos demônios, há outros que apenas viram a dos bons Espíritos; supuseram que, estando a alma liberta da matéria, nenhum véu existisse para ela, e que ela deveria ter a ciência e sabedoria supremas. Sua confiança cega nessa superioridade absoluta dos seres do mundo invisível tem sido, para muitos, a fonte de várias decepções; eles aprenderam, às suas custas, a desconfiar de certos Espíritos, assim como de certos homens.

48. *Sistema unispírita ou monoespírita*. Uma variedade do sistema otimista consiste na crença de que um único Espírito comunica-se com os homens e que este Espírito é o Cristo, que é o protetor da Terra. Quando se veem comunicações da mais baixa trivialidade, de uma grosseria revoltante, impregnadas de malevolência e de maldade, haveria profanação e impiedade em supor que elas pudessem emanar do Espírito do bem por excelência. Mais ainda, se aqueles que assim o creem nunca tivessem obtido senão comunicações irrepreensíveis, conceber-se-ia sua ilusão; a maioria, porém, concorda ter recebido algumas muito ruins. Eles o explicam, dizendo que se trata de uma prova que o bom Espírito os faz experimentar, ditando-lhes coisas absurdas; assim, enquanto uns atribuem todas as comunicações ao diabo, que pode dizer boas coisas, para tentar, outros pensam que unicamente Jesus se manifesta e que ele pode dizer coisas ruins, para experimentar os homens. Entre estas duas opiniões tão opostas, quem se pronunciará? O bom senso e a expe-riência. Dizemos a experiência, porque é impossível que aqueles que professam ideias tão exclusivas tenham visto tudo e bem visto.

Quando se lhes apresentam os fatos de identidade que atestam a presença de pais, amigos ou conhecidos, através das manifestações escritas, visuais, ou outras, eles respondem que é sempre o mesmo Espírito: o diabo, segundo uns; o Cristo, segundo outros, que toma todas as formas. Mas, não nos dizem por que os outros Espíritos não podem comunicar-se; com que objetivo o Espírito de Verdade viria nos enganar, apresentando-se sob falsas aparências; iludir uma pobre mãe, fazendo-a acreditar, mentirosamente, que ali está o filho por quem chora. Enfim: a razão se recusa a admitir que o Espírito Santo se rebaixe, para representar semelhante farsa. Aliás, negar a possibilidade de qualquer outra comunicação, não será tirar do Espiritismo o que ele tem de mais suave: a consolação dos aflitos? Digamos, simplesmente, que semelhante sistema é irracional e não pode resistir a um exame sério.

49. *Sistema multispírita ou polispírita*. Todos os sistemas que passamos em revista, sem excetuar os que se apresentam no sentido da negação, fundamentam-se em algumas observações, porém incompletas ou mal interpretadas. Se uma casa é vermelha de um lado e branca de outro, aquele que só a tiver visto de um lado afirmará que ela é vermelha; um outro, que ela é branca: ambos estarão errados e com razão. Entretanto, aquele que tiver visto a casa de todos os lados, dirá que ela é vermelha e branca e só ele estará com a verdade. O mesmo acontece, com relação à opinião que se tenha do Espiritismo: ela pode ser verdadeira sob alguns aspectos, e falsa, se se generaliza o que é apenas parcial; se se toma como regra o que é apenas exceção, como o todo, o que é somente a parte. É por isso que dizemos que quem quiser estudar seriamente esta ciência, deve observar muito e durante muito tempo; só o tempo lhe permitirá apreender os detalhes, notar os matizes delicados, observar uma imensidade de fatos característicos, que serão, para ele, como raios de luz; mas, se ele se detiver na superfície, expor-se-á a fazer um julgamento prematuro e, consequentemente, errôneo. Eis as consequências gerais que foram deduzidas de uma observação completa e que agora formam a crença, pode-se dizer, da universalidade dos espíritas, porquanto os sistemas restritivos são apenas opiniões isoladas.

1º) Os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências extracorpóreas, ou, melhor dizendo, pelos Espíritos;

2º) Os Espíritos constituem o mundo invisível; eles estão por toda a parte; povoam os espaços infinitos; há muitos deles, o tempo todo, à nossa volta, com os quais estamos em contato;

3º) Os Espíritos reagem incessantemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral e são uma das potências da Natureza;

4º) Os Espíritos não são seres à parte, na criação; são as almas daqueles que viveram na Terra, ou em outros mundos, e que se despojaram do seu envoltório corporal; donde se segue que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que, ao morrer, nos tornamos Espíritos;

5º) Há Espíritos de todos os graus de bondade e de malícia, de saber e de ignorância;

6º) Todos estão submetidos à lei do progresso e podem todos chegar à perfeição; mas, como têm seu livre-arbítrio, chegam lá, num tempo mais ou menos longo, de acordo com seus esforços e vontade;

7º) São felizes ou infelizes, conforme o bem ou mal que tenham feito durante

sua vida e o grau de adiantamento a que tenham chegado. A felicidade perfeita e pura é partilha exclusiva dos Espíritos que alcançaram o grau supremo de perfeição;

8º) Todos os Espíritos, em dadas circunstâncias, podem manifestar-se aos homens; o número daqueles que podem comunicar-se é indefinido;

9º) Os Espíritos comunicam-se por intermédio dos médiuns, que lhes servem de instrumentos e de intérpretes;

10º) Reconhece-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos pela sua linguagem; os bons só aconselham o bem e dizem unicamente boas coisas; neles, tudo atesta a elevação; os maus enganam e todas as suas palavras trazem o cunho da imperfeição e da ignorância.

Os diferentes graus que os Espíritos percorrem estão indicados na *Escala Espírita* (*O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, cap. I, questão 100). O estudo desta classificação é indispensável para se apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, suas boas e más qualidades.

50. *Sistema da alma material*. Consiste unicamente numa opinião particular sobre a natureza íntima da alma. Segundo esta opinião, a alma e o perispírito não seriam, portanto, duas coisas distintas, ou, melhor dizendo, o perispírito seria a própria alma, depurando-se, gradualmente, através das diversas transmigrações, como o álcool se depura, através das diversas destilações, enquanto que a Doutrina Espírita somente considera o perispírito como o envoltório fluídico da alma ou do Espírito. Como o perispírito é matéria, embora muito etérea, a alma seria, então, de uma natureza material mais ou menos essencial, conforme o grau de sua depuração.

Este sistema não infirma qualquer dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, pois ele nada muda, relativamente ao destino da alma; as condições de sua felicidade futura são sempre as mesmas; a alma e o perispírito formando um todo, sob o nome de Espírito, como o gérmen e o perisperma formam um todo, sob o nome de fruto, toda a questão se reduz a considerar o todo como homogêneo, em vez de considerá-lo formado de duas partes distintas.

Como se vê, este sistema não leva a consequência alguma e dele não teríamos falado, se não tivéssemos encontrado pessoas inclinadas a ver uma nova escola, naquilo que não passa, definitivamente, de simples interpretação de palavras. Esta opinião, aliás, muito restrita, ainda que fosse geral, nem por isso constituiria uma cisão entre os espíritas, da mesma forma que as duas teorias da emissão e das ondulações da luz não formam uma cisão entre os físicos. Os que

quisessem constituir um grupo à parte, por uma questão tão pueril, provariam, só por isso, que dão mais importância ao acessório do que ao principal e que são impelidos à desunião por Espíritos que não podem ser bons, pois os bons Espíritos nunca insuflam o azedume, nem a discórdia; eis por que exortamos todos os verdadeiros espíritas a se acautelarem contra semelhantes sugestões e a não dar mais importância a certos detalhes do que eles merecem: o essencial é o fundo.

Entretanto, acreditamo-nos no dever de dizer algumas palavras, sobre aquilo em que se baseia a opinião daqueles que consideram a alma e o perispírito como duas coisas distintas. Ela está fundamentada no ensino dos Espíritos, que nunca discordaram a esse respeito; falamos dos Espíritos esclarecidos, pois entre a generalidade dos Espíritos, há os que não sabem mais, sabem, até mesmo, menos do que os homens, enquanto que a teoria contrária é uma concepção humana. Nós não inventamos, nem imaginamos o perispírito, para explicar os fenômenos; sua existência nos foi revelada pelos Espíritos e a observação no-la confirmou (*O Livro dos Espíritos*, questão 93). Ela se apoia, ainda, no estudo das sensações dos Espíritos (*O Livro dos Espíritos*, questão 257) e, principalmente, no fenômeno das aparições tangíveis, que implicaria, segundo a outra opinião, a solidificação e a desagregação das partes constituintes da alma e, por conseguinte, sua desorganização. Além disso, seria preciso admitir que esta matéria, que pode ser percebida pelos sentidos é, ela própria, o princípio inteligente, o que não parece mais racional do que confundir o corpo com a alma, ou a roupa com o corpo. Quanto à natureza íntima da alma, ela nos é desconhecida. Quando se diz que ela é *imaterial*, é preciso entendê-lo no sentido relativo e, não, absoluto, pois a imaterialidade absoluta seria o nada; ora, a alma, ou o Espírito, é alguma coisa; quer-se dizer que sua essência é tão superior, que nenhuma analogia tem com o que chamamos de matéria e que, assim, para nós, ela é imaterial. (*O Livro dos Espíritos*, questões 23 e 82.)

51. Eis a resposta dada por um Espírito, sobre este assunto:

"O que uns chamam *perispírito* não é outra coisa senão o que os outros chamam de envoltório material fluídico. Direi, para me fazer compreender, de uma forma mais lógica,que este fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da visão e das ideias; falo, aqui, dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres ainda lhes são completamente inerentes; portanto, são como vedes, matéria. Daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que os Espíritos superiores não podem experimentar, visto que os fluidos terrestres encontram-se depurados em torno do pensamento, isto é, da

alma. A alma, para progredir, sempre tem necessidade de um agente; ela, sem agente, nada é para vós, ou, melhor dizendo, não pode ser concebida por vós. O perispírito, para nós outros, Espíritos errantes, é o agente pelo qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, através do vosso corpo ou vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma; daí, infinitos matizes de médiuns e de comunicações. Agora, resta o ponto de vista científico, quer dizer, a própria essência do perispírito; isto é uma outra questão. Compreendei, primeiro, moralmente; resta apenas uma discussão sobre a natureza dos fluidos, o que é inexplicável, no momento; a Ciência não conhece o bastante, mas lá chegará, se quiser caminhar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar infinitamente; a alma é o pensamento; ela não muda de natureza; sob este aspecto, não vades mais longe, é um ponto que não pode ser explicado. Acreditais que eu não pesquise, como vós? Vós pesquisais o perispírito; nós outros, agora, pesquisamos a alma. Esperai, portanto."

Lamennais

Assim, Espíritos que podemos considerar como adiantados, ainda não puderam sondar a natureza da alma. Como poderíamos fazê-lo, nós mesmos? É, portanto, perder tempo querer escrutar o princípio das coisas que, assim como foi dito em *O Livro dos Espíritos* (questões 17, 49), está nos segredos de Deus. Pretender examinar, com o auxílio do Espiritismo, o que ainda não é da alçada da humanidade, é desviá-lo de seu verdadeiro objetivo; é fazer como a criança que quisesse saber tanto quanto o velho. Que o homem se utilize do Espiritismo para a sua melhoria moral, eis o essencial; mais que isso constitui apenas uma curiosidade estéril e muitas vezes orgulhosa, cuja satisfação não o fará dar nenhum passo adiante; o único meio de progredir, é tornar-se melhor. Os Espíritos que ditaram o livro que lhes traz o nome provaram sua sabedoria mantendo-se, no que se refere ao princípio das coisas, nos limites que Deus não permite ultrapassar, deixando aos Espíritos sistemáticos e presunçosos a responsabilidade das teorias prematuras e errôneas, mais sedutoras do que sólidas e que cairão, um dia, diante da razão, como tantas outras saídas dos cérebros humanos. Eles só disseram justamente o que era necessário para que o homem compreendesse o futuro que o aguarda e, por isso mesmo, encorajá-lo a praticar o bem. (Vede, adiante, 2ª parte, cap. I, *Ação dos Espíritos sobre a matéria.*)



Segunda Parte
Manifestações Espíritas

CAPÍTULO I

AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

52. Excluindo-se a opinião materialista, por estar condenada, ao mesmo tempo, pela razão e pelos fatos, tudo se resume em saber se a alma, depois da morte, pode manifestar-se aos vivos. Assim, reduzida à sua mais simples expressão, a questão encontra-se singularmente deslocada. Primeiramente, poder-se-ia perguntar por que seres inteligentes, que vivem, de algum modo, no nosso meio, embora invisíveis pela sua natureza, não poderiam demonstrar, de alguma forma, sua presença. A simples razão diz que nada há de im-possível nisto. Esta crença, aliás, tem a seu favor o assentimento de todos os povos, pois encontramo-la por toda a parte e em todas as épocas; ora, uma intuição não poderia ser tão geral, nem sobreviver ao tempo, sem estar fundamentada em algo. Ela é, além disso, sancionada pelo testemunho dos livros sagrados e dos Pais da Igreja, e foram necessários o cepticismo e o materialismo do nosso século para colocá-la entre as ideias supersticiosas; se estamos enganados, estas autoridades o estão igualmente.

Mas, estas são apenas considerações morais. Uma causa contribuiu, sobretudo, para fortalecer a dúvida, numa época tão positiva quanto a nossa, em que se quer saber o porquê e o como de cada coisa: a ignorância da natureza dos Espíritos e dos meios pelos quais eles podem manifestar-se. Adquirido este conhecimento, o fato das manifestações nada mais apresenta de surpreendente e entra na ordem dos fatos naturais.

53. A ideia que se faz dos Espíritos torna, à primeira vista, o fenômeno das manifestações incompreensíveis. Estas manifestações não podem acontecer senão pela ação do Espírito sobre a matéria; é por isso que os que acreditam que o Espírito seja a ausência de qualquer matéria se perguntam, com aparente razão,

como ele pode agir materialmente. Ora, aí está o erro, porquanto o Espírito não é uma abstração, é um ser definido, limitado e circunscrito. O espírito encarnado no corpo constitui a alma; quando ele o deixa, por ocasião da morte, dele não sai despojado de todo o envoltório. Todos nos dizem que conservam a forma humana e, efetivamente, quando aparecem para nós, é com aquela que nós conhecíamos.

Observemo-los, atentamente, no momento em que acabam de deixar a vida; eles estão num estado de perturbação; tudo está confuso em torno deles; veem seu corpo sadio, ou mutilado, conforme o gênero de morte; por outro lado, eles se veem e se sentem vivos; alguma coisa lhes diz que aquele corpo lhes pertence, mas não compreendem que estejam separados dele. Continuam a ver-se sob sua forma primitiva e esta visão produz, em alguns, durante um certo tempo, uma singular ilusão: a de se acreditarem ainda vivos; é-lhes indispensável a experiência de seu novo estado, para convencerem-se da realidade. Dissipado este primeiro momento de perturbação, o corpo torna-se, para eles, uma roupa velha da qual se despojaram e não o lamentam; sentem-se mais leves e como que aliviados de um fardo; não experimentam mais as dores físicas e sentem-se felizes por poder elevar-se, transpor o espaço, assim como, quando vivos, inúmeras vezes o fizeram, em seus sonhos. [7]

Todavia, apesar da ausência do corpo, eles constatam sua personalidade; possuem uma forma, mas uma forma que não os incomoda, nem os embaraça; têm, finalmente, a consciência de seu *eu* e de sua individualidade. O que devemos concluir daí? Que a alma não deixa tudo no túmulo e que carrega consigo alguma coisa.

54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis, dos quais falaremos mais tarde, levaram à conclusão de que há, no homem, três coisas: 1º) a alma ou Espírito, princípio inteligente, em quem reside o senso moral; 2º) o corpo, envoltório grosseiro, material, do qual ele se reveste, temporariamente, para o cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º) o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de elo entre a alma e o corpo.

A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação do grosseiro envoltório, aquele que a alma abandona; o outro se desliga deste e segue a alma, que, desta maneira, tem sempre um envoltório; este último, apesar de fluídico, etéreo, vaporoso, invisível para nós, no seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora, até o presente, não tenhamos podido apropriar-nos dela e submetê-la à análise.

Esse segundo envoltório da alma, ou *perispírito*, existe, portanto, durante a

vida corporal; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe, aquele através do qual o Espírito transmite sua vontade ao exterior e age sobre os órgãos. Para nos servir de uma comparação material, é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e transmissão do pensamento; é, enfim, este agente misterioso, imperceptível, designado sob o nome de fluido nervoso, que desempenha um papel tão grande na economia do conjunto e a que não se dá a devida importância, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Considerando apenas o elemento material ponderável, a medicina se priva, na apreciação dos fatos, de uma causa incessante de ação. Mas, não é este o lugar para examinar tal questão; apenas assinalaremos que o conhecimento do perispírito é a chave de uma imensidade de problemas, até hoje não solucionados.

O perispírito não é absolutamente uma dessas hipóteses às quais, algumas vezes, recorre a ciência, para a explicação de um fato; sua existência não é apenas revelada pelos Espíritos, é resultado de observações, como teremos oportunidade de demonstrá-lo. Por enquanto, para não nos antecipar sobre os fatos que teremos a relatar, limitar-nos-emos a dizer que, seja durante sua união com o corpo, seja depois de sua separação, a alma nunca está separada de seu perispírito.

55. Diz-se que o Espírito é uma chama, uma centelha; isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, ao qual não se poderia atribuir uma forma determinada; mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza eteriza-se, à medida que, hierarquicamente, ele se purifica e se eleva; de tal maneira que, para nós, a ideia de forma é inseparável da de Espírito e não concebemos um sem a outra. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, como o corpo faz parte integrante do homem; porém, o perispírito sozinho não representa o Espírito, assim como apenas o corpo não representa o homem, pois o perispírito não pensa; ele é, para o Espírito, o que o corpo é para o homem: o agente ou o instrumento de sua ação.

56. A forma do perispírito é a forma humana e, quando nos aparece, é, geralmente, aquela com a qual conhecemos o Espírito, enquanto encarnado. Assim sendo, poder-se-ia acreditar que o perispírito, desligado de todas as partes do corpo, de algum modo, modela-se por ele e conserva-lhe o aspecto, mas não parece que seja assim. A forma humana, com mínimas diferenças e excetuando-se as modificações orgânicas necessárias ao meio no qual o ser é chamado a viver, encontra-se nos habitantes de todos os globos; pelo menos, é o que dizem os Espíritos; é, igualmente, a forma de todos os Espíritos não-encarnados e que

apenas têm o perispírito; é aquela com que, em todos os tempos, representaram-se os anjos ou puros Espíritos. Daí, devemos concluir que a forma humana é a forma típica de todos os seres humanos, qualquer que seja o grau em que se achem. Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; ela é, se assim podemos exprimir-nos, flexível e expansível; é por isso que a forma que ela toma, embora seja calcada na do corpo, não é absoluta; ela se modifica à vontade do Espírito, que pode dar-lhe esta ou aquela aparência, conforme o queira, enquanto que o envoltório sólido oferecia-lhe uma resistência intransponível. Desembaraçado desse entrave que o comprimia, o perispírito se expande ou se retrai, transforma-se, numa palavra, presta-se a todas as metamorfoses, segundo a vontade que age sobre ele. Em consequência desta propriedade do seu envoltório fluídico, o Espírito que quer ser reconhecido pode, quando isto for necessário, tomar a aparência exata que tinha, quando encarnado, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais de reconhecimento.

Como se vê, os Espíritos são, portanto, seres semelhantes a nós, constituindo, no estado normal, toda uma população invisível, à nossa volta; dizemos, no estado normal, porque, como o veremos, esta invisibilidade não é absoluta.

57. Retornemos à natureza do perispírito, pois isto é essencial para a explicação que temos que dar. Dissemos que, embora fluídico, ele não deixa de ser uma espécie de matéria, e isto resulta do fato das aparições tangíveis, às quais retornaremos. Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que possuem calor, que podem ser apalpadas, que oferecem a resistência de um corpo sólido, que vos seguram e que, de repente, se dissipam, como uma sombra. A ação inteligente dessas mãos que, evidentemente, obedecem a uma vontade, ao executar certos movimentos, ao tocar até árias num instrumento, prova que elas são a parte visível de um ser inteligente invisível. Sua tangibilidade, sua temperatura, enfim, a impressão que exercem sobre os sentidos, já que se tem visto deixarem marcas na pele, darem pancadas dolorosas, ou acariciar delicadamente, provam que se constituem de alguma matéria. Seu desaparecimento instantâneo prova, além disso, que esta matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem, alternada e reciprocamente, passar do estado sólido ao estado fluídico.

58. A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, nos é inteiramente desconhecida; ele só se revela a nós por seus atos e estes não podem impressionar nossos sentidos materiais, senão através de um intermediário material. O Espírito necessita, portanto, de matéria para agir sobre

a matéria. Possui, por instrumento direto, seu perispírito, como o homem tem seu corpo; ora, seu perispírito é matéria, conforme acabamos de ver. Em seguida, ele tem, por agente intermediário, o fluido universal, espécie de veículo sobre o qual ele age, como agimos sobre o ar para produzir certos efeitos, através da dilatação, da compressão, da propulsão, ou das vibrações.

Encarada desta maneira, facilmente se concebe a ação do Espírito sobre a matéria; a partir daí, compreende-se que todos os efeitos que dela resultam e cuja causa era desconhecida se inserem na ordem dos fatos naturais; conhecida a causa, o maravilhoso desaparece e esta se contém integralmente nas propriedades semimateriais do perispírito. Trata-se de uma nova ordem de fatos que uma nova lei vem explicar e com os quais, daqui a algum tempo, ninguém mais se espantará, como, hoje, ninguém se admira de se corresponder, a distância, em alguns minutos, através da eletricidade.

59. Talvez perguntem como o Espírito, com o auxílio de matéria tão sutil, pode agir sobre corpos pesados e compactos, suspender mesas, etc. Certamente, semelhante objeção não poderia ser feita por um homem de ciência, pois, sem falar das propriedades desconhecidas que este novo agente pode ter, não temos sob nossas vistas exemplos análogos? Não é nos gases mais rarefeitos, nos fluidos imponderáveis que a indústria encontra seus mais poderosos motores? Quando vemos o ar derrubar edifícios, o vapor movimentar massas enormes, a pólvora gaseificada levantar rochedos, a eletricidade quebrar árvores e atravessar muralhas, o que há de estranho em admitir que o Espírito, com o auxílio de seu perispírito, possa suspender uma mesa, principalmente, quando se sabe que este perispírito pode tornar-se visível, tangível e comportar-se como um corpo sólido?

CAPÍTULO II

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

Mesas girantes

60. Dá-se o nome de manifestações físicas àquelas que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como os ruídos, o movimento e o deslocamento dos corpos sólidos. Umas são espontâneas, isto é, independentes de qualquer vontade; outras podem ser provocadas. Primeiramente, falaremos apenas destas últimas.

O efeito mais simples e um dos primeiros a serem observados, consiste no movimento circular impresso a uma mesa. Este efeito se produz, igualmente, em todos os outros objetos; mas, sendo a mesa aquele com o qual mais se tem exercitado, por ser o mais cômodo, prevaleceu o nome de *mesas girantes*, para designar esta espécie de fenômeno.

Quando dizemos que este efeito foi um dos primeiros a serem observados, queremos dizer — nestes últimos tempos — pois é bem certo que todos os gêneros de manifestações eram conhecidos desde os tempos mais remotos, e não podia ser de outra forma; visto que são efeitos naturais, produziram-se em todas as épocas. Tertuliano [8] aborda, em termos explícitos, as mesas girantes e falantes.

Este fenômeno, durante algum tempo, alimentou a curiosidade dos salões; depois, cansaram-se dele e passaram a outras distrações, porque o consideravam apenas como uma distração. Duas causas contribuíram para o abandono das mesas girantes: a moda, para as pessoas frívolas, que raramente consagram dois invernos ao mesmo divertimento e que (coisa prodigiosa para elas!) consagraram três ou quatro a este. Para as pessoas ponderadas e observadoras, dele saiu algo de sério que prevaleceu; se estas negligenciaram as mesas girantes, é porque se ocuparam com as consequências, bem mais importantes nos seus resultados; deixaram o alfabeto pela ciência, eis todo o segredo deste abandono aparente, motivo de tanto alarido dos zombadores.

Como quer que seja, as mesas girantes não deixam de ser o ponto de partida para a Doutrina Espírita e, por esse motivo, nós lhes devemos algumas

explicações, tanto mais que, apresentando os fenômenos na sua maior simplicidade, o estudo das causas destes será mais fácil e a teoria, uma vez estabelecida, dar-nos-á a chave dos efeitos mais complicados.

61. Para a produção do fenômeno, é necessária a intervenção de uma ou de várias pessoas dotadas de uma aptidão especial, que designamos sob o nome de *médiuns*. O número dos cooperadores é indiferente, embora, entre eles, possam encontrar-se alguns médiuns ignorados. Quanto àqueles cuja mediunidade é nula, a presença deles nenhum resultado produz e é até mais nociva do que útil, pela disposição de espírito com que, frequentemente, comparecem.

Os médiuns gozam, a esse respeito, de um poder maior ou menor e produzem, por conseguinte, efeitos mais ou menos pronunciados; muitas vezes, uma pessoa, sendo médium poderoso, produzirá, sozinha, muito mais do que vinte outras reunidas; bastar-lhe-á colocar as mãos sobre a mesa para que, no mesmo instante, ela se mova, se eleve, se revire, dê pulos, ou gire violentamente.

62. Nenhum indício há da existência da faculdade mediúnica; só a experiência pode fazê-la conhecida. Quando, numa reunião, se quer experimentar, deve-se, simplesmente, sentar em torno de uma mesa e colocar as mãos espalmadas sobre ela, sem pressão, nem contenção muscular. No princípio, como se ignoravam as causas do fenômeno, várias precauções eram indicadas, que foram reconhecidas como absolutamente inúteis. Assim, por exemplo, a alternância dos sexos; assim, também, o contato dos dedos mínimos das diferentes pessoas, de maneira a formar uma corrente ininterrupta. Esta última precaução parecera necessária, quando se acreditava na ação de uma espécie de corrente elétrica; depois, a experiência demonstrou-lhe a inutilidade. A única prescrição rigorosamente obrigatória é o recolhimento, um silêncio absoluto e, principalmente, a paciência, se o efeito se fizer esperar. Pode ser que se produza em alguns minutos, como pode demorar meia ou uma hora; isto depende da potência medianímica dos coparticipantes.

63. Acrescentemos, ainda, que a forma da mesa, a substância de que ela é feita, a presença dos metais, da seda nas roupas dos assistentes, os dias, as horas, a obscuridade ou a luz, etc., são tão indiferentes quanto a chuva ou o bom tempo. Apenas o volume da mesa tem alguma importância, mas somente quando a potência mediúnica for insuficiente para vencer a resistência; em caso contrário, uma única pessoa, até uma criança, pode fazer levantar-se uma mesa de cem quilos, enquanto que, em condições menos favoráveis, doze pessoas não conseguiriam fazer uma mesinha mover-se.

Estando as coisas neste estado, quando o efeito começa a se manifestar,

ouve-se, geralmente, um pequeno estalido na mesa; sente-se como que uma vibração, que é o início do movimento; ela parece fazer esforços para se libertar; depois, o movimento de rotação se acentua; ele se acelera ao ponto de adquirir tamanha rapidez que os assistentes sentem todas as dificuldades do mundo para segui-lo. Uma vez estabelecido o movimento, é possível até afastar-se da mesa, que continua a mover-se em diversos sentidos, sem contato.

Em outras circunstâncias, a mesa se ergue e se sustenta ora sobre um único pé, ora sobre um outro; depois, retoma, suavemente, sua posição natural. De outras vezes, ela se balança, imitando as oscilações de um navio. De outras vezes, finalmente, mas para isso é necessário um poder medianímico considerável, ela se destaca inteiramente do solo e se mantém em equilíbrio no espaço, sem ponto de apoio, elevando-se, às vezes, até o teto, de forma que se possa passar por baixo dela; depois, desce lentamente, balançando-se, como o faria uma folha de papel, ou, então, cai violentamente e se quebra, o que prova, de maneira patente, que não se é vítima de uma ilusão de ótica.

64. Um outro fenômeno que se produz com muita frequência, conforme a natureza do médium, é o das pancadas na própria textura da madeira, sem nenhum movimento da mesa; essas batidas, algumas vezes muito fracas, outras vezes bastante fortes, fazem-se ouvir, igualmente, nos outros móveis do aposento, nas portas, nas paredes e no forro. Voltaremos a este assunto, dentro em pouco. Quando elas acontecem na mesa, aí produzem uma vibração muito apreciável através dos dedos e, principalmente, muito distinta, quando nela se encosta o ouvido.



CAPÍTULO III

MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES

65. No que acabamos de ver, nada, certamente, revela a intervenção de uma potência oculta e esses efeitos poderiam perfeitamente explicar-se pela ação de uma corrente magnética ou elétrica, ou pela de um fluido qualquer. Esta foi, com efeito, a primeira solução dada a esses fenômenos e que podia, com razão, passar por muito lógica. Ela teria prevalecido, sem dúvida alguma, se outros fatos não tivessem vindo demonstrar-lhe a insuficiência; esses fatos são as provas de inteligência que eles deram; ora, como todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, ficou evidente que, mesmo que se admitisse que a eletricidade ou qualquer outro fluido aí desempenhasse um papel, a esta uma outra causa se unia. Qual era ela? Que inteligência era essa? Foi o que a sequência das observações nos fez conhecer.

66. Para que uma manifestação seja inteligente, não é necessário que ela seja eloquente, espirituosa, ou erudita; basta que ela prove ser um ato livre e voluntário, que exprima uma intenção, ou responda a um pensamento. Certamente, ao ver um cata-vento agitado pelo vento, todos sabem que ele obedece apenas a uma impulsão mecânica; mas, se reconhecessem nos movimentos do cata-vento sinais intencionais, se ele girasse para a direita ou para a esquerda, depressa ou lentamente, conforme o comando, seriam forçados a admitir, não que o cata-vento fosse inteligente, mas que ele obedecesse a uma inteligência. Foi o que aconteceu com a mesa.

67. Vimos a mesa mover-se, levantar-se, dar pancadas, sob a influência de um, ou de muitos médiuns. O primeiro efeito inteligente observado, foi o de ver esses movimentos obedecerem a um comando; assim, sem mudar de lugar, a mesa levantava-se, alternadamente, sobre o pé indicado; depois, ao cair, dava um número determinado de pancadas, respondendo a uma pergunta. De outras vezes, a mesa, sem contato de pessoa alguma, passeava sozinha pelo cômodo, indo para a direita ou para a esquerda, para frente ou para trás, executando diversos movimentos sob a ordem dos assistentes. É evidente que afastamos qualquer

suposição de fraude; que admitimos a perfeita lealdade dos assistentes, atestada pela sua honradez e seu absoluto desinteresse. Falaremos mais tarde das fraudes, contra as quais é prudente manter-se precavido.

68. Por meio de pancadas e, principalmente, pelos estalidos dos quais acabamos de falar, obtêm-se efeitos ainda mais inteligentes, como a imitação das diversas batidas do tambor, do combate entre tropas, com tiros por fila ou pelotão, de um bombardeio; depois, do ranger da serra, de marteladas, do ritmo de diferentes árias, etc. Era, como bem se compreende, um vasto campo aberto à exploração. Concluiu-se que, já que havia ali uma inteligência oculta, ela deveria poder responder às perguntas e ela respondeu, de fato, através do sim ou do não, por meio de um número convencional de batidas. Essas respostas eram bem insignificantes; foi por isso que se teve a ideia de indicar as letras do alfabeto e de compor, assim, palavras e frases.

69. Estes fatos, repetidos à vontade por milhares de pessoas e em todos os países, não podiam deixar dúvida sobre a natureza inteligente das manifestações. Foi então que surgiu um novo sistema, segundo o qual esta inteligência não seria outra senão a do médium, do interrogador, ou até dos assistentes. A dificuldade era explicar como esta inteligência podia refletir-se na mesa e traduzir-se através de pancadas; tendo-se constatado que essas pancadas não eram dadas pelo médium, eram produzidas, então, pelo pensamento; ora, o pensamento dando pancadas constituía um fenômeno ainda mais prodigioso do que todos aqueles que testemunháramos. A experiência não demorou a demonstrar a inadmissibilidade desta opinião. De fato, as respostas, muito frequentemente, achavam-se em oposição formal às ideias dos assistentes, fora do alcance intelectual do médium e, até, em línguas ignoradas por ele, ou relatando fatos desconhecidos por todos. Os exemplos são tão numerosos, que é quase impossível que alguém que se tenha dedicado um pouco às comunicações espíritas não tenha sido, inúmeras vezes, testemunha deles. Citaremos apenas um, que nos foi relatado por uma testemunha ocular.

70. Num navio da marinha imperial francesa, ancorado nos mares da China, toda a tripulação, desde os marinheiros até o estado-maior, ocupava-se em fazer com que as mesas falassem. Tiveram a ideia de evocar o Espírito de um tenente desse mesmo navio, que morrera havia dois anos. Ele veio e, depois de diversas comunicações que encheram todo o mundo de espanto, disse o que se segue, através de batidas: “Peço-vos, insistentemente, que mandeis pagar a soma de... ao capitão (indicava a cifra), que lhe devo e que lamento não ter podido reembolsar-lhe, antes da minha morte.” Ninguém conhecia o fato; o próprio

capitão havia esquecido este débito, aliás, mínimo; mas, procurando nas suas contas, ali encontrou a menção da dívida do tenente e cuja cifra indicada estava absolutamente correta. Nós perguntamos: do pensamento de quem esta indicação podia ser o reflexo?

71. Aperfeiçoou-se a arte de comunicar-se através de pancadas alfabéticas, mas o processo ainda continuava muito demorado; todavia, obtiveram-se algumas de uma certa extensão, assim como interessantes revelações sobre o mundo dos Espíritos. Estes indicaram outras e é a eles que se deve o processo das comunicações escritas.

As primeiras comunicações deste gênero aconteceram adaptando-se um lápis ao pé de uma mesa leve, colocado sobre uma folha de papel. Posta em movimento pela influência de um médium, a mesa começou a traçar caracteres, depois palavras e frases. Simplificou-se sucessivamente este processo, utilizando-se de mesinhas do tamanho da mão, feitas especificamente para isso, depois, cestas, caixas de papelão e, finalmente, simples pranchetas. A escrita era tão corrente, tão rápida e tão fácil quanto com a mão. Mais tarde, porém, reconheceu-se que todos esses objetos eram, definitivamente, apenas apêndices, verdadeiras lapiseiras, que podiam ser dispensadas, segurando-se o lápis com a própria mão; conduzida por um movimento involuntário, a mão escrevia, sob a impulsão produzida pelo Espírito e sem o concurso da vontade, nem do pensamento do médium. Desde então, as comunicações de além-túmulo não tiveram mais limites do que a correspondência habitual entre os vivos. Voltaremos a tratar desses diferentes processos, que explicaremos detalhadamente; ligeiramente os esboçamos, para mostrar a sucessão dos fatos que levaram a constatar, nestes fenômenos, a intervenção de inteligências ocultas, ou, melhor dizendo, dos Espíritos.

CAPÍTULO IV

TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

Movimentos e levantamentos. – Ruídos. – Aumento e diminuição do peso dos corpos

72. Tendo sido demonstrada pelo raciocínio e pelos fatos a existência dos Espíritos, assim como a possibilidade que têm de agir sobre a matéria, trata-se, agora, de saber como esta ação se opera e como procedem para fazer com que se movam as mesas e os outros corpos inertes.

Muito naturalmente, uma ideia se apresenta e foi a que tivemos; como os Espíritos a combateram e nos deram uma outra explicação bem diversa, que estávamos longe de imaginar, isto é uma prova evidente de que a teoria deles não correspondia à nossa opinião. Ora, esta primeira ideia, todos poderiam tê-la, como nós; quanto à teoria dos Espíritos, acreditamos que nunca tenha passado pela mente de quem quer que seja. Sem dificuldade, reconhecer-se-á o quanto é superior à nossa, embora menos simples, porque dá a solução de inúmeros outros fatos que não encontravam uma explicação satisfatória na outra.

73. Já que se conhecem a natureza dos Espíritos, sua forma humana, as propriedades semimateriais do perispírito, a ação mecânica que ele pode ter sobre a matéria; já que, nos casos de aparição, viram-se mãos fluídicas e até tangíveis segurarem objetos e os transportarem, era natural acreditar que o Espírito se servia, muito simplesmente, de suas próprias mãos, para fazer girar a mesa e que ele a sustentava, no espaço, com a força dos braços. Mas, então, neste caso, qual a necessidade de se ter um médium? O Espírito não pode agir sozinho? Pois o médium, que muitas vezes coloca suas mãos no sentido contrário ao do movimento, ou que nem mesmo as coloca, não pode, evidentemente, secundar o Espírito por meio de uma ação muscular qualquer. Primeiramente, deixemos falar os Espíritos a quem interrogamos sobre este assunto.

74. As respostas seguintes nos foram dadas pelo Espírito São Luís; depois, elas foram confirmadas por muitos outros.

1) O fluido universal é uma emanação da divindade?

"Não."

2) É uma criação da divindade?

"Tudo é criado, exceto Deus."

3) O fluido universal é, ao mesmo tempo, o elemento universal?

"Sim, é o princípio elementar de todas as coisas."

4) Tem ele alguma relação com o fluido elétrico, cujos efeitos nós conhecemos?

"É o seu elemento."

5) Qual o estado em que o fluido universal se nos apresenta em sua maior simplicidade?

"Para encontrá-lo na sua simplicidade absoluta, seria preciso remontar aos puros Espíritos; no vosso mundo, ele está sempre mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que vos cerca; entretanto, podeis dizer que o estado que mais se aproxima desta simplicidade é o do fluido que chamais de *fluido magnético animal*.

6) Já foi dito que o fluido universal é a fonte da vida; será, ao mesmo tempo, a fonte da inteligência?

"Não; este fluido anima somente a matéria."

7) Visto que este fluido é que compõe o perispírito, parece que, neste, ele se encontra numa espécie de estado de condensação que o aproxima, até certo ponto, da matéria propriamente dita?

"Até certo ponto, como o dizeis, pois dela não possui todas as propriedades; ele é mais ou menos condensado, conforme os mundos."

8) Como um Espírito pode produzir o movimento de um corpo sólido?

"Ele combina uma parte do fluido universal com o fluido que o médium emite, próprio para aquele efeito."

9) Os Espíritos levantam a mesa com o auxílio de seus membros, de certa forma, solidificados?

"Esta resposta ainda não levará ao que desejais. Quando uma mesa se move, sob vossas mãos, o Espírito evocado vai haurir no fluido universal o de que animar esta mesa com uma vida factícia. Estando a mesa assim preparada, o Espírito a atrai e a move sob a influência de seu próprio fluido, emitido por sua vontade. Quando a massa que quer colocar em movimento é pesada demais para

ele, chama em seu auxílio Espíritos que se encontram nas mesmas condições que as suas. Em razão de sua natureza etérea, o Espírito, propriamente dito, não pode agir sobre a matéria grosseira, sem intermediário, isto é, sem o elo, que o une à matéria; este elo que constitui o que chamais perispírito, vos dá a chave de todos os fenômenos espíritas materiais. Creio ter-me explicado bastante claramente, para me fazer compreender.

Nota: Chamamos a atenção sobre esta primeira frase: *Esta resposta AINDA não levará ao que desejais*. O Espírito havia compreendido perfeitamente que todas as perguntas precedentes só tinham sido feitas para chegar-se a esta e fez alusão ao nosso ao pensamento, que esperava, com efeito, uma resposta inteiramente diversa, isto é, a confirmação de nossa ideia sobre a maneira pela qual o Espírito faz com que as mesas se movam.

10) Os Espíritos que ele chama em seu auxílio são inferiores a ele? Estarão sob suas ordens?

"Quase sempre, são iguais; frequentemente vêm espontaneamente."

11) Todos os Espíritos são aptos a produzir os fenômenos deste gênero?

"Os Espíritos que produzem esta espécie de efeitos são sempre Espíritos inferiores, que ainda não estão inteiramente desprendidos de toda a influência material."

12) Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupem com coisas que estão abaixo deles; mas, perguntamos se, pelo fato de estarem mais desmaterializados, teriam o poder de fazê-lo, se o quisessem.

"Eles possuem a força moral, como os outros têm a força física; quando necessitam desta força, servem-se daqueles que a possuem. Já não se vos disse que eles se servem dos Espíritos inferiores, como o fazeis com os carregadores?"

Nota: Já se disse que a densidade do perispírito, se assim se pode dizer, varia, segundo o estado dos mundos; parece que ela também varia, no mesmo mundo, de acordo com os indivíduos. Nos Espíritos *moralmente* adiantados, ele é mais sutil e se aproxima do dos Espíritos elevados; nos Espíritos inferiores, ao contrário, ele se aproxima da matéria e é o que faz com que estes Espíritos de baixa categoria conservem, durante tanto tempo, as ilusões da vida terrestre; eles pensam e agem, como se ainda estivessem vivos; possuem os mesmos desejos e, poder-se-ia dizer, quase a mesma sensualidade. Esta grosseria do perispírito, que lhe dá mais *afinidade* com a matéria, torna os Espíritos inferiores mais aptos às manifestações físicas. É pela mesma razão que um homem comum, habituado aos trabalhos da inteligência, cujo corpo é franzino e delicado, não pode suspender um fardo pesado, como um carregador. Nele, a matéria é, de certa forma, menos compacta, os órgãos menos resistentes; ele possui menos fluido nervoso. Sendo o perispírito, para o Espírito, o que o corpo é, para o homem, e sua densidade sendo proporcional à inferioridade do Espírito, nele, ela substitui a força muscular, isto é, dá-lhe, relativamente aos fluidos necessários às manifestações, um poder maior do que àqueles cuja natureza é mais etérea. Se um Espírito elevado quer produzir tais efeitos, faz o que fazem, entre nós, as pessoas delicadas: incumbe um *Espírito do ofício* de executá-los.

13) Se compreendemos bem o que dissestes, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito haure neste fluido o envoltório semimaterial que constitui seu perispírito e é, por meio deste fluido, que ele age sobre a matéria inerte. Será isso mesmo?

"Sim; quer dizer, ele anima a matéria com uma espécie de vida factícia; a matéria se anima da vida animal. A mesa que se move sob vossas mãos vive como o animal; ela obedece, por si mesma, ao ser inteligente. Não é este quem a empurra, como o homem faz com um fardo; quando a mesa se eleva, não é o Espírito que a ergue, com a força do braço; é a mesa, animada, que obedece à impulsão dada pelo Espírito."

14) Qual é o papel do médium neste fenômeno?

"Eu já o disse, o fluido apropriado do médium combina-se com o fluido universal acumulado pelo Espírito; é necessária a união destes dois fluidos, isto é, do fluido animalizado com o fluido universal, para dar vida à mesa. Porém, observai bem que essa vida é apenas momentânea; ela se extingue com a ação e, muitas vezes, antes que a ação termine, logo que a quantidade de fluido deixa de ser suficiente para animá-la."

15) O Espírito pode agir sem o auxílio de um médium?

"Ele pode agir à revelia do médium; quer dizer que muitas pessoas servem de auxiliares aos Espíritos, sem o suspeitarem, na produção de certos fenômenos. O Espírito extrai delas, como de uma fonte, o fluido animalizado de que necessita; é assim que o concurso de um médium, tal como o entendeis, nem sempre é necessário, o que se verifica, principalmente, nos fenômenos espontâneos.

16) Animada, a mesa age com inteligência? Ela pensa?

"Pensa tanto quanto o bastão com o qual fazeis um sinal inteligente, mas a vitalidade de que está animada permite-lhe obedecer à impulsão de uma inteligência. Portanto, ficai sabendo que a mesa que se move não se torna *Espírito* e que não possui, em si mesma, pensamento, nem vontade."

Nota: Frequentemente, na linguagem usual, servimo-nos de uma expressão análoga: dizemos que uma roda que gira com rapidez está *animada* de um movimento rápido.

17) Qual é a causa preponderante, na produção desse fenômeno: o Espírito ou o fluido?

"O Espírito é a causa, o fluido é o instrumento; ambos são necessários."

18) Qual o papel da vontade do médium neste caso?

"Atrair os Espíritos e auxiliá-los, na impulsão dada ao fluido."

— a) A ação da vontade é sempre indispensável?

“Ela aumenta a força, mas nem sempre é necessária, visto que o movimento pode efetuar-se contra e apesar desta vontade e aí está uma prova de que há uma causa independente do médium.”

Nota: O contato das mãos nem sempre é necessário, para fazer mover-se um objeto. Ele o é, o mais frequentemente, para dar o primeiro impulso; porém, uma vez que o objeto esteja animado, pode obedecer à vontade, sem contato material; isto depende, seja do poder do médium, seja da natureza dos Espíritos. Um primeiro contato nem sempre é indispensável; temos a prova disto, nos movimentos e deslocamentos espontâneos, que ninguém imaginou provocar.

19) Por que nem todo mundo pode produzir o mesmo efeito e por que nem todos os médiuns têm o mesmo poder?

“Isto depende da organização e da maior ou menor facilidade com a qual a combinação dos fluidos pode operar-se; depois, o Espírito do médium simpatiza, mais ou menos, com os Espíritos estranhos que nele encontram o poder fluídico necessário. Acontece com esta força o que se dá com a dos magnetizadores, que não é a mesma para todos. Sob este aspecto, há pessoas que são inteiramente refratárias; outras, nas quais a combinação só se efetua por um esforço da vontade delas; outras, enfim, nas quais ela acontece tão natural e tão facilmente, que nem mesmo o percebem e, inconscientemente, servem de instrumento, como já o dissemos.” (Ver adiante o cap. das Manifestações Espontâneas.)

Nota: O magnetismo é, sem dúvida alguma, o princípio desses fenômenos, mas, não, como geralmente o entendem; a prova é que há magnetizadores muito poderosos que não conseguiriam fazer uma mesinha se mover, enquanto pessoas que não podem magnetizar, crianças mesmo, a quem basta colocar os dedos sobre uma mesa pesada, para fazê-la agitar-se; portanto, se o poder medianímico não é proporcional ao poder magnético, é que há uma outra causa.

20) As pessoas ditas elétricas podem ser consideradas médiuns?

“Estas pessoas retiram de si mesmas o fluido necessário à produção do fenômeno e podem agir sem o concurso de Espíritos estranhos. Não são, portanto, médiuns, no sentido atribuído a esta palavra; mas, pode acontecer, também, que um Espírito as assista e aproveite suas disposições naturais.”

Nota: Aconteceria com essas pessoas o que se dá com sonâmbulos, que podem agir com ou sem o concurso de um Espírito estranho. (Ver, no cap. dos Médiuns, o artigo relativo aos médiuns sonâmbulos.)

21) O Espírito que age sobre os corpos sólidos, para movê-los, está na própria substância dos corpos, ou fora dessa substância?

“As duas coisas; já dissemos que a matéria não representa um obstáculo para os Espíritos; penetram em tudo; uma porção do perispírito identifica-se, por assim dizer, com o objeto em que penetra.”

22) Como o Espírito faz para bater? Serve-se de um objeto material?

“Não, assim como não se serve de seus braços, para levantar a mesa. Sabeis muito bem que ele não possui martelo algum à sua disposição. Seu martelo é o fluido que, combinado, é posto em ação, pela sua vontade, para mover ou bater. Quando ele move um objeto, a luz vos dá a visão dos movimentos; quando bate, o ar vos traz o som.”

23) Concebemos isto, quando ele bate num corpo duro; mas, como pode fazer que se ouçam ruídos, ou sons articulados, no vazio do ar?

“Visto que ele age sobre a matéria, pode agir sobre o ar, tanto quanto sobre a mesa. Quanto aos sons articulados, ele pode imitá-los, como todos os outros ruídos.”

24) Dizeis que o Espírito não se serve de suas mãos para mover a mesa; entretanto, em algumas manifestações visuais, vimos aparecerem mãos cujos dedos passeavam por um teclado, agitavam as teclas e produziam sons. Não poderia parecer que, neste caso, o movimento das teclas fosse produzido pela pressão dos dedos? Esta pressão não será, também, direta e real, quando se faz sentir em nós mesmos, quando essas mãos deixam marcas na pele?

“Só podeis compreender a natureza dos Espíritos e sua maneira de agir, através de comparações que delas vos dão apenas uma ideia incompleta e constitui um equívoco, querer sempre assimilar seus procedimentos aos vossos. Esses procedimentos têm de corresponder à organização deles. Já não vos disse que o fluido do perispírito penetra a matéria e com ela se identifica, animando-a com uma vida factícia? Pois bem! Quando o Espírito coloca os dedos sobre as teclas, ele realmente os coloca e até as movimenta; porém, não é através da força muscular que ele pressiona a tecla; ele anima a tecla, como anima a mesa, e a tecla, que obedece à sua vontade, move-se e toca a corda do piano. Acontece mesmo, neste caso, algo que tereis dificuldade de compreender: é que alguns Espíritos estão tão pouco adiantados e tão materializados, comparativamente aos Espíritos elevados, que ainda conservam as ilusões da vida terrestre e acreditam agir como quando possuíam seu corpo; não percebem a verdadeira causa dos efeitos que produzem, assim como um camponês não compreende a teoria dos sons que articula. Perguntai-lhes como tocam piano e vos dirão que batem nas teclas com seus dedos, porque acreditam que realmente o fazem; o efeito se produz instintivamente neles, sem que saibam como e, todavia, isto se dá pela vontade deles. O mesmo acontece, quando se exprimem por palavras.

Nota: Resulta dessas explicações que os Espíritos podem produzir todos os efeitos que nós mesmos produzimos, mas, através de meios apropriados à sua organização; algumas forças que lhes são próprias substituem os músculos que

nos são necessários para agir; assim como o gesto substitui, para o mudo, a palavra que lhe falta.

25) Entre os fenômenos citados como provas da ação de uma potência oculta, há alguns que são evidentemente contrários a todas as leis conhecidas da Natureza; neste caso, a dúvida não parece válida?

"É que o homem está longe de conhecer todas as leis da Natureza; se as conhecesse todas, seria Espírito superior. Cada dia, entretanto, oferece um desmentido àqueles que, acreditando saber tudo, pretendem impor limites à Natureza e, nem por isso, se conservam menos orgulhosos. Ao desvendar, incessantemente, novos mistérios, Deus adverte o homem para desconfiar de suas próprias luzes, pois chegará um dia em que *a ciência do mais sábio será confundida*. Não tendes, todos os dias, exemplos de corpos animados por um movimento capaz de vencer a força da gravidade? A bala de canhão, lançada ao ar, não se sobrepõe, momentaneamente, a essa força? Pobres homens, que vos considerais muito sábios e cuja tola vaidade é, a cada instante, confundida; sabei, portanto, que ainda sois muito pequeninos."

75. Estas explicações são claras, categóricas e sem ambiguidade; delas ressalta este ponto capital: o fluido universal, no qual reside o princípio da vida, é o agente principal das manifestações e este agente recebe sua impulsão do Espírito, seja este encarnado, ou errante. Este fluido, condensado, constitui o perispírito, ou envoltório semimaterial do Espírito. No estado de encarnado, o perispírito está unido à matéria do corpo; no estado de erraticidade, ele está livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito encontra-se mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, se assim podemos nos exprimir. Em algumas pessoas, há, de certa forma, uma emanação desse fluido, em razão de sua organização, e, aí está, propriamente falando, o que constitui os médiuns de efeitos físicos. A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante, sua combinação, mais ou menos fácil, consequentemente, os médiuns, mais ou menos poderosos. Essa emissão não é permanente, o que explica a intermitência do poder mediúnico.

76. Façamos uma comparação. Quando se tem vontade de agir materialmente, sobre um ponto qualquer, colocado a distância, é o pensamento quem quer, mas o pensamento sozinho não irá bater neste ponto; é-lhe necessário um intermediário que ele dirija: um bastão, um projétil, uma corrente de ar, etc. Observai, também, que o pensamento não age diretamente sobre o bastão, pois, se este não for tocado, não agirá sozinho. O pensamento, que não é outra coisa senão o Espírito em nós encarnado, está unido ao corpo pelo perispírito; ora, ele

não pode agir sobre o corpo sem o perispírito, como não pode agir sobre o bastão sem o corpo; ele age sobre o perispírito, porque é a substância com a qual tem mais afinidade; o perispírito age sobre os músculos, estes seguram o bastão e o bastão atinge o objetivo. Quando o Espírito não está encarnado, é-lhe necessário um auxiliar estranho; este auxiliar é o fluido, com o auxílio do qual torna o objeto apto a receber o impulso de sua vontade.

77. Assim, quando um objeto é colocado em movimento, levantado, ou atirado para o ar, não é que o Espírito o pegue, o empurre e o suspenda, como o faríamos com a mão; ele o *satura*, por assim dizer, com seu fluido, combinado com o do médium, e o objeto, assim momentaneamente vivificado, age, como o faria um ser vivo, com a diferença de que, não possuindo vontade própria, obedece ao impulso da vontade do Espírito.

Visto que o fluido vital, de alguma forma emitido pelo Espírito, dá uma vida factícia e momentânea aos corpos inertes e que o perispírito não é outra coisa senão este mesmo fluido vital, conclui-se que, quando o Espírito está encarnado, é ele quem dá a vida ao seu corpo, por meio de seu perispírito; a ele permanece unido, enquanto o organismo o permite; quando ele se retira, o corpo morre. Agora, se, em vez de uma mesa, talhamos uma estátua na madeira e agimos sobre esta estátua, como sobre a mesa, teremos uma estátua que se moverá, que baterá, que responderá, através de seus movimentos e suas pancadas; teremos, numa palavra, uma estátua momentaneamente animada com uma vida artificial; assim como disseram: as mesas falantes, poderiam também dizer: as estátuas falantes. Quanta luz esta teoria não lança sobre uma imensidade de fenômenos até agora sem solução! Quantas alegorias e efeitos misteriosos ela não explica!

78. Apesar de tudo, os incrédulos objetam que o fato da suspensão das mesas, sem ponto de apoio, é impossível, porque é contrário à lei de gravidade. Primeiramente, nós lhes responderemos que sua negativa não constitui uma prova; em segundo lugar, que, se o fato existe, pouco importa que seja contrário a todas as leis conhecidas; isto só provaria uma coisa: que ele se fundamenta numa lei desconhecida e os contestadores não podem ter a pretensão de conhecer todas as leis da Natureza. Acabamos de dar a explicação desta lei, mas isto não é razão para que ela seja aceita por eles, precisamente porque é proveniente de Espíritos que deixaram sua veste terrena, em vez de o ser de Espíritos que ainda a portam e que têm assento na Academia. De tal maneira que, se o Espírito de Arago, quando ainda vivo, tivesse enunciado esta lei, eles a teriam aceitado de olhos fechados; porém, enunciada pelo Espírito de Arago, morto, trata-se de uma utopia. E por que isto? Porque acreditam que Arago, estando morto, tudo nele

esteja morto. Não temos a pretensão de dissuadi-los; entretanto, como esta objeção poderia causar embaraço a certas pessoas, vamos tentar responder a ela, colocando-nos no ponto de vista deles, isto é, abstraindo, por um instante, da teoria da animação factícia.

79. Quando se produz o vácuo na campânula da máquina pneumática, esta campânula adere com tamanha força, que é impossível suspendê-la, por causa do peso da coluna de ar que atua sobre ela. Quando se deixa entrar o ar, levanta-se a campânula com a maior facilidade, porque o ar que está abaixo contrabalança o ar que está acima; todavia, entregue a si mesma, ela permanecerá no suporte, por causa da lei de gravidade. Agora, se o ar do interior for comprimido, para que tenha uma densidade maior do que a do exterior, a campânula se elevará, apesar da gravidade; se a corrente de ar for rápida e violenta, ela poderá ficar suspensa no espaço, sem nenhum apoio *visível*, da mesma forma que aqueles bonecos que se fazem rodopiar sobre um chafariz. Por que, então, o fluido universal, que é *o elemento de toda a Natureza*, acumulando-se em torno da mesa, não teria a propriedade de diminuir-lhe ou aumentar-lhe o peso específico relativo, como o ar faz com a campânula da máquina pneumática, como o gás hidrogênio faz com os balões, sem que para isso sejam derrogadas as leis da gravidade? Conheceis todas as propriedades e todo poder deste fluido? Não; pois bem! Então, não negueis um fato, só porque não podeis explicá-lo.

80. Retornemos à teoria do movimento da mesa. Se, pelo meio indicado, o Espírito pode levantar uma mesa, também pode levantar qualquer outra coisa: uma poltrona, por exemplo. Se pode levantar uma poltrona, pode também, se tiver força suficiente, levantar, ao mesmo tempo, uma pessoa sentada nela. Eis, portanto, a explicação deste fenômeno que o Sr. Home produziu uma centena de vezes consigo mesmo e com outras pessoas; repetiu-o durante uma viagem a Londres e, a fim de provar que os espectadores não eram vítimas de uma ilusão de ótica, ele fez, no teto, uma marca com um lápis e as pessoas passaram por baixo dele. Sabe-se que o Sr. Home é um poderoso médium de efeitos físicos; ele era, nesse caso, a causa eficiente e o objeto.

81. Falamos, ainda há pouco, do aumento do peso; é, de fato, um fenômeno que algumas vezes se produz e que nada tem de mais anormal do que a prodigiosa resistência da campânula, sob a pressão da coluna atmosférica. Vimos, sob a influência de certos médiuns, objetos bastante leves oferecerem a mesma resistência, depois, de repente, cederem ao menor esforço. Na experiência citada acima, a campânula, na realidade, não pesa mais nem menos, por si mesma, mas parece mais pesada, por efeito da causa exterior que age

sobre ela; aqui, provavelmente, acontece o mesmo. A mesa tem sempre o mesmo peso intrínseco, pois sua massa não aumentou, mas uma força estranha se opõe ao seu movimento, e esta causa pode estar nos fluidos ambientes que a penetram, como a que aumenta ou diminui o peso aparente da campânula está no ar. Fazei a experiência da campânula pneumática diante de um camponês ignorante, que não compreende que o que age é o ar, que ele não vê, e não será difícil persuadi-lo de que é o diabo.

Talvez digam que, como este fluido é imponderável, sua acumulação não pode aumentar o peso de um objeto; de acordo; mas, notai que, se nos servimos da palavra *acumulação*, foi por comparação e, não, por assimilação absoluta com o ar; ele é imponderável, que seja; todavia, nada o prova; sua natureza íntima nos é desconhecida e estamos longe de conhecer-lhe todas as propriedades. Antes que se tivesse experimentado o peso do ar, não se suspeitava dos efeitos desse mesmo peso. A eletricidade também se classifica entre os fluidos imponderáveis; entretanto, um corpo pode ser contido por uma corrente elétrica e oferecer uma grande resistência àquele que o quiser levantar; aparentemente, portanto, ele se tornou mais pesado. Pelo fato de não vermos o suporte, seria ilógico concluir que ele não existe. O Espírito pode, portanto, ter alavancas que nos são desconhecidas; a Natureza nos prova, todos os dias, que seu poder não se limita ao testemunho dos sentidos.

Só por uma causa semelhante se pode explicar o fenômeno singular, do qual vimos vários exemplos, de uma pessoa jovem, frágil e delicada, levantar com dois dedos, sem esforço e como uma pluma, um homem forte e robusto, com a cadeira em que estava sentado. O que prova uma causa estranha à pessoa são as intermitências da faculdade.

CAPÍTULO V

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

Ruídos, barulhos e perturbações. Arremesso de objetos. – Fenômeno de transporte. – Dissertação de um espírito sobre os transportes

82. Os fenômenos sobre os quais acabamos de falar são provocados; mas, algumas vezes, acontece que eles se produzem espontaneamente, sem a participação da vontade, bem longe disso, já que frequentemente tornam-se muito importunos. O que exclui, além disso, a suposição de que podem ser um efeito da imaginação sobre-excitada pelas ideias espíritas, é que eles se produzem entre pessoas que nunca ouviram falar delas e no momento em que menos esperam por eles. Esses fenômenos, a que se poderia chamar de espiritismo prático natural, são muito importantes, porque não podem ser suspeitos de conivência; é por isso que exortamos as pessoas que se ocupam com fenômenos espíritas a recolher todos os fatos desse gênero que cheguem ao seu conhecimento, mas, principalmente, a constatar-lhes, cuidadosamente, a realidade, através de um estudo minucioso das circunstâncias, a fim de certificar-se de que não são vítimas de uma ilusão ou de uma mistificação.

83. De todas as manifestações espíritas, as mais simples e mais frequentes são os ruídos e as pancadas; aí, principalmente, é que é preciso precaver-se contra a ilusão, pois uma imensidade de causas naturais pode produzi-los: o vento que sopra ou agita um objeto, um corpo a própria pessoa faz mover-se, sem se aperceber disso, um efeito acústico, um animal escondido, um inseto, etc., até mesmo as malícias dos brincalhões de mau gosto. Aliás, os ruídos espíritas possuem um caráter particular, manifestando uma intensidade e um timbre muito variados, que os tornam facilmente reconhecíveis e não permitem confundi-los com o estalido da madeira, o crepitar do fogo, ou o tique-taque monótono de um pêndulo; são pancadas secas, ora surdas, fracas e leves, ora claras, distintas, às vezes barulhentas, que mudam de lugar e se repetem, sem ter uma regularidade mecânica. De todos os meios de controle, o mais eficaz, o que não pode deixar dúvida sobre a origem deles, é a obediência à vontade. Se as

pancadas se fazem ouvir no lugar indicado, se respondem ao pensamento, pelo seu número ou sua intensidade, não se pode nelas desconhecer uma causa inteligente; mas a falta de obediência nem sempre é uma prova contrária.

84. Admitamos, agora, que, através de uma constatação minuciosa, se adquira a certeza de que os ruídos, ou quaisquer outros efeitos, sejam manifestações reais; será racional ter medo delas? Não, certamente; pois, em nenhum caso, poderia haver o menor perigo; apenas as pessoas que se persuadem de que é o diabo podem ser afetadas por elas, de uma forma lamentável, como as crianças em quem se mete medo do lobisomem, ou do bicho-papão. É preciso convir que essas manifestações adquirem, em certas circunstâncias, proporções e uma persistência desagradáveis, de que as pessoas desejam, muito naturalmente, se livrar. Sobre este assunto, uma explicação se faz necessária.

85. Dissemos que as manifestações físicas têm por objetivo atrair a nossa atenção para alguma coisa e convencer-nos da presença de uma potência superior ao homem. Também dissemos que os Espíritos elevados não se ocupam com esses gêneros de manifestações; servem-se dos Espíritos inferiores para produzi-los, como nós nos servimos de empregados para o trabalho pesado, e isto com o objetivo que acabamos de indicar. Uma vez atingido este objetivo, a manifestação material cessa, porque não é mais necessária. Um ou dois exemplos farão melhor compreender a coisa.

86. Há muitos anos, no início de meus estudos sobre o Espiritismo, estando, uma noite, ocupado com um trabalho sobre esta matéria, pancadas se fizeram ouvir em torno de mim, durante quatro horas consecutivas; era a primeira vez que coisa semelhante me acontecia; constatei que não eram devidas a qualquer causa acidental, mas, naquele momento, foi só o que pude saber. Nessa época, eu tinha a oportunidade de visitar, com frequência, um excelente médium escrevente. Logo no dia seguinte, interroguei o Espírito, que se comunicava por seu intermédio, sobre a causa daquelas pancadas. *Era*, foi-me respondido, *o teu Espírito familiar que queria falar contigo*. — E o que queria me dizer? Resposta: Podes perguntar-lhe, tu mesmo, pois ele está aqui. — Então, tendo interrogado este Espírito, ele se identificou com um nome alegórico (soube, depois, através de outros Espíritos, que ele pertence a uma ordem muito elevada e que representou um papel importante, na Terra); apontou erros no meu trabalho, indicando-me *as linhas* onde se achavam; deu-me úteis e sábios conselhos e acrescentou que estaria sempre comigo e atenderia ao meu apelo todas as vezes que quisesse interrogá-lo. De fato, desde então, este Espírito

nunca me deixou. Deu-me inúmeras provas de uma grande superioridade e manifestou-me sua intervenção *benévola* e *eficaz*, nos assuntos da vida material, como no que se refere às coisas metafísicas. Mas, desde a nossa primeira conversa, as pancadas cessaram. O que ele queria, de fato? Comunicar-se regularmente comigo; mas, para isso, seria preciso avisar-me. Dado o aviso, depois, explicado, as relações regulares foram estabelecidas e as pancadas tornaram-se inúteis; foi por isso que cessaram. Não se toca mais o tambor para acordar os soldados, uma vez que já estejam de pé.

Um fato bem parecido aconteceu com um amigo nosso. Há algum tempo, ruídos diversos ecoavam no seu quarto e se tornavam muito fatigantes. Apresentando-se a oportunidade de interrogar o Espírito de seu pai, por um médium escrevente, ele soube o que se queria dele; fez o que lhe foi recomendado e, daí em diante, nada mais ouviu. Deve-se observar que as pessoas que possuem um meio regular e fácil de comunicação com os Espíritos muito mais raramente têm manifestações deste gênero, e isto é compreensível.

87. As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a ruídos e a pancadas; elas degeneram, algumas vezes, em verdadeiro alvoroço e em perturbações; móveis e objetos diversos são revirados, projéteis de toda espécie são lançados de fora para dentro, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, vidraças são quebradas, o que pode ser atribuído à ilusão.

O transtorno é, em várias ocasiões efetivo mesmo; mas, em outras, ele só se dá na aparência. Ouve-se uma algazarra no cômodo contíguo, um ruído de louça que cai e se quebra com estardalhaço, troncos de lenha que rolam pelo assoalho; as pessoas apressam-se para ver e encontram tudo tranquilo e em ordem; depois, mal saem, o tumulto recomeça.

88. As manifestações deste gênero não são raras, nem novas; há pouca crônica local que não reproduza alguma história desse tipo. Sem dúvida, muitas vezes, o medo tem exagerado fatos que, passando de boca em boca, tomaram proporções gigantescamente ridículas. Com o auxílio da superstição, as casas onde eles ocorreram foram consideradas mal-assombradas pelo diabo e, daí, todos os maravilhosos ou terríveis contos de fantasmas. Por outro lado, a velhacaria não deixou escapar tão bela ocasião de explorar a credulidade e isso, constantemente, em proveito dos próprios interesses. Imagina-se, então, a impressão que fatos deste gênero, ainda que reduzidos à realidade, podem produzir em caracteres fracos e predispostos, pela educação, às ideias supersticiosas. O meio mais seguro de prevenir os inconvenientes que possam ter, já que não se poderia impedi-los, é tornar conhecida a verdade. As coisas

mais simples tornam-se apavorantes, se a causa é desconhecida. Quando estiverem familiarizados com os Espíritos e aqueles a quem eles se manifestam não acreditarem mais ter uma legião de demônios atrás de si, não terão mais medo.

Pode-se ver, na *Revista Espírita*, a narrativa de vários fatos autênticos deste gênero; entre outros, a história do Espírito batedor de Bergzabern, cujas intervenções malévolas duraram mais de oito anos (nºs de maio, junho e julho de 1858); a de Dibbelsdorp (agosto de 1858); a do padeiro de Grandes-Ventes, perto de Dieppe (março de 1860); a da rua de Noyers, em Paris (agosto de 1860); a do Espírito de Castelnaudary, sob o título de *História de um Danado* (fevereiro de 1860); a do fabricante de Saint-Petersbourg (abril de 1860) e muitos outros.

89. Os fatos desta natureza assumem, frequentemente, o caráter de uma verdadeira perseguição. Conhecemos seis irmãs que moravam juntas e que, durante muitos anos, encontravam, todas as manhãs, seus vestidos espalhados, escondidos até sobre os telhados, rasgados e cortados em pedaços, ainda que tomassem a precaução de fechá-los a chave. Aconteceu, muitas vezes, que pessoas deitadas e *completamente despertas* viram suas cortinas serem sacudidas, suas cobertas e seus travesseiros serem violentamente arrancados; viram-se suspensos de seus colchões e, algumas vezes até, lançadas fora da cama. Esses fatos são mais frequentes do que se imagina; mas, na maioria das vezes, aqueles que são vítimas deles não ousam falar disso, pelo medo do ridículo. É do nosso conhecimento que se acreditou curar certos indivíduos daquilo que se considerava como alucinações, submetendo-os ao tratamento dado aos alienados, o que realmente os tornou loucos. A medicina não pode compreender estas coisas, porque não admite nas causas senão o elemento material, donde resultam equívocos, muitas vezes, funestos. A História, um dia, relatará certos tratamentos do século XIX, como se contam, hoje, certos procedimentos da Idade Média.

Admitimos, perfeitamente, que certos fatos são obra da malícia ou da maldade; mas, se, depois de feitas todas as constatações, ficar provado que não são obra dos homens, é preciso convir que são obra do diabo, como dirão alguns, quanto a nós, nós diremos: obra dos Espíritos. Mas, de que Espíritos?

90. Os Espíritos superiores, tanto quanto, entre nós, os homens circunspectos e sérios, não se divertem em fazer algazarras. Com frequência, os temos evocado, para lhes perguntar o motivo que os levava a perturbar, assim, a tranquilidade alheia. A maioria não tem outro objetivo senão o de se divertir; são Espíritos mais levianos do que maus, que se riem do pavor que ocasionam e das

buscas inúteis que se fazem para descobrir a causa do tumulto. Muitas vezes, obstinam-se em seguir um indivíduo, que se comprazem em aborrecer e perseguir de casa em casa; outras vezes, apegam-se a um local, apenas por simples capricho. Algumas vezes, também, é uma vingança que eles executam, como teremos ocasião de ver. Em alguns casos, sua intenção é mais louvável; querem chamar a atenção e se comunicar, seja para fazer uma advertência útil à pessoa a quem se dirigem, seja para pedir alguma coisa para si mesmos. Temo-los visto, frequentemente, pedir preces; outros, solicitarem o cumprimento, em nome deles, de uma promessa que não puderam pagar; outros, finalmente, quererem, no interesse de seu próprio repouso, reparar uma ação má cometida por eles, quando vivos. Em geral, é um erro ter medo; a presença deles pode ser importuna, mas, não, perigosa. Aliás, concebe-se o desejo de livrar-se deles, mas, geralmente, faz-se para isso, o contrário do que se deveria fazer. Se são Espíritos que se divertem, quanto mais a sério se leva a coisa, mais eles persistem, como crianças travessas, que tanto mais atormentam as pessoas, quanto mais veem que elas se impacientam; e assustam os medrosos. Se se tomasse a decisão sensata de rir de suas más ações, eles acabariam por se cansar e ficar tranquilos. Conhecemos alguém que, longe de se irritar, excitava-os, desafiava-os a fazer isto ou aquilo, a ponto de, em alguns dias, eles não voltarem mais. Porém, como já dissemos, há outros, cujo motivo é menos frívolo. É por isso que é sempre útil saber o que querem. Se pedem alguma coisa, pode-se estar certo de que cessarão suas visitas, desde que seus desejos estejam satisfeitos. O melhor meio de nos informar a este respeito, é evocar o Espírito, por intermédio de um bom médium escrevente; pelas suas respostas, veremos, imediatamente, com quem nos relacionamos e agiremos de forma adequada; se for um Espírito infeliz, manda a caridade que o tratemos como merece; se for um brincalhão de mau gosto, poderemos tratá-lo sem cerimônia; se for um malvado, será preciso rogar que Deus o torne melhor. Qualquer que seja o caso, a prece dará sempre um bom resultado. A gravidade das fórmulas de exorcismo, porém, os faz rir e não lhes dão importância alguma. Se pudermos nos comunicar com eles, devemos desconfiar dos qualificativos cômicos ou apavorantes que, algumas vezes, eles se dão, para se divertir com a credulidade.

Retornaremos com mais detalhes sobre este assunto e sobre as causas que, muitas vezes, tornam os exorcismos ineficazes, nos capítulos referentes aos *lugares assombrados* e à *obsessão*.

91. Estes fenômenos, embora executados por Espíritos inferiores, são reiteradamente provocados por Espíritos de uma ordem mais elevada, com o

objetivo de convencer da existência dos seres incorpóreos e de um poder superior ao homem. A repercussão que deles resulta, o próprio pavor que causam, atraem a atenção e terminarão por fazer com que os mais incrédulos abram os olhos. Estes acham mais simples atribuir esses fenômenos à imaginação, explicação muito cômoda e que os dispensa de dar outras; entretanto, quando objetos são sacudidos, ou vos são atirados na cabeça, seria preciso ter uma imaginação muito complacente, para representar tais coisas como reais, quando não o são. Quando se nota um efeito qualquer, este efeito possui, necessariamente, uma causa; se uma observação *fria* e *calma* nos demonstra que este efeito independe de qualquer vontade humana e de qualquer causa material, se, além disso, nos dá *sinais evidentes* de inteligência e de vontade livre, *o que constitui o sinal mais característico*, somos forçados a atribuí-lo a uma inteligência oculta. Que seres misteriosos são esses? É o que os estudos espíritas nos ensinam da maneira menos contestável, pelos meios que nos dão de nos comunicar com eles. Esses estudos nos ensinam, ainda, a distinguir o que há de real, de falso, ou de exagerado, nos fenômenos dos quais não nos damos conta. Se um efeito insólito se produz: ruído, movimento, até aparição, o primeiro pensamento que se deve ter é que ele se deve a uma causa inteiramente natural, porque é a mais provável; é necessário, então, pesquisar esta causa com o maior cuidado e só admitir a intervenção dos Espíritos com conhecimento de causa; este é o meio de não se iludir. Por exemplo, aquele que, sem se ter aproximado de ninguém, recebesse uma bofetada, ou bengaladas nas costas, como se tem visto, não poderia duvidar da presença de um ser invisível.

Deve-se ter cautela não só contra narrativas que podem estar, quando mais não seja, comprometidas pelo exagero, mas também contra suas próprias impressões e não atribuir uma origem oculta a tudo o que não se compreende. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais pode produzir efeitos estranhos, à primeira vista, e seria uma verdadeira superstição ver, por toda a parte, Espíritos ocupados em derrubar os móveis, quebrar a louça, provocar, enfim, os mil e um aborrecimentos domésticos, que é mais racional atribuir à imperícia.

92. A explicação dada sobre o movimento dos corpos inertes aplica-se, naturalmente, a todos os efeitos espontâneos que acabamos de ver. Os ruídos, embora mais fortes do que as pancadas na mesa, devem-se à mesma causa; os objetos lançados ou deslocados, o são pela mesma força que levanta um objeto qualquer. É precisamente aqui que uma circunstância vem em apoio a esta teoria. Poder-se-ia perguntar, nesta circunstância, onde está o médium. Os Espíritos nos

disseram que, em caso semelhante, há sempre alguém cujo poder se exerce independentemente de sua vontade. As manifestações espontâneas bem raramente se produzem nos lugares isolados; quase sempre, é nas casas habitadas que elas ocorrem, e graças à presença de certas pessoas que exercem uma influência, sem o querer; essas pessoas são verdadeiros médiuns que o ignoram, elas próprias, e que, por esta razão, nós chamamos de *médiuns naturais*; são, relativamente aos outros médiuns, o que os sonâmbulos naturais são, com relação aos sonâmbulos magnéticos e tão singulares quanto eles, de se observar.

93. A intervenção voluntária ou involuntária de uma pessoa dotada de uma aptidão especial para a produção destes fenômenos parece ser necessária, na maioria dos casos, embora haja alguns em que o Espírito parece agir sozinho; mas, então, poderia acontecer que ele haurisse o fluido animalizado de fora do ambiente e, não, de uma pessoa presente. Isto explica por que os Espíritos, que constantemente nos cercam, não produzem perturbações o tempo todo. Primeiramente, é preciso que o Espírito o queira, que tenha um objetivo, um motivo; sem isto, ele nada faz. Em seguida, muitas vezes, é necessário que encontre, precisamente no local em que queira agir, uma pessoa apta a auxiliá-lo, coincidência que bastante raramente se dá. Chegando inesperadamente esta pessoa, ele disso se aproveita. Apesar da reunião das circunstâncias favoráveis, ele ainda poderia ser contido por uma vontade superior, que não lhe permitisse agir à sua vontade. Pode ser-lhe permitido fazê-lo apenas dentro de certos limites e no caso de estas manifestações serem julgadas úteis, quer como meio de convicção, quer como prova para a pessoa que delas é objeto.

94. Sobre este assunto, citaremos apenas a conversa provocada a propósito dos fatos ocorridos em junho de 1860, na rua des Noyers, em Paris. Encontrar-se-ão detalhes na *Revista Espírita*, número de agosto de 1860.

1) (A São Luís) — Poderíeis ter a bondade de nos dizer se os fatos que dizem ter ocorrido na rua des Noyers são reais? Quanto à possibilidade, disso não duvidamos.

"Sim, esses fatos são verdadeiros; apenas a imaginação dos homens os aumentará, seja por medo, seja por ironia; mas, repito:eles são verdadeiros. Essas manifestações são provocadas por um Espírito que se diverte um pouco, às custas dos moradores do lugar."

2) Haverá, na casa, uma pessoa que seja a causa dessas manifestações?

"Elas são sempre causadas pela presença da pessoa a quem se ataca; é que o Espírito perturbador deseja mal ao morador do lugar onde ele está e quer fazer-lhe maldades, ou mesmo procura fazê-lo mudar-se."

3) Perguntamos se, entre os moradores da casa, há alguém que seja a causa desses fenômenos pela influência medianímica espontânea e involuntária?

"É preciso que assim o seja, *sem isto, o fato não se produziria*. Um Espírito habita um lugar de predileção para ele; permanece inativo, até que alguém de uma natureza que lhe seja conveniente se apresente naquele lugar; quando esta pessoa chega, diverte-se, então, tanto quanto pode."

4) Será indispensável a presença dessa pessoa no próprio lugar?

"É o caso mais comum e é o do fato que citais: foi por isso que eu disse que, sem isto, o fato não aconteceria; mas não quis generalizar; há casos em que a presença imediata não é necessária."

5) Sendo esses Espíritos sempre de um ordem inferior, a aptidão para lhes servir de auxiliar, será uma presunção desfavorável para a pessoa? Isto indicará uma simpatia pelos seres dessa natureza?

"Não, não precisamente, porque esta aptidão se deve a uma disposição física; entretanto, indica, com muita frequência, uma tendência material que seria preferível não possuir, pois, quanto mais elevada moralmente é a pessoa, mais atrai para si os bons Espíritos, que, necessariamente, afastam os maus."

6) Onde o Espírito vai buscar os projéteis de que se serve?

"Esses diversos objetos são pegos, na maioria das vezes, nos próprios lugares, ou na vizinhança; uma força vinda de um Espírito lança-os ao espaço e eles caem no local designado por este Espírito."

7) Já que as manifestações espontâneas são, muitas vezes, permitidas e até provocadas com o objetivo de convencer, parece-nos que se estas tivessem, como alvo, alguns incrédulos, pessoalmente, eles seriam forçados a se render à evidência. Algumas vezes, eles se lamentam de não poderem ser testemunhas de fatos concludentes; não dependeria dos Espíritos oferecer-lhes alguma prova sensível?

"Os ateus e os materialistas não são, a cada instante, testemunhas dos efeitos do poder de Deus e do pensamento? Isto não os impede de negar Deus e a alma. Os milagres de Jesus converteram todos os seus contemporâneos? Os fariseus, que lhe diziam: "Mestre, fazei-nos ver algum prodígio", não se assemelham àqueles que, atualmente, pedem que lhes façais ver manifestações? Se não se convenceram pelas maravilhas da criação, tampouco se convenceriam, ainda que os Espíritos lhes aparecessem da maneira menos equívoca, porque o orgulho os imobiliza, como cavalos teimosos. As oportunidades de ver não lhes faltariam, se as procurassem de boa-fé; é por isso que Deus não julga conveniente fazer por eles mais do que por aqueles que procuram, sinceramente, instruir-se, pois ele só

recompensa os homens de boa vontade. A incredulidade deles não impedirá que a vontade de Deus se cumpra; vedes bem que ela não impediu que doutrina se difundisse. Deixai, portanto, de vos inquietar com a oposição deles, que está para a doutrina, assim como a sombra está para o quadro: dá-lhe maior relevo. Que mérito teriam, se fossem convencidos à força? Deus lhes deixa toda a responsabilidade de sua teimosia e esta responsabilidade será mais terrível do que imaginais. Felizes os que creem sem ter visto, disse Jesus, porque esses não duvidam do poder de Deus."

8) Credes que seria útil evocar este Espírito para lhe pedir algumas explicações?

"Evocai-o, se o quiserdes; mas é um Espírito inferior que só vos dará respostas bastante insignificantes."

95. Conversa com o Espírito perturbador da rua des Noyers.

1 – Evocação

"Por que é que tínheis de me chamar? Quereis, então, umas pedradas? Aí, então, é que se veria um belo salve-se quem puder, apesar do vosso ar de coragem."

2 – Mesmo que nos atirasses pedras aqui, isto não nos amedrontaria; nós até pedimos, positivamente, que, se puderes, atire-nos algumas.

"Aqui, talvez, eu não pudesse; tendes um guardião que vela bem por vós."

3 – Na rua des Noyers, havia alguém que te servia de auxiliar para facilitar-te as peças que pregavas aos moradores da casa?

"Certamente, encontrei um bom instrumento e nenhum Espírito douto, sábio e escrupuloso para me impedir; pois sou alegre; gosto, às vezes, de me divertir."

4 – Quem era a pessoa que te serviu de instrumento?

"Uma criada."

5 – Era contra a vontade dela que ela te servia de auxiliar?

"Oh! sim; a pobre moça! Ela era a mais apavorada."

6 – Agias com um objetivo hostil?

"Não, nenhum objetivo hostil; os homens, porém, que de tudo se apropriam, o distorcerão em seu proveito."

7 – O que queres dizer com isso? Não te compreendemos.

"Eu procurava me divertir; mas vós outros, vós estudareis a coisa e tereis um fato a mais para mostrar que existimos."

8 – Dizes que não tinhas objetivo hostil e, todavia, quebraste todas as

vidraças do apartamento; causaste, assim, um prejuízo real.

"Isto é apenas um detalhe."

9 – Onde obtiveste os objetos que atiraste?

"Eles são bastante comuns; eu os encontrei no pátio, nos jardins vizinhos."

10 – Achaste-os, *todos*, ou fabricaste alguns? (Ver adiante, cap. VIII.)

"Eu nada criei, nada compus."

11 – Se não os tivesses encontrado, terias podido fabricá-los?

"Teria sido mais difícil; mas, a rigor, misturam-se matérias e faz-se qualquer coisa."

12 – Agora, dize-nos, como os atiraste?

"Ah! isto é mais difícil de explicar; fui auxiliado pela natureza elétrica daquela moça, juntando-a à minha, que é menos material; pudemos, assim, os dois, transportar essas diversas matérias."

13 – Acho que gostarias, de dar-nos algumas informações sobre tua pessoa. Dize-nos, então, primeiramente, se morreste há muito tempo.

"Há bastante tempo; faz bem cinquenta anos."

14 – O que eras, quando vivo?

"Não era grande coisa; era trapeiro nesse bairro e, às vezes, diziam-me bobagens, porque eu gostava muito do licor vermelho do velho Noé; por isso queria expulsar todo mundo dali."

15 – Foi por ti mesmo e de bom grado que respondeste às nossas perguntas?

"Eu tinha um mestre."

16 – Quem é esse mestre?

"Vosso bom rei Luís."

Nota: Esta pergunta foi motivada pela natureza de certas respostas que pareciam ultrapassar a capacidade deste Espírito, pelo conteúdo das ideias e até pela forma da linguagem. Nada há, portanto, de espantoso em que ele tenha sido auxiliado por um Espírito mais esclarecido, que quis aproveitar essa ocasião para nos instruir. Este é um fato muito comum, porém, uma particularidade notável nesta circunstância é que a influência do outro Espírito se fez sentir na própria caligrafia; a das respostas em que ele interveio é mais regular e mais fluente; a do trapeiro é mais angulosa, grossa, irregular, muitas vezes pouco legível, indicando um caráter completamente diferente.

17 – O que fazes, agora? Ocupas-te com o teu futuro?

"Ainda não; vagueio. Pensam tão pouco em mim na Terra, que ninguém reza por mim: como não sou ajudado, nada faço."

Nota: Ver-se-á, mais tarde, o quanto se pode contribuir para o adiantamento e

o alívio dos Espíritos inferiores, através da prece e dos conselhos.

18 – Qual era o teu nome, quando vivo?

"Jeannet."

19 – Pois bem! Jeannet, oraremos por ti. Dize-nos se nossa evocação te agradou ou se te contrariou?

"Antes, me agradou, porque sois bons meninos, joviais, alegres, embora um pouco austeros; apesar de tudo, vós me escutastes; estou contente."

Jeannet

Fenômeno dos transportes

96. Este fenômeno só difere daqueles de que acabamos de falar pela intenção benévola do Espírito que o realiza, pela natureza dos objetos, quase sempre graciosos, e pela maneira suave e muitas vezes delicada com que são trazidos. Consiste no transporte espontâneo de objetos que não existem no lugar em que se está; com mais frequências são flores, algumas vezes, frutas, balas, joias, etc.

97. Digamos, primeiramente, que este fenômeno é um daqueles que mais se prestam à imitação e que, por conseguinte, é preciso precaver-se contra a fraude. Sabe-se até onde pode ir a arte da prestidigitação em experiências desse gênero; mas, sem ter contato com alguém do ofício, poderíamos ser facilmente enganados, através de uma manobra hábil e interesseira. A melhor de todas as garantias está *no caráter*, *na honradez notória*, *no desinteresse absoluto* da pessoa que obtém semelhantes efeitos; em segundo lugar, no exame atento de todas as circunstâncias em que os fatos se produzem; finalmente, no conhecimento esclarecido do Espiritismo, único modo de descobrir o que fosse suspeito.

98. A teoria do fenômeno dos transportes e das manifestações físicas em geral encontra-se resumida, de forma notável, na seguinte dissertação de um Espírito, cujas comunicações possuem todas um cunho incontestável de profundidade e de lógica. Encontrar-se-ão muitas delas, na sequência desta obra. Ele se fez conhecer pelo nome de *Erasto*, discípulo de São Paulo, e como Espírito protetor do médium que lhe serviu de intérprete:

"Para obter fenômenos desta ordem, é preciso, necessariamente, ter consigo médiuns que chamarei de *sensitivos*, isto é, dotados, no mais alto grau, das faculdades medianímicas de expansão e de penetrabilidade; porque o sistema nervoso desses médiuns, facilmente excitável, permite-lhes, por meio de certas

vibrações, projetar em torno deles, em profusão, seu fluido animalizado.

As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram com o menor sentimento, com a menor sensação; cuja influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza, são indivíduos muito aptos a se tornarem excelentes médiuns, para efeitos físicos de tangibilidade e de transportes. De fato, o sistema nervoso deles, quase inteiramente desprovido do envoltório refratário que isola este sistema na maioria dos outros encarnados, torna-os próprios para o desenvolvimento destes diversos fenômenos. Consequentemente, com uma pessoa desta natureza e cujas outras faculdades não sejam hostis à mediunidade, obter-se-ão mais facilmente os fenômenos de tangibilidade, as batidas nas paredes e nos móveis, os movimentos *inteligentes* e até a suspensão no espaço da matéria inerte mais pesada. Com mais forte razão, obter-se-ão estes resultados se, em vez de um médium, se dispuser de vários, igualmente bem dotados.

Mas, da produção desses fenômenos até a obtenção dos de transportes, há todo um mundo, pois, neste caso, não apenas o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, como também, além disso, o Espírito só pode operar por meio de um único aparelho mediúnico, isto é: vários médiuns não podem concorrer, simultaneamente, para a produção do mesmo fenômeno. Acontece até que, ao contrário, a presença de certas pessoas antipáticas ao Espírito que opera entrava, radicalmente, sua operação. A esses motivos que, como o vedes, não carecem de importância, acrescentai que os transportes necessitam sempre de uma concentração maior e, ao mesmo tempo, de maior difusão de certos fluidos que só podem ser obtidos com médiuns mais bem dotados, com aqueles, numa palavra, cujo aparelho *eletromediúnico* oferecer melhores condições.

Em geral, os fatos dos transportes são e continuarão a ser excessivamente raros. Não preciso demonstrar-vos por que eles são e serão menos frequentes que os outros fatos de tangibilidade; pelo que eu digo, vós mesmos o deduzireis. Aliás, esses fenômenos são de uma natureza tal, que nem todos os médiuns são capacitados para produzi-los, nem tampouco todos os próprios Espíritos. De fato, é preciso que entre o Espírito e o médium influenciado exista uma certa afinidade, uma certa analogia, numa palavra, uma certa semelhança que permita à parte expansível do fluido *perispírítico* [9] do encarnado misturar-se, unir-se, combinar-se com o do Espírito que queira fazer um transporte. Esta fusão deve ser tal, que a força resultante se torne, por assim dizer, *una*; assim como uma corrente elétrica, agindo sobre o carvão, produz um foco, uma claridade única. Por que esta união, por que esta fusão, perguntaríeis? É que, para a produção desses fenômenos, é necessário que as propriedades essenciais do Espírito motor

sejam aumentadas com algumas das do mediunizado; é que o *fluido vital*, indispensável à produção de todos os fenômenos mediúnicos, e o apanágio *exclusivo* do encarnado e dele, por conseguinte, o Espírito operador é obrigado a impregnar-se. Só então, ele pode, por meio de certas propriedades do vosso meio ambiente, desconhecidas para vós, isolar, tornar invisíveis e fazer com que se movam alguns objetos materiais e os próprios encarnados.

Por enquanto, não me é permitido desvendar-vos estas leis particulares que regem os gases e os fluidos que vos cercam; mas, antes que alguns anos se tenham passado, antes que uma existência humana se tenha cumprido, a explicação destas leis e destes fenômenos ser-vos-á revelada e vereis surgir e produzir-se uma variedade nova de médiuns, que entrarão num estado cataléptico particular, desde que sejam mediunizados.

Vedes quantas dificuldades envolvem a produção do fenômeno de transportes; daí, podeis concluir, muito logicamente, que os fenômenos desta natureza são excessivamente raros, como eu já disse, e, com tanto mais razão, poucos são os Espíritos que se prestam a executá-los, porque isso exige, da parte deles, um trabalho quase material, o que representa para eles um aborrecimento e uma fadiga. Por outro lado, acontece ainda o seguinte: é que, muitas vezes, apesar de sua energia e de sua vontade, o estado do próprio médium lhes opõe uma barreira intransponível.

É evidente, portanto, e vosso raciocínio o aprova, estou certo disso, que os fatos tangíveis, de pancadas, de movimentos e de suspensão, são fenômenos simples, que se operam pela concentração e a dilatação de certos fluidos e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e o trabalho dos médiuns aptos para isso, quando auxiliados por Espíritos amigos e benevolentes; enquanto que os fatos de transporte são múltiplos, complexos, exigem um concurso de circunstâncias especiais, não se podem operar senão por um único Espírito e um único médium e precisam, além das necessidades da tangibilidade, de uma combinação inteiramente particular, para isolar e tornar invisíveis o objeto ou os objetos a serem utilizados no transporte.

Todos vós, espíritas, compreendeis minhas explicações e entendeis, perfeitamente, essa concentração de fluidos especiais, para a locomoção e a tatilidade da matéria inerte; acreditais nisso, como também acreditais nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos medianímicos estão plenos de analogia e dos quais são, por assim dizer, a consagração e o desenvolvimento. Quanto aos incrédulos e aos sábios, piores que os incrédulos, não tenho de convencê-los e não me ocupo com eles; eles serão, um dia,

convencidos pela força da evidência, pois será necessário que se curvem diante do testemunho unânime dos fatos espíritas, como foram forçados a fazê-lo diante de tantos outros fatos que, inicialmente, haviam rejeitado.

Resumindo: se os fatos de tangibilidade são frequentes, os de transportes são muito raros, porque as condições para se produzirem são muito difíceis; consequentemente, nenhum médium pode dizer: a tal hora, em tal momento, obterei um fato de transporte, pois, frequentemente, o próprio Espírito encontra-se impedido de executar a tarefa. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque aí se encontram, quase sempre, elementos energicamente refratários, que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, a ação do médium. Tende, ao contrário, como certo que esses fenômenos se produzem, quase sempre, em particular, espontaneamente, na maioria das vezes à revelia dos médiuns, sem premeditação e, enfim, muito raramente, quando estes estão prevenidos. Daí, deveis concluir que há motivo legítimo de suspeição, todas as vezes que um médium se gaba de obtê-los à vontade, ou, por assim dizer, de dar ordens aos Espíritos como a empregados seus, o que é simplesmente absurdo. Tende ainda como regra geral que os fenômenos espíritas não se produzem, absolutamente, para dar espetáculos e divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a essa espécie de coisa, só pode ser para os fenômenos simples e, não, para aqueles que, como os transportes e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

Lembrai-vos, espíritas, de que, se é absurdo rejeitar, sistematicamente, todos os fenômenos de além-túmulo, também não é prudente aceitá-los todos às cegas. Quando um fenômeno de tangibilidade, de aparição, de visibilidade, ou de transporte ocorre, espontaneamente e de maneira instantânea, aceitai-o. Porém, nunca seria demasiado repeti-lo: nada aceiteis cegamente; que cada fato seja submetido a um exame minucioso, aprofundado e severo, pois, acreditai-o, o Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada tem a ganhar com essas pequenas manifestações que hábeis prestidigitadores podem imitar.

Sei muito bem o que ides dizer-me; é que esses fenômenos são úteis para convencer os incrédulos; mas, ficai sabendo que, se não tivésseis tido outros meios de convicção, não teríeis, hoje, a centésima parte dos espíritas que tendes. Falai ao coração; é assim que fareis maior número de conversões sérias. Se acreditais ser útil, para algumas pessoas, agir através dos fatos materiais, apresentai-os, pelo menos, em circunstâncias tais que eles não possam dar motivo a nenhuma falsa interpretação e, principalmente, não saiais das condições normais desses fatos, pois os fatos apresentados em más condições oferecem

argumentos aos incrédulos, em vez de convencê-los.”

Erasto

99. Este fenômeno oferece uma particularidade bastante singular; é que certos médiuns só o obtêm no estado sonambúlico, e isto facilmente se explica. Há, no sonâmbulo, um desligamento natural, uma espécie de isolamento do Espírito e do perispírito, que deve facilitar a combinação dos fluidos necessários. Este é o caso dos transportes de que fomos testemunha. As perguntas que se seguem foram dirigidas ao Espírito que os havia produzido, mas suas respostas se ressentem, às vezes, de sua insuficiência; nós as submetemos ao Espírito *Erasto*, muito mais esclarecido do ponto de vista teórico, que as completou, com observações muito judiciosas. Um é o artesão, o outro, o sábio, e a própria comparação dessas duas inteligências constitui um estudo instrutivo, porque prova que não basta ser Espírito para tudo compreender.

1ª) Quereis dizer-nos, por favor, por que os transportes que produzis só ocorrem durante o sono magnético do médium?

“Isto se deve à natureza do médium; os fatos que produzo, quando o meu está adormecido, eu poderia igualmente produzi-los com um outro médium no estado de vigília.”

2ª) Por que fazeis demorar tanto tempo o transporte dos objetos e por que excitais a cabeça do médium, aumentando-lhe o desejo de obter o objeto prometido?

“Este tempo me é necessário a fim de preparar os fluidos que servem para o transporte; quanto à excitação, muitas vezes é apenas para divertir as pessoas presentes, e a sonâmbula.

Observação de Erasto: O Espírito que respondeu não sabe muito mais do que isso; ele não percebe o motivo desse desejo que ele, instintivamente, estimula sem compreender-lhe o efeito; acredita divertir, ao passo que, na realidade, provoca, sem o suspeitar, uma emissão maior de fluido; é a consequência da dificuldade que o fenômeno apresenta, dificuldade sempre maior, quando ele não é espontâneo, principalmente com certos médiuns.

3ª) A produção do fenômeno se deve à natureza especial do médium e ele poderia produzir-se através de outros médiuns, com maior facilidade e rapidez?

“A produção se deve à natureza do médium e só pode produzir-se com naturezas correspondentes; quanto à rapidez, o hábito que adquirimos, comunicando-nos, frequentemente, com o mesmo médium, nos é de grande ajuda.”

4ª) A influência das pessoas presentes representa alguma coisa?

“Quando há incredulidade, oposição, podem muito nos incomodar; preferimos apresentar nossas provas aos crentes e às pessoas versadas no Espiritismo; mas, não quero dizer com isso que a má vontade poderia paralisar-nos completamente.”

5ª) Onde fostes pegar as flores e as balas que trouxestes?

“As flores, eu as pego nos jardins, onde me convenham.”

6ª) E as balas? O vendedor deve ter-lhes percebido a falta.

“Eu as pego onde quero; o vendedor não percebeu coisa alguma, porque coloquei outras no lugar.”

7ª) Mas, os anéis possuem valor; onde os pegastes? Será que isto não prejudicou aquele de quem os tomastes?

“Eu os tirei de lugares desconhecidos de todos e de maneira que ninguém pudesse sofrer qualquer prejuízo.”

Observação de Erasto: Creio que o fato foi explicado de maneira insuficiente, em razão da capacidade do Espírito que respondeu. Pode, sim, haver prejuízo real; mas o Espírito não quis passar por ter subtraído o que quer que fosse. Um objeto só pode ser substituído por um objeto idêntico, de mesma forma, de mesmo valor; por conseguinte, se um Espírito tivesse a faculdade de substituir, por um objeto semelhante, aquele que ele fosse pegar, não teria motivo para pegá-lo: deveria dar o que usar como substituto.

8ª) Será possível trazer flores de um outro planeta?

“Não, para mim não é possível.”

— (A Erasto) – Outros Espíritos teriam este poder?

“Não, isto não é possível, em razão da diferença dos meios ambientes.”

9ª) Poderíeis trazer flores de um outro hemisfério; dos trópicos, por exemplo?

“Desde que seja da Terra, eu posso.”

10ª) Os objetos que trouxestes, poderíeis fazê-los desaparecer e levá-los de novo?

“Assim como eu os fiz vir, posso levá-los, à minha vontade.”

11ª) A produção do fenômeno dos aportes vos causa alguma dificuldade, um embaraço qualquer?

“Ela não nos causa dificuldade alguma, quando temos permissão para tal; poderia causar-nos grandes embaraços, se quiséssemos produzir efeitos sem estarmos autorizados a isto.”

Observação de Erasto: Ele não quer admitir que lhe seja penosa, embora o seja realmente, já que é

forçado a realizar uma operação, por assim dizer, material.

12ª) Quais são as dificuldades que encontrais?

"Nenhuma outra, a não ser as más disposições fluídicas, que podem ser-nos contrárias."

13ª) Como trazeis o objeto: segurando-o com as mãos?

"Não, nós o envolvemos em nós."

Observação de Erasto: Ele não explica claramente sua operação, pois não envolve o objeto com sua própria personalidade; mas, como seu fluido pessoal é dilatável, penetrável e expansível, ele combina uma parte deste fluido com uma parte do fluido animalizado do médium e é nesta combinação que esconde e transporta o objeto do transporte em questão. Não é, portanto, exato dizer que o envolve em si mesmo.

14ª) Traríeis, com a mesma facilidade, um objeto de peso considerável, de 50 quilos, por exemplo?

"O peso nada representa para nós; trazemos flores, porque isto é mais agradável do que um objeto pesado e volumoso."

Observação de Erasto: Está correto; ele pode trazer objetos de cem ou duzentos quilos, pois a gravidade que existe para vós é anulada para ele; mas, ainda aqui, ele não percebe o que acontece. A massa de fluidos combinados é proporcional à massa dos objetos; numa palavra, a força deve ser proporcional à resistência; donde se segue que, se o Espírito traz apenas uma flor ou um objeto leve, é, muitas vezes, porque não encontra no médium, ou em si mesmo, os elementos necessários para um esforço mais considerável.

15ª) Algumas vezes, há desaparecimentos de objetos cuja causa é ignorada e seriam atribuídos aos Espíritos?

"Isto ocorre muito frequentemente; mais frequentemente do que imaginais, e poder-se-ia remediar isto, pedindo ao Espírito que trouxesse de volta o objeto desaparecido."

Observação de Erasto: É verdade; mas, às vezes, o que é retirado, é bem retirado, pois certos objetos que não são mais encontrados em casa são, muitas vezes, levados para bem longe. Entretanto, como o desaparecimento dos objetos exige quase as mesmas condições fluídicas que os transportes, ele só pode ocorrer com o concurso de médiuns dotados de faculdades especiais; é por isso que, quando algo desaparece, há mais probabilidade de que isto se deva ao vosso desleixo do que à ação dos Espíritos.

16ª) Haverá efeitos considerados como fenômenos naturais que sejam devidos à ação de certos Espíritos?

"Vossos dias estão repletos desses fatos que não compreendeis, porque não pensais neles, mas, um pouco de reflexão vos faria enxergar claramente."

Observação de Erasto: Não atribuais aos Espíritos o que é obra humana; porém, crede na sua influência oculta, constante, que faz surgir, em torno de vós, mil circunstâncias, mil incidentes necessários ao cumprimento de vossos atos, de vossa existência.

17ª) Entre os objetos trazidos, não haverá os que possam ser fabricados pelos Espíritos; isto é, produzidos espontaneamente pelas modificações a que os Espíritos podem submeter o fluido ou o elemento universal?

"Não por mim, pois não tenho permissão para isto; só um Espírito elevado pode fazê-lo."

18ª) Como é que, outro dia, introduzistes aqueles objetos no quarto, já que ele estava fechado?

"Eu os fiz entrar comigo, envolvidos, por assim dizer, na minha substância; quanto a vos dizer mais que isto, não posso, por não ser explicável."

19ª) Como fizestes para tornar visíveis estes objetos que, um instante antes, estavam invisíveis?

"Tirei a matéria que os envolvia."

Observação de Erasto: Não é a matéria propriamente dita que os envolve, mas um fluido tirado, metade, do perispírito do médium, metade, do Espírito que opera.

20ª) **(A Erasto)**: Um objeto pode ser trazido a um lugar perfeitamente fechado? Numa palavra: o Espírito pode espiritualizar um objeto material, de maneira que ele possa penetrar a matéria?

"Esta questão é complexa. Com relação aos objetos trazidos, o Espírito pode torná-los invisíveis, mas, não, penetráveis; ele não pode romper a agregação da matéria, o que seria a destruição do objeto. Tornado este objeto, invisível, ele pode levá-lo quando quiser e só liberá-lo no momento conveniente, para fazê-lo aparecer. Com relação àqueles que compomos, acontece diversamente; como apenas introduzimos os elementos da matéria, como esses elementos são essencialmente penetráveis e como nós mesmos penetramos e atravessamos os corpos mais condensados, com tanta facilidade quanto os raios solares atravessam as vidraças, podemos perfeitamente dizer que introduzimos o objeto num lugar, por mais fechado que esteja; mas é somente neste caso."

Nota: Ver adiante, quanto à teoria da formação espontânea dos objetos, o capítulo intitulado: *Laboratório do mundo invisível*.

CAPÍTULO VI

MANIFESTAÇÕES VISUAIS

Noções sobre as aparições. – Ensaio teórico sobre as aparições. – Espíritos glóbulos. – Teoria da alucinação

100. De todas as manifestações espíritas, as mais interessantes, sem dúvida alguma, são aquelas através das quais os Espíritos podem tornar-se visíveis. Pela explicação deste fenômeno, ver-se-á que ele não é mais sobrenatural do que os outros. Primeiramente, apresentamos as respostas dadas pelos Espíritos sobre este assunto:

1) Os Espíritos podem tornar-se visíveis?

"Sim, principalmente durante o sono; entretanto, algumas pessoas os veem também durante a vigília, mas isto é mais raro."

Observação: Enquanto o corpo descansa, o Espírito libera-se dos elos materiais; ele fica mais livre e pode mais facilmente ver os outros Espíritos com os quais estabelece comunicação. O sonho é apenas a recordação desse estado; quando de nada nos lembramos, dizemos que não sonhamos; a alma, porém, não deixou de ver e de gozar de sua liberdade. Nós nos ocupamos, aqui, mais especialmente, das aparições no estado de vigília. [10]

2) Os Espíritos que se manifestam à visão pertencem mais a uma classe do que a outra?

"Não; eles podem pertencer a todas as classes, às mais elevadas, como às mais inferiores."

3) Todos os Espíritos podem manifestar-se visivelmente?

"Todos o podem; mas, para isto, nem sempre têm a permissão ou a vontade."

4) Qual é o objetivo dos Espíritos que se manifestam visivelmente?

"Isto depende; conforme sua natureza, o objetivo pode ser bom ou mau."

5) Como esta permissão pode ser dada, quando o objetivo é mau?

"É, então, para experimentar aqueles aos quais eles aparecem. A intenção do Espírito pode ser má, mas o resultado pode ser bom."

6) Qual pode ser o objetivo dos Espíritos que têm má intenção, tornando-se visíveis?

“Assustar e, muitas vezes, vingar-se.”

— Qual o objetivo dos Espíritos que vêm com boa intenção?

“Consolar as pessoas que deles sentem saudades; provar que eles existem e estão perto de vós; dar conselhos e, algumas vezes, reclamar assistência para si mesmos.”

7) Que inconveniente haveria, se a possibilidade de ver os Espíritos fosse permanente e geral? Não seria um meio de tirar as dúvidas dos mais incrédulos?

“Estando o homem constantemente cercado de Espíritos, vê-los incessantemente o perturbaria, o incomodaria nas suas ações e lhe tiraria a iniciativa, na maioria dos casos, ao passo que, acreditando-se sozinho, age mais livremente. Quanto aos incrédulos, eles têm muitos meios para se convencerem, se quiserem tirar proveito destes e se não estiverem cegos pelo orgulho. Sabeis muito bem que há pessoas que têm visto e que nem por isso creem, já que dizem tratar-se de ilusões. Não vos preocupeis com essas pessoas; delas Deus se encarrega.”

Observação: Haveria tanto inconveniente em nos vermos constantemente em presença dos Espíritos quanto em vermos o ar que nos cerca, ou as miríades de animais microscópicos que pululam em torno de nós e sobre nós. Donde devemos concluir que o que Deus faz é bem feito e que Ele sabe melhor do que nós o que nos convém.

8) Se o fato de ver os Espíritos apresenta inconvenientes, por que isto é permitido, em certos casos?

“A fim de dar uma prova de que nem tudo morre com o corpo e de que a alma conserva sua individualidade depois da morte. Essa visão passageira basta para dar tal prova e atestar a presença de vossos amigos junto de vós; mas ela não apresenta os inconvenientes da visão permanente.”

9) Nos mundos mais adiantados que o nosso, veem-se os Espíritos com mais frequência?

“Quanto mais o homem se aproxima da natureza espiritual, mais facilmente estabelece comunicação com os Espíritos; é a grosseria do vosso envoltório que torna mais difícil e mais rara a percepção dos seres etéreos.”

10) Será racional assustarmo-nos com a aparição de um Espírito?

“Aquele que reflete deve compreender que um Espírito, qualquer que seja, é menos perigoso que um vivo. Os Espíritos, aliás, vão a toda parte e não temos a necessidade de vê-los para saber que podemos tê-los ao nosso lado. O Espírito

que quisesse prejudicar, poderia fazê-lo sem se fazer visível e até com mais segurança; ele não é perigoso porque é Espírito, mas pela influência que pode exercer sobre o pensamento, desviando do bem e impelindo ao mal.”

Observação: As pessoas que têm medo da solidão ou do escuro, raramente percebem a causa de seu pavor; elas não saberiam dizer de que têm medo; porém, certamente, deveriam temer muito mais encontrar homens do que Espíritos, pois um malfeitor é mais perigoso vivo, do que depois de sua morte. Uma senhora que conhecemos viu, uma noite, no seu quarto, uma aparição tão bem caracterizada, que acreditou na presença de alguém e sua primeira reação foi de terror. Tendo-se certificado de que não havia pessoa alguma, disse para si mesma: “Parece que *é apenas um Espírito*; posso dormir tranquila.”

11) Aquele a quem um Espírito aparecesse, poderia ter uma conversa com ele?

“Perfeitamente é isso mesmo o que se deve sempre fazer em caso semelhante, perguntando ao Espírito quem ele é, o que deseja e o que se pode fazer para lhe ser útil. Se o Espírito for infeliz e sofredor, a comiseração que se lhe testemunha o alivia; se for um Espírito benévolo, ele pode vir com a intenção de dar bons conselhos.”

— Como, neste caso, o Espírito pode responder?

“Algumas vezes ele o faz através de sons articulados, como o faria uma pessoa viva; com maior frequência, há transmissão de pensamentos.”

12) Os Espíritos que aparecem com asas, eles as têm realmente, ou essas asas possuem apenas uma aparência simbólica?

“Os Espíritos não possuem asas; não necessitam delas, já que, como Espíritos, podem transportar-se a toda parte. Eles aparecem da forma com que desejam impressionar a pessoa a quem se mostram: uns aparecerão com trajes comuns, outros, envoltos em tecidos, alguns, com asas, como atributo da categoria de Espíritos que eles representam.”

13) As pessoas que vemos em sonho são sempre aquelas que aparentam ser?

“Quase sempre são aquelas mesmas pessoas, que vosso Espírito vai encontrar, ou que vêm ao vosso encontro.”

14) Os Espíritos zombeteiros não poderiam tomar a aparência das pessoas que nos são caras, para nos induzir ao erro?

“Eles só tomam aparências fantásticas para se divertirem às vossas custas; mas, há coisas com as quais não lhes é permitido brincar.”

15) Sendo o pensamento uma espécie de evocação, compreen-de-se que provoque a presença do Espírito; porém, como é que frequentemente as pessoas em quem mais se pensa, que se deseja ardentemente rever, nunca se apresentam

em sonho, enquanto se veem pessoas indiferentes e nas quais nunca se pensa?

"Nem sempre os Espíritos têm a possibilidade de manifestar-se à visão, mesmo em sonho e apesar do desejo que se tenha de vê-los; causas independentes da vontade deles podem impedi-los disso. Frequentemente, é, também uma prova que o desejo mais ardente não consegue vencer. Quanto às pessoas indiferentes, se não pensais nelas, é possível que pensem em vós. Aliás, não podeis ter noção das relações do mundo dos Espíritos; vós ali encontrais uma multidão de conhecimentos íntimos, antigos ou recentes, de que, no estado de vigília, não fazeis a menor ideia."

Observação: Quando não existe meio algum de verificar as visões ou aparições, pode-se, sem dúvida, considerá-las alucinação; porém, quando são confirmadas pelos acontecimentos, não se poderia atribuí-las à imaginação. Tais são, por exemplo, as aparições, no momento de sua morte, em sonho ou no estado de vigília, de pessoas em quem não se pensa absolutamente e que, através de diversos sinais, vêm revelar as circunstâncias inteiramente inesperadas de seu fim. Têm-se visto cavalos empinarem e recusarem a avançar, face a aparições que assustam aqueles que os conduzem. Se a imaginação representa alguma coisa nos homens, certamente nada representa nos animais. Aliás, se as imagens que vemos em sonho fossem sempre um efeito das preocupações da véspera, nada explicaria por que acontece, muitas vezes, que nunca sonhemos com as coisas em que mais pensamos.

16) Por que certas visões são mais frequentes quando se está doente?

"Elas ocorrem igualmente no estado de perfeita saúde; mas, na doença, os laços materiais estão mais frouxos; a fraqueza do corpo dá mais liberdade ao Espírito, que mais facilmente estabelece comunicação com os outros Espíritos."

17) As aparições espontâneas parecem ser mais frequentes em certos países. Será que alguns povos são mais bem dotados do que outros para ter esta espécie de manifestações?

"E tendes o registro pormenorizado de cada aparição? As aparições, os ruídos todas as manifestações, enfim, estão igualmente difundidas por toda a Terra, mas apresentam caracteres distintos, de acordo com os povos nos quais se efetuam. Nuns, por exemplo, onde a escrita é pouco difundida, não há médiuns escreventes; noutros, eles são abundantes; em outros locais, com frequência, há mais ruí-dos e movimentos do que comunicações inteligentes, porque estas são menos apreciadas e procuradas."

18) Por que as aparições ocorrem de preferência à noite? Não seria um efeito do silêncio e da escuridão sobre a imaginação?

"É pela mesma razão que vedes, durante a noite, as estrelas que não enxergais em pleno dia. A grande claridade pode apagar uma aparição ligeira; mas é um erro acreditar que, neste caso, a noite represente alguma coisa.

Interrogai todos aqueles que tiveram visões e concluireis que a maioria as teve de dia.”

Observação: Os fatos de aparição são muito mais frequentes e mais gerais do que se imagina; mas, muita gente não os confessa, por medo do ridículo; outros os atribuem à ilusão. Se eles parecem mais numerosos em alguns povos, isto se deve ao fato de que aí se conservam, com mais cuidado, as tradições, verdadeiras ou falsas, quase sempre ampliadas graças à atração pelo maravilhoso, ao qual se presta, mais ou menos, o aspecto das localidades; a credulidade faz, então, que se vejam efeitos sobrenaturais nos fenômenos mais comuns: o silêncio da solidão, a escarpa dos barrancos, o sussurro da floresta, as rajadas da tempestade, o eco das montanhas, a forma fantástica das nuvens, as sombras, as miragens, tudo, enfim, se presta à ilusão para imaginações simples e ingênuas, que contam de boa-fé o que viram ou o que acreditaram ter visto. Mas, ao lado da ficção, há a realidade: é à abolição de todos os acessórios ridículos da superstição que o estudo sério do Espiritismo conduz.

19) A visão dos Espíritos se produz no estado normal, ou somente num estado extático?

“Ela pode ocorrer em condições perfeitamente normais; entretanto, as pessoas que os veem encontram-se, com bastante frequência, num estado particular, próximo do êxtase, que lhes dá uma espécie de dupla vista.” (*O Livro dos Espíritos*, questão 447.)

20) Aqueles que veem os Espíritos veem-nos através dos olhos?

“Eles assim o creem; mas, na realidade, é a alma quem vê e o que o prova é que podem vê-los, com os olhos fechados.”

21) Como o Espírito pode tornar-se visível?

“O princípio é o mesmo de todas as manifestações; ele se deve às propriedades do perispírito, que pode experimentar diversas modificações, à vontade do Espírito.”

22) O Espírito propriamente dito pode tornar-se visível, ou só o pode com o auxílio do perispírito?

“No vosso estado material, os Espíritos só podem manifestar-se com o auxílio de seu envoltório semimaterial; este é o intermediário, através do qual eles agem sobre vossos sentidos. É sob esse envoltório que eles aparecem, algumas vezes, com uma forma humana, ou qualquer outra, seja nos sonhos, seja, até mesmo, no estado de vigília, tanto na claridade, quanto no escuro.”

23) Poder-se-ia dizer que é pela condensação do fluido do perispírito que o Espírito torna-se visível?

“Condensação não é a palavra; isto é, antes, uma comparação que pode auxiliar-vos a compreender o fenômeno, pois não há, realmente, condensação.

Pela combinação dos fluidos, produz-se, no perispírito, uma disposição particular, que não tem analogia para vós e que o torna perceptível.”

24) Os Espíritos que aparecem são sempre impalpáveis e inacessíveis ao toque?

“Impalpáveis, como num sonho, no seu estado normal; todavia, eles podem produzir impressão ao tato, deixar vestígios de sua presença e até, em certos casos, tornar-se momentaneamente tangíveis, o que prova que, entre eles e vós, existe matéria.”

25) Todo o mundo tem aptidão para ver os Espíritos?

“Durante o sono, sim, mas, não, no estado de vigília. No sono, a alma vê sem intermediário; na vigília, ela se encontra sempre mais ou menos influenciada pelos órgãos: é por isso que as condições não são exatamente as mesmas.”

26) A que se deve a faculdade de ver os Espíritos, durante a vigília?

“Esta faculdade depende da organização física; ela se deve à faculdade maior ou menor que tem o fluido do vidente de combinar-se com o do Espírito. Assim, não basta ao Espírito querer mostrar-se; é preciso também que ele encontre, na pessoa a quem deseje fazer-se visível, a aptidão necessária.”

— Esta faculdade pode desenvolver-se pelo exercício?

“Ela o pode, como todas as outras faculdades; mas é uma daquelas cujo desenvolvimento natural é melhor aguardar, do que provocar, pelo risco de sobre-excitar a imaginação. A visão geral e permanente dos Espíritos é excepcional e não está nas condições normais do homem.”

27) Pode-se provocar a aparição dos Espíritos?

“Isto pode ocorrer, algumas vezes, mas muito raramente; a aparição é quase sempre espontânea. Para tal, é preciso ser dotado de uma faculdade especial.”

28) Os Espíritos podem tornar-se visíveis sob uma outra aparência que não a forma humana?

“A forma humana é a forma normal; o Espírito pode variar-lhe a aparência, mas é sempre o tipo humano.”

— Não podem manifestar-se sob a forma de chama?

“Eles podem produzir chamas, clarões, como quaisquer outros efeitos, para atestar sua presença; mas não se trata dos próprios Espíritos. A chama, frequentemente, é apenas uma miragem, ou uma emanação do perispírito; em todo caso, é apenas uma parte dele; o perispírito só aparece integralmente nas visões.”

29) O que se deve pensar da crença que atribui os fogos fátuos à presença de almas ou Espíritos?

"Superstição produzida pela ignorância. A causa física dos fogos fátuos é bem conhecida."

— A chama azul que apareceu, conforme dizem, sobre a cabeça de Sérvio Túlio, quando criança, é uma fábula, ou foi realidade?

"Foi real; ela foi produzida pelo Espírito familiar que queria dar um aviso àquela mãe, que, médium vidente, percebeu uma irradiação do Espírito protetor de seu filho. Nem todos os médiuns videntes veem no mesmo grau, assim como nem todos os vossos médiuns escreventes escrevem a mesma coisa. Enquanto que aquela mãe viu apenas uma chama, um outro médium poderia ter visto o próprio corpo do Espírito."

30) Os Espíritos poderiam apresentar-se sob a forma de animais?

"Isto pode acontecer; sempre, porém, apenas os Espíritos muito inferiores tomam essas aparências. Em todo caso, seria somente uma aparência momentânea, pois seria absurdo acreditar que qualquer animal verdadeiro pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais sempre são apenas animais e nada além disso."

Observação: Só a superstição pode fazer acreditar que certos animais são animados por Espíritos; é preciso uma imaginação muito complacente, ou muito impressionada, para ver algo de sobrenatural nas circunstâncias um pouco estranhas nas quais eles se apresentam algumas vezes; mas, frequentemente, o medo faz com que se veja o que não existe. O medo nem sempre é a fonte desta ideia; conhecemos uma senhora, muito inteligente, aliás, que amava desmedidamente um grande gato negro, porque acreditava que ele fosse de uma natureza *sobreanimal*; entretanto, ela nunca tinha ouvido falar do Espiritismo; se ela o tivesse conhecido, ele a teria feito compreender o ridículo da causa de sua predileção, provando-lhe a impossibilidade de semelhante metamorfose.

Ensaio teórico sobre as aparições

101. As manifestações aparentes mais comuns ocorrem durante o sono, através dos sonhos: são as visões. Não cabe, aqui, examinar todas as particulares que os sonhos podem apresentar; resumimos, dizendo que eles podem ser: uma visão atual das coisas presentes, ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. Frequentemente também, são quadros alegóricos que os Espíritos fazem passar diante dos nossos olhos, para nos dar avisos úteis e salutares conselhos, se forem bons Espíritos; ou para nos induzir ao erro e lisonjear nossas paixões, se forem Espíritos imperfeitos. A teoria que se segue aplica-se aos sonhos, como a todos os outros casos de aparições (ver *O Livro dos Espíritos*, questão 400 e seguintes).

Acreditaríamos que seria ofender o bom senso de nossos leitores, refutar o que há de absurdo e de ridículo naquilo que vulgarmente se chama de interpretação dos sonhos.

102. As aparições, propriamente ditas, ocorrem no estado de vigília e quando se está no gozo da plenitude e da inteira liberdade de suas faculdades. Geralmente, elas se apresentam sob uma forma vaporosa e diáfana, algumas vezes, vaga e imprecisa; com frequência, a princípio, elas são uma luz esbranquiçada cujos contornos desenham-se pouco a pouco. De outras vezes, as formas são nitidamente acentuadas e distinguem-se os menores traços do rosto, a ponto de se poder fazer dele uma descrição muito precisa. Os trejeitos, o aspecto, são semelhantes aos do Espírito, quando vivo.

Como pode tomar todas as aparências, o Espírito apresenta-se com a que melhor possibilite seu reconhecimento, se este for o seu desejo. Assim, embora, como Espírito, não tenha mais enfermidade corporal alguma, ele se mostrará estropiado, manco, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isto for necessário para constatar sua identidade. Esopo, por exemplo, como Espírito, não é disforme; mas, se o evocarem como Esopo, mesmo que tenha tido várias existências posteriores, ele aparecerá feio e corcunda, com o traje tradicional. Uma coisa notável é que, a menos que seja em circunstâncias especiais, as partes menos precisas são os membros inferiores, enquanto que a cabeça, o tronco, os braços e as mãos, têm sempre contornos nítidos: também quase nunca são vistos a caminhar, mas a deslizar, como sombras. Quanto à roupa, ela se compõe, mais comumente, de tecido drapeado que termina em longas pregas flutuantes; é, pelo menos, com uma cabeleira ondulada e graciosa, a aparência dos Espíritos que nada conservaram das coisas terrestres; os Espíritos comuns, porém, aqueles que conhecemos, geralmente apresentam os trajes que usavam no último período de sua existência. Frequentemente, possuem atributos característicos de sua elevação, como uma auréola, ou asas, para aqueles que podem ser considerados como anjos, enquanto que outros possuem aqueles que lembram suas ocupações terrestres: assim, um guerreiro poderá aparecer com sua armadura; um sábio, com livros; um assassino, com um punhal, etc. Os Espíritos superiores têm uma figura bela, nobre e serena; os mais inferiores, alguma coisa de selvagem e de bestial e, por vezes, trazem, ainda, as marcas dos crimes que cometeram, ou dos suplícios que suportaram. A questão do traje e de todos esses objetos acessórios é, talvez, a que mais espanta; nós a ela retornaremos num capítulo especial, porque ela se liga a outros fatos muito importantes.

103. Dissemos que a aparição tem algo de vaporoso; em certos casos, poder-

se-ia compará-la à imagem refletida num espelho sem aço e que, apesar de sua nitidez, não impede que se vejam, através dela, os objetos que se encontram por detrás. Geralmente, é assim que os médiuns videntes as percebem; eles as veem ir, vir, entrar num cômodo ou dele sair, circular entre a multidão dos vivos, conservando o ar, pelo menos os Espíritos comuns, de tomar parte ativa em tudo o que se faz em torno deles, de se interessar por aquilo, de escutar o que se diz. Muitas vezes, são vistos a se aproximar de uma pessoa, soprar-lhe ideias, influenciá-la, consolá-la, se são bons, ridicularizá-la, se são malignos, mostrar-se tristes ou contentes com os resultados que obtêm; numa palavra: dublês do mundo corporal. Assim é este mundo oculto que nos cerca, em cujo meio vivemos, sem o percebermos, como vivemos, e tampouco o percebemos, no meio das miríades do mundo microscópico. O microscópio nos revelou o mundo dos infinitivamente pequenos de que nós não suspeitávamos; o Espiritismo, auxiliado pelos médiuns videntes, nos revelou o mundo dos Espíritos, que também constitui uma das forças ativas da Natureza. Com o auxílio dos médiuns videntes, temos podido estudar o mundo invisível, começar a compreender seus hábitos, como um povo de cegos poderia estudar o mundo visível com a ajuda de alguns homens que gozassem da faculdade de ver. (Ver adiante, no capítulo referente aos médiuns, o artigo que trata dos médiuns videntes.)

104. O Espírito que quer ou pode aparecer reveste-se, algumas vezes, de uma forma mais nítida ainda, tendo todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de produzir uma ilusão completa e de fazer crer que se tem diante de si um ser corpóreo. Em alguns casos, finalmente, e sob o império de certas circunstâncias, a tangibilidade pode tornar-se real, quer dizer, que podemos tocar, apalpar, sentir a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, o que não o impede de se dissipar com a rapidez do relâmpago. Já não é mais com os olhos, então, que se lhe constata a presença, mas pelo tato. Se se podia atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação, a aparição simplesmente visual, a dúvida já não tem mais cabimento, quando se pode segurá-la, apalpá-la, quando ela própria vos segura e vos abraça. Os fatos de aparições tangíveis são os mais raros; mas, os que têm ocorrido nestes últimos tempos, pela influência de alguns médiuns de grande poder, [11] escudados na total autenticidade de testemunhos irrecusáveis, provam e explicam aqueles que a História relata a respeito de pessoas que se mostraram, depois de sua morte, com todas as aparências da realidade. Aliás, como já dissemos, por mais extraordinários que sejam semelhantes fenômenos, todo o maravilhoso desaparece, quando se conhece a maneira pela qual se produzem e quando se compreende que, longe de ser uma derrogação das leis da Natureza,

eles constituem apenas uma nova aplicação dessas leis.

105. Por sua natureza e no seu estado normal, o perispírito é invisível e tem isto de comum com uma imensidade de fluidos que sabemos existir e que, entretanto, nunca vimos; mas, assim como certos fluidos, ele também pode passar por modificações que o tornem perceptível à visão, seja através de uma espécie de condensação, seja através de uma mudança na disposição molecular; é, então, que ele nos aparece sob uma forma vaporosa. A condensação (não se deve tornar esta palavra ao pé da letra; nós só a empregamos por falta de outra e a título de comparação) a condensação, dizíamos, pode ser tal que o perispírito adquire as propriedades de um corpo sólido e tangível, mas pode, instantaneamente, retomar seu estado etéreo e invisível. Podemos perceber este efeito pelo do vapor, que pode passar da invisibilidade ao estado brumoso, depois líquido, depois sólido e vice-versa. Esses diferentes estados do perispírito são o resultado da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior como acontece com os nossos gases. Quando o Espírito nos aparece, é porque coloca seu perispírito no estado necessário para torná-lo visível; mas, para isso, sua vontade não basta, pois a modificação do perispírito opera-se pela sua combinação com o próprio fluido do médium; ora, esta combinação nem sempre é possível, o que explica por que a visibilidade dos Espíritos não é geral. Assim, não basta que o Espírito queira mostrar-se; também não basta que uma pessoa queira vê-lo; é preciso que os dois fluidos possam combinar-se, que haja entre eles uma espécie de afinidade; talvez, também, a emissão do fluido da pessoa seja bastante abundante para operar a transformação do perispírito e, provavelmente ainda, outras condições que nos são desconhecidas; é preciso, enfim, que o Espírito tenha a permissão para se fazer visto por tal pessoa, o que nem sempre lhe é concedido ou só o é em certas circunstâncias, por motivos que não podemos avaliar.

106. Uma outra propriedade do perispírito e que se deve à sua natureza etérea é a penetrabilidade. Nenhuma matéria lhe opõe obstáculo: ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. É por isso que não há tapumes que possam opor-se à entrada dos Espíritos; eles vão visitar o prisioneiro no seu cárcere, tão facilmente, quanto o homem que esteja em pleno campo.

107. As aparições no estado de vigília não são raras nem novas; elas sempre ocorreram em todos os tempos, a História relata um grande número delas; mas sem remontarmos tão distante, elas são muito frequentes nos nossos dias e muitas pessoas as têm visto e, no primeiro momento, tomaram-nas pelo que se convencionou chamar de alucinações. Elas são frequentes, principalmente, nos

casos de morte de pessoas ausentes que vêm visitar seus parentes ou amigos. Muitas vezes, elas não têm objetivo bem determinado, mas pode-se dizer que, em geral, os espíritos que aparecem, assim, são atraídos pela simpatia. Que cada um queira interrogar suas lembranças e ver-se-á que há poucas pessoas que não tenham conhecido alguns fatos desse gênero cuja autenticidade não poderia ser posta em dúvida.

108. Acrescentaremos às considerações precedentes o exame de alguns efeitos de ótica que deram motivo para o singular sistema dos *Espíritos glóbulos*.

O ar nem sempre é de uma limpidez absoluta e há certas circunstâncias em que as correntes das moléculas aeriformes e sua agitação produzida pelo calor são perfeitamente visíveis. Algumas pessoas tomaram isto por aglomerações de Espíritos que se agitam no espaço; basta assinalar esta opinião para refutá-la. Porém, eis um outro gênero de ilusão não menos estranha contra a qual é bom, igualmente, estar precavido.

O humor aquoso do olho apresenta pontos quase imperceptíveis que perderam algo de sua transparência. Esses pontos são como corpos opacos em suspensão no líquido, cujos movimentos eles acompanham. Eles produzem no ar ambiente e a distância, por efeito do aumento e da refração, a aparência de pequenos discos que variam de um a dez milímetros de diâmetro e que parecem nadar na atmosfera. Vimos pessoas tomarem esses discos por Espíritos que as seguiam e as acompanhavam por toda a parte e, no seu entusiasmo, tomarem como figuras os matizes da irisação, o que é quase tão racional quanto ver uma figura na Lua. Uma simples observação, fornecida por essas mesmas pessoas, vai reconduzi-las ao terreno da realidade.

Esses discos ou medalhões, dizem elas, não apenas as acompanham, mas seguem todos os seus movimentos; vão à direita, à esquerda, para cima, para baixo, ou param, de acordo com o movimento da cabeça. Isto nada tem de surpreendente; já que a sede da aparência está no globo do olho, ela deve seguir-lhe os movimentos. Se fossem Espíritos, seria preciso convir que estariam restritos a um papel mecânico demais para seres inteligentes e livres; papel bem fastidioso, mesmo para Espíritos inferiores, com muito mais razão, portanto, incompatível com a ideia que fazemos dos Espíritos superiores. Alguns, é verdade, tomam por maus Espíritos os pontos negros ou moscas amauróticas. Esses discos, assim como as manchas negras, possuem um movimento ondulatório que nunca se afasta da amplitude de um certo ângulo e, o que aumenta a ilusão, é que eles não acompanham, bruscamente, os movimentos da linha visual. A razão disso é bem simples. Os pontos opacos do humor aquoso,

primeira causa do fenômeno, são, já dissemos, mantidos em suspensão e têm sempre uma tendência a descer; quando sobem, é porque a isso foram solicitados pelo movimento do olho de baixo para cima; mas, tendo chegado a uma certa altura, se fixarmos o olho, vemos os discos descerem por si mesmos, depois pararem. A mobilidade deles é extrema, porque basta um movimento imperceptível do olho para fazê-los mudar de direção e percorrer, rapidamente, toda a amplitude do arco no espaço, onde se produz a imagem. Enquanto não for provado que uma imagem possui um movimento próprio, espontâneo e inteligente, não se poderá ver no fato senão um simples fenômeno ótico ou fisiológico.

Ocorre o mesmo com as centelhas que se produzem, algumas vezes, em feixes ou em maços, mais ou menos compactos, pela contração dos músculos do olho e que são devidas, provavelmente, à eletricidade fosforescente da íris, visto que elas são, geralmente, circunscritas à circunferência do disco deste órgão.

Semelhantes ilusões só podem ser o resultado de uma observação incompleta. Quem quer que tenha seriamente estudado a natureza dos Espíritos, por todos os meios que a ciência prática oferece, compreenderá tudo o que elas têm de pueril. Da mesma forma que combatemos as teorias aventureiras, através das quais atacam as manifestações, quando essas teorias estão baseadas na ignorância dos fatos, assim, também, devemos procurar destruir as ideias falsas que provam mais entusiasmo do que reflexão e que, por isso mesmo, produzem mais mal do que bem junto aos incrédulos, já tão dispostos a buscar o lado ridículo.

109. O perispírito, como se vê, é o princípio de todas as manifestações; seu conhecimento deu a chave de uma imensidade de fenômenos; ele permitiu dar um grande passo à ciência espírita, fazendo-a entrar num caminho novo, tirando-lhe todo caráter de maravilhoso. Através dos próprios Espíritos, pois notai bem que foram eles mesmos que nos indicaram o caminho, encontramos a explicação da ação do Espírito sobre a matéria, do movimento dos corpos inertes, dos ruídos e das aparições. Aí encontramos, também, a de vários outros fenômenos que nos restam a examinar, antes de passar ao estudo das comunicações propriamente ditas. Tanto melhor nós as compreenderemos, quanto melhor percebermos as causas primeiras. Se se compreende bem este princípio, facilmente far-se-á, por si mesmo, a aplicação aos diversos fatos que poderão apresentar-se ao observador.

110. Estamos longe de considerar a teoria que apresentamos como absoluta e como sendo a última palavra; ela será, certamente, completada ou retificada,

mais tarde, por novos estudos, mas por mais incompleta ou imperfeita que ela seja ainda hoje, ela pode ajudar a compreender a possibilidade dos fatos através das causas que nada têm de sobrenatural; se é uma hipótese, não se pode, entretanto, recusar-lhe o mérito da racionalidade e da probabilidade e ela é melhor do que todas as explicações que os negadores oferecem para provar que tudo não passa de ilusão, fantasmagoria e subterfúgio nos fenômenos espíritas.

Teoria da alucinação

111. Aqueles que não admitem o mundo incorpóreo e invisível acreditam tudo explicar com a palavra *alucinação*. A definição desta palavra é conhecida; é um erro, uma ilusão de uma pessoa que acredita ter percepções que ela, realmente, não tem. (Origina-se do latim *hallucinari*, errar, que vem de *ad lucem*); mas os sábios não apresentaram ainda, que nós saibamos, a razão fisiológica desse fato.

A ótica e a fisiologia parecem não ter mais segredos para eles; como é, então, que eles ainda não explicaram a natureza e a origem das imagens que se mostram ao Espírito em certas circunstâncias?

Eles querem tudo explicar pelas leis da matéria, seja: que eles forneçam, então, através dessas leis, uma teoria da alucinação, boa ou má; será sempre uma explicação.

112. A causa dos sonhos nunca foi explicada pela Ciência; ela os atribui a um efeito da imaginação; mas ela não nos diz o que é a imaginação, nem como ela produz essas imagens tão claras e tão nítidas que nos aparecem, algumas vezes; isto significa explicar uma coisa que não é conhecida, por outra que é menos conhecida ainda; a questão permanece, portanto, a mesma. É, dizem, uma lembrança das preocupações da véspera; mas admitindo mesmo esta solução, que é apenas uma, restaria ainda saber que espelho mágico é este que conserva, assim, a marca das coisas; como explicar, principalmente, essas visões de coisas reais que nunca foram vistas no estado de vigília e nas quais, até, nunca se pensou? Só o Espiritismo podia nos dar a chave desse fenômeno estranho, que passa despercebido por causa de sua própria vulgaridade, como todas as maravilhas da Natureza, que calcamos debaixo de nossos pés.

Os sábios desdenharam de se ocupar com a alucinação; seja ela real ou não, não deixa de ser um fenômeno que a fisiologia deva poder explicar, sob pena de confessar sua insuficiência. Se, um dia, um sábio tentar dar-lhe, não uma definição, entendamos bem, mas uma explicação fisiológica, veremos se sua teoria resolve todos os casos; que ele não omita, principalmente, os fatos tão comuns de aparições de pessoas, no momento de sua morte; que ele diga de onde

vem a coincidência da aparição com a morte da pessoa? Se fosse um fato isolado, poder-se-ia atribuí-lo ao acaso; mas como ele é muito frequente, o acaso não tem dessas recidivas. Se, ainda, aquele que vê a aparição tivesse a imaginação despertada pela ideia de que a pessoa deve morrer, vá lá, mas a que aparece é, com frequência, aquela em que menos se pensa, portanto, a imaginação aí nada representa. Pode-se explicar, ainda menos através da imaginação, as circunstâncias da morte de quem nem se pensa. Os alucinacionistas dirão que a alma (se é que admitem uma alma) tem momentos de sobre-excitação em que suas faculdades ficam exaltadas? Estamos de acordo; mas, quando o que ela vê é real, não há, portanto, ilusão. Se, na sua exaltação, a alma vê uma coisa que não está presente, é que, então, ela se transporta; mas se nossa alma pode transportar-se para junto de uma pessoa ausente, por que a alma dessa pessoa não se transportaria para junto de nós? Que, na sua teoria da alucinação, dignem-se a considerar esses fatos e não se esqueçam de que uma teoria a que se podem opor fatos contrários é, necessariamente, falsa ou incompleta.

Aguardando sua explicação, vamos tentar emitir algumas ideias sobre este assunto.

113. Os fatos provam que há aparições verdadeiras, que a teoria espírita explica perfeitamente e que só podem negar aqueles que nada admitem fora do organismo; porém, ao lado das visões reais, há alucinações no sentido dado a essa palavra? Não há dúvida. Qual a origem delas? Serão os Espíritos que vão nos esclarecer, pois a explicação nos parece estar toda contida nas respostas dadas às seguintes questões:

a) As visões são sempre reais e não serão, algumas vezes, o efeito da alucinação? Quando se vê, em sonho, ou de outra maneira, o diabo, por exemplo, ou outras coisas fantásticas, que não existem, não será um produto da imaginação?

“Sim, algumas vezes, quando se é despertado por certas leituras ou por histórias de sortilégios que impressionam, ou quando se lembra e se acredita ver o que não existe. Mas também dissemos que o Espírito, sob seu envoltório semimaterial, pode tomar todas as espécies de formas para manifestar-se. Um Espírito zombeteiro pode, portanto, aparecer com chifres e garras, se isto o agradar, para divertir-se com a credulidade, como um bom Espírito pode mostrar-se com asas e uma figura radiosa.”

b) Pode-se considerar como aparições as figuras e outras imagens que se

apresentam, muitas vezes, no estado de torpor, ou simplesmente quando se fecha os olhos?

"Desde que os sentidos se entorpecem, o Espírito desliga-se e pode ver de longe ou de perto o que ele não poderia ver com os olhos. Essas imagens são, muitas vezes, visões, mas elas podem ser, também, um efeito das impressões que a visão de certos objetos deixou no cérebro que, nele, conserva traços, como conserva os dos sons. O Espírito liberto vê, então, no seu próprio cérebro essas marcas que nele se fixaram, como sobre um chapa daguerreótipica. Sua variedade e sua mistura formam conjuntos estranhos e fugidios que se apagam, quase imediatamente, apesar dos esforços que se fazem para retê-los. É a uma causa semelhante e que se devem atribuir certas aparições fantásticas que nada têm de real e que se produzem, muitas vezes, no estado de enfermidade."

É sabido que a memória é o resultado das marcas conservadas pelo cérebro; através de que singular fenômeno essas marcas tão variadas, tão múltiplas, não se confundem? Aí está um mistério impenetrável, mas que não é mais estranho do que o das ondulações sonoras que se cruzam no ar e que não deixam de se conservar distintas. Num cérebro são e bem organizado, essas marcas são nítidas e precisas; num estado menos favorável, elas se apagam e se confundem; daí, a perda da memória ou a confusão das ideias. Isto parece ainda menos extraordinário se se admite, como na frenologia, uma destinação especial para cada parte e, até, para cada fibra do cérebro.

As imagens que chegam ao cérebro, através dos olhos, aí deixam, portanto, uma marca, que faz com que se lembre de um quadro como se o tivesse diante de si, mas é sempre apenas uma questão de memória, pois não o veem; ora, num certo estado de emancipação, a alma vê no cérebro e, ali, encontra essas imagens, principalmente aquelas que mais a chocaram, conforme a natureza das preocupações ou disposições de espírito; é assim que ela lá encontra a marca de cenas religiosas, diabólicas, dramáticas, mundanas, figuras de animais estranhos, que ela viu, numa outra época, em pinturas ou, até, em narrativas, pois as narrativas também deixam marcas. Assim, a alma vê realmente, mas ela vê apenas uma imagem dagueriotipada no cérebro. No estado normal, essas imagens são fugidias e efêmeras, porque todas as partes cerebrais funcionam livremente; porém, no estado de enfermidade, o cérebro está sempre mais ou menos enfraquecido, não existe equilíbrio entre todos os órgãos, alguns somente conservam sua atividade, enquanto que outros estão, de alguma forma, paralisados; daí, a permanência de certas imagens que não são mais apagadas, como no estado normal, pelas preocupações da vida exterior. Aí está a

verdadeira alucinação e a causa primeira das ideias fixas.

Como se vê, explicamos esta anomalia por uma lei inteiramente fisiológica, bem conhecida, a das impressões cerebrais; mas sempre nos foi necessário fazer intervir a alma; ora, se os materialistas ainda não puderam dar uma solução satisfatória deste fenômeno, é que eles não querem admitir a alma; também dirão que nossa explicação é ruim, porque colocamos como princípio o que é contestado. Contestado por quem? Por eles, mas admitidos pela imensa maioria, desde que houve homens na Terra; e a negação de alguns não pode constituir a lei.

Nossa explicação é boa? Nós a damos pelo que ela possa valer, na falta de outra e, se quiserem, a título de simples hipótese, aguardando outra melhor. Assim como ela é, dá razão a todos os casos de visão? Certamente, não; e desafiamos todos fisiologistas a apresentar uma única, do seu ponto de vista exclusivo, que os resolva todos; pois, quando pronunciaram suas palavras sacramentais de sobre-excitação e de exaltação, eles nada disseram; portanto, se todas as teorias de alucinação são insuficientes para explicar todos os fatos, é que há outra coisa além da alucinação propriamente dita. Nossa teoria seria falsa, se nós a aplicássemos a todos os casos de visão, porque haveria quem viesse contradizê-la; ela pode estar certa, se se restringe a alguns efeitos.

CAPÍTULO VII

BICORPOREIDADE E TRANSFIGURAÇÃO

Aparição do espírito dos vivos. – Homens duplos. – Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua. – Vespasiano. – Transfiguração. Invisibilidade

114. Estes dois fenômenos constituem variedades do das manifestações visuais e, por mais maravilhosos que eles possam parecer, à primeira vista, facilmente se reconhecerá, pela explicação que deles pode ser dada, de que eles não saem da ordem dos fenômenos naturais. Ambos se fundamentam neste princípio de que tudo o que foi dito sobre as propriedades do perispírito, depois da morte, aplica-se ao perispírito dos vivos. Sabemos que, durante o sono o Espírito recobra, em parte, sua liberdade, isto é, que ele se isola do corpo e é nesse estado que tivemos inúmeras vezes ocasião de observá-lo. Mas o Espírito, esteja o homem morto ou vivo, sempre tem seu envoltório semimaterial que, pelas mesmas causas que já descrevemos, pode adquirir a visibilidade e a tangibilidade. Fatos muito positivos não podem deixar dúvida alguma a esse respeito; citaremos apenas alguns exemplos, que são de nosso conhecimento pessoal e cuja exatidão podemos garantir; e, consultando suas lembranças, todos poderão recolher outros análogos.

115. A mulher de um de nossos amigos viu, várias vezes, durante a noite, entrar no seu quarto, tivesse ou não luz, uma vendedora de frutas dos arredores, que ela conhecia de vista, mas a quem nunca havia falado. Esta aparição causou-lhe um pavor, tanto maior porque, nesta época, esta senhora não possuía conhecimento algum do Espiritismo e, porque, este fenômeno repetiu-se com muita frequência. Ora, a vendedora estava perfeitamente viva e dormia, provavelmente, àquela hora; enquanto seu corpo material estava em sua casa, seu Espírito e seu corpo fluídico estavam na casa desta senhora; por que motivo? É o que não se sabe. Em caso semelhante, um espírita, iniciado nessas espécies de coisas, ter-lhe-ia perguntado, mas ela nenhuma ideia tinha daquilo. Todas as vezes que a aparição desaparecia, sem que ela soubesse como e, todas as vezes

também,depois do seu desaparecimento, ela foi certificar-se de que todas as portas estavam perfeitamente fechadas e de que ninguém teria podido introduzir-se no seu aposento. Esta precaução provou-lhe que ela se encontrava bem acordada e que não era o joguete de um sonho. De outras vezes, ela viu, da mesma maneira, um homem que ela não conhecia; mas, um dia, ela viu seu irmão que se encontrava, então, na Califórnia; ele tinha tanto a aparência de uma pessoa real, que, no primeiro momento, ela acreditou no retorno dele e quis dirigir-lhe a palavra, mas ele desapareceu sem lhe dar tempo para isso. Uma carta recebida, posteriormente, provou-lhe que ele não estava morto. Esta senhora era o que se pode chamar de médium vidente natural, mas, naquela época, como já o dissemos, ela nunca tinha ouvido falar em médiuns.

116. Uma outra senhora que mora na província, estando gravemente enferma, viu uma noite, por volta das dez horas, um senhor idoso, que residia na mesma cidade e que ela via, algumas vezes, na sociedade, mas sem nenhuma relação de intimidade. Este senhor estava sentado numa poltrona ao pé de sua cama e, de tempos em tempos, pegava uma pitada de rapé; parecia vigiá-la. Surpresa com esta visita a semelhante hora, quis perguntar-lhe o motivo da visita, mas o senhor fez sinal para que não falasse e que dormisse; por várias vezes ela quis dirigir-lhe a palavra e, todas as vezes, a mesma recomendação. Ela acabou adormecendo. Alguns dias depois disso, estando restabelecida, recebeu a visita deste mesmo senhor, porém, numa hora mais conveniente e, desta vez, era ele mesmo; usava a mesma roupa, a mesma caixa de rapé e os modos eram exatamente os mesmos. Convencida de que ele a visitara durante sua enfermidade, agradeceu-lhe o trabalho a que se dera. O senhor, muito surpreso, disse-lhe que há bastante tempo não tinha a satisfação de vê-la. A senhora, que conhecia os fenômenos espíritas, compreendeu o que acontecera; porém, não querendo explicar isto a ele, contentou-se em dizer-lhe que, provavelmente, ela havia sonhado.

É o que é provável, dirão os incrédulos, os espíritos fortes, o que, para eles, é sinônimo de pessoas inteligentes; mas é certo que esta senhora não dormia, absolutamente, assim como a precedente. — É que, então, ela sonhava acordada; ou tivera uma alucinação. — Aí está a palavra-trunfo, a explicação universal de tudo o que não se compreende. Como já refutamos suficientemente esta objeção, prosseguiremos, dirigindo-nos àqueles que podem nos compreender.

117. Entretanto, aqui está um outro fato mais característico e ficaríamos curiosos para ver como poderiam explicá-lo, unicamente, pelo jogo da imaginação.

Um senhor que morava na província, jamais quis se casar, apesar das solicitações da família. Insistiram, notadamente, em favor de uma pessoa que residia numa cidade vizinha e que ele nunca tinha visto. Um dia, estando no seu quarto, ficou todo espantado de ver-se na presença de uma jovem, vestida de branco, com a cabeça enfeitada por uma coroa de flores. Ela lhe disse que era sua noiva, estendeu-lhe a mão, que ele tomou na sua e na qual ele viu um anel. Ao final de alguns instantes, tudo desapareceu. Surpreso com esta aparição e tendo-se assegurado de que se encontrava bem acordado, informou-se se alguém teria vindo ali, durante o dia; mas disseram-lhe que não viram pessoa alguma. Um ano depois, cedendo a novas solicitações de uma parente, ele decidiu ir ver aquela que lhe propunham. Chegou o dia de Corpus Christi; voltavam da procissão e uma das primeiras pessoas a se apresentar à sua vista, ao entrar em casa, foi uma moça que ele reconheceu como aquela que lhe aparecera; ela estava vestida da mesma forma, pois o dia da aparição era também o de Corpus-Christi. Ele ficou atônito e, de seu lado, a moça soltou um grito de surpresa e sentiu-se mal. Tendo voltado a si, disse que ela já tinha visto este senhor em dia semelhante, no ano anterior. A casamento realizou-se. Era por volta de 1835; nessa época, não se cogitava de Espíritos e, além disso, ambos são pessoas de um positivismo extremo e da imaginação menos exaltada que possa existir no mundo.

Dirão, talvez, que ambos tinham o espírito tocado pela ideia de união proposta e que, esta preocupação, determinou uma alucinação; mas não se deve esquecer que o marido era tão indiferente a isso, que levou um ano sem ir ver sua pretendida. Ainda que se admita esta hipótese, faltaria explicar a dupla aparição, a coincidência do traje com o dia de Corpus-Christi e, finalmente, o reconhecimento físico entre pessoas que nunca se viram, circunstâncias que não podem ser o produto da imaginação.

118. Antes de ir mais adiante, devemos responder, imediatamente, a uma pergunta que não deixará de ser feita: é de se saber como o corpo pode viver, enquanto o Espírito está ausente? Poderíamos dizer que o corpo pode viver da vida orgânica, que é independente da presença do Espírito e a prova disto é que as plantas vivem e não têm Espírito; mas devemos acrescentar que, durante a vida, o Espírito nunca está completamente separado do corpo. Os Espíritos reconhecem, assim como certos médiuns videntes, o Espírito de uma pessoa viva por um rastro luminoso que termina no seu corpo, fenômeno que nunca ocorre quando o corpo está morto, porque, então, a separação é completa. É através desta comunicação que o Espírito é instantaneamente advertido, qualquer que

seja a distância, da necessidade que o corpo pode ter de sua presença e, então, a ele retorna com a rapidez de um relâmpago. Daí resulta que o corpo jamais pode morrer durante a ausência do Espírito e que jamais pode acontecer que este, no seu retorno, encontre a porta fechada, assim como dizem alguns romancistas nas histórias feitas para distrair. (*O Livro dos Espíritos*, questão 400 e seguintes.)

119. Retornemos ao nosso assunto. O Espírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, pode aparecer como de uma pessoa morta e ter todas as aparências da realidade; além disso, pelas mesmas causas que temos explicado, ele pode adquirir uma tangibilidade momentânea. É este fenômeno, designado sob o nome de *bicorporeidade*, que deu lugar às histórias dos homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea foi constatada em dois lugares diferentes. Aqui estão dois exemplos, tirados, não das lendas populares, mas da história eclesiástica.

Santo Afonso de Liguori foi canonizado, antes do tempo prescrito, por se ter mostrado, simultaneamente, em dois lugares diferentes, o que passou por um milagre.

Santo Antônio de Pádua estava na Espanha e, enquanto ele pregava, seu pai, que estava em Pádua, ia ser supliciado, acusado de um assassinato. Neste momento, Santo Antônio aparece, demonstra a inocência de seu pai e apresenta o verdadeiro criminoso que, mais tarde, sofreu o castigo. Naquele momento, constatou-se que Santo Antônio não havia deixado a Espanha.

Tendo sido evocado e interrogado por nós sobre o fato acima, eis as respostas que deu Santo Afonso:

1) Poderíeis nos dar a explicação deste fenômeno?

"Sim: o homem, quando está completamente desmaterializado, por suas virtudes, quando elevou sua alma a Deus, pode aparecer em dois lugares, ao mesmo tempo, eis como: o Espírito encarnado, sentindo vir o sono, pode pedir a Deus para transportar-se para um lugar qualquer. Seu Espírito, ou sua alma, como quiserdes chamá-lo, abandona, então, o corpo, acompanhado de uma *parte* de seu perispírito e deixa a matéria imunda num estado próximo ao da morte. Digo *próximo* da morte, porque, no corpo, restou um elo que liga o perispírito e a alma à matéria e, este elo, não pode ser definido. O corpo aparece, então, no lugar desejado. Creio que é tudo o que desejais saber."

2) Isto não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.

"Estando desligado da matéria, conforme o seu grau de elevação, o Espírito

pode tornar-se tangível à matéria.”

3) Será indispensável o sono do corpo para que o Espírito apareça em outros lugares?

“A alma pode dividir-se, quando se sente levada para um lugar diferente daquele em que o corpo se encontra. Pode acontecer que o corpo não durma, embora isto seja muito raro, mas, então, o corpo nunca estará num estado perfeitamente normal, estará sempre num estado mais ou menos extático.”

Nota: A alma não se divide, no sentido literal da palavra; ela irradia para diferentes lados e pode, assim, manifestar-se em vários pontos, sem ser fracionada; acontece o mesmo com uma luz que pode, simultaneamente, refletir-se em vários espelhos.

4) O que aconteceria com o homem que, estando mergulhado no sono, enquanto seu Espírito aparece em outro lugar, fosse despertado subitamente?

“Isto não aconteceria, porque se alguém tivesse a intenção de despertá-lo, o Espírito retornaria para o corpo e preveniria a intenção, visto que o Espírito lê o pensamento.”

Uma explicação inteiramente idêntica nos foi dada, várias vezes, pelos Espíritos de pessoas mortas ou vivas. Santo Afonso explica o fato da dupla presença, mas não da teoria da visibilidade e da tangibilidade.

120. Tácito relata um fato análogo:

Durante os meses que Vespasiano passou na Alexandria, aguardando o retorno periódico dos ventos de verão e a estação em que o mar se torna mais seguro, vários prodígios aconteceram, através dos quais manifestou-se a proteção do céu e o interesse que os deuses pareciam ter por este príncipe...

Esses prodígios redobraram em Vespasiano o desejo de visitar a morada sagrada do deus, para consultá-lo a respeito do império. Ele ordena que o templo seja fechado a todo o mundo; ele próprio, tendo entrado e atento ao que ia pronunciar o oráculo, percebeu atrás de si, um dos importantes egípcios, chamado Basilide, que ele sabia estar retido, enfermo, há vários dias de Alexandria. Ele se informa com os sacerdotes se Basilide viera, aquele dia, ao templo; pergunta aos transeuntes se o viram na cidade; finalmente, ele envia homens a cavalo e assegura-se de que, naquele mesmo momento, ele estava a oitenta milhas de distância. Então, não duvidou mais que a visão fosse sobrenatural e o nome de Basilide valeu-lhe por um oráculo. (Tácito, *Histórias*, livr. IV, cap. LXXXI e LXXXII. Tradução de Burnouf.)

121. O indivíduo que se mostra, simultaneamente, em dois lugares diferentes possui, portanto, dois corpos; porém, desses dois corpos, só um é real, o outro é

apenas uma aparência; pode-se dizer que o primeiro possui a vida orgânica e que o segundo tem a vida da alma; ao despertar, os dois corpos se reúnem e a vida da alma volta ao corpo material. Não parece possível, pelo menos não temos exemplo algum e a razão parece demonstrá-lo, que no estado de separação, os dois corpos possam gozar, simultaneamente e, no mesmo grau, da vida ativa e inteligente. Além disso, ressalta do que acabamos de dizer que o corpo real não poderia morrer, enquanto que o corpo aparente permaneceria visível: a aproximação da morte atraindo sempre o Espírito para o corpo, ainda que por um instante. Daí resulta, igualmente, que o corpo aparente não poderia ser morto, porque não é orgânico e porque não é formado de carne e osso; ele desapareceria, no momento em que o quisessem matar. [12]

122. Passemos ao segundo fenômeno: o da *transfiguração*. Ele consiste na mudança do aspecto de um corpo vivo. Eis, a este respeito, um fato cuja perfeita autenticidade podemos garantir e que ocorreu nos anos de 1858 e 1859, nos arredores de Saint-Etienne. Uma jovem de quinze anos gozava da singular faculdade de transfigurar-se, isto é, de tomar, em dados momentos, todas as aparências de certas pessoas mortas; a ilusão era tão completa, que acreditava-se ter diante de si a pessoa, tão semelhantes eram os traços do rosto, o olhar, o som da voz e até o modo de falar. Este fenômeno repetiu-se centenas de vezes, sem que a vontade da jovem tomasse parte alguma. Ela tomou, várias vezes, a aparência de seu irmão, falecido alguns anos antes; ela reproduzia-lhe não somente o semblante, mas a altura e o volume do corpo. Um médico da região, inúmeras vezes testemunha desses efeitos estranhos e, querendo certificar-se de que não era o joguete de uma ilusão, fez a seguinte experiência. Soubemos dos fatos por ele mesmo, pelo pai da jovem e de várias outras testemunhas oculares muito honradas e dignas de crédito. Ele teve a ideia de pesar a moça, no seu estado normal, depois, no de transfiguração, quando apresentava a aparência de seu irmão de vinte e poucos anos e que era mais alto e mais forte que ela. Pois bem! Verificou-se que neste ultimo estado, o peso era quase o dobro. A experiência era concludente e impossível seria atribuir esta aparência a uma simples ilusão de ótica. Tentemos explicar este fato, que, em outros tempos, teria sido considerado milagre e que chamamos, muito simplesmente, de fenômeno.

123. A transfiguração, em certos casos, pode ter como causa uma simples contração muscular, que pode dar à fisionomia uma expressão completamente diferente, ao ponto de tornar a pessoa quase irreconhecível. Temo-lo observado em alguns sonâmbulos, mas, neste caso, a transformação não é radical; uma mulher poderá parecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre uma

mulher e seu peso, sobretudo, não aumentará nem diminuirá. No caso de que se trata, é bem evidente que há algo além; a teoria do perispírito vai nos indicar o caminho.

Admite-se, em princípio, que o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências; que, por uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, por conseguinte, a *opacidade*; que o perispírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, pode experimentar as mesmas transformações; que esta mudança de estado opera-se pela combinação dos fluidos. Imaginemos, agora, o perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas irradiando em torno do corpo de maneira a envolvê-lo como numa espécie de vapor; neste estado, ele pode sofrer as mesmas modificações, como se estivesse separado; se ele perde a sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível e ficar velado, como se estivesse mergulhado numa bruma. Ele poderá até mudar de aspecto, tornar-se brilhante, se esta for a vontade ou o poder do Espírito. Um outro Espírito, combinando seu próprio fluido com o do primeiro, pode substituir-lhe a sua própria aparência; de tal maneira que o corpo real desapareça sob um envoltório fluídico exterior, cuja aparência pode variar à vontade do Espírito. Esta parece ser a verdadeira causa do fenômeno estranho e raro, é preciso que se diga, da transfiguração. Quanto à diferença de peso, ela se explica da mesma maneira que para os corpos inertes. O peso intrínseco do corpo não variou, porque a quantidade de matéria não aumentou; ele sofreu a influência de um agente exterior que pode aumentar-lhe ou diminuir-lhe o peso relativo, como já o explicamos acima, item 78 e seguintes. É provável, portanto, que se a transfiguração ocorresse sob a aparência de uma criancinha, que o peso diminuísse proporcionalmente.

124. Concebe-se que o corpo possa tomar uma outra aparência de maior ou igual dimensão; mas como poderia tomar uma aparência menor, a de uma criancinha, como acabamos de dizer? Neste caso, o corpo real não deveria ultrapassar os limites do corpo aparente? Também não dissemos que o fato se tenha produzido, apenas quisemos mostrar, ao nos referir à teoria do peso específico, que o peso aparente teria podido diminuir. Quanto ao fenômeno em si mesmo, não afirmamos sua possibilidade, nem sua impossibilidade; mas no caso de ocorrer, pelo fato de não se poder dar-lhe uma solução satisfatória, isto não o infirmaria; é preciso não esquecer que estamos no início da ciência e que ela está longe de ter dito sua última palavra sobre este ponto, como sobre muitos outros. Aliás, as partes excedentes poderiam perfeitamente ser tornadas invisíveis.

A teoria do fenômeno da invisibilidade ressalta muito naturalmente das

explicações precedentes e daquelas que foram dadas a respeito do fenômeno dos transportes, item 96 e seguintes.

125. Resta-nos falar do singular fenômeno dos *agêneres* que, por mais extraordinário que possa parecer, à primeira vista, não é mais sobrenatural do que os outros. Mas, como já explicamos na *Revista Espírita* (fevereiro de 1859), acreditamos ser inútil reproduzir, aqui, os detalhes dele; diremos apenas que trata-se de uma variedade da aparição tangível; é o estado de certos Espíritos que podem revestir, momentaneamente, as formas de uma pessoa viva, ao ponto de dar completa ilusão (do grego *a*, privativo e *géine*, *géinomaï*, gerar: que não foi gerado).

CAPÍTULO VIII

LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

Vestuário dos espíritos. – Formação espontânea de objetos tangíveis. – Modificações das propriedades da matéria. – Ação magnética curativa

126. Dissemos que os Espíritos apresentam-se vestidos de túnicas, de drapeados ou mesmo com seus trajes comuns. Os drapea-dos parecem ser um costume geral no mundo dos Espíritos; mas pergunta-se, onde vão buscar vestimentas semelhantes em tudo àquelas que usavam enquanto vivos, com todos os acessórios que completam o traje? É claro que não levaram estes objetos consigo, já que os objetos reais ainda estão, ali, sob nossos olhos; de onde, então, provêm os que eles usam no outro mundo? Esta questão sempre intrigou muito; mas para muitas pessoas, era uma simples questão de curiosidade; ela confirmava, entretanto, uma questão de princípio, de grande importância, pois sua solução nos colocou na direção de uma lei geral que encontrava, igualmente, sua aplicação no nosso mundo corporal. Vários fatos vieram complicá-la e demonstrar a insuficiência das teorias que tinham sido tentadas.

Podia-se, até certo ponto, perceber o traje, porque pode-se considerá-lo como fazendo parte, de alguma forma, do indivíduo; o mesmo não se dá com os objetos acessórios, como por exemplo, a caixa de rapé do visitante da senhora enferma de que falamos no nº 116. Notemos, a esse respeito, que não se tratava, aqui, de um morto, mas de um vivo, e que este senhor, quando voltou, em pessoa, trazia uma caixa de rapé semelhante em tudo à da aparição. Onde, portanto, seu Espírito encontrara aquela que ele trazia quando estava aos pés do leito da doente? Poderíamos citar um grande número de casos em que Espíritos de mortos ou de vivos apareceram com diversos objetos, tais como bastões, armas, cachimbos, lanternas, livros, etc.

Então, veio-nos uma ideia: é que os corpos inertes podiam ter seus correspondentes análogos etéreos no mundo invisível; que a matéria condensada que forma os objetos, podia ter uma parte quintessenciada, que escapa aos

nossos sentidos. Esta teoria não era destituída de verossimilhança, mas era impotente para explicar todos os fatos. Há um, principalmente, que parecia ter que frustrar todas as interpretações. Até então, não se tratara senão de imagens ou de aparências; vimos muito bem que o perispírito pode adquirir as propriedades da matéria e tornar-se tangível, mas esta tangibilidade é apenas momentânea e o corpo sólido dissipa-se como uma sombra. Já é um fenômeno muito extraordinário, mas o que é mais ainda é ver produzir-se matéria sólida persistente, como o provam numerosos fatos autênticos e, notadamente, o da escrita direta, de que falaremos, detalhadamente, num capítulo especial. Entretanto, como este fenômeno liga-se, intimamente, com o assunto de que tratamos, neste momento, e que constitui uma das aplicações mais positivas, anteciparemos, pela ordem, o lugar em que ele deveria vir.

127. A escrita direta ou *pneumatografia* é a que se produz espontaneamente, sem o auxílio da mão do médium, nem do lápis. Basta pegar uma folha de papel branco, o que se pode fazer com todas as precauções necessárias para certificar-se de que não se está sendo vítima de qualquer fraude, dobrá-la e depositá-la em qualquer parte, numa gaveta, ou simplesmente sobre um móvel e, se estiver nas condições convenientes, ao final de um tempo, mais ou menos longo, encontrar-se-ão traçados, no papel, caracteres, sinais diversos, palavras, frases e até discursos, na maioria das vezes, com uma substância acinzentada, análoga à grafita, de outras vezes, com lápis vermelho, tinta comum e até tinta de imprimir. Eis o fato em toda sua simplicidade e cuja reprodução, embora pouco comum, não é entretanto, muito raro, pois há pessoas que a obtêm com grande facilidade. Se juntássemos um lápis com o papel, poder-se-ia crer que o Espírito deste se serviria para escrever; mas desde o momento que o papel é deixado inteiramente só, é evidente que a escrita se formou de uma matéria depositada sobre ele; de onde o Espírito tirou esta matéria? Tal é a questão a cuja solução fomos conduzidos pela caixa de rapé, de que falamos ainda a pouco.

128. Foi o Espírito São Luís, que nos deu esta solução, nas seguintes respostas:

1) Citamos um caso de aparição do Espírito de uma pessoa viva. Este Espírito possuía uma caixa de rapé e pegava uma pitada. Experimentava ele a mesma sensação que se experimenta ao fazer isto?

"Não".

2) Esta caixa de rapé possuía a forma daquela de que ele se servia, habitualmente, e que se encontrava em sua casa. Que caixa de rapé era esta nas

mãos deste homem?

"Uma aparência; era para que a circunstância fosse notada, como o foi e para que a aparição não fosse tomada por uma alucinação produzida pelo estado de saúde da vidente. O Espírito queria que esta senhora acreditasse na realidade de sua presença e tomou todas as aparências da realidade."

3) Dizeis que é uma aparência; mas uma aparência nada tem de real, é como uma ilusão de ótica; queríamos saber, se aquela caixa de rapé não era apenas uma imagem sem realidade ou se, nela, havia qualquer coisa de material?

"Certamente; é com o auxílio deste princípio material que o perispírito toma a aparência de roupas semelhantes àquelas que o Espírito usava quando vivo."

Nota: É evidente que a palavra aparência deve ser entendida, aqui, no sentido de aspecto, imitação. A caixa de rapé real não estava lá; a que o Espírito segurava era apenas a representação daquela; era, portanto, uma aparência comparada à original, embora formada de um princípio material.

A experiência nos ensina que nem sempre se deve tomar ao pé da letra certas expressões utilizadas pelos Espíritos; interpretando-as de acordo com nossas ideias, nós nos expomos a grandes equívocos; é por isso que é necessário aprofundar o sentido de suas palavras todas as vezes que apresente a menor ambiguidade; é uma recomendação que nos fazem, constantemente, os próprios Espíritos. Sem a explicação que provocamos, a palavra *aparência*, continuamente reproduzida em casos análogos, poderia se prestar a uma falsa interpretação.

4) Será que a matéria inerte, poderia desdobrar-se? Haveria no mundo invisível uma matéria essencial que revestiria a forma dos objetos que vemos? Numa palavra, estes objetos teriam seu *duplo etéreo* no mundo invisível, como os homens, nele, são representados pelos Espíritos?

"Não é assim que acontece; o Espírito tem sobre os elementos materiais espalhados por toda a parte no espaço, na vossa atmosfera, um poder que estais longe de suspeitar. Ele pode, à sua vontade, concentrar estes elementos e lhes dar a forma aparente própria aos seus projetos."

Nota: Esta pergunta, como vimos, era a tradução do nosso pensamento, isto é, da ideia que tínhamos formado sobre a natureza desses objetos. Se as respostas fossem, como alguns o pretendem, o reflexo do pensamento, teríamos obtido a confirmação da nossa teoria, em vez de uma teoria contrária.

5) Faço novamente a pergunta de uma maneira categórica, a fim de evitar qualquer equívoco:

As roupas com as quais se cobrem os Espíritos são alguma coisa?

"Parece-me que minha resposta precedente resolve a questão. Não sabeis que

o próprio perispírito é alguma coisa?”

6) Resulta desta explicação, que os Espíritos fazem a matéria etérea passar por transformações, à sua vontade, e que, assim, por exemplo, com relação à caixa de rapé, o Espírito não a encontrou inteiramente pronta, mas que ele próprio a fez, no momento em que teve necessidade dela, por um ato de sua vontade e pôde, também, desfazê-la; deve ocorrer o mesmo com todos os outros objetos, tais como roupas, joias, etc.

“Mas, evidentemente.”

7) Esta caixa de rapé tornou-se visível para aquela senhora, ao ponto de iludi-la. O Espírito teria podido torná-la tangível para ela?

“Ele teria podido.”

8) Caso acontecesse, esta senhora teria podido pegá-la em suas mãos, acreditando ter uma caixa de rapé verdadeira?

“Sim.”

9) Se ela a tivesse aberto, teria, nela, provavelmente, encontrado rapé; se ela aspirasse esse rapé, ele a teria feito espirrar?

“Sim.”

10) O Espírito pode, então, dar não só a forma, mas propriedades especiais?

“Se ele o quiser. Foi somente em virtude deste princípio que respondi afirmativamente às questões precedentes. Tereis provas da poderosa ação que o Espírito exerce sobre a matéria e que estais longe de suspeitar, como já vos disse.”

11) Suponhamos, então, que ele quisesse fazer uma substância venenosa e que uma pessoa a ingerisse, teria ela sido envenenada?

“Ele teria podido, mas não o teria feito; isto não lhe teria sido permitido.”

12) Teria ele tido o poder de fazer uma substância salutar e própria para curar, em caso de doença, e, este caso, já teria acontecido?

“Sim, muitas vezes.”

13) Ele poderia, então, também fazer uma substância alimentar; suponhamos que tenha feito uma fruta, uma iguaria qualquer, se alguém tivesse podido comê-las, ficaria saciado?

“Sim, sim; mas, então, não procureis tanto, para encontrar o que é tão fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis aos vossos órgãos grosseiros essas partículas materiais, que atravancam o espaço, no meio do qual viveis; não sabeis que o ar contém vapores d’água? Condensai-os e os fareis

retornar ao estado normal; privai-os do calor e eis que essas moléculas impalpáveis e invisíveis tornam-se um corpo sólido e, bem sólido, e outras substâncias das quais os químicos tirarão maravilhas mais surpreen-dentes ainda; simplesmente o Espírito possui instrumentos mais perfeitos que os vossos: a vontade e a permissão de Deus."

Nota: A questão da saciedade é, aqui, muito importante. Como uma substância que só possui uma existência e propriedades temporárias e, de alguma forma, convencionais, pode produzir a saciedade? Esta substância, pelo seu contato com o estômago, produz a *sensação* da saciedade, mas não a saciedade resultante da plenitude. Se uma tal substância pode agir sobre a economia e modificar um estado mórbido, ela pode, também, agir sobre o estômago e nele produzir a impressão da saciedade. Entretanto, rogamos aos senhores farmacêuticos e donos de restaurantes para não se inquietarem, nem acreditar que os Espíritos lhes venham fazer concorrência; estes casos são raros, excepcionais, e nunca dependem da vontade; de outra forma, todo mundo se alimentaria e se curaria a preço muito barato.

14) Os objetos, que se tornaram tangíveis pela vontade do Espírito, poderiam ter um caráter de permanência e estabilidade e se tornarem de uso?

"Isto poderia acontecer, *mas não se faz*; está fora das leis."

15) Todos os Espíritos possuem, no mesmo grau, o poder de produzir objetos tangíveis?

"É claro que, quanto mais elevado é o Espírito, mais facilmente o produz; mas isto ainda depende das circunstâncias; os Espíritos inferiores podem ter este poder."

16) O Espírito tem sempre a percepção da maneira como ele produz quer suas vestes, quer os objetos aos quais dá a aparência?

"Não; frequentemente, concorre para a formação destes, por um ato instintivo, que ele próprio não compreende, se não estiver bastante esclarecido para isso."

17) Se o Espírito pode haurir no elemento universal os materiais para fazer todas essas coisas, dar a elas uma realidade temporária com suas propriedades, ele pode, também, dele extrair o que for necessário para escrever e, por conseguinte, isto parece-nos dar a chave do fenômeno da escrita direta?

"Finalmente, entendeis!"

Nota: Com efeito, ali estava onde queríamos chegar com todas as nossas perguntas preliminares; a resposta prova que o Espírito lera o nosso pensamento.

18) Se a matéria de que se serve o Espírito não possui persistência, como é que os traços da escrita direta não desaparecem?

"Não critiqueis as nossas palavras; primeiramente, eu não disse — nunca;

tratava-se de um objeto material volumoso; aqui, são sinais traçados, que é útil conservar, e são conservados. Eu quis dizer que os objetos, assim compostos pelo Espírito, não poderiam se tornar objetos usuais, pois, na realidade, não há agregação de matéria, como nos vossos corpos sólidos."

129. A teoria acima pode resumir-se assim: o Espírito age sobre a matéria; ele haure na matéria cósmica universal os elementos necessários para formar, livremente, objetos que têm a aparência dos diversos corpos que existem na Terra. Ele pode, igualmente, operar sobre a matéria elementar, pela sua vontade, uma transformação íntima que lhe dá propriedades determinadas. Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito que, frequentemente, a exerce como um ato instintivo, quando é necessário e sem se aperceber. Os objetos formados pelo Espírito possuem uma existência temporária, subordinada à sua vontade ou à necessidade; ele pode fazê-los ou desfazê-los livremente. Estes objetos podem, em certos casos, ter, aos olhos de pessoas vivas, todas as aparências da realidade, isto é, tornar-se, momentaneamente, visíveis e, até, tangíveis. Existe formação, mas, não, criação, visto que do nada, o Espírito nada pode tirar.

130. A existência de uma matéria elementar única é, hoje, quase geralmente admitida pela Ciência e confirmada, como se viu, pelos Espíritos. Esta matéria dá origem a todos os corpos da Natureza; pelas transformações que ela sofre, produz, também, as diversas propriedades desses mesmos corpos; é assim que uma substância salutar pode tornar-se venenosa, através de uma simples modificação; a Química nos oferece numerosos exemplos. Todos sabem que duas substâncias inocentes, combinadas, em certas proporções, podem produzir uma que seja deletéria. Uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, ambos inofensivos, formam a água; acrescentai um átomo de oxigênio e tereis um líquido corrosivo. Sem modificar as proporções, basta, muitas vezes, uma simples mudança no modo de agregação molecular para mudar as propriedades; é assim que um corpo opaco, pode tornar-se transparente e vice-versa. Já que o Espírito possui, somente pela sua vontade, uma ação tão poderosa sobre a matéria elementar, concebe-se que ele possa, não apenas formar substâncias, mas, também, desnaturar-lhes as propriedades, fazendo, aqui, a vontade o efeito de um reagente.

131. Esta teoria nos dá a solução de um fato bem conhecido do magnetismo, mas inexplicado até hoje — o da mudança das propriedades da água através da vontade. O Espírito agente é o do magnetizador, na maioria das vezes, assistido por um Espírito estranho; ele opera uma transformação com o auxílio do fluido magnético que, como já foi dito, é a substância que mais se aproxima da matéria

cósmica ou elemento universal. Se ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode, igualmente, produzir um fenômeno análogo sobre os fluidos do organismo e, daí, o efeito curativo da ação magnética convenientemente dirigida.

Sabe-se o papel capital que desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo; mas, como explicar a ação material de um agente tão sutil? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; não é nem sequer uma propriedade da matéria mais etérea; a vontade é o atributo essencial do espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele age sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas podem, assim, ser transformadas.

A vontade é o atributo tanto do Espírito encarnado, quanto do Espírito errante; daí o poder do magnetizador, poder que se sabe estar na razão da força de vontade. Podendo o Espírito encarnado agir sobre a matéria elementar, pode, igualmente, portanto, variar-lhe as propriedades, dentro de certos limites; é assim que se explica a faculdade de curar pelo contato e a imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem em grau mais ou menos elevado. (Ver, no capítulo referente aos *Médiuns*, o artigo relativo aos *médiuns curadores*. Ver também a *Revista Espírita*, de julho de 1859, págs. 184 e 189; *O Zuavo de Magenta*; *Um Oficial do Exército Italiano.*)

CAPÍTULO IX

LUGARES MAL-ASSOMBRADOS

132. As manifestações espontâneas que se têm produzido, em todos os tempos, e a persistência de alguns Espíritos em dar mostras ostensivas de sua presença, em certas localidades, constituem a origem da crença nos lugares assombrados. As respostas seguintes foram dadas às perguntas feitas sobre este assunto.

1) Os Espíritos apegam-se somente às pessoas ou, também, às coisas?

"Isto depende da elevação deles. Alguns Espíritos podem apegar-se aos objetos terrestres; avarentos, por exemplo, que esconderam seus tesouros e que não se encontram bastante desmaterializados, podem, ainda, vigiá-los e montar guarda para eles."

2) Os Espíritos errantes possuem lugares de predileção?

"O princípio é ainda o mesmo. Os Espíritos que não estão mais apegados à Terra vão onde encontram oportunidade de amar; são atraídos muito mais pelas pessoas do que pelos objetos materiais; todavia, há aqueles que podem, momentaneamente, ter uma preferência por certos lugares, mas são sempre Espíritos inferiores.

3) Já que o apego dos Espíritos por uma localidade representa um sinal de inferioridade, será igualmente uma prova de que são maus Espíritos?

"Certamente, não; um Espírito pode ser pouco adiantado, sem que por isso seja mau, não se dá o mesmo entre os homens?"

4) A crença de que os Espíritos frequentam, de preferência, as ruínas tem qualquer fundamento?

"Não; os Espíritos vão a esses lugares como vão a qualquer parte; a imaginação, porém, é despertada pelo aspecto lúgubre de certos lugares e atribui à presença deles o que é frequentemente apenas um efeito muito natural. Quantas vezes o medo não fez tomar a sombra de uma árvore por um fantasma, o grito de um animal ou o sopro do vento por almas do outro mundo! Os

Espíritos gostam da presença dos homens, é por isso que procuram, de preferência, os lugares habitados aos lugares isolados.”

a) Entretanto, de acordo com o que sabemos da diversidade de caracteres dos Espíritos, deve haver entre eles misantropos, que podem preferir a solidão.

“É por isso que não respondi de uma maneira absoluta à pergunta; disse que eles podem ir aos lugares desertos como a quaisquer outros e é bem evidente, que aqueles que se mantêm afastados, é porque isto lhes agrada; mas não é motivo para que as ruínas sejam, forçosamente, lugares de predileção para eles; porque, certamente, há muito mais deles nas cidades e nos palácios do que no interior dos bosques.”

5) As crenças populares têm, em geral, um fundo de verdade; qual poderá ser a origem da crença dos lugares mal-assombrados?

“O fundo de verdade encontra-se na manifestação dos Espíritos, na qual o homem, instintivamente, acreditou em todos os tempos; mas, como já disse, o aspecto dos lugares lúgubres desperta sua imaginação e ele aí coloca, naturalmente, os seres que ele considera como sobrenaturais. Esta crença supersticiosa é mantida pelas narrativas dos poetas e os contos fantásticos com os quais embalam sua infância.”

6) Os Espíritos, que se reúnem, têm para isso dias e horas de predileção?

“Não; os dias e as horas são medidas do tempo para uso dos homens e para a vida corporal, mas de que os Espíritos não sentem necessidade e não se preocupam.”

7) Qual a origem da ideia de que os Espíritos vêm, preferentemente, durante a noite?

“A impressão produzida na imaginação pelo silêncio e a obscuridade. Todas estas crenças são superstições, que o conhecimento raciocinado do Espiritismo deve destruir. O mesmo acontece com os dias e as horas que muitos acreditam lhes serem mais favoráveis; crede: a influência da meia-noite nunca existiu, senão nos contos.”

a) Se é assim, por que, então, certos Espíritos anunciam sua vinda e suas manifestações para esta hora, aqueles dias determinados, como, por exemplo, na sexta-feira?

“São Espíritos que se aproveitam da credulidade e com isso se divertem. É por esta mesma razão que existem aqueles que dizem ser o diabo ou se atribuem nomes infernais. Mostrai a eles que não se deixam enganar e eles não voltarão mais.”

8) Os Espíritos retornam, preferentemente, para os túmulos onde repousam seus corpos?

“O corpo era apenas uma vestimenta; eles não se apegam mais ao envoltório que os fez sofrer, tanto quanto o prisioneiro às suas correntes. A lembrança das pessoas que lhes foram caras é a única coisa a que dão valor.”

a) As preces que se fazem sobre seus túmulos são mais agradáveis e os atraem mais do que em outros lugares?

“A prece é uma evocação que atrai os Espíritos, bem o sabeis. A prece, tanto maior ação terá, quanto mais fervorosa e mais sincera ela for; ora, diante de um túmulo venerado, sempre se está mais recolhido e a conservação de piedosas relíquias é um testemunho de afeição que se dá ao Espírito e a que ele é sempre sensível. É sempre o pensamento que age sobre o Espírito e, não, os objetos materiais; esses objetos têm mais influência sobre aquele que ora, ao fixar sua atenção, do que sobre o Espírito.”

9) De acordo com isso, a crença nos lugares mal-assombrados não poderia ser absolutamente falsa?

“Dissemos que certos Espíritos podem ser atraídos por coisas materiais; eles podem sê-lo por certos lugares, que parecem eleger como domicílio, até que desapareçam as circunstâncias que a eles os conduziam.”

a) Quais são as circunstâncias que podem conduzi-los a esses lugares?

“A simpatia deles por algumas das pessoas que os frequentam ou o desejo de comunicar-se com elas. Entretanto, suas intenções nem sempre são tão louváveis; quando são maus Espíritos, eles podem querer exercer uma vingança sobre certas pessoas, de quem tinham queixa. A permanência num lugar determinado pode ser, também, para alguns, uma punição que lhes é infligida, principalmente se ali cometeram um crime, a fim de que tenham, constantemente, este crime diante dos olhos.” [13]

10) Os lugares mal-assombrados sempre o são por antigos moradores desses domicílios?

“Algumas vezes, mas nem sempre, pois se o antigo morador for um Espírito elevado, ele não se apegará mais a esta moradia terrestre, tampouco ao seu corpo. Os Espíritos que assombram certos lugares não possuem outro motivo senão o capricho, a menos que para lá sejam atraídos por sua simpatia por algumas pessoas.”

a) Podem, aí, fixar-se tendo em vista proteger uma pessoa ou sua família?

“Certamente, se forem bons Espíritos; mas, neste caso, nunca manifestam sua presença através de coisas desagradáveis.”

11) Haverá alguma coisa de real na história da Dama Branca?

“É um conto extraído de mil fatos que são verdadeiros.”

12) Será racional temer os lugares assombrados pelos Espíritos?

“Não; os Espíritos que assombram certos lugares e ali fazem reduto, procuram muito mais divertir-se às custas da credulidade e da covardia do que fazer o mal. Aliás, pensai bem que há Espíritos por toda a parte e que, em qualquer lugar que estejais, tê-lo-eis, incessantemente, ao vosso lado, mesmo nas casas mais tranquilas. Muitas vezes, parecem assombrar certas casas somente porque, ali, encontram uma oportunidade para manifestar sua presença.”

13) Haverá um meio de expulsá-los?

“Sim e, na maioria das vezes, o que se faz para isso os atrai, em vez de afastá-los. O melhor meio de expulsar os maus Espíritos é atrair os bons. Atraí, portanto, os bons Espíritos, fazendo todo o bem possível e os maus desaparecerão, porque o bem e o mal são incompatíveis. Sede sempre bons e só tereis bons Espíritos ao vosso lado.”

a) Há, entretanto, pessoas muito boas que são alvo das intrigas dos maus Espíritos?

“Se essas pessoas são realmente boas, isto pode constituir uma prova para exercitar sua paciência e estimulá-las a ser melhores; mas, crede, que não são aqueles que falam incessantemente da virtude os que mais as possuem. Aquele que possui qualidades reais, muitas vezes, as ignora ou delas não fala.”

14) Que se deve pensar relativamente à eficácia do exorcismo para expulsar os maus Espíritos dos lugares mal-assombrados?

“Já vistes, muitas vezes, este meio ser eficaz? Não vistes, ao contrário, a algazarra redobrar depois das cerimônias de exorcismo? É que eles se divertem de serem tomados pelo diabo.

Os Espíritos, que não comparecem com má intenção, também podem manifestar sua presença através do ruído e até tornando-se visíveis, mas nunca fazem barulho incômodo. Frequentemente são Espíritos sofredores que podeis aliviar, orando por eles; de outras vezes, são mesmo Espíritos benévolos que querem vos provar que se encontram junto de vós ou, finalmente, Espíritos levianos que brincam. Como aqueles que perturbam o repouso com a algazarra são, quase sempre, Espíritos que se divertem, o que de melhor se tem a fazer é rir; eles se cansarão, se virem que não conseguem amedrontar, nem impacientar.”

(Ver acima, o cap. V, *Manifestações físicas espontâneas.*)

Das explicações acima resulta que há Espíritos que se apegam a certas localidades e aí preferem permanecer, mas nem por isso necessitam manifestar sua presença através de efeitos sensíveis. Um lugar qualquer pode ser a morada obrigatória ou de predileção de um Espírito, mesmo que seja mau, sem que jamais qualquer manifestação, ali, se produza. Os espíritos que se apegam às localidades ou às coisas materiais nunca são Espíritos superiores, mas sem serem superiores, eles podem não ser maus e nenhuma má intenção possuir; são, às vezes, até, comensais mais úteis do que nocivos, pois se se interessam pelas pessoas, podem protegê-las.



CAPÍTULO X

NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES

Comunicações grosseiras, frívolas, sérias ou instrutivas

133. Dissemos que todo efeito, que revela, em sua causa, um ato de livre vontade, por mais insignificante que seja este ato, denota, por isso mesmo, uma causa inteligente. Assim, um simples movimento de mesa que responde ao nosso pensamento ou apresente um caráter intencional, pode ser considerado como uma manifestação inteligente. Se o resultado devesse limitar-se a isto, teria para nós apenas um interesse secundário; entretanto, já representaria alguma coisa o fato de nos dar a prova de que há, nesses fenômenos, mais do que uma ação puramente material; porém a utilidade prática que daí decorreria seria para nós nula, ou, pelo menos, restrita; acontece diferentemente quando esta inteligência adquire um desenvolvimento que permite uma troca regular e contínua de ideias; já não se trata mais de simples manifestações inteligentes, mas de verdadeiras *comunicações*. Os meios de que dispomos, hoje, permitem obtê-las tão extensas, tão explícitas e tão rápidas, quanto as que mantemos com os homens.

Se estivermos bem compenetrados, conforme a *escala espírita* (*O Livro dos Espíritos*, questão 100), da variedade infinita que existe entre os Espíritos sob o duplo aspecto da inteligência e da moralidade, facilmente conceberemos a diferença que deve existir em suas comunicações; elas devem refletir a elevação ou a baixeza de suas ideias, seu saber e sua ignorância, seus vícios e suas virtudes; numa palavra: elas não devem mais assemelhar-se com a dos homens, desde o selvagem até o europeu mais esclarecido. Todos os matizes que elas apresentam podem agrupar-se em quatro categorias principais; de acordo com seus caracteres mais acentuados, elas são: *grosseiras*, *frívolas*, *sérias* ou *instrutivas*.

134. As *comunicações grosseiras* são as que se traduzem por expressões que chocam a decência. Elas só podem emanar de Espíritos de baixa categoria; ainda enlameados com todas as impurezas da matéria e em nada diferem das que poderiam dar homens viciosos e grosseiros. Repugnam a qualquer pessoa que

possua o mínimo de delicadeza de sentimento; porque elas são, conforme o caráter dos Espíritos, triviais, indecentes, obscenas, insolentes, arrogantes, malévolas e mesmo ímpias.

135. As *comunicações frívolas* emanam de Espíritos levianos, zombeteiros e brincalhões, muito mais maliciosos do que maus e que nenhuma importância dão ao que dizem. Como elas nada apresentam de inconveniente, agradam a certas pessoas, que com elas se divertem e que encontram prazer nessas conversas fúteis, em que muito se fala para nada dizer. Esses espíritos, algumas vezes, investem com tiradas espirituosas e mordazes e, entre gracejos banais, dizem, muitas vezes, duras verdades, que sempre chocam com justeza. Esses Espíritos levianos pululam em torno de nós e aproveitam-se de todas as oportunidades para se intrometerem nas comunicações; a verdade é a menor das suas preocupações; é por isso que encontram um prazer mórbido em mistificar aqueles que têm a fraqueza e, algumas vezes, a presunção de neles crer. As pessoas que se comprazem nessas espécies de comunicações dão, naturalmente, acesso aos Espíritos levianos e enganadores; os Espíritos sérios afastam-se delas como, entre nós, os homens sérios afastam-se da companhia dos estúrdios.

136. *As comunicações sérias* são austeras quando ao assunto e à forma. Toda comunicação que exclui a frivolidade e a grosseria e que possui um fim útil, ainda que seja de interesse particular, é, por isso mesmo, séria; mas nem sempre encontra-se isenta de erros. Nem todos os Espíritos sérios são, igualmente, esclarecidos; há muitas coisas que eles ignoram e sobre as quais podem enganar-se de boa-fé; é por isso que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam, incessantemente, submeter todas as comunicações ao controle da razão e da lógica mais severa.

É necessário, portanto, distinguir as comunicações *sérias-verdadeiras* das comunicações *sérias-falsas* e, nem sempre, isto é fácil, pois é mesmo por causa da dignidade da linguagem que certos Espíritos presunçosos ou pseudossábios procuram fazer prevalecer as ideias mais falsas e os sistemas mais absurdos; e, para dar a si mesmos mais crédito e importância, eles não têm escrúpulo de se adornarem com os nomes mais respeitáveis e, mesmo, os mais venerados. Aí está uma das maiores causas de fracasso da ciência prática; nós a ela retornaremos, mais adiante, com todos os desenvolvimentos que um assunto tão importante necessita, ao mesmo tempo que levaremos ao conhecimento os meios de se premunir contra o perigo das falsas comunicações.

137. As *comunicações instrutivas* são as comunicações sérias que têm como objeto principal um ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos, sobre as

ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de *desmaterialização do Espírito*. Para se retirar dessas comunicações *resultados reais*, é preciso que elas sejam regulares e continuadas com perseverança. Os Espíritos sérios ligam-se àqueles que querem instruir-se e os secundam, enquanto que deixam aos Espíritos levianos a tarefa de divertir os que só veem nestas manifestações uma distração passageira. Somente pela regularidade e a frequência dessas comunicações é que se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais se entretêm e o grau de confiança que eles merecem. Se é necessária a experiência para julgar os homens, talvez, muito mais ainda seja necessária para julgar os Espíritos.

Ao dar a essas comunicações a qualificação de *instrutivas*, nós as supomos *verdadeiras*, pois uma coisa que não fosse *verdadeira*, não poderia ser *instrutiva*, ainda que fosse dita na linguagem mais imponente. Não poderíamos, portanto, classificar, nesta categoria, certos ensinos que de sérios somente possuem a forma, muitas vezes, empolada e enfática, com o auxílio da qual os Espíritos mais presunçosos do que sábios, que os ditam, esperam iludir; porém, não podendo substituir o conteúdo, que neles falta, esses Espíritos não poderiam sustentar o seu papel durante muito tempo; eles logo traem seu lado fraco, por menos que suas comunicações se estendam, ou quando se sabe levá-los até aos seus últimos redutos.

138. Os meios de comunicação são muito variados. Os Espíritos, agindo sobre os nossos órgãos e sobre todos os nossos sentidos, podem manifestar-se à visão, nas aparições; ao toque, através das impressões tangíveis ocultas ou visíveis; à audição, através dos ruídos; ao olfato, através dos odores sem causa conhecida. Este último modo de manifestação, embora seja muito real, é, incontestavelmente, o mais incerto pelas numerosas causas que podem induzir ao erro; nós também não nos deteremos neles. O que devemos examinar, com cuidado, são os diversos meios de se obter comunicações, isto é, uma troca regular e continuada de ideias. Esses meios são: *as pancadas*, *a palavra* e *a escrita*. Nós os desenvolveremos, em capítulos especiais.

CAPÍTULO XI

SEMATOLOGIA E TIPTOLOGIA

Linguagem dos sinais e das pancadas. – Tiptologia alfabética

139. As primeiras manifestações inteligentes foram obtidas através das pancadas ou da tiptologia. Este meio primitivo, que se ressentia da infância da arte, oferecia apenas recurso muito limitados e tudo ficava reduzido, nas comunicações, às respostas monossilábicas através de sim ou de não, de acordo com um número convencionado de pancadas. Mais tarde, aperfeiçoaram-no, assim como já dissemos. As pancadas são obtidas de duas maneiras, através de médiuns especiais; geralmente, para esse modo de operar, é necessária uma certa aptidão para as manifestações físicas. A primeira, que poderíamos chamar de *tiptologia por meio de balança*, consiste no movimento da mesa, que se ergue de um lado, depois, cai, batendo com um dos pés. Para isso, basta que o médium ponha as mãos na borda da mesa; se ele desejar conversar com um determinado Espírito, será preciso evocá-lo, caso contrário, o primeiro que chegar ou aquele que tem o hábito de vir é que se manifesta. Tendo-se convencionado, por exemplo, uma pancada para *sim* e duas pancadas para *não*, isto é indiferente, dirigir-se-á ao Espírito as perguntas que se quiser; veremos mais tarde aquelas das quais se deve abster. O inconveniente está na brevidade das respostas e na dificuldade de formular a pergunta de maneira a conduzi-la a um sim ou a um não. Suponhamos que se pergunte ao Espírito: o que desejas? Ele só poderá responder através de uma frase; será preciso, então, dizer: desejas tal coisa? Não; — tal outra? Sim; e assim por diante.

140. Deve-se observar que, ao empregar este meio, o Espírito, muitas vezes, acrescenta uma espécie de *mímica*, isto é, ele exprime a energia da afirmação ou da negação pela força das pancadas. Também exprime a natureza dos sentimentos que o animam: a violência, pela brusquidão dos movimentos; a cólera e a impaciência, batendo com força pancadas repetidas como uma pessoa bate o pé enfurecidamente, algumas vezes, atirando a mesa ao solo. Se ele for

amável e educado, no início e no final da sessão, ele inclina a mesa como forma de saudação; se ele quiser dirigir-se diretamente a uma pessoa da assistência, ele posiciona a mesa na direção dela com doçura ou violência, conforme quiser demonstrar-lhe afeto ou antipatia. Aí está, propriamente falando, a *sematologia* ou linguagem dos sinais, como a *tiptologia* é a linguagem das pancadas. Eis um notável exemplo do emprego espontâneo da sematologia:

Um senhor de nosso conhecimento, estando, um dia, na sua sala, onde várias pessoas ocupavam-se com manifestações, recebeu, naquele momento, uma carta nossa. Enquanto ele a lia, a mesinha que servia para as experiências veio, de repente, na sua direção. Terminada a leitura da carta, ele vai colocá-la sobre a mesa situada na outra extremidade da sala; a mesinha seguiu-o e dirigiu-se para a mesa onde estava a carta. Surpreso com esta coincidência, acha que há alguma relação entre este movimento e a carta; interroga o Espírito que responde ser nosso Espírito familiar.Este senhor, tendo-nos informado da circunstância, pedimos, por nossa vez, a este Espírito que nos dissesse o motivo da visita que ele lhe havia feito; ele respondeu: "É natural que eu vá ver as pessoas com as quais tu te relacionas, a fim de poder, se necessário, dar-te, assim como a elas, os avisos necessários."

É evidente, portanto, que o Espírito quisera chamar a atenção deste senhor e buscava uma oportunidade para que ele soubesse que ele, ali, estava. Um mudo não teria feito melhor.

141. A tiptologia não demorou a se aperfeiçoar e enriqueceu-se com um meio de comunicações mais completo, o da *tiptologia alfabética*, que consiste em fazer indicar as letras do alfabeto por meio de pancadas; pôde-se, então, obter palavras, frases e até discursos inteiros. De acordo com um método adotado, a mesa dá tantas pancadas quantas forem necessárias para indicar cada letra, quer dizer, uma pancada para *a*, duas para *b* e assim por diante; enquanto isso, uma pessoa escreve as letras, à medida que forem sendo indicadas. Quando o Espírito termina, faz com que saibam, através de um sinal qualquer, que tenha sido convencionado.

Este modo de proceder, como se vê, é muito lento e demanda um tempo enorme para as comunicações de uma certa extensão; entretanto, há pessoas que têm tido a paciência de servir-se dele, para obter ditados de várias páginas; a prática, porém, fez com que se descobrissem abreviaturas que permitiram operar com uma certa rapidez. A de uso mais frequente consiste em ter, diante de si, um alfabeto escrito, assim como a série de algarismos que indicam as unidades. Enquanto o médium está à mesa, uma outra pessoa percorre, sucessivamente, as

letras do alfabeto, se se trata de obter uma palavra ou a série dos algarismos, se se trata de um número; tendo chegado à letra indicada, a mesa, por si mesma, bate uma pancada e escreve-se a letra, depois, recomeça-se para obter a 2ª, a 3ª e assim por diante. Se houver engano quanto a uma letra, o Espírito adverte, através de várias pancadas ou por um movimento da mesa e recomeça-se. Com o hábito, caminha-se bem mais depressa; mas abrevia-se muito, principalmente, adivinhando o final de uma palavra iniciada e cujo sentido a frase faz compreender; se houver incerteza, pergunta-se ao Espírito se ele quis utilizar tal palavra e ele responde sim ou não.

142. Todos os efeitos, que acabamos de indicar podem obter-se de uma maneira ainda mais simples através das pancadas que se fazem ouvir na própria madeira da mesa, sem qualquer espécie de movimento e que já descrevemos no capítulo das manifestações físicas, nº 64; é a *tiptologia íntima*. Nem todos os médiuns são igualmente aptos para este último modo de comunicação; pois há aqueles que só obtêm as pancadas através do movimento de balanço; entretanto, com o exercício, eles podem, em sua maioria, aí chegar e esta maneira tem a dupla vantagem de ser mais rápida e de prestar-se menos à suspeita, que o balanço, que se pode atribuir a uma pressão voluntária. É verdade que as pancadas íntimas poderiam também ser imitadas por médiuns de má-fé. As melhores coisas podem ser falsificadas, o que nada prova contra elas. (Ver no final deste volume o capítulo intitulado: *Fraudes e Mistificações.*)

Quaisquer que sejam os aperfeiçoamentos que se possam acrescentar a esta maneira de proceder, ela nunca atingirá a rapidez e a facilidade que a escrita apresenta, por isso, atualmente, é pouco utilizada: todavia, ela é, às vezes, muito interessante do ponto de vista do fenômeno, principalmente para os novatos e tem, sobretudo, a vantagem de provar, de uma maneira peremptória, a independência absoluta do pensamento do médium. Assim, obtêm-se, muitas vezes, respostas tão imprevistas, tão surpreendentemente inoportunas, que seria preciso uma prevenção bem determinada para não se render à evidência; por isso, para muitas pessoas, este, será um poderoso motivo de convicção, mas seja através deste meio, seja por qualquer um dos outros, os Espíritos não gostam de prestar-se aos caprichos dos curiosos, que querem colocá-los à prova, por meio de perguntas despropositadas.

143. Com o objetivo de melhor assegurar a independência do pensamento do médium, imaginaram-se diversos instrumentos, que consistem em quadrantes, sobre os quais são traçadas as letras, à maneira dos quadrantes dos telégrafos elétricos. Uma agulha móvel, posta em movimento, pela influência do médium,

com o auxílio de um fio condutor e de uma polia, indica as letras. Esses instrumentos, nós só os conhecemos através de desenhos ou descrições, que foram publicadas na América; não podemos, portanto, pronunciar-nos so-bre seu mérito; mas pensamos que a própria complicação deles é que constitui um inconveniente; que a independência do médium é inteiramente comprovada pelas pancadas íntimas e que ela o é mais ainda pelo imprevisto das respostas, do que por todos os meios materiais. Por outro lado, os incrédulos, que estão sempre dispostos a ver, por toda a parte, truques e preparações, estarão muito mais inclinados a supô-los num mecanismo especial, do que na primeira mesa que se apresenta, desprovida de qualquer acessório.

144. Um aparelho mais simples, mas de que a má-fé pode facilmente abusar, como veremos no capítulo sobre as *Fraudes*, é o que designaremos sob o nome de *Mesa-Girardin*, como lembrança do uso que dela fazia a Sr.a Emile de Girardin, em numerosas comunicações que obtinha como médium; pois a Sr.a de Girardin, por mais inteligente que fosse, possuía a fraqueza de acreditar nos Espíritos e nas suas manifestações. Este instrumento consiste num tampo móvel de uma mesinha, de trinta a quarenta centímetros de diâmetro, girando livre e facilmente sobre seu eixo, como uma roleta. Sobre a superfície e à sua circunferência são traçados, como sobre um quadrante, as letras, os algarismos e as palavras *sim* e *não*. No centro, há uma agulha fixa. O médium, colocando os seus dedos na borda do tampo da mesinha, esta gira e para quando a letra desejada está sob a agulha. Anotam-se as letras indicadas e formam-se, assim, muito rapidamente, as palavras e as frases.

Convém notar que o tampo da mesinha não desliza sob os dedos, mas que os dedos, aí, permanecem apoiados, seguindo o movimento dela. Um médium poderoso talvez pudesse obter um movimento independente, acreditamo-lo possível, mas disso nunca fomos testemunha. Se a experiência pudesse ser feita desta maneira, ela seria infinitamente mais concludente, porque afastaria qualquer possibilidade de mistificação.

145. Resta-nos destruir um erro bastante difundido e que consiste em confundir todos os Espíritos que se comunicam através das pancadas com os Espíritos batedores. A tiptologia é um meio de comunicação como um outro qualquer e não é indigno dos Espíritos elevados, tanto quanto não o são a escrita e a palavra. Todos os Espíritos, bons ou maus, podem, portanto, dela se servir como de todas as outras maneiras. O que caracteriza os Espíritos superiores é a elevação do pensamento e, não, o instrumento de que se servem para transmiti-lo; sem dúvida, eles preferem os meios mais cômodos e, principalmente, os mais

rápidos; mas, na falta de lápis e de papel, eles se servirão, sem escrúpulo, da vulgar mesa falante, e a prova disso é que se obtêm, através desse meio, as coisas mais sublimes. Se dele não nos servimos, não é, portanto, porque o desprezemos, mas unicamente porque, como fenômeno, ele nos ensinou tudo o que podíamos saber e nada pode acrescentar às nossas convicções e que a extensão das comunicações que recebemos exige uma rapidez incompatível com a tiptologia.

Portanto, nem todos os Espíritos que se manifestam através das pancadas são Espíritos batedores; esta palavra deve ser reservada para aqueles que poderíamos chamar de batedores por profissão e que, com o auxílio desse meio, divertem-se em pregar peças para distrair uma sociedade ou para aborrecer através de suas importunações. Da parte deles pode-se esperar, algumas vezes, coisas espirituosas, mas, nunca, coisas profundas; por isso, seria perder tempo dirigindo-lhes questões de um certo alcance científico ou filosófico; a ignorância e a inferioridade deles lhes valeram, com justiça, da parte dos outros Espíritos, o qualificativo de Espíritos palhaços ou saltimbancos do mundo espírita. Acrescentemos que, se eles agem, muitas vezes, por sua própria conta, também são, com frequência, instrumentos de que os Espíritos superiores se servem, quando querem produzir efeitos materiais.



CAPÍTULO XII

PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA. – PNEUMATOFONIA

Escrita direta

146. A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da *psicografia* em que esta é a transmissão do pensamento do Espírito por meio da escrita produzida pela mão do médium.

O fenômeno da escrita direta é, indubitavelmente, um dos mais extraordinários do Espiritismo; mas, por mais anormal que pareça, à primeira vista, é, hoje, um fato averiguado e incontestável. Se a teoria é necessária para se perceber a possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, ela talvez o seja ainda maior, neste caso, sem dúvida, um dos mais estranhos que possam ainda ser apresentados, mas que deixa de parecer sobrenatural, desde que se lhe compreenda o princípio.

Quando da primeira vez que este fenômeno se apresentou, o sentimento dominante foi o da dúvida; a ideia de uma mistificação logo acudiu ao pensamento; com efeito, todo o mundo conhece a ação das tintas ditas simpáticas, cujos traços, a princípio, completamente invisíveis, aparecem ao final de algum tempo. Podia acontecer, portanto, que se tivesse abusado da credulidade e não afirmaríamos que nunca se tenha feito; estamos mesmo convencidos de que algumas pessoas, quer com um objetivo mercenário, quer unicamente por amor-próprio e para fazer acreditar em seu poder, tenham empregado subterfúgios. (Ver o capítulo das *Fraudes*.)

Mas pelo fato de se poder imitar uma coisa, seria absurdo concluir que a coisa não exista. Nestes últimos tempos, não se encontrou um meio de imitar a lucidez sonambúlica ao ponto de causar ilusão? E pelo fato deste procedimento de escamoteador ter percorrido todas as feiras, dever-se-á concluir que não existam verdadeiros sonâmbulos? Porque alguns comerciantes vendem vinho falsificado, será motivo para que não exista vinho puro? O mesmo acontece com a escrita direta; as precauções para assegurar a realidade do fato eram, aliás,

muito simples e muito fáceis e, graças a estas precauções, hoje, ele não pode constituir objeto da menor dúvida.

147. Visto que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atributos do Espírito, que os Espíritos sempre existiram de todos os tempos e desde todos os tempos produziram os diversos fenômenos que conhecemos, eles devem ter igualmente produzido a escrita direta na antiguidade, tanto quanto nos dias atuais; e é desta forma que a aparição das três palavras, na sala do festim de Baltazar, pode ser explicada. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que foram abafados sob as fogueiras, deve ter conhecido também a escrita direta e talvez encontrássemos na teoria das modificações que os Espíritos podem operar sobre a matéria, e que desenvolvemos no capítulo VIII, o princípio da crença na transmutação dos metais.

Quaisquer que tenham sido os resultados obtidos nas diversas épocas, só após a vulgarização das manifestações espíritas é que se tratou, seriamente, da questão da escrita direta. Ao que parece, o primeiro a torná-la conhecida, em Paris, nestes últimos anos, foi o barão Guldenstubbe, que publicou sobre este assunto uma obra muito interessante, contendo um grande número de *fac-símiles* das escritas obtidas. [14] O fenômeno já era conhecido, na América, há algum tempo. A posição social do Sr. Guldenstubbe, sua independência, a consideração de que goza nas classes mais elevadas, afastam, incontestavelmente, qualquer suspeita de fraude intencional, porque nenhum motivo de interesse pode tê-lo movido. Poder-se-ia, quando muito, supor que ele próprio seria o joguete de uma ilusão; mas a isto, um fato responde peremptoriamente: é a obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas, cercando-se de todas as precauções necessárias para evitar qualquer mistificação e qualquer causa de erro.

148. Obtém-se a escrita direta, como, em geral, a maioria das manifestações espíritas *não espontâneas*, pelo recolhimento, a prece e a evocação. Muitas vezes, têm sido obtidas nas igrejas, sobre os túmulos, ao pé das estátuas ou das imagens das personagens evocadas; porém é evidente que a localidade não possui outra influência, senão a de provocar um maior recolhimento e uma maior concentração do pensamento; pois está provado que ele é obtido, igualmente, sem estes acessórios e nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel doméstico, desde que se encontrem nas condições morais desejadas e gozem da faculdade mediúnica necessária.

No início, pensava-se que fosse preciso colocar um lápis com o papel; o fato, então, podia, até certo ponto, ser explicado. Sabe-se que os Espíritos operam o movimento e o deslocamento dos objetos; que os pegam e os atiram, algumas

vezes, através do espaço; eles podiam, portanto, muito bem, segurar o lápis e dele se servir para traçar os caracteres; já que lhe dão a impulsão por intermédio da mão do médium, de uma prancheta, etc. Podiam, igualmente, fazê-lo de uma forma direta. Mas não demorou a se reconhecer que a presença do lápis não era necessária e que bastaria um simples pedaço de papel dobrado ou não, sobre o qual encontram-se, após alguns minutos, caracteres traçados. Aqui, o fenômeno muda completamente de aspecto e nos lança numa ordem de coisas inteiramente nova; esses caracteres foram traçados com uma substância qualquer; desde o momento que não se fornece esta substância ao Espírito, ele próprio, portanto, a compôs; de onde a retirou? Aí está o problema.

Se quiserem reportar-se às explicações dadas no capítulo VIII, itens 127 e 128, ali encontrarão a teoria completa deste fenômeno. Nesta escrita, o Espírito não se serve de nossas substâncias nem de nossos instrumentos; ele próprio produz a matéria e os instrumentos de que necessita, haurindo seus materiais no elemento primitivo universal a que ele, pela sua vontade, faz as modificações necessárias para o efeito que quer produzir. Ele pode muito bem, portanto, fabricar lápis vermelho, tinta de impressão ou tinta comum, tanto quanto o lápis preto ou até mesmo caracteres tipográficos bastante resistentes para realçar a escrita, assim como temos visto exemplos. A filha de um senhor que conhecemos, menina de 12 a 13 anos, obteve páginas inteiras escritas com uma substância análoga ao pastel.

149. Este é o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, relatado no cap. VII, item 116, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque nele vimos a oportunidade de sondar uma das leis mais sérias do Espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, também do mundo visível. É assim que de um fato, aparentemente comum, pode brotar a luz; o importante é observar com cuidado e é o que cada qual pode fazer, assim como nós, quando não nos limitarmos a observar efeitos sem procurar-lhes as causas. Se nossa fé se fortalece a cada dia, é porque compreendemos; portanto, fazei compreender, se quiserdes fazer prosélitos sérios. A compreensão das causas apresenta um outro resultado: é o de traçar uma linha de demarcação entre a verdade e a superstição.

Se encararmos a escrita direta do ponto de vista das vantagens que ela pode oferecer, diremos que, até o presente, sua principal utilidade foi a constatação material de um fato sério: a intervenção de uma potência oculta que encontra, neste fenômeno, um novo meio de manifestar-se. Mas as comunicações que se obtêm, dessa forma, raramente possuem alguma extensão; geralmente, elas são

espontâneas e limitadas a algumas palavras, frases, muitas vezes a sinais ininteligíveis; elas têm sido obtidas em todas as línguas, em grego, em latim, em sírio, em caracteres hieroglíficos, etc., entretanto, elas ainda não se prestaram a essas conversas seguidas e rápidas que a psicografia ou a escrita pelo médium permite.

Pneumatofonia

150. Podendo os Espíritos produzir ruídos e pancadas, podem também, muito bem, fazer com que se ouçam gritos de qualquer natureza e sons vocais que imitem a voz humana, ao nosso lado ou no vazio do ar; é este fenômeno que designamos sob o nome de *pneumatofonia*. Pelo que sabemos da natureza dos Espíritos, pode-se pensar que alguns dentre eles, quando são de uma ordem inferior, iludem-se e acreditam falar como quando vivos. (Ver, *Revista Espírita*, fevereiro de 1858: *História do fantasma da Senhorita Clairon.*)

Dever-se-ia, entretanto, precaver-se de tomar como vozes ocultas, todos os sons, que não possuem causa conhecida ou simples zumbidos e, principalmente, crer que exista a menor verdade na crença vulgar de que o ouvido que zune, adverte-nos de que alguém fala de nós, em algum lugar. Esses zumbidos, cuja causa é puramente fisiológica, aliás, nenhum significado possuem, enquanto que os sons pneumatofônicos exprimem pensamentos e é só por isso que podemos reconhecer que eles se devem a uma causa inteligente e, não, acidental. Pode-se, em princípio, estabelecer que os efeitos *notoriamente inteligentes* são os únicos que podem comprovar a intervenção dos Espíritos; quanto aos outros, há, pelo menos, cem chances contra uma de que sejam devidos a causas fortuitas.

151. Acontece bastante frequentemente que, estando meio-adormecidos, ouvem-se, distintamente, pronunciar palavras, nomes, algumas vezes até frases inteiras e isto tão intensamente, que chega a nos despertar em sobressalto. Embora possa acontecer que em certos casos seja realmente uma manifestação, este fenômeno nada tem de muito positivo para que não se possa também atribuí-lo a uma causa análoga a que desenvolvemos na teoria da alucinação, cap. VI, item 111 e seguintes. Afinal, o que se ouve, desta maneira, não tem consequência alguma; o mesmo não ocorre, quando se está completamente desperto, pois, então, se for um Espírito que se faz ouvir, pode-se, quase sempre, trocar ideias com ele e travar uma conversa regular.

Os sons espíritas ou pneumatofônicos possuem duas maneiras, bem distintas, de se produzir; é, algumas vezes, uma voz íntima que repercute no foro interior; porém, embora as palavras sejam claras e distintas, elas, entretanto, nada têm de

material; de outras vezes, elas são externas e também distintamente articuladas, como se proviessem de uma pessoa que estivesse ao seu lado.

De qualquer maneira que ele se produza, o fenômeno da pneumatofonia é, quase sempre, espontâneo e só, muito raramente, pode ser provocado.

CAPÍTULO XIII

PSICOGRAFIA

Psicografia indireta: cestas e pranchetas.

– Psicografia direta ou manual

152. A ciência espírita tem progredido como todas as outras e mais rapidamente que estas; pois apenas alguns anos nos separam desses meios primitivos e incompletos, que trivialmente chamavam de mesas falantes e já estamos em condições de poder comunicar com os Espíritos, tão fácil e rapidamente, quanto os homens o fazem entre si e, isto, através dos mesmos meios: a escrita e a palavra. A escrita, principalmente, tem a vantagem de demonstrar, de maneira mais material, a intervenção de um poder oculto e de deixar traços que se podem conservar, como o fazemos com nossa própria correspondência. O primeiro meio utilizado foi o das pranchetas e das cestas munidas de lápis. Eis, aqui, qual a disposição delas.

153. Já dissemos que uma pessoa, dotada de uma aptidão especial, pode imprimir um movimento de rotação a uma mesa ou a um objeto qualquer; tomemos, no lugar de uma mesa, uma cestinha de quinze a vinte centímetros de diâmetro (seja ela de madeira ou de vime, pouco importa, a substância é indiferente). Se, agora, através do fundo desta cesta, fizermos passar um lápis e o prendermos bem, com a ponta para fora e para baixo e, se mantivermos o conjunto em equilíbrio sobre a ponta do lápis, apoiado, ele próprio, sobre uma folha de papel e pousarmos os dedos sobre as bordas da cesta, esta colocar-se-á em movimento; porém, em vez de girar, ela fará com que o lápis passeie, em diversos sentidos, sobre o papel, de maneira a formar, ora traços insignificantes, ora letras sem significado. Se um Espírito for evocado e se quiser comunicar-se, ele responderá, não mais através das pancadas, como na tiptologia, mas através das palavras escritas. O movimento da cesta já não é mais automático, como nas mesas girantes, torna-se inteligente. Nesta disposição, o lápis, ao chegar ao final da linha, não retorna sobre si mesmo para recomeçar uma outra; ele continua movendo-se circularmente, de tal forma que a linha escrita forma uma espiral e

que torna-se necessário voltar, várias vezes, o papel para ler o que está escrito. A escrita obtida dessa forma nem sempre é muito legível, porque as palavras não se encontram separadas; mas o médium, por uma espécie de intuição, facilmente a decifra. Por economia, pode-se substituir a ardósia e o giz pelo papel e o lápis comum. Chamaremos esta cesta pelo nome de *cesta-pião*. Algumas vezes, substitui-se a cesta por um papelão bem semelhante às caixas de comprimidos; o lápis forma com ele um eixo, como no brinquedo chamado *carrapeta*.

154. Várias outras disposições têm sido imaginadas para atingir o mesmo resultado. A mais cômoda é a que chamaremos de *cesta de bico* e que consiste em adaptar-se sobre a cesta uma haste de madeira inclinada, fazendo-a prolongar-se de dez a quinze centímetros para o lado de fora, na posição do mastro *de gurupés* de uma embarcação. Através de um buraco feito na ponta desta haste, ou bico, passa-se um lápis, bem comprido, para que a ponta repouse sobre o papel. Colocando o médium os dedos nas bordas da cesta, todo o aparelho se agita e o lápis escreve, como no caso acima, com esta diferença, de que a escrita é, em geral, mais legível, as palavras separadas e as linhas não são mais em espiral, mas se seguem como na escrita comum, podendo o médium facilmente conduzir o lápis de uma linha a outra. Obtêm-se, assim, dissertações de várias páginas, tão rapidamente, como se se escrevesse com a mão.

155. A inteligência que age manifesta-se, frequentemente, através de outros sinais equívocos. Ao chegar ao final da página, o lápis faz, espontaneamente, um movimento para virá-la; quando quer referir-se a uma passagem precedente, na mesma página ou numa outra, ele a procura com a ponta do lápis, como o faria com o dedo, depois, sublinha-a. Finalmente, se o Espírito quiser dirigir-se a um dos assistentes, a ponta da haste de madeira dirige-se para ele. Para abreviar, ele exprime, muitas vezes, as palavras *sim* e *não* através dos sinais de afirmação e de negação, que fazemos com a cabeça; se ele quiser exprimir a cólera ou a impaciência, bate, repetidas vezes, com a ponta do lápis e, frequentemente, o quebra.

156. Em vez da cesta, algumas pessoas servem-se de uma espécie de mesinha feita propositalmente, de doze a quinze centímetros de comprimento, por cinco de altura, com três pés, um dos quais tem um lápis; os outros dois pés são arredondados ou guarnecidos com uma bolinha de marfim, para deslizar facilmente sobre o papel. Outras simplesmente servem-se de uma *prancheta* de quinze a vinte centímetros quadrados, triangular, oblonga ou oval; numa das bordas, há um buraco *oblíquo* para introduzir o lápis; quando colocada para escrever, ela se acha inclinada e apoia-se por um de seus lados sobre o papel; o

lado que se assenta sobre o papel é, algumas vezes, munido de duas rodinhas para facilitar o movimento. Concebe-se, em resumo, que todas essas disposições nada têm de absoluto; a mais cômoda é a melhor.

Com todos estes aparelhos, quase sempre, é preciso que sejam dois para operar; mas não é necessário que a segunda pessoa seja dotada da faculdade medianímica: ela serve unicamente para manter o equilíbrio e diminuir o cansaço do médium.

157. Chamamos *psicografia indireta* a escrita assim obtida, em oposição à *psicografia direta* ou *manual*, obtida pelo próprio médium. Para compreender este último procedimento, é preciso perceber o que acontece nesta operação. O Espírito estranho, que se comunica, age sobre o médium; este, sob esta influência, dirige *maquinalmente* seu braço e sua mão para escrever, sem ter a menor consciência do que escreve (é, pelo menos, o caso mais comum); a mão atua sobre a cesta e esta sobre o lápis. Assim, *não é absolutamente a cesta que se torna inteligente*; ela é um instrumento dirigido por uma inteligência; na realidade, ela não passa de uma lapiseira, de um apêndice da mão, um intermediário entre a mão e o lápis; suprimi este intermediário e colocai o lápis na mão e tereis o mesmo resultado, com um mecanismo muito mais simples, já que o médium escreve como o faz nas condições normais; dessa forma, qualquer pessoa que escreva com o auxílio de uma cesta, prancheta ou outro objeto, pode escrever diretamente. De todos os meios de comunicação, a *escrita manual*, designada por alguns sob o nome de *escrita involuntária*, é, incontestavelmente, o mais simples, o mais fácil e o mais cômodo, porque não exige preparação alguma e porque se presta, como a escrita corrente, aos desenvolvimentos mais extensos. A ela retornaremos, quando falarmos dos médiuns.

158. No início das manifestações, quando ainda não se tinha sobre este assunto ideias mais precisas, vários escritos foram publicados com esta designação: *Comunicações de uma cesta, de uma prancheta, de uma mesa*, etc. Compreende-se, hoje, tudo o que estas expressões possuem de insuficiente ou errôneo, abstração feita do seu caráter pouco sério. De fato, como acabamos de ver, as mesas, pranchetas e cestas são apenas instrumentos *ininteligentes*, embora animados, momentaneamente, de uma vida factícia e que nada podem comunicar, por si mesmas; é tomar, aqui, o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio; seria o mesmo que um autor colocasse, no título de sua obra, que ele a escreveu com uma pena metálica ou uma pena de pato. Estes instrumentos, aliás, não são absolutos, conhecemos alguém que, em vez da *cesta-pião*, que acabamos de descrever, servia-se de um funil, em cujo gargalo, introduzia o lápis. Ter-se-ia

podido, portanto, receber as comunicações de um funil, como também as de uma caçarola ou de uma saladeira. Se elas ocorreram por meio de pancadas e se estas pancadas foram dadas por uma cadeira ou um bastão, já não se trata mais de uma mesa falante, mas de uma cadeira ou um bastão falante. O que importa que se conheça, não é a natureza do instrumento, porém o modo de obtenção. Se a comunicação se dá pela escrita, que a lapiseira seja o que quer que se queira, para nós, é *psicografia*; se é através das pancadas, é *tiptologia*. O Espiritismo, tomando as proporções de uma ciência, torna-se-lhe necessária uma linguagem científica.



CAPÍTULO XIV

MÉDIUNS

Médiuns de efeitos físicos. – Pessoas elétricas. – Médiuns sensitivos ou impressionáveis. – Médiuns auditivos. – Médiuns falantes. – Médiuns videntes. – Médiuns sonâmbulos. – Médiuns curadores. – Médiuns pneumatógrafos

159. Qualquer pessoa que sinta, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. Esta faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não constitui privilégio exclusivo; assim, há poucas pessoas nas quais dela não se encontrem rudimentos. Pode-se, portanto, dizer que todo o mundo é, mais ou menos, médium. Entretanto, usualmente, esta qualificação só de aplica àqueles nos quais a faculdade medianímica está nitidamente caracterizada e traduz-se por efeitos patentes de uma certa intensidade, o que depende, então, de uma organização, mais ou menos, sensitiva. Deve-se notar, além disso, que esta faculdade não se revela, em todos, da mesma maneira; os médiuns possuem, geralmente, uma aptidão especial para esta ou aquela ordem de fenômenos, o que faz com que formem tantas variedades, quantas espécies de manifestações. As principais são: *os médiuns de efeitos físicos; os médiuns sensitivos ou impressionáveis; auditivos; falantes; videntes; sonâmbulos; curadores; pneumatógrafos; escreventes ou psicógrafos.*

1. Médiuns de efeitos físicos

160. *Os médiuns de efeitos físicos* são mais particularmente aptos para produzir fenômenos materiais, tais como os movimentos dos corpos inertes, os ruídos, etc. Podem ser divididos em *médiuns facultativos* e *médiuns involuntários.* (Ver, 2ª parte, cap. II e IV.)

Os *médiuns facultativos* são aqueles que têm a consciência de seu poder e que produzem fenômenos espíritas, por ato de sua própria vontade. Esta faculdade, embora inerente à espécie humana, como já dissemos, está longe de existir em todos, no mesmo grau: mas se há poucas pessoas em que ela é

absolutamente nula, as que estão aptas a produzir os grandes efeitos, tais como a suspensão dos corpos pesados no espaço, a translação aérea e, principalmente, as aparições, são mais raras ainda. Os efeitos mais simples são os de rotação de um objeto, pancadas consequentes do levantamento deste objeto ou na sua própria substância. Sem atribuir uma importância capital a esses fenômenos, recomendamos não negligenciá-los; eles podem proporcionar observações interessantes e auxiliar à convicção. Porém, deve-se notar que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente existe naqueles que possuem meios mais perfeitos de comunicação, como escrita ou a palavra. Geralmente, a faculdade diminui num sentido, à medida que se desenvolve num outro.

161. Os *médiuns involuntários* ou *naturais* são aqueles cuja influência se exerce contra a sua vontade. Eles não possuem consciência alguma de seu poder e, muitas vezes, o que se passa de anormal em torno deles não lhes parece, absolutamente, extraordinário; isto faz parte deles próprios, exatamente como as pessoas dotadas da segunda vista e que disso não se apercebem. Esses indivíduos são bem dignos de observação e não se deve descuidar de recolher e estudar os fatos deste gênero que podem chegar ao nosso conhecimento; eles se manifestam em qualquer idade e, frequentemente, em crianças muito novas. (Ver acima, capítulo V, *Manifestações físicas espontâneas*.)

Esta faculdade não é, em si mesma, o indício de um estado patológico, pois não é incompatível com uma saúde perfeita. Se aquele que a possui sofre, isto se deve a uma causa estranha; assim, os meios terapêuticos são impotentes para fazê-la cessar. Ela pode, em certos casos, ser consecutiva de uma certa fraqueza orgânica, mas nunca é causa eficiente. Portanto, não se poderia, racionalmente dela conceber qualquer inquietação, do ponto de vista higiênico; ela só poderia apresentar inconveniente, se o indivíduo, que se tornou médium facultativo, faz dela um uso abusivo, porque, então, haveria, nele, uma emissão muito abundante de fluido vital e, por conseguinte, enfraquecimento dos órgãos.

162. A razão se revolta com a ideia das torturas morais e corporais a que a Ciência, algumas vezes, submeteu seres fracos e delicados, tendo em vista certificar-se de que não havia mistificação da parte deles; essas *experimentações*, feitas, frequentemente, com maldade, são sempre prejudiciais às organizações sensitivas; delas poderia resultar graves desordens na economia orgânica; fazer tais experiências é brincar com a vida. O observador de boa-fé não necessita do emprego desses meios; aquele que está familiarizado com essas espécies de fenômenos sabe, aliás, que eles pertencem mais à ordem moral do que à ordem física e que procurar-se-ia, em vão, a solução delas nas nossas ciências exatas.

Por isso mesmo é que esses fenômenos se prendem à ordem moral; deve-se evitar com cuidado, não menos escrupuloso, tudo o que pode sobre-excitar a imaginação. Conhecem-se os acidentes que o medo pode ocasionar e seriam menos imprudentes, se conhecessem todos os casos de loucura e de epilepsia que têm sua origem nos contos de lobisomens e de bicho-papão; o que acontecerá, então, se se convencessem de que por trás disso tudo está o *diabo*? Aqueles que abonam tais ideias não sabem a responsabilidade que assumem: *eles podem matar*. Ora, o perigo não existe apenas para o sensitivo, mas, também, para aqueles que o cercam e que podem ficar atemorizados pela ideia de que sua casa é um covil de demônios. Foi esta crença funesta que causou tantos atos de atrocidade nos tempos da ignorância. Com um pouco mais de discernimento, entretanto, poderiam imaginar, que queimando o corpo possuído pelo diabo, não queimavam o diabo. Já que queriam desfazer-se do diabo, era ele que era preciso matar; a Doutrina Espírita, esclarecendo-nos sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, aplica-lhe o golpe de misericórdia. *Portanto, longe de concorrer para a manutenção desta ideia, deve-se combatê-la onde ela exista e, este, é um dever de moralidade e de humanidade.*

O que deve ser feito quando uma faculdade semelhante desenvolve-se espontaneamente num indivíduo, é deixar o fenômeno seguir seu curso natural: a Natureza é mais prudente que os homens — a Providência, aliás, tem seus desígnios e a menor das criaturas pode servir de instrumento às maiores. Porém, é preciso convir, este fenômeno assume, algumas vezes, proporções fatigantes e inoportunas para todo o mundo [15]; ora, eis o que é preciso fazer em todos os casos. No capítulo V, das *Manifestações físicas espontâneas,* já demos alguns conselhos sobre este assunto, dizendo que é preciso colocar-se em comunicação com o Espírito para saber dele o que ele quer. O meio que se segue está igualmente baseado na observação.

Os Seres invisíveis, que revelam sua presença através dos efeitos sensíveis, são, em geral, Espíritos de uma ordem inferior e que podem ser dominados pelo ascendente moral; é este ascendente que é preciso procurar adquirir. (Ver itens 251, 254 e 279.)

Para obter este ascendente, é preciso que o sensitivo passe do estado de *médium natural* ao de *médium facultativo*. Produz-se, então, um efeito análogo ao que ocorre no sonambulismo. Sabe-se que o sonambulismo natural cessa, geralmente, quando é substituído pelo sonambulismo magnético. Não se detém, absolutamente, a faculdade emancipadora da alma, uma outra diretriz lhe é dada. O mesmo acontece com a faculdade medianímica. Para isto, em vez de entravar

os fenômenos, o que raramente se consegue e que nem sempre deixa de ser perigoso, é preciso incentivar o médium para produzi-los à sua vontade, impondo-se ao Espírito; através desse meio, chega-se a dominá-lo e, de um dominador, algumas vezes, tirânico, ele faz um ser subordinado e, muitas vezes, dócil. Um fato digno de nota, e justificado pela experiência, é que em caso semelhante, uma criança tem tanta e, frequentemente, mais autoridade do que um adulto: mais uma prova em apoio desse ponto capital da doutrina, de que o Espírito só é criança pelo corpo e que ele possui, por si mesmo, um desenvolvimento necessariamente anterior à sua encarnação atual, desenvolvimento que pode dar-lhe o ascendente sobre Espíritos que lhe sejam inferiores.

A moralização do Espírito pelos conselhos de uma terceira pessoa influente e experimentada, se o médium não estiver em condição de fazê-lo, é muitas vezes, um meio muito eficaz; retornaremos a ele mais tarde.

163. É a esta categoria de médiuns que pertenceriam as pessoas dotadas de uma certa dose de eletricidade natural, verdadeiros *torpedos humanos,* que produzem, pelo simples contato, todos os efeitos da atração e da repulsão. Estaríamos enganados, entretanto, se as considerássemos *médiuns*, pois a verdadeira mediunidade pressupõe a intervenção direta de um Espírito; ora, no caso de que falamos, experiências concludentes têm provado que a eletricidade é o único agente desses fenômenos. Esta faculdade estranha, que quase poderia ser considerada uma enfermidade, pode, algumas vezes, aliar-se à mediunidade, como se pode ver na história do *Espírito batedor de Bergzabern*; porém, muitas vezes, ela é completamente independente. Assim, como já dissemos, a única prova da intervenção dos Espíritos é o caráter inteligente das manifestações; todas as vezes que este caráter não exista, somos levados a atribuí-las a uma causa puramente física. A questão é saber se as *pessoas elétricas* teriam uma aptidão maior para se tornarem *médiuns de efeitos físicos*; pensamos que sim, mas isto seria um resultado de experiência.

2. Médiuns sensitivos ou impressionáveis

164. Chamam-se, assim, as pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma vaga impressão, uma espécie de roçadura sobre todos os membros, que elas não podem explicar. Esta variedade não apresenta caráter bem definido; todos os médiuns são, necessariamente, impressionáveis — a impressionabilidade é, dessa forma, muito mais uma qualidade geral do que particular; constitui a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras; ela difere da impressionabilidade puramente física e nervosa,

com a qual não se deve confundi-la; pois há pessoas que não têm nervos delicados e que sentem, mais ou menos, o efeito da presença dos Espíritos, assim como outras, muito irritáveis, absolutamente não os pressentem.

Esta faculdade desenvolve-se pelo hábito e pode adquirir uma tal sutileza, que aquele que dela é dotado reconhece, pela impressão que sente, não somente a natureza boa ou má do Espírito que está a seu lado, mas, até, sua individualidade, como o cego reconhece, por um certo não sei o quê, a aproximação desta ou daquela pessoa; ele se torna, com relação aos Espíritos, um verdadeiro sensitivo. Um bom Espírito produz, sempre, uma impressão suave e agradável; a de um mau Espírito, ao contrario, é penosa, ansiosa e desagradável; há como que um odor de impureza.

3. Médiuns auditivos

165. Eles ouvem a voz dos Espíritos; como o dissemos, ao falar da pneumatofonia, algumas vezes, é uma voz interior que se faz ouvir no foro íntimo; de outras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta como a de uma pessoa viva. Os médiuns auditivos podem, assim, conversar com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com certos Espíritos, imediatamente os reconhecem pela natureza da voz. Quando não somos nós próprios dotados desta faculdade, podemos igualmente comunicar com um Espírito, por intermédio de um médium auditivo, que desempenhe o papel de intérprete.

Esta faculdade é muito agradável, quando o médium só ouve bons Espíritos ou apenas aqueles que ele chama; mas o mesmo não ocorre quando um mau Espírito agarra-se a ele e lhe faz ouvir, a cada minuto, as coisas mais desagradáveis e, algumas vezes, as mais inconvenientes. Deve-se, então, procurar desembaraçar-se dele pelos meios que indicaremos no capítulo da *Obsessão*.

4. Médiuns falantes

166. Os médiuns auditivos que só transmitem o que ouvem não são, propriamente falando, *médiuns falantes*; estes últimos, com muita frequência, nada ouvem; neles, o Espírito age sobre os órgãos da palavra, como age sobre a mão dos médiuns escreventes. Querendo comunicar-se, o Espírito serve-se do órgão que ele encontra mais flexível no médium; a um, ele toma emprestada a mão, a um outro, a palavra, a um terceiro, o ouvido. O médium falante exprime-se, geralmente, sem ter a consciência do que diz, e, muitas vezes, diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e, até, ao alcance de sua inteligência. Embora esteja perfeitamente desperto e em estado

normal, ele raramente conserva a lembrança do que ele diz; em resumo, nele, a palavra é um instrumento de que o Espírito se serve e com a qual uma pessoa estranha pode comunicar-se, como ele pode fazê-lo, por intermédio do médium auditivo.

A passividade do médium falante nem sempre é tão completa; há alguns que têm a intuição do que dizem, no próprio momento em que pronunciam as palavras. Retornaremos a esta variedade de médiuns, quando tratarmos dos médiuns intuitivos.

Médiuns videntes

167. Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Há aqueles que gozam desta faculdade no estado normal, quando estão perfeitamente acordados e conservam a lembrança exata do que viram; outros só a possuem num estado sonambúlico ou próximo do sonambulismo. Esta faculdade raramente é permanente; quase sempre ela é o efeito de uma crise momentânea e passageira. Pode-se classificar na categoria dos médiuns videntes todas as pessoas dotadas da segunda vista. A possibilidade de ver os Espíritos, em sonho, resulta, incontestavelmente, de uma espécie de mediunidade, mas não constitui propriamente falando, os médiuns videntes. Explicamos este fenômeno no capítulo VI das *Manifestações visuais*.

O médium vidente acredita ver através dos olhos, como os que possuem a dupla vista; mas, na realidade, é a alma quem vê e esta é a razão pela qual eles veem tanto com os olhos fechados, quanto com os olhos abertos; donde se conclui que um cego pode ver os Espíritos, como aquele que possui a vista intacta. Sobre este último ponto, caberia fazer um estudo interessante — este seria o de saber se esta faculdade é mais frequente nos cegos. Espíritos que tinham sido cegos, na Terra, nos disseram que, enquanto vivos, eles tinham, através da alma, a percepção de certos objetos e que eles não se encontravam mergulhados em *negra* escuridão.

168. É preciso distinguir as aparições acidentais e espontâneas, da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras são frequentes, principalmente no momento da morte das pessoas que se amou ou se conheceu e que vêm avisar que elas não pertencem mais a este mundo. Há numerosos exemplos de fatos deste gênero, sem falar das visões durante o sono. De outras vezes, são igualmente parentes ou amigos que, embora estejam mortos já há algum tempo, aparecem, seja para advertir de um perigo, seja para dar um conselho ou pedir um serviço. O serviço que um Espírito pode solicitar consiste, geralmente, na execução de uma coisa que ele não pôde fazer, enquanto vivo, ou

no auxílio das preces. Essas aparições são fatos isolados que apresentam sempre um caráter individual e pessoal e não constituem uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos muito frequente, de ver qualquer Espírito que apareça, mesmo que nos seja estranho. É esta faculdade que constitui, propriamente falando, a dos médiuns videntes.

Entre os médiuns videntes, há aqueles que só veem os Espíritos que são evocados e, cuja descrição, podem fazer com minuciosa exatidão; descrevem nos mínimos detalhes os seus gestos, a expressão de sua fisionomia, os traços do rosto, as vestes e, até, os sentimentos de que parecem animados. Existem outros nos quais esta faculdade é ainda mais geral: eles veem toda a população espírita ambiente ir e vir e, poder-se-ia dizer, cuidar dos seus afazeres.

169. Uma noite, assistimos à representação da ópera *Obéron*, em companhia de um médium vidente muito bom. Havia, na sala, um número bastante grande de lugares vagos, mas muitos deles estavam ocupados por Espíritos que pareciam apreciar o espetáculo; alguns iam para junto de certos espectadores e pareciam escutar suas conversas. No palco, acontecia uma outra cena: através dos atores, vários Espíritos de humor jovial divertiam-se, arremedando-os, imitando seus gestos de uma maneira grotesca; outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços para transmitir-lhes energia. Um deles estava constantemente junto de uma das principais cantoras; julgamo-lo animado de intenções um tanto levianas; tendo-o evocado, após o término do espetáculo, ele veio até nós e nos censurou, com alguma severidade, nosso julgamento temerário: " Não sou o que imaginais, disse, sou seu guia e seu Espírito protetor; sou eu o encarregado de dirigi-la." Depois de alguns minutos de uma conversa muito séria, ele nos deixou, dizendo: "Adeus, ela está em seu camarim; é preciso que eu vá velar por ela." Evocamos, em seguida, o Espírito Weber, o autor da ópera e lhe perguntamos o que ele achava da execução de sua obra. "Não é de todo má, disse, porém, é frouxa; os atores cantam, é só isso; não há inspiração. Esperai, acrescentou, vou tentar dar-lhes um pouco do fogo sagrado." Então, nós o vimos, no palco, pairando acima dos atores; um eflúvio parecia partir dele e espalhar-se sobre eles; neste momento, houve, neles, uma recrudescência visível de energia.

170. Aqui está um outro fato que prova a influência que os Espíritos exercem sobre os homens à revelia destes. Assistíamos, como naquela noite, a uma representação teatral com um outro médium vidente. Tendo iniciado uma conversa com um *Espírito espectador*, este nos disse: "Vedes aquelas duas senhoras sozinhas naquele camarote de primeira? Pois bem! Estou me

esforçando para fazê-las abandonar a sala. Dito isto, vimo-lo ir colocar-se no camarote em questão e falar com as duas senhoras; de repente, estas, que estavam muito atentas ao espetáculo, olharam-se, parecendo consultar-se, depois se foram e não reapareceram mais. O Espírito nos fez, então, um gesto cômico para mostrar que ele havia mantido a palavra; mas nós não o revimos mais para lhe pedir mais amplas explicações. É assim que pudemos, inúmeras vezes, ser testemunha do papel que os Espíritos desempenham entre os vivos; nós os observamos em diversos locais de reunião, no baile, no concerto, no sermão, nos funerais, nas bodas, etc., e, por toda a parte, nós os encontramos atiçando as más paixões, insuflando a discórdia, provocando as rixas e regozijando-se com suas proezas; outros, ao contrário, combatiam esta influência perniciosa, mas, raramente, eram ouvidos.

171. A faculdade de ver os Espíritos pode, sem dúvida, desenvolver-se, mas esta é uma das que convém aguardar o desenvolvimento natural, sem provocá-lo, se não se quiser expor-se a ser o joguete de sua imaginação. Quando o gérmen de uma faculdade existe, ela se manifesta por si mesma: em princípio, é preciso contentar-se com as que Deus nos concedeu, sem procurar o impossível; pois, então, querendo possuir muito, arrisca-se a perder o que se tem.

Quando dissemos que os fatos de aparições espontâneas são frequentes (item 107), não queríamos dizer que eles são muito comuns; quanto aos médiuns videntes propriamente ditos, eles são ainda mais raros e há, ainda, muito que desconfiar daqueles que pretendem gozar desta faculdade; é prudente não lhes dar crédito, a não ser diante de provas positivas. Sequer falamos daqueles que se enganam na ridícula ilusão dos Espíritos glóbulos, que descrevemos no item 108, mas daqueles que creem ver os Espíritos de uma maneira racional. Algumas pessoas podem, sem dúvida, enganar-se de boa-fé, outras, porém, também podem simular esta faculdade por amor-próprio ou por interesse. Neste caso, particularmente, é preciso levar em conta o caráter, a moralidade e a sinceridade habitual; mas, é sobretudo nas particularidades que se pode encontrar a verificação mais segura, pois há aquelas que não podem deixar dúvida, como por exemplo, a exatidão do retrato de Espíritos, que o médium jamais conheceu vivos. O fato seguinte pertence a esta categoria:

Uma senhora, viúva, cujo marido comunica-se frequentemente com ela, achava-se, um dia, com um médium vidente que não a conhecia, como também não conhecia sua família; o médium lhe disse: "— Vejo um Espírito perto da senhora." — "Ah! respondeu ela, é, sem dúvida meu marido, que quase nunca me deixa." — "Não, respondeu o médium, é uma mulher de certa idade; ela usa

uma faixa branca na fronte.”

Por esta particularidade e por outros detalhes descritivos, a senhora reconheceu a sua avó, sem se confundir, e em quem, naquele momento, ela não pensava, absolutamente. Se o médium tivesse querido simular a faculdade, seria fácil para ele convergir para o pensamento da senhora, enquanto que, em vez do marido, com quem ela estava preocupada, ele vê uma mulher com esta particularidade de penteado, com a qual nem poderia imaginar. Este fato prova uma outra coisa: é que a visão, no médium, não era o reflexo de qualquer pensamento estranho. (Ver item 102.)

Médiuns sonâmbulos

172. O sonambulismo pode ser considerado como uma variedade da faculdade medianímica, ou, melhor dizendo, são duas ordens de fenômenos que se encontram, com muita frequência, reunidas. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe fora do limite dos sentidos, o que ele expressa, haure-o em si mesmo; suas ideias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais extensos, porque sua alma está livre; numa palavra, ele vive, por antecipação, a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é o instrumento de uma inteligência estranha; ele é passivo, e o que ele diz não vem, absolutamente, dele. Em resumo, o sonâmbulo exprime seu próprio pensamento e o médium exprime o de um outro. Mas, o Espírito que se comunica com um médium comum pode muito bem fazê-lo com um sonâmbulo; muitas vezes, até, o estado de emancipação da alma, durante o sonambulismo, torna esta comunicação mais fácil. Muitos sonâmbulos veem, perfeitamente, os Espíritos e os descrevem com tanta precisão quanto os médiuns videntes; eles podem conversar com eles e nos transmitir seu pensamento; o que eles dizem, fora do círculo de seus conhecimentos pessoais, lhes é, muitas vezes, sugerido por outros Espíritos. Eis um exemplo notável em que a dupla ação do Espírito do sonâmbulo e do Espírito estranho se revela da maneira menos equívoca.

173. Um de nossos amigos tinha como sonâmbulo um jovem de 14 a 15 anos, de uma inteligência bem comum e de uma instrução extremamente limitada. Entretanto, no estado sonambúlico, deu provas de uma lucidez extraordinária e de uma grande perspicácia. Ele era excelente, principalmente, no tratamento das doenças e fez um grande número de curas impossíveis. Um dia, quando dava uma consulta a um doente, cujo mal descreveu com perfeita exatidão: — “Não basta, disseram-lhe, trata-se, agora, de indicar o remédio.” “— Não posso, respondeu, *meu anjo doutor não está aqui*.” “— O que entendeis por

vosso anjo doutor?" "— O que me dita os remédios." "— Não sois vós, portanto, que vedes os remédios?" "— Oh! Não; pois digo que é meu anjo doutor quem os dita para mim."

Assim, neste sonâmbulo, a ação de *ver* o mal era do seu próprio Espírito que, para isso, não necessitava de assistência alguma; mas a indicação dos remédios lhe era dada por um outro; este outro, não estando presente, ele nada podia dizer. Sozinho, ele era apenas *sonâmbulo*; assistido por aquele a quem chamava de seu anjo doutor, ele era *sonâmbulo-médium*.

174. A lucidez sonambúlica é uma faculdade que pertence ao organismo e que é inteiramente independente da elevação, do adiantamento e, até, do estado moral do sensitivo. Um sonâmbulo pode, portanto, ser muito lúcido e ser incapaz de resolver certas questões, se seu Espírito for pouco adiantado. O que fala, por si mesmo, pode, portanto, dizer coisas boas ou más, justas ou falsas, utilizar-se de mais ou menos delicadeza e escrúpulo nos seus procedimentos, conforme o grau de elevação ou de inferioridade de seu próprio Espírito; é, então, que a assistência de um Espírito estranho pode suprir a sua insuficiência; mas um sonâmbulo pode ser assistido por um Espírito mentiroso, leviano, ou, mesmo, mau, tanto quanto os médiuns; é aí, sobretudo, que as qualidades morais têm uma grande influência para atrair os bons Espíritos. (Ver *O Livro dos Espíritos, Sonambulismo*, questão 425; e adiante, o capítulo sobre a *Influência moral do médium.*)

7. Médiuns curadores

175. Só para lembrar, falaremos, aqui, desta variedade de médiuns, porque este assunto exigiria desenvolvimentos extensos demais para o quadro que traçamos; sabemos, além disso, que um de nossos amigos, médico, propõe-se a tratá-lo numa obra especial sobre a medicina intuitiva. Diremos, apenas, que este tipo de mediunidade consiste, principalmente, no dom que certas pessoas possuem de curar, pelo simples toque, pelo olhar, até por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. Dir-se-á, sem dúvida, que isto é apenas magnetismo. É evidente que o fluido magnético desempenha, aqui, um grande papel; mas quando se examina este fenômeno com cuidado, reconhece-se, sem dificuldade, que existe algo a mais. A magnetização comum é um verdadeiro tratamento contínuo, regular e metódico; ali, as coisas se passam de modo completamente diferente. Quase todos os magnetizadores são aptos para curar, se souberem conduzir-se convenientemente, enquanto que, nos médiuns curadores, a faculdade é espontânea e alguns até a possuem, sem jamais ter ouvido falar de magnetismo. A intervenção de um poder oculto, que constitui a mediunidade,

torna-se evidente, em certas circunstâncias, principalmente, quando se considera que a maioria das pessoas que podemos, com razão, qualificar de médiuns curadores têm recorrido à prece, que constitui uma verdadeira evocação. (Ver acima, item 131.)

176. Eis as respostas que nos foram dadas pelos Espíritos às seguintes perguntas sobre este assunto:

1) Podemos considerar as pessoas dotadas do poder magnético como formando uma variedade de médiuns?

"Não podeis duvidar disto."

2) Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo sua força em si mesmo, não parece ser o intermediário de qualquer poder estranho?

"É um erro; o poder magnético reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentado pela ação dos Espíritos, que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas, tendo em vista curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito, que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta tua força e tua vontade; dirige teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias."

3) Há, entretanto, muito bons magnetizadores que não acreditam nos Espíritos?

"Pensas, então, que os Espíritos só agem sobre aqueles que neles acreditam? Os que magnetizam para o bem são secundados pelos bons Espíritos. Todo homem que possui o desejo do bem, chama-os, sem perceber, assim como, pelo desejo do mal e as más intenções, ele chama os maus."

4) Agiria com mais eficácia aquele que, possuindo o poder magnético, acreditasse na intervenção dos Espíritos?

"Ele faria coisas que consideraríeis milagres."

5) Certas pessoas possuem, verdadeiramente, o dom de curar pelo simples toque, sem o emprego dos passes magnéticos?

"Certamente, não tendes disso numerosos exemplos?"

6) Neste caso, existe ação magnética ou apenas influência dos Espíritos?

"Uma e outra coisa. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, visto que agem sob a influência dos Espíritos; mas não quer dizer que sejam médiuns curadores, como o entendeis."

7) Este poder pode ser transmitido?

"O poder, não; mas o conhecimento das coisas necessárias para exercê-lo, se

o possuir. Este, não perceberia que possui este poder, se não acreditasse que ele lhe foi transmitido."

8) Podem-se obter curas apenas pela prece?

"Sim, algumas vezes, se Deus o permitir; mas talvez o bem do doente esteja em sofrer ainda; e, então, acreditais que nossa prece não foi ouvida."

9) Haverá, para isso, fórmulas de preces mais eficazes umas do que as outras?

"Somente a superstição pode atribuir uma virtude a algumas palavras, e apenas Espíritos ignorantes ou mentirosos podem sustentar semelhantes ideias, prescrevendo fórmulas. Todavia, pode acontecer que, para pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o emprego de uma fórmula contribua para lhes dar confiança; neste caso, não é a fórmula que é eficaz, mas a fé que é aumentada pela ideia vinculada ao emprego da fórmula."

8. Médiuns pneumatógrafos

177. Dá-se este nome aos médiuns aptos para obter a escrita direta, o que não é dado a todos os médiuns escreventes. Esta faculdade é, até o presente, muito rara; desenvolve-se, provavelmente, pelo exercício; mas, como já dissemos, sua utilidade prática limita-se a uma constatação patente da intervenção de um poder oculto nas manifestações. Somente a experiência pode dizer se a possuímos; pode-se, portanto, experimentar e, além disso, pode-se perguntar a um Espírito protetor, através dos outros meios de comunicação. Conforme o maior ou menor poder do médium, obtêm-se simples traços, sinais, letras, palavras, frases e, até, páginas inteiras. Comumente, basta que se coloque uma folha de papel dobrada, num lugar qualquer ou indicado pelo Espírito, durante dez ou quinze minutos, algumas vezes mais. A prece e o recolhimento são condições essenciais; é por isso que se pode considerar impossível algo obter numa reunião de pessoas pouco sérias ou que não estejam animadas de sentimentos simpáticos e benevolentes. (Ver A teoria da escrita direta, capítulo VIII, *Laboratório do mundo invisível,* item 127 e seguintes e capítulo XII, *Pneumatografia*).

Nos capítulos seguintes, trataremos de uma maneira especial dos médiuns escreventes.

CAPÍTULO XV

MÉDIUNS ESCREVENTES OU PSICÓGRAFOS

Médiuns mecânicos. – Intuitivos. – Semimecânicos. – Inspirados ou involuntários. – Méiuns de pressentimentos.

178. De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, o mais cômodo e, principalmente, o mais completo. É para este que devem tender todos os esforços, pois ele permite estabelecer, com os Espíritos, relações tão contínuas e tão regulares quanto as que existem entre nós. Deve-se empregá-lo tanto mais, quanto é através dele que os Espíritos melhor revelam sua natureza e o grau de seu aperfeiçoamento ou de sua inferioridade. Pela facilidade que encontram para exprimir-se, eles nos revelam seus pensamentos íntimos e nos colocam em condição de julgá-los e apreciar-lhes o valor. A faculdade de escrever, para um médium, é, além disso, a mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício.

Médiuns mecânicos

179. Se examinarmos certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta ou da prancheta que escreve, não poderemos duvidar de uma ação exercida, diretamente, pelo Espírito sobre esses objetos. A cesta agita-se, às vezes, com tanta violência, que escapa das mãos do médium; algumas vezes, até, ela se dirige para certas pessoas do círculo para nelas bater; de outras vezes, seus movimentos testemunham um sentimento afetuoso. A mesma coisa ocorre quando o lápis está colocado na mão do médium; frequentemente, ele é atirado ao longe, com força, ou, então, a mão, como a cesta, agita-se, convulsivamente e bate na mesa com raiva, mesmo quando o médium encontra-se na maior calma e espanta-se de não ser senhor de si mesmo. Digamos, de passagem, que esses efeitos denotam sempre a presença de Espíritos imperfeitos; os Espíritos realmente superiores são constantemente calmos, dignos e benevolentes; se não são ouvidos convenientemente, eles se retiram e outros lhes tomam o lugar. O Espírito pode, portanto, exprimir, diretamente o seu pensamento, seja pelo

movimento de um objeto, no qual a mão do médium é apenas o ponto de apoio, seja pela sua ação sobre a própria mão.

Quando o Espírito atua, diretamente, sobre a mão, ele dá a esta uma impulsão completamente independente da vontade. Ela se desloca, sem interrupção e apesar do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa a dizer e para, quando ele termina.

O que caracteriza o fenômeno, nesta circunstância, é o que o médium não possui a menor consciência do que escreve; a inconsciência absoluta, neste caso, constitui o que se chama de *médiuns passivos* ou *mecânicos*. Esta faculdade é preciosa por não permitir qualquer dúvida sobre a independência do pensamento daquele que escreve.

Médiuns intuitivos

180. A transmissão do pensamento também ocorre por intermédio do Espírito do médium, ou melhor, de sua alma, visto que designamos por este nome o Espírito encarnado. O Espírito estranho, neste caso, não atua sobre a mão para fazê-la escrever; ele não a segura, não a guia; ele age sobre a alma com a qual identifica-se. A alma, sob esta impulsão, dirige a mão, e a mão dirige o lápis. Notemos, aqui, uma coisa importante, a saber: é que o Espírito estranho não se substitui, absolutamente, à alma, pois ele não poderia deslocá-la — ele a domina, contra a sua vontade, impondo-lhe a sua. Nesta circunstância, o papel da alma não é, absolutamente, passivo, é ela quem recebe o pensamento do Espírito estranho e que o transmite. Nesta situação, o médium tem a consciência do que escreve, embora não seja o seu próprio pensamento; ele é o que se chama de *médium intuitivo*.

Se é assim, dirão, nada prova que seja muito mais um Espírito estranho quem escreve do que o do médium. A distinção é, de fato, algumas vezes, bastante difícil de ser feita, mas pode acontecer que isto tenha pouca importância. Entretanto, pode-se reconhecer o pensamento sugerido por nunca ser preconcebido; ele nasce à medida que se escreve, e, muitas vezes, é contrário à ideia prévia que se tinha formado; ele pode estar, até, fora dos conhecimentos e das capacidades do médium.

O papel do médium mecânico é o de uma máquina; o médium intuitivo age como o faria um porta-voz ou intérprete. Este, de fato, para transmitir o pensamento, deve compreendê-lo, apropriar-se dele, de alguma forma, para fielmente traduzi-lo e, no entanto, este pensamento não é o seu; ele apenas atravessa seu cérebro. Este é, exatamente, o papel do médium intuitivo.

Médiuns semimecânicos

181. No médium puramente mecânico, o movimento da mão é independente da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico participa de ambos: ele sente uma impulsão dada à sua mão, contra a sua vontade, mas, ao mesmo tempo, tem a consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro, o pensamento segue-se ao ato da escrita; no segundo, ele o precede; no terceiro, ele o acompanha. Estes últimos médiuns são os mais numerosos.

Médiuns inspirados

182. Qualquer pessoa que, quer no estado normal, quer no estado de êxtase, receba, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas ideias preconcebidas, pode ser classificada na categoria dos médiuns inspirados; é, como se vê, uma variedade da mediunidade intuitiva, com esta diferença de que a intervenção de um poder oculto é, aí, muito menos sensível, pois, no inspirado, é ainda mais difícil distinguir o pensamento próprio, daquele que é sugerido. O que caracteriza este último é, principalmente, a espontaneidade. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal, mas ela procede muito mais daqueles que nos querem bem e cujos conselhos, muitas vezes, cometemos o erro de não seguir; ela se aplica a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar; sob este aspecto, pode-se dizer que todos são médiuns, pois não há quem não possua seus Espíritos protetores e familiares, que fazem todos os seus esforços para sugerir aos seus protegidos pensamentos salutares. Se todos estivessem bem compenetrados desta verdade, recorrer-se-ia, com maior frequência, à inspiração de seu anjo guardião, nos momentos em que não se sabe o que dizer ou o que fazer. Que o invoquem, portanto, com *fervor* e *confiança*, em caso de necessidade, e, com muita frequência ficarão admirados com as ideias que surgirão, como por encanto, quer se trate de uma resolução a tomar, quer se trate de compor alguma coisa. Se nenhuma ideia lhe vier, é que, seria preciso esperar. A prova de que a ideia que surge é, realmente, uma ideia estranha a si mesmo, é que, se ela estivesse sempre consigo, esta pessoa teria sido sempre sua proprietária e não haveria razão para que ela não se manifestasse à vontade. Aquele que não é cego só precisa abrir os olhos para enxergar, quando quiser; assim também, aquele que possui ideias próprias têm-nas sempre à sua disposição; se elas não lhe acodem à vontade, é que ele é obrigado a buscá-las em outros lugares, que não no seu próprio íntimo.

Pode-se ainda incluir nesta categoria as pessoas que, sem ser dotadas de uma

inteligência fora do comum e sem sair do estado normal, têm lampejos de uma lucidez intelectual que lhes dá, momentaneamente, uma facilidade incomum de concepção e de elocução, e em certos casos, o pressentimento das coisas futuras. Nestes momentos que chamamos, justamente, de inspiração, as ideias abundam, seguem-se, encadeiam-se, por assim dizer, por si mesmas, através de um impulso involuntário e quase febril; parece-nos que uma inteligência superior vem nos ajudar e que nosso espírito está livre de um fardo.

183. Os homens de gênio de todos os gêneros: artistas, sábios, literatos, são, sem dúvida, Espíritos adiantados, capazes, por si mesmos, de compreender e de conceber grandes coisas; ora, é precisamente porque são julgados capazes, que os Espíritos que querem a execução de certos trabalhos, sugerem-lhes as ideias necessárias e, é assim que, na maioria das vezes, eles são *médiuns sem o saberem*. Entretanto, possuem uma vaga intuição de uma assistência estranha, pois aquele que apela pela inspiração, não faz outra coisa senão uma evocação: se não esperasse ser ouvido, por que exclamaria tão frequentemente: meu bom gênio, vem em meu auxílio!

As respostas seguintes confirmam esta afirmativa:

1) Qual a causa primeira da inspiração?

"O Espírito que se comunica através do pensamento."

2) A inspiração não tem por objeto apenas a revelação das grandes coisas?

"Não. Frequentemente, ela tem relação com as circunstâncias mais comuns da vida. Por exemplo, queres ir a algum lugar: uma voz secreta te diz para não fazê-lo, porque há perigo para ti; ou, então, ela te diz para fazer uma coisa na qual não pensavas — é a inspiração. Há bem poucas pessoas que não tenham sido, mais ou menos inspiradas, em certos momentos."

3) Um autor, um pintor, um músico, por exemplo, nos momentos de inspiração, poderiam ser considerados médiuns?

"Sim, pois nesses momentos, a alma deles está mais livre e como que desprendida da matéria; ela recobra uma parte de suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos outros Espíritos, que a inspiram."

Médiuns de pressentimentos

184. O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas possuem esta faculdade mais ou menos desenvolvida; podem devê-la a uma espécie de dupla vista, que lhes permite entrever as consequências das coisas presentes e a filiação dos acontecimentos; mas, muitas vezes, também ela é o resultado de comunicações ocultas e, é neste caso, principalmente, que se

pode dar àqueles, que dela são dotados, o nome de *médiuns de pressentimentos*, que constituem uma variedade dos *médiuns inspirados*.



CAPÍTULO XVI

MÉDIUNS ESPECIAIS

Aptidões especiais dos médiuns. – Quadro sinótico das diferentes variedades de médiuns

185. Além das categorias de médiuns que acabamos de enumerar, a mediunidade apresenta uma variedade infinita de nuanças, que constituem o que se chamam de médiuns especiais e que possuem aptidões particulares, ainda não definidas, abstração feita das qualidades e conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A natureza das comunicações é sempre relativa à natureza do Espírito e traz o cunho de sua elevação ou de sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância; mas em igualdade de merecimento, do ponto de vista hierárquico, há, nele, incontestavelmente, uma propensão para se ocupar de uma coisa mais simples do que com uma outra; os Espíritos batedores, por exemplo, quase não saem das manifestações físicas e, entre aqueles que dão manifestações inteligentes, há Espíritos poetas, músicos, desenhistas, moralistas, sábios, médicos, etc. Falamos dos Espíritos de uma ordem mediana, pois, tendo chegado a um certo grau, as aptidões se confundem na unidade da perfeição. Porém, ao lado da aptidão do Espírito, existe a do médium, que é para este, um instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível e em que ele descobre qualidades particulares, que não podemos apreciar.

Façamos uma comparação: um músico muito hábil tem em seu poder vários violinos que, para o vulgo, serão todos bons instrumentos, mas, entre os quais, o artista consumado faz uma grande diferença; neles ele apreende nuanças de uma extrema delicadeza, que o farão escolher uns e rejeitar os outros, nuanças que ele percebe por intuição, visto que não pode defini-las. Ocorre o mesmo com relação aos médiuns: em igualdade de qualidades nos poderes mediúnicos, o Espírito dará preferência a um ou a outro, de acordo com o gênero de comunicação que ele queira fazer. Assim, por exemplo, vemos pessoas escrever, como médiuns, admiráveis poesias, embora, em condições comuns, elas nunca tenham podido

ou sabido fazer dois versos; outros, ao contrário, que são poetas, e que, como médiuns, nunca puderam escrever senão prosa, apesar do seu desejo de fazê-lo. O mesmo se dá relativamente ao desenho, à música, etc. Há aqueles que, sem ter, de si mesmos, conhecimentos científicos, possuem uma aptidão mais particular para receber comunicações eruditas; outros, para os estudos históricos; outros servem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos moralistas; numa palavra, qualquer que seja a flexibilidade do médium, as comunicações que ele mais facilmente recebe possuem, geralmente, um cunho especial; há até aqueles que não saem de um certo círculo de ideias e, quando destas se afastam, só obtêm comunicações incompletas, lacônicas e, muitas vezes, falsas. Além das causas de aptidão, os Espíritos comunicam-se ainda, mais ou menos voluntariamente, por este ou aquele intermediário, de acordo com suas simpatias; assim, em iguais condições, aliás, o mesmo Espírito será muito mais explícito com certos médiuns, unicamente porque, estes, lhe convêm mais.

186. Enganar-se-ia, portanto, se apenas porque se dispõe de um médium, mesmo que tivesse a maior facilidade para escrever, se se pensasse obter, através dele, boas comunicações de todos os gêneros. A primeira condição é, incontestavelmente, certificar-se da origem de onde elas emanam, isto é, das qualidades do Espírito que as transmite; mas não é menos necessário ter em vista as qualidades do instrumento que se oferece ao Espírito; é preciso, portanto, estudar a natureza do médium, como se estuda a natureza do Espírito, pois, aí, estão os dois elementos essenciais para obter um resultado satisfatório. Há um terceiro, que desempenha um papel igualmente importante: é a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável daquele que interroga; e isto se concebe: *Para que uma comunicação seja boa, é necessário que ela emane de um Espírito bom; para que este bom Espírito POSSA transmiti-la, é-lhe necessário um bom instrumento; para que ele QUEIRA transmiti-la, é preciso que o objetivo lhe convenha.* O Espírito que lê no pensamento, julga se a questão que lhe propõem merece uma resposta séria, e se a pessoa que lha dirige é digna de recebê-la; caso contrário, ele não perde seu tempo em semear bons grãos sobre pedras e é, então, que os Espíritos levianos e zombeteiros a isso se entregam, porque, preocupando-se pouco com a verdade, não a encaram de tão perto e são, geralmente, bastante pouco escrupulosos sobre o objetivo e os meios.

Resumimos, aqui, os principais gêneros de mediunidade a fim de apresentar, de alguma maneira, o quadro sinótico deles, que compreende os que já descrevemos nos capítulos precedentes, indicando os números onde tratamos de

cada uma, com mais detalhes.

Agrupamos as diferentes variedades de médiuns, por analogia de causas e de efeitos, sem que esta classificação nada tenha de absoluto. Algumas são encontradas com frequência; outras, ao contrário, são raras e, até, excepcionais, o que tivemos o cuidado de mencionar. Estas últimas indicações foram todas fornecidas pelos Espíritos que, de resto, reviram este quadro com um zelo particular e o completaram através de numerosas observações e novas categorias, de tal maneira que ele é, por assim dizer, inteiramente obra deles. Indicamos, através de aspas, suas observações textuais, quando acreditamos dever fazê-las sobressair. Elas são, na sua maioria, de *Erasto* e de *Sócrates*.

187. Podemos dividir os médiuns em duas grandes categorias:

OS MÉDIUNS DE EFEITOS FÍSICOS: os que têm o poder de provocar efeitos materiais ou manifestações ostensivas (item 160).

OS MÉDIUNS DE EFEITOS INTELECTUAIS: os que são mais especialmente aptos para receber e transmitir as comunicações inteligentes. (Item 65 e seguintes.)

Todas as outras variedades se ligam mais ou menos diretamente a uma ou outra dessas duas categorias; algumas participam de ambas. Se analisarmos os diferentes fenômenos produzidos sob a influência medianímica, veremos que, em todos, há um efeito físico e que aos efeitos físicos junta-se, com maior frequência, um efeito inteligente. O limite entre os dois é, algumas vezes, difícil de determinar, mas, isto, nenhuma consequência apresenta. Sob a denominação de *médiuns de efeitos intelectuais* compreendemos os que podem mais especialmente servir de intermediários para as comunicações regulares e continuas. (Item 133.)

188. *Variedades comuns a todos os gêneros de mediunidade.*

I – *Médiuns sensitivos*: pessoas suscetíveis de sentir a presença dos espíritos através de uma impressão geral ou local, vaga ou material. A maioria distingue os Espíritos bons ou maus pela natureza da impressão. (Item 164.)

"Os médiuns delicados e muito sensitivos devem abster-se das comunicações com os Espíritos violentos ou cuja impressão é penosa por causa da fadiga que daí resulta."

II – *Médiuns naturais ou inconscientes*: os que produzem os fenômenos espontaneamente, sem nenhuma participação da própria vontade e, na maioria das vezes, sem ter consciência. (Item 161.)

III – *Médiuns facultativos ou voluntários*: os que têm o poder de provocar os

fenômenos por um ato da sua própria vontade. (Item 160.)

"Qualquer que seja esta vontade, eles nada podem, se os Espíritos se recusam, o que prova a intervenção de um poder estranho."

189. *Variedades especiais para os efeitos físicos.*

1) *Médiuns tiptólogos*: aqueles pela influência dos quais se produzem os ruídos e as pancadas. Variedade muito comum, com ou sem participação da vontade.

2) *Médiuns motores*: os que produzem o movimento dos corpos inertes. Muito comuns. (Item 61.)

3) *Médiuns de translações e de suspensões*: os que produzem a translação aérea e a suspensão dos corpos inertes no espaço, sem ponto de apoio. Há, entre eles, os que podem elevar-se a si mesmos. Mais ou menos raros, de acordo com o desenvolvimento do fenômeno; muito raros, no último caso. (Item 75 e seguintes; item 80.)

4) *Médiuns de efeitos musicais*: provocam a execução de alguns instrumentos, sem contato. Muito raros. (Item 74; perg. 24.)

5) *Médiuns de aparições*: os que podem provocar aparições fluídicas ou tangíveis, visíveis para os assistentes. Muito excepcionais. (Item 100; perg. 27; item 104.)

6) *Médiuns de transporte*: os que podem servir de auxiliares aos Espíritos para o transporte de objetos materiais. Variedade de médiuns motores e de translações. Excepcionais. (Item 96.)

7) *Médiuns noturnos*: os que só obtêm certos efeitos físicos na obscuridade. Eis a resposta de um Espírito à pergunta para saber se podemos considerar esses médiuns como que formando uma variedade.

"Certamente, pode-se dela fazer uma especialidade, mas este fenômeno se deve muito mais às condições ambientes do que à natureza do médium ou dos Espíritos; devo acrescentar que alguns escapam dessa influência do meio e que a maioria dos médiuns noturnos poderia chegar, pelo exercício, a atuar tão bem na claridade, quanto na obscuridade. Esta variedade de médiuns é pouco numerosa; e, é preciso dizê-lo, graças a esta condição, que possibilita inteira liberdade no emprego dos truques, da ventriloquia e dos tubos acústicos é que charlatães têm frequentemente abusado da credulidade, fazendo-se passar por médiuns, a fim de ganhar muito dinheiro. Mas, o que importa? os menestréis de casa, como os menestréis de praça pública serão cruelmente desmascarados e os Espíritos lhes provarão que não é bom imiscuir-se nos seus trabalhos. Sim, repito, alguns

charlatães serão repreendidos, de maneira bastante rude, para desgostá-los do oficio de falsos médiuns. De resto, tudo isto durará pouco tempo.” — ERASTO.

8) *Médiuns pneumatógrafos*: os que obtêm a escrita direta. Fenômeno muito raro e, principalmente, muito fácil de ser imitado por trapaceiros. (Item 177.)

Nota: Os Espíritos insistiram, contra nossa opinião, para incluir a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão de que, disseram eles: “ Os efeitos inteligentes são aqueles para os quais o Espírito se serve das matérias cerebrais do médium, o que não é o caso na escrita direta; a ação do médium é, aqui, toda material, enquanto que, no médium escrevente, mesmo que completamente mecânico, o cérebro desempenha sempre um papel ativo.”

9) *Médiuns curadores*: os que têm o poder de curar ou de aliviar o enfermo pela imposição das mãos ou da prece.

“Esta faculdade não é essencialmente medianímica; ela pertence a todos os verdadeiros crentes, sejam médiuns ou não; muitas vezes, ela é apenas uma exaltação do poder magnético fortalecido, em caso de necessidade, pelo concurso de bons Espíritos.” (Item 175.)

10) *Médiuns excitadores*: pessoas que têm o poder de desenvolver nos outros, pela sua influência, a faculdade de escrever.

“Aqui, é muito mais um caso de efeito magnético do que um fato de mediunidade propriamente dita, pois nada prova a intervenção de um Espírito. Em todo caso, ele pertence à ordem dos efeitos físicos.” (Ver o capítulo da *Formação dos médiuns*).

190. *Médiuns especiais para os efeitos intelectuais. Aptidões diversas.*

1) *Médiuns auditivos*: os que ouvem os Espíritos. Bastante comuns. (Item 165.)

“Há muitos deles que imaginam ouvir o que está apenas na sua imaginação.”

2) *Médiuns falantes*: os que falam sob a influência dos Espíritos. Bastante comuns. (Item 166.)

3) *Médiuns videntes*: os que veem os Espíritos no estado de vigília. A visão acidental e fortuita de um Espírito, numa circunstância particular, é bastante frequente; porém a visão habitual ou facultativa dos Espíritos, sem distinção, é excepcional. (Item 167.)

“É uma aptidão à qual se opõe o estado atual dos órgãos visuais: é por isso que é útil nem sempre acreditar na palavra daqueles que dizem ver os Espíritos.”

4) *Médiuns inspirados*: aqueles a quem pensamentos são sugeridos pelos Espíritos, na maioria das vezes, à sua revelia, quer para os atos comuns da vida, quer para os grandes trabalhos da inteligência. (Item 182.)

5) *Médiuns de pressentimentos*: pessoas que, em certas circunstâncias, têm uma vaga intuição das coisas comuns que ocorrerão no futuro. (Item 184.)

6) *Médiuns proféticos*: variedade dos médiuns inspirados ou de pressentimentos; eles recebem, com a permissão de Deus e com mais precisão que os médiuns de pressentimentos, a revelação das coisas futuras de interesse geral e estão encarregados de levar ao conhecimento dos homens para a instrução destes.

"Se existem verdadeiros profetas, existem ainda mais os falsos, e que tomam os devaneios de sua própria imaginação como revelações, quando não se tratam de velhacos, que se fazem passar por tais, por ambição." (Ver em *O Livro dos Espíritos*, questão 624, Caracteres do verdadeiro profeta.)

7) *Médiuns sonâmbulos*: os que, no estado de sonambulismo, são assistidos por Espíritos. (Item 172.)

8) *Médiuns extáticos*: aqueles que, no estado de êxtase, recebem revelações da parte dos Espíritos.

"Muitos extáticos são o joguete de sua própria imaginação e dos Espíritos enganadores que se aproveitam de sua exaltação. Os que merecem inteira confiança são muito raros."

9) *Médiuns pintores e desenhistas*: os que pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos. Falamos daqueles que obtêm coisas sérias, pois não se poderia dar este nome a certos médiuns a que Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que o último dos estudantes desaprovaria.

Os Espíritos levianos são imitadores. Na época em que apareceram os notáveis desenhos de Júpiter, surgiu um grande número de pretensos médiuns desenhistas, com os quais Espíritos zombeteiros divertiram-se, levando-os a fazer as coisas mais ridículas. Um de-les, entre outros, querendo eclipsar os desenhos de Júpiter, ao menos pela dimensão, senão pela qualidade, fez um médium desenhar um monumento que ocupava um número bastante grande de folhas de papel para atingir a altura de dois andares. Muito outros levaram os médiuns a fazer supostos retratos, que eram verdadeiras caricaturas. (*Revista Espírita*, agosto de 1858.)

10) *Médiuns músicos*: os que executam, compõem ou escrevem música sob a influência dos Espíritos. Há médiuns músicos mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados, como os há para as comunicações literárias. (Ver *Médiuns para efeitos musicais*.)

Variedades dos Médiuns Escreventes

191. 1º) *Segundo o modo de execução*

1) *Médiuns escreventes ou psicógrafos*: os que possuem a faculdade de escrever por si mesmos, sob a influência dos Espíritos.

2) *Médiuns escreventes mecânicos*: aqueles cuja mão recebe um impulso involuntário e que nenhuma consciência têm do que escrevem. Muito raros. (Item 179.)

3) *Médiuns semimecânicos*: aqueles cuja mão se move involuntariamente, mas que têm a consciência, instantaneamente, das palavras ou das frases, à medida que escrevem. São os mais comuns. (Item 181.)

4) *Médiuns intuitivos*: aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é conduzida pela vontade. Diferem dos médiuns inspirados, pelo fato de que estes últimos não necessitam escrever, enquanto que o médium intuitivo escreve o pensamento que lhe é sugerido, instantaneamente, sobre um assunto determinado e provocado. (Item 180.)

"São muito comuns, mas também muito sujeitos ao erro, porque, muitas vezes, não podem discernir o que provém dos Espíritos ou de si mesmos."

5) *Médiuns polígrafos*: aqueles cuja escrita muda com o Espírito que se comunica ou que são aptos a reproduzir a escrita, que o Espírito tinha, enquanto vivo. O primeiro caso é muito comum; o segundo, o da identidade da escrita, é mais raro. (Item 219.)

6) *Médiuns poliglotas*: os que têm a faculdade de falar ou de escrever em línguas que lhes são desconhecidas. Muito raros.

7) *Médiuns iletrados*: os que escrevem, como médiuns, sem saber ler, nem escrever, no estado comum.

"Mais raros que os precedentes; há uma maior dificuldade material a ser vencida."

192. 2º) *Segundo o desenvolvimento da faculdade*

1) *Médiuns novatos*: aqueles cujas faculdades ainda não estão completamente desenvolvidas e que não possuem a experiência necessária.

2) *Médiuns improdutivos*: os que só chegam a obter coisas insignificantes, monossílabos, traços ou letras sem sequência. (Ver o capítulo da *Formação dos médiuns.*)

3) *Médiuns feitos ou formados*: são aqueles cujas faculdades mediúnicas estão completamente desenvolvidas, que transmitem as comunicações que recebem com facilidade, presteza, sem hesitação. Compreende-se que este

resultado só pode ser obtido através do hábito, enquanto que, nos *médiuns novatos*, as comunicações são lentas e difíceis.

4) *Médiuns lacônicos*: aqueles cujas comunicações, embora fáceis, são breves e sem desenvolvimento.

5) *Médiuns explícitos*: as comunicações que obtêm possuem toda amplidão e extensão que se pode esperar de um escritor consumado.

"Esta aptidão deve-se à expansão e à facilidade de combinação dos fluidos; os Espíritos os procuram para tratar dos assuntos que comportam grandes desenvolvimentos."

6) *Médiuns experimentados*: a facilidade de execução é uma questão de hábito que se adquire, muitas vezes, em pouco tempo, enquanto que a experiência é o resultado de um estudo sério de todas as dificuldades que se apresentam na prática do Espiritismo. A experiência dá ao médium o tato necessário para apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, julgar suas qualidades boas ou más, através dos sinais mais minuciosos, discernir a velhacaria dos Espíritos zombeteiros, que se ocultam com as aparências da verdade. Compreende-se, facilmente, a importância desta qualidade, sem a qual todas as outras não possuem utilidade real; o mal é que muitos médiuns confundem a experiência, fruto do estudo, com a aptidão, produto da organização física; julgam-se mestres porque escrevem com facilidade; repudiam todos os conselhos e tornam-se presas dos Espíritos mentirosos e hipócritas, que os envolvem, lisonjeando-lhes o orgulho. (Ver, adiante, o capítulo da *Obsessão.*)

7) *Médiuns flexíveis*: aqueles cuja faculdade se presta mais facilmente aos diversos gêneros de comunicações e pelos quais todos os Espíritos, ou quase todos, podem manifestar-se, espontaneamente, ou por evocação.

"Esta variedade de médiuns aproxima-se muito dos médiuns sensitivos."

8) *Médiuns exclusivos*: aqueles pelos quais um Espírito preferentemente manifesta-se e, até, com exclusão de todos os outros e responde por aqueles que são chamados por intermédio do médium.

"Isto se deve sempre à falta de flexibilidade; quando o Espírito é bom, pode ligar-se ao médium por simpatia e com uma intenção louvável; quando ele é mau, é sempre tendo em vista colocar o médium sob sua dependência. Trata-se muito mais de um defeito do que uma qualidade e muito próximo da obsessão." (Ver o capítulo da *Obsessão.*)

9) *Médiuns para evocação*: os médiuns flexíveis são, naturalmente, os mais

aptos para este gênero de comunicação e para as questões de detalhes que se podem dirigir aos Espíritos. Há sob este aspecto, médiuns inteiramente especiais.

"Suas respostas encerram-se, quase sempre, num quadro restrito, incompatível com o desenvolvimento dos temas gerais."

10) *Médiuns para ditados espontâneos*: recebem, preferentemente, comunicações espontâneas da parte de Espíritos que se apresentam sem ser evocados. Quando esta faculdade é especial num médium, torna-se difícil, algumas vezes, impossível, mesmo, fazer-se, através dele, uma evocação.

"Entretanto, são melhor aparelhados que os da nuança precedente. Compreendei que por ferramenta entende-se, aqui, matérias cerebrais, pois, muitas vezes, direi mesmo, sempre é necessário uma maior soma de inteligência para os ditados espontâneos do que para as evocações. Entendei, aqui, por ditados espontâneos, os que merecem, verdadeiramente, este nome e, não, algumas frases incompletas ou algumas ideias banais que se encontram em todos os escritos humanos."

193. 3º) *Segundo o gênero e a especialidade das comunicações*

1) *Médiuns versejadores*: obtêm mais facilmente que outros comunicações em versos. Bastante comuns para os maus versos; muito raros para os bons.

2) *Médiuns poéticos*: sem obter versos, as comunicações que recebem têm algo de vaporoso, de sentimental; nada, nelas, denota a rudeza; são, mais do que os outros, aptos para a expressão dos sentimentos ternos e afetuosos. Tudo, nelas, é vago e seria inútil pedir-lhes algo de preciso. Muito comuns.

3) *Médiuns positivos*: suas comunicações têm, em geral, um caráter de nitidez e precisão que se presta, de boa vontade, aos detalhes circunstanciais, às informações exatas. Bastante raros.

4) *Médiuns literários*: não possuem o vácuo dos médiuns poéticos, nem o terra-a-terra dos médiuns positivos; mas dissertam com sagacidade; seu estilo é correto, elegante e, muitas vezes, de uma notável eloquência.

5) *Médiuns incorretos*: podem obter coisas muito boas, pensamentos de uma moralidade irrepreensível, mas seu estilo é prolixo, incorreto, sobrecarregado de repetições e de termos impróprios.

"A incorreção material do estilo deve-se, geralmente, à falta de cultura intelectual do médium, que não é, para o Espírito, um bom instrumento, sob este aspecto; o Espírito pouca importância dá a este fato; para ele, o pensamento é o essencial e vos deixa livres para dar-lhe a forma conveniente. O mesmo não

ocorre com relação às ideias falsas e ilógicas que uma comunicação pode encerrar; elas são sempre um indício de informalidade do Espírito que se manifesta."

6) *Médiuns historiadores*: os que possuem uma aptidão especial para os desenvolvimentos históricos. Esta faculdade, como todas as outras, independe dos conhecimentos do médium, pois veem-se pessoas sem instrução e, até crianças, tratar de assuntos acima de seu alcance. Variedade rara dos médiuns positivos.

7) *Médiuns científicos*: não dizemos *sábios*, pois podem ser muito ignorantes; e, apesar disso, são mais especialmente aptos para comunicações relativas às ciências.

8) *Médiuns receitistas*: a qualidade deles é servir mais facilmente de intérpretes aos Espíritos para as prescrições médicas. É preciso não confundi-los com os *médiuns curadores*, pois não fazem, absolutamente, senão transmitir o pensamento do Espírito e não exercem, por si mesmos, qualquer influência. Bastante comuns.

9) *Médiuns religiosos*: recebem mais especialmente comunicações de caráter religioso ou que tratam das questões de religião, apesar de suas crenças ou seus hábitos.

10) *Médiuns filósofos e moralistas*: suas comunicações têm, geralmente, por objeto as questões de moral e de alta filosofia. Quanto à moral, são muito comuns.

"Todas essas nuanças são variedades de aptidões de bons médiuns. Quanto àqueles que possuem uma aptidão especial para certas comunicações científicas, históricas, médicas ou outras, acima de seu alcance atual, ficai convencidos de que possuíram esses conhecimentos numa outra existência e que, neles, permanecem em estado latente; eles fazem parte das matérias cerebrais necessárias ao Espírito que se manifesta; constituem os elementos que lhe facilitam o caminho para comunicar suas próprias ideias, porque estes médiuns são para ele instrumentos mais inteligentes e mais flexíveis do que o seria um ignorante." — ERASTO.

11) *Médiuns de comunicações triviais e obscenas*: estas palavras indicam o gênero de comunicações, que alguns médiuns recebem, habitualmente, e a natureza dos Espíritos que as dão. Quem quer que tenha estudado o mundo espírita, em todos os graus da escala, sabe que há Espíritos cuja perversidade se iguala a dos homens mais depravados e que se comprazem em exprimir seus

pensamentos nos termos mais grosseiros. Outros, menos abjetos, contentam-se com expressões triviais. Compreende-se que esses médiuns devem sentir o desejo de se livrar da preferência que esses Espíritos lhes dão e que devem invejar aqueles que, nas comunicações que recebem, nunca tiveram uma palavra inconveniente. Seria necessário uma estranha aberração de ideias e ter-se divorciado do bom senso, para acreditar que semelhante linguagem pudesse ser utilizada por bons Espíritos.

194. 4º) *Segundo as qualidades físicas do médium*

1) *Médiuns calmos*: escrevem sempre com uma certa lentidão e sem experimentar a menor agitação.

2) *Médiuns velozes*: escrevem com uma rapidez maior do que poderiam fazê-lo, voluntariamente, no estado comum. Os Espíritos comunicam-se por eles com a rapidez do relâmpago; dir-se-ia que, neles, há uma superabundância de fluido que lhes permite identificar-se, instantaneamente, com o Espírito. Esta qualidade apresenta, algumas vezes, seu inconveniente: é que a rapidez da escrita torna-a muito difícil de ser, lida por qualquer outra pessoa, a não ser, o médium.

"Ela é muito cansativa, porque gasta muito fluido inutilmente."

3) *Médiuns convulsivos*: ficam num estado de superexcitação quase febril; as mãos deles e, algumas vezes, todo o corpo é agitado por um tremor que não podem dominar. A causa primeira disso está, sem dúvida, na organização física, mas depende muito, também, da natureza dos Espíritos, que por eles se comunicam; os Espíritos bons e benévolos produzem sempre uma impressão suave e agradável; os maus, ao contrário, produzem uma impressão penosa.

"É preciso que esses médiuns só raramente se sirvam de sua faculdade mediúnica, cujo uso, muito frequentemente, poderia afetar o sistema nervoso." (Capítulo da *Identidade,* distinção entre bons e maus Espíritos.)

195. 5º) *Segundo as qualidades morais do médium*

Nós as mencionamos, sumariamente, para recordar e completar o quadro, visto que serão desenvolvidas adiante em capítulos especiais: *Influência moral dos médiuns, Obsessão, Identidade dos Espíritos* e outros, para os quais pedimos uma atenção especial; aí veremos a influência que as qualidades e os defeitos dos médiuns podem exercer na segurança das comunicações e quais são os que podem, com razão, ser considerados *médiuns imperfeitos* ou *bons médiuns.*

196. *Médiuns imperfeitos*

1 – *Médiuns obsidiados*: os que não podem livrar-se de Espíritos inoportunos

e enganadores, mas não se enganam.

2 – *Médiuns fascinados*: os que são iludidos por Espíritos enganadores e que se iludem sobre a natureza das comunicações que recebem.

3 – *Médiuns subjugados*: os que experimentam uma dominação moral e, muitas vezes, material da parte de maus Espíritos.

4 – *Médiuns levianos*: os que não levam a sério suas faculdades e que delas se servem apenas como divertimento ou para coisas fúteis.

5 – *Médiuns indiferentes*: os que nenhum proveito moral tiram das instruções que recebem e em nada modificam sua conduta e seus hábitos.

6 – *Médiuns presunçosos*: os que têm a pretensão de serem os únicos a estar em relação com Espíritos superiores. Acreditam-se infalíveis e consideram inferior ou errôneo tudo o que deles não venha.

7 – *Médiuns orgulhosos*: os que se envaidecem das comunicações que recebem; acreditam nada mais ter que aprender no Espiritismo e não tomam, para si, as lições que recebem, muitas vezes, da parte dos Espíritos. Não se contentam com as faculdades que possuem: querem tê-las todas.

8 – *Médiuns suscetíveis*: variedade dos médiuns orgulhosos; ofendem-se com as críticas de que suas comunicações podem ser objeto; aborrecem-se com a menor contradição e, se mostram o que obtêm, é para fazê-lo admirado e não para pedir um parecer. Geralmente, tomam aversão pelas pessoas que não os aplaudem sem restrições e abandonam as reuniões onde não podem impor-se e dominar.

"Deixai-os pavonear noutro lugar e procurar ouvidos mais complacentes ou retirar-se para o isolamento; as reuniões que se privam da presença deles, não perdem grande coisa." — ERASTO.

9 – *Médiuns mercenários*: os que exploram suas faculdades.

10 – *Médiuns ambiciosos*: os que, sem negociar com suas faculdades, esperam delas tirar quaisquer vantagens.

11 – *Médiuns de má-fé*: os que, possuindo faculdades reais, simulam as que não têm para se dar importância. Não se pode dar o título de médium às pessoas que, não possuindo qualquer faculdade mediúnica, só produzem efeitos através do ilusionismo.

12 – *Médiuns egoístas*: os que só se servem de suas faculdades para seu uso pessoal e guardam para si as comunicações que recebem.

13 – *Médiuns invejosos*: os que veem, com despeito, outros médiuns mais

apreciados e que lhes são superiores.

Todas estas más qualidades têm, necessariamente, sua contrapartida no bem,

197. *Bons médiuns*

1 – *Médiuns sérios*: aqueles que só se servem de suas faculdades para o bem e para coisas verdadeiramente úteis; julgariam profaná-la, caso a fizessem servir à satisfação dos curiosos e dos indiferentes ou para futilidades.

2 – *Médiuns modestos*: os que não se atribuem mérito algum pelas comunicações que recebem, por mais belas que sejam; consideram-nas como estranhas e não se julgam resguardados das mistificações. Longe de evitar as opiniões desinteressadas, eles as solicitam.

3 – *Médiuns devotados*: os que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando necessário, sacrificar seus gostos, seus hábitos, seus prazeres, seu tempo e até seus interesses materiais pelo bem dos outros.

4 – *Médiuns seguros*: os que, além da facilidade de execução, merecem a maior confiança, pelo seu próprio caráter, pela natureza elevada dos Espíritos que os assistem e que menos expostos estão a ser enganados. Veremos, mais tarde, que esta segurança, de maneira alguma, depende dos nomes mais ou menos respeitáveis que os Espíritos usam.

"É incontestável, bem o sentis, que recapitulando, assim, as qualidades e os defeitos dos médiuns, isto provocará contrariedades e, até, animosidades em alguns; mas, o que importa? A mediunidade difunde-se, cada dia mais, e o médium que não aceitasse estas reflexões provaria uma coisa: é que ele não é bom médium, isto é, que ele é assistido por maus Espíritos. Aliás, como já disse, tudo isto durará pouco tempo e os maus médiuns, os que abusam ou fazem mau uso de suas faculdades, experimentarão tristes consequências, como já aconteceu com alguns; eles aprenderão, por si mesmos, o quanto custa reverter em proveito de suas paixões terrestres um dom que Deus lhes havia concedido unicamente para o adiantamento moral deles. Se não puderdes conduzi-los ao bom caminho, lamentai-os, porquanto, posso dizê-lo, eles são reprovados por Deus." — ERASTO.

"Este quadro é de uma grande importância, não apenas para os médiuns sinceros, que procurarão de boa-fé, lendo-o, preservar-se dos perigos a que estão expostos, mas, também, para todos aqueles que se servem de médiuns, porque lhes dará a medida do que eles podem, racionalmente, esperar. Ele deverá estar constantemente sob a vistas de todo aquele que se ocupa com manifestações,

assim como a *escala espírita* de que é o complemento; estes dois quadros resumem todos os princípios da doutrina e contribuirão, mais do que imaginais, para reconduzir o Espiritismo ao seu verdadeiro caminho.” — SÓCRATES.

198. Todas estas variedades de médiuns apresentam graus infinitos na sua intensidade; há várias que constituem, propriamente falando, apenas nuanças, mas que não deixam de ser o resultado de aptidões especiais. Compreende-se que deva ser bastante raro que a faculdade de um médium seja rigorosamente circunscrita num único gênero; o mesmo médium pode, sem dúvida, ter várias aptidões, mas há, sempre, uma que domina e é esta que ele deve procurar cultivar, se ela for útil. Constitui um erro grave querer forçar, assim mesmo, o desenvolvimento de uma faculdade que não se possua; é preciso cultivar todas as que se reconhece possuir o gérmen, em si; mas perseguir as outras, é, primeiramente, perder o seu tempo e, em segundo lugar, perder, talvez, enfraquecer, com certeza, as de que seja dotado.

“Quando o princípio, o gérmen de uma faculdade existe, ela se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se na sua especialidade, o médium pode distinguir-se e obter grandes e belas coisas; ocupando-se de tudo, nada de bom obterá. Observai, de passagem, que o desejo de ampliar indefinidamente o círculo de suas faculdades constitui uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos nunca deixam impune; os bons abandonam sempre o presunçoso, que se torna, assim, o joguete dos Espíritos mentirosos. Infelizmente, não é raro ver médiuns não se contentar com os dons que receberam e aspirar, por amor-próprio ou ambição de possuir faculdades excepcionais, próprias para fazê-los ser notados; esta pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de *médiuns seguros*.” — SÓCRATES.

199. O estudo da especialidade dos médiuns é necessário, não apenas para estes, mas também para o evocador. Conforme a natureza do Espírito que se deseja chamar e as perguntas que se quer dirigir, convém escolher o médium mais apto para tal coisa; endereçar-se ao primeiro que apareça é expor-se a respostas incompletas ou errôneas. Tomemos uma comparação nos fatos comuns. Não se confiará uma redação, mesmo que seja uma simples cópia, ao primeiro que chegar, apenas porque sabe escrever. Um músico quer que se execute um trecho de canto de sua composição; ele tem à sua disposição vários cantores, todos hábeis; entretanto, ele não os tomará ao acaso; escolherá, como seu intérprete, aquele cuja voz, a expressão, todas as qualidades, numa palavra, melhor respondem à natureza do trecho. Os Espíritos fazem o mesmo com relação aos médiuns e devemos fazer como os Espíritos.

Além disso, convém notar que as nuanças que a mediunidade apresenta e às quais poder-se-ia ainda acrescentar outras, nem sempre têm relação com o caráter do médium; assim, por exemplo, um médium naturalmente alegre e jovial, pode obter, habitualmente, comunicações sérias, até, severas e vice-versa; é ainda uma prova evidente de que ele age sob a impulsão de uma influência estranha. Retornaremos a este assunto, no capitulo que trata da *Influência moral do médium.*



CAPÍTULO XVII

FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Desenvolvimento da mediunidade – Mudança do tipo da letra. Perda e suspensão da mediunidade

Desenvolvimento da mediunidade

200. Ocupar-nos-emos especialmente, aqui, dos médiuns escreventes, porque é o gênero de mediunidade mais difundido e, além disso, porque é, ao mesmo tempo, o mais simples, o mais cômodo, o que oferece os resultados mais satisfatórios e os mais completos; é também o que todo o mundo ambiciona. Infelizmente, não há, até o presente, qualquer diagnóstico que possa indicar, ainda que aproximadamente, que se possua esta faculdade; os sinais físicos nos quais algumas pessoas acreditaram ver indícios, nada têm de correto. Encontramo-la em crianças e em velhos, em homens e mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde, o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só há um único meio de constatar-lhe a existência: é experimentar.

Pode-se obter a escrita, como já vimos, por meio das cestas e pranchetas ou, diretamente, com a mão; sendo este último o mais fácil e, pode-se dizer, o único empregado, hoje, é aquele que recomendamos entregar-se preferentemente. O processo é dos mais simples: consiste unicamente em pegar um lápis e papel e colocar-se na posição de alguém que escreve, sem qualquer preparação; mas, para ter êxito, várias recomendações são indispensáveis.

201. Como disposição material, recomendamos evitar tudo o que pode atrapalhar o livre movimento da mão; é até preferível que esta não repouse sobre o papel. A ponta do lápis deve apoiar-se suficientemente para traçar, mas, não o bastante para experimentar resistência. Todas estas precauções tornam-se inúteis, uma vez que se tenha chegado a escrever correntemente, pois, então, nenhum obstáculo poderia detê-la: são apenas as preliminares do aprendiz.

202. É indiferente servir-se da pena ou do lápis; alguns médiuns preferem a pena, mas ela só deve convir àqueles que se acham formados e que escrevem

pausadamente; há aqueles que escrevem com tanta velocidade, que o uso da pena seria quase impossível ou, pelo menos, muito incômodo; o mesmo ocorre quando a escrita é entrecortada e irregular ou, quando nos ocupamos com Espíritos violentos, que batem com a ponta do lápis e a quebram, rasgando o papel.

203. O desejo de todo aspirante a médium é, naturalmente, o de poder conversar com o Espírito das pessoas que lhe são caras, entretanto, deve moderar sua impaciência, pois a comunicação com um determinado Espírito oferece, muitas vezes, dificuldades materiais que a tornam impossível para o iniciante. Para que um Espírito possa comunicar-se, é preciso que haja, entre ele e o médium, relações fluídicas que nem sempre se estabelecem instantaneamente; só à medida que a faculdade se desenvolve é que o médium adquire, pouco a pouco, a aptidão necessária para entrar em comunicação com o primeiro Espírito que se apresente. Pode acontecer, portanto, que aquele com quem se deseja comunicar, não esteja em condições propícias para fazê-lo, *embora encontre-se presente*, como pode também acontecer que não haja a possibilidade, nem a permissão para atender o chamado que lhe é feito. É por isso que é conveniente, no início, não obstinar-se em chamar um determinado Espírito, com exclusão de qualquer outro, pois acontece, muitas vezes, que não é com este que as relações fluídicas se estabelecem com mais facilidade, por maior simpatia que se tenha por ele. Antes, pois, de pensar em obter comunicações deste ou daquele Espírito, é preciso impulsionar o desenvolvimento da faculdade e, para isso, necessário é fazer um apelo geral e dirigir-se, principalmente, ao seu anjo guardião.

Não há, absolutamente, aqui, fórmula sacramental; quem quer que pretendesse dar uma, poderia, sem hesitação, ser tachado de impostor, pois para os Espíritos, a forma nada representa. Entretanto, a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus; pode-se fazê-la nos seguintes termos ou quaisquer outros equivalentes: *Peço a Deus todo-poderoso que permita a um bom Espírito comunicar-se comigo e fazer-me escrever; peço também ao meu anjo guardião que queira assistir-me e afastar os maus Espíritos.* Espera-se, então, que um Espírito manifeste-se, fazendo escrever alguma coisa. Pode acontecer que seja aquele que se deseja, como pode também acontecer que seja um Espírito desconhecido ou o anjo guardião; em todo caso, ele geralmente se faz conhecer, escrevendo o seu nome; mas, então, apresenta-se a questão de *identidade*, uma das quais mais experiência requer, pois há poucos iniciantes, que não estejam expostos a ser enganados. Nós a trataremos, adiante, num capítulo especial.

Quando se quer chamar determinados Espíritos, é essencial, no começo,

dirigir-se apenas àqueles que se sabe serem bons e simpáticos e que podem ter um motivo para vir, como parentes ou amigos. Neste caso, a evocação pode ser assim formulada: *Em nome de Deus todo-poderoso, peço que tal Espírito comunique-se comigo*; ou então: *Peço a Deus todo-poderoso que permita a tal Espírito comunicar-se comigo*; ou qualquer outra fórmula que corresponda ao mesmo pensamento. Não é menos necessário que as primeiras perguntas sejam feitas de maneira que a resposta seja simplesmente *sim* ou *não*, *como por exemplo: Estás aí? — Queres responder-me? Podes fazer-me escrever? e*tc. Mais tarde, esta precaução torna-se inútil; no início, trata-se apenas de estabelecer uma relação; o essencial é que a pergunta não seja fútil, que não trate de coisas de interesse particular e, principalmente, que ela seja a expressão de um sentimento benevolente e simpático pelo Espírito a quem se dirige. (Ver adiante o capítulo especial sobre as *Evocações*.)

204. Uma coisa ainda mais importante a ser observada do que o modo de evocação, é a calma e o recolhimento, juntos a um desejo ardente e a uma vontade firme de obter êxito; e, por vontade, não entendemos, aqui, uma vontade efêmera, que age por impulso e que é, a cada minuto, interrompida por outras preocupações; mas, uma vontade séria, perseverante, mantida, *sem impaciência*, *nem desejo febril*. A solidão, o silêncio e o afastamento de tudo o que possa causar distrações favorece o recolhimento. Só uma coisa resta a fazer: renovar, todos os dias, suas tentativas, durante dez ou quinze minutos, no máximo, de cada vez, e, isto, durante quinze dias, um mês, dois meses e mais, se for preciso; conhecemos médiuns que só se formaram após seis meses de exercício, enquanto, outros, escrevem, correntemente, desde a primeira vez.

205. Para evitar tentativas inúteis, pode-se interrogar, através de um outro médium, um Espírito sério e adiantado; mas deve-se observar que, quando se pergunta aos Espíritos para saber se é médium ou não, eles respondem, quase sempre, afirmativamente, o que não impede que os ensaios sejam, muitas vezes, infrutíferos. Isto se explica, naturalmente. Faz-se ao Espírito uma pergunta de ordem geral, ele responde de maneira geral; ora, como se sabe, nada é mais elástico do que a faculdade mediúnica, já que ela pode apresentar-se sob as formas mais variadas e em graus muito diferentes. Pode-se, portanto, ser médium sem se aperceber disso e num sentido diferente daquele que se pensa. A esta pergunta vaga: sou médium? O Espírito pode responder: sim; a esta outra mais precisa: sou médium escrevente? Ele pode responder: não. É preciso levar em conta também a natureza do Espírito que se interroga; há daqueles tão levianos e tão ignorantes, que respondem, a torto e a direito, como verdadeiros

estúrdios; é por isso que dizemos para dirigir-se a Espíritos esclarecidos, que respondem, geralmente, de boa vontade a essas perguntas e indicam o melhor caminho a seguir, se houver possibilidade de êxito.

206. Um meio que, com muita frequência, dá resultado, consiste em utilizar como auxiliar momentâneo, um bom médium flexível, já formado. Se ele puser sua mão ou seus dedos sobre a mão que deve escrever, é raro que esta não o faça imediatamente; compreende-se o que acontece, nesta circunstância: a mão que segura o lápis torna-se, de alguma forma, um apêndice da mão do médium, como o seria uma cesta ou uma prancheta; isto, porém, não impede este exercício de ser muito útil, quando se pode empregá-lo, visto que, repetido regularmente e muitas vezes, ajuda a transpor o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade. Algumas vezes, basta apenas magnetizar, com esta intenção, o braço e a mão daquele que quer escrever; muitas vezes mesmo, o magnetizador limita-se a colocar sua mão sobre o ombro daquele, e nós o vimos escrever, prontamente, sob esta influência. O mesmo efeito pode, igualmente, produzir-se sem qualquer contato e unicamente por ato da vontade. Concebe-se, sem dificuldade, que a confiança do magnetizador no seu próprio poder para produzir este resultado deve desempenhar, aqui, um grande papel e que um magnetizador incrédulo teria pouca ação ou nenhuma.

O concurso de um guia experimentado é, além disso, muito útil, às vezes, para fazer com que o iniciante observe uma porção de pequeninas precauções que, muitas vezes, ele negligencia, em detrimento da rapidez dos progressos; ele o é, principalmente, para esclarecê-lo sobre a natureza das primeiras perguntas e a maneira de propô-las. Seu papel é o de um professor que se dispensa, quando se está suficientemente habilitado.

207. Um outro meio que também pode contribuir muitíssimo para o desenvolvimento da faculdade, consiste em reunir um certo número de pessoas, todas animadas pelo mesmo desejo e pela comunhão de intenção; ali, todas simultaneamente, em silêncio absoluto e com recolhimento religioso, tentam escrever, apelando cada qual ao seu anjo da guarda ou a qualquer Espírito simpático. Uma delas poderá igualmente, dirigir um apelo geral, sem designação especial e por todos os membros da reunião, aos bons Espíritos, dizendo, por exemplo: *Em nome de Deus todo-poderoso, pedimos aos bons Espíritos que se dignem comunicar-se através das pessoas, aqui, presentes.* É raro que entre estas, não haja algumas que deem, prontamente, sinais de mediunidade ou que até escrevam correntemente, em pouco tempo.

Compreende-se, facilmente, o que ocorre nesta circunstância. As pessoas,

unidas por uma comunhão de intenção, formam um todo coletivo cujo poder e sensibilidade encontram-se acrescidos por uma espécie de influência magnética, que auxilia o desenvolvimento da faculdade. Entre os Espíritos atraídos por este concurso de vontades, haverá aqueles que encontrarão, nos assistentes, o instrumento que lhes convenha; se não for um, será o outro e eles se aproveitarão deste.

Este meio deve ser empregado, principalmente, nos grupos espíritas que carecem de médiuns ou que não os possuam em número suficiente.

208. Têm-se procurado procedimentos para a formação dos médiuns, como se têm procurado diagnósticos, mas, até o presente, não conhecemos outros mais eficazes do que os que indicamos. Na persuasão de que o obstáculo ao desenvolvimento da faculdade é uma resistência inteiramente material, algumas pessoas pretendem vencê-la através de uma espécie de ginástica quase deslocante dos braços e da cabeça. Não descreveremos este procedimento, que nos vem do outro lado do Atlântico, não apenas porque não possuímos qualquer prova de sua eficácia, mas pela convicção em que nos achamos de que ele pode oferecer perigo para as compleições delicadas, pelo abalo do sistema nervoso. Se os rudimentos da faculdade não existirem, nada poderá produzi-los, nem mesmo a eletrização, que já foi empregada, sem êxito, com o mesmo objetivo.

209. A fé, no médium aprendiz, não constitui uma condição rigorosa; ela auxilia os esforços, sem dúvida, mas não é indispensável; a pureza de intenção, o desejo e a boa vontade são suficientes. Têm-se visto pessoas completamente incrédulas ficarem muito espantadas de escrever contra sua vontade, enquanto que crentes sinceros não conseguem fazê-lo; o que prova que esta faculdade se deve a uma predisposição orgânica.

210. O primeiro indício de uma disposição para escrever é uma espécie de arrepio no braço e na mão; pouco a pouco, a mão é arrastada por uma impulsão que ela não pode dominar. Muitas vezes, ela só traça, primeiramente, riscos insignificantes; depois, os caracteres desenham-se cada vez mais nitidamente e a escrita termina por adquirir a rapidez da escrita corrente. Em todos os casos, é preciso abandonar a mão ao seu movimento natural e não oferecer resistência, nem propulsão.

Alguns médiuns escrevem correntemente e com facilidade, desde o começo, algumas vezes, até, desde a primeira sessão, o que é bastante raro; outros, traçam durante muito tempo, barras e verdadeiros exercícios de caligrafia; os Espíritos dizem que é para lhes soltar a mão. Se esses exercícios se prolongassem demais, ou degenerassem em sinais ridículos, não haveria dúvida de que se trata de um

Espírito que se diverte, porque os bons Espíritos nada fazem que seja inútil; neste caso, dever-se-ia redobrar de fervor para chamar a assistência destes. Se, apesar disto, não houver mudança, deve- se parar, desde que se perceba que nada de sério se obtém. Pode-se recomeçar a tentativa todos os dias, mas é conveniente cessar aos primeiros sinais equívocos, para não dar esta satisfação aos Espíritos zombeteiros.

A estas observações um Espírito acrescenta: "Há médiuns cuja faculdade não pode ir além desses sinais; quando, ao final de alguns meses, só obtêm coisas insignificantes, uns *sim* ou uns *não*, ou letras sem sequência, é inútil persistir, rabiscando papel, em pura perda: eles são médiuns, porém *médiuns improdutivos.* Aliás, as primeiras comunicações obtidas devem ser consideradas apenas como exercícios, que se confiam a Espíritos secundários; é por isso que não se deve dar a eles muita importância, por se tratarem de Espíritos que são, por assim dizer, empregados como mestre de escrita para refinar o médium iniciante; pois não creiais jamais que sejam Espíritos elevados que façam com o médium estes exercícios preparatórios; apenas acontece que, se o médium não tiver um objetivo sério, esses Espíritos permanecem e a ele se apegam. Quase todos os médiuns passaram por este cadinho para desenvolver-se; cabe a eles fazer o que for necessário para atrair a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores.

211. O perigo, para a maioria dos médiuns iniciantes, é o de se relacionar com Espíritos inferiores e devem sentir-se felizes, quando forem apenas Espíritos levianos. Toda a atenção deles deve concentrar-se em não se deixarem conduzir, porque uma vez ancorados, nem sempre será fácil livrarem-se deles. É um ponto tão capital, principalmente no início, que sem as precauções necessárias, pode-se perder o fruto das mais belas faculdades.

O primeiro ponto consiste em colocar-se, com uma fé sincera, sob a proteção de Deus e em pedir a assistência do seu anjo guardião; este é sempre bom, enquanto que os Espíritos familiares, simpatizando com as boas ou más qualidades do médium, podem ser levianos ou, até, maus.

O segundo ponto é procurar reconhecer, com um escrupuloso cuidado, através de todos os indícios que a experiência faculta, a natureza dos primeiros Espíritos que se comunicam e dos quais é sempre prudente desconfiar. Se os indícios forem suspeitos, deve-se fazer um apelo fervoroso ao seu anjo guardião e repelir, com todas suas forças, o mau Espírito, provando-lhe que não somos de sua laia, a fim de desencorajá-lo. É por isso que o estudo prévio da teoria é indispensável, se quisermos evitar os inconvenientes inseparáveis da

inexperiência; encontraremos, sobre este assunto, instruções bem desenvolvidas nos capítulos da *Obsessão* e da *Identidade dos Espíritos.* Nós nos limitaremos a dizer, aqui, que além da linguagem, podem-se considerar como provas *infalíveis* da inferioridade dos Espíritos: todos os sinais, figuras, emblemas inúteis ou pueris; qualquer escrita bizarra, irregular, intencionalmente torturada, de dimensão exagerada ou que apresentem formas ridículas e inusitadas; a escrita pode ser muito ruim, até pouco legível, o que se deve mais ao médium do que ao Espírito, sem nada possuir de insólito. Temos visto médiuns tão enganados, que medem a superioridade dos Espíritos pela dimensão das letras e que atribuem uma grande importância às letras bem feitas, como se fossem caracteres de imprensa, puerilidade evidentemente incompatível com uma superioridade real.

212. Se é importante não cair, sem o querer, sob a dependência dos maus Espíritos, é mais importante ainda, não se colocar nesta situação, voluntariamente e não se deve deixar que um desejo imoderado de escrever faça acreditar que seja indiferente dirigir-se ao primeiro que apareça, salvo para dele livrar-se mais tarde, caso não convenha, porque não se pede, impunemente, assistência, para o que quer que seja, a um mau Espírito, que pode cobrar caro os seus serviços.

Algumas pessoas, impacientes de nelas ver desenvolver a faculdade mediúnica, muito lenta para os seus gostos, tiveram a ideia de chamar em seu auxílio um Espírito qualquer, *mesmo sendo mau*, contando despedi-lo, em seguida. Muitas foram servidas a gosto e escreveram imediatamente; o Espírito, porém, não se preocupando de ter sido aceito, por falta de outro melhor, mostrou-se menos dócil para ir-se, do que para vir. Conhecemos algumas delas que foram punidas pela presunção de se acreditarem fortes para afastá-los à sua vontade, por anos de obsessões, de toda natureza, pelas mistificações mais ridículas, por uma fascinação tenaz e, até, por desgraças *materiais* e as mais cruéis decepções. O Espírito mostrou-se, primeiro, abertamente, mau, depois, hipócrita, a fim de fazer acreditar na sua conversão ou no pretenso poder de seu subjugado, para expulsá-lo à vontade.

213. A escrita é, algumas vezes, bem legível, as palavras e as letras perfeitamente destacadas; mas, com certos médiuns, ela é difícil de decifrar por qualquer outro que não seja aquele que escreve: é preciso adquirir-lhe o hábito. Ela é, com muita frequência, formada de grandes traços; os Espíritos são pouco econômicos com o papel. Quando uma palavra ou uma frase é quase ilegível, pede-se ao Espírito que queira recomeçar, o que ele faz, geralmente, de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, até para o médium, este,

quase sempre, chega a obtê-la mais nítida, através de exercícios frequentes e regulares, *neles colocando uma vontade forte* e pedindo com ardor ao Espírito que seja mais correto. Alguns Espíritos adotam, muitas vezes, sinais convencionais, que passam a ser usuais nas reuniões habituais. Para indicar que uma pergunta lhes desagrada e que não querem responder a ela, farão, por exemplo, um longo risco ou alguma coisa equivalente.

Quando o Espírito termina o que tinha a dizer, ou quando não quer mais responder, a mão permanece imóvel e o médium, por maiores que sejam seu poder e sua vontade, não pode obter uma palavra a mais. Ao contrário, enquanto o Espírito não conclui, o lápis caminha sem que seja possível à mão deter-se. Se ele quiser dizer algo, espontaneamente, a mão segura, convulsivamente, o lápis e começa a escrever, sem poder opor-se a isso. O médium, aliás, sente, quase sempre, em si, alguma coisa que lhe indica se há somente uma parada ou se Espírito já terminou. É raro que ele não sinta quando este tenha partido.

Estas são as explicações mais essenciais que temos a dar, no tocante ao desenvolvimento da psicografia; a experiência revelará, na prática, certos detalhes que seria inútil relatar aqui e para os quais guiar-nos-emos segundo os princípios gerais. Que muitos experimentem, e encontrar-se-ão mais médiuns do que se imagina.

214. Tudo o que acabamos de dizer aplica-se à escrita mecânica; é a que todos os médiuns procuram obter, com razão; porém o mecanismo puro é raríssimo e a ele se mistura, muito frequentemente, mais ou menos, a intuição. Tendo o médium a consciência do que ele escreve, é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade; ele não sabe se isto vem dele ou de um Espírito estranho. Ele não deve, absolutamente, preocupar-se com isso e deve prosseguir, apesar de tudo; que ele observe, com cuidado, e reconhecerá, facilmente, no que escreve, uma porção de coisas que não passavam pela mente, que são até contrárias às suas ideias, prova evidente de que não provêm dele. Que ele continue, portanto, e a dúvida dissipar-se-á com a experiência.

215. Se ao médium não é concedido ser exclusivamente mecânico, todas as tentativas para chegar a este resultado serão infrutíferas e, entretanto, ele estaria enganado se se considerasse deserdado por isso; se for apenas dotado da mediunidade intuitiva, deve contentar-se com isso e ela não deixará de lhe proporcionar grandes serviços, se ele souber dela tirar proveito e se não a rejeitar.

Se, após inúteis tentativas seguidas, durante algum tempo, nenhum indício de movimento involuntário se produz, ou se esses movimentos são muito fracos

para produzir resultados, ele não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe for sugerido, sem se preocupar se ele vem de si mesmo ou de uma fonte estranha: a experiência lhe ensinará a fazer a distinção. Aliás, acontece, com muita frequência, que o movimento mecânico desenvolva-se ulteriormente.

Dissemos mais acima que há casos em que é indiferente saber se o pensamento vem do médium ou de um Espírito estranho; isto se dá, principalmente, quando um médium puramente intuitivo ou inspirado produz, por si mesmo, um trabalho de imaginação; pouco importa que atribua a si mesmo um pensamento que lhe tenha sido sugerido; se boas ideias lhe acodem, que agradeça ao seu bom gênio, e outras lhes serão sugeridas. Esta é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos sábios.

216. Suponhamos, agora, a faculdade mediúnica completamente desenvolvida; que o médium escreva com facilidade; que ele seja, numa palavra, o que se chama de médium feito; seria um grande erro, de sua parte, acreditar-se dispensado de qualquer outra instrução; ele apenas venceu uma resistência material, mas é, então, que começam para ele as verdadeiras dificuldades, e que, mais do que nunca, ele necessita dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe vão ser preparadas. Se desejar voar muito cedo com suas próprias asas, não tardará a ser a vítima dos Espíritos mentirosos que procurarão explorar sua presunção.

217. Uma vez desenvolvida a faculdade no médium, é essencial que dela não abuse. A satisfação que ela proporciona a alguns, que a comercializam, neles provoca um entusiasmo, que é importante moderar; devem lembrar-se de que ela lhes foi dada para o bem e, não, para satisfazer uma vã curiosidade; é por isso que é útil dela se utilizar somente em momentos oportunos e, não, a todo instante; não estando os Espíritos constantemente às suas ordens, correm o risco de serem enganados por mistificadores. É bom adotar, para este efeito, dias e horas determinados, porque ao trabalho se acrescentam disposições de maior recolhimento e os Espíritos que desejem vir, estando prevenidos para isso, consequentemente, se dispõem a auxiliar.

218. Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se revelar, de forma alguma, será preciso renunciar a ela, como se renuncia a cantar, quando não se tem voz. Aquele que não conhece uma língua, serve-se de um tradutor; deve-se fazer o mesmo, isto é, recorrer a um outro médium. Na falta de um médium, não se deve acreditar privado da assistência dos Espíritos. A mediunidade é para eles um meio de se exprimir, mas não constitui um meio exclusivo de atração;

aqueles que a nós se afeiçoam, estão ao nosso lado, sejamos ou não médiuns; um pai não abandona seu filho, porque este é surdo ou cego, e não pode vê-lo, nem ouvi-lo; ele o envolve com sua solicitude, como o fazem os bons Espíritos, com relação a nós; se não podem transmitir-nos, materialmente, seus pensamentos, vêm em nosso auxílio, através da inspiração.

Mudança do tipo de letra

219. Um fenômeno muito comum nos médiuns escreventes é a mudança do tipo de letra, conforme os Espíritos que se comunicam e, o que há de mais notável, é que a mesma escrita se reproduz, constantemente, com o mesmo Espírito e, algumas vezes, ela é idêntica àquela, que possuía enquanto vivo; veremos, mais tarde, as consequências que daí se podem tirar, quanto à identidade dos Espíritos. A mudança de letra só acontece com os médiuns mecânicos ou semimecânicos, porque, neles, o movimento da mão é involuntário e dirigido pelo Espírito; o mesmo não ocorre com os médiuns puramente intuitivos, visto que, neste caso, o Espírito age unicamente sobre o pensamento, sendo a mão dirigida pela vontade, como nas circunstâncias comuns; mas a uniformidade da escrita, mesmo no médium mecânico, nada prova contra sua faculdade, não sendo a mudança uma condição absoluta, na manifestação dos Espíritos; ela deve-se a uma aptidão especial de que os médiuns, mesmo os mais mecânicos, nem sempre são dotados. Designamos aqueles que possuem esta aptidão de *médiuns polígrafos*.

Perda e suspensão da mediunidade

220. A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e a suspensões momentâneas, quer para as manifestações físicas, quer para a escrita. Aqui estão as respostas dos Espíritos a algumas perguntas feitas sobre este assunto:

1) Os médiuns podem perder a faculdade que possuem?

"Isto acontece, frequentemente, qualquer que seja o gênero dessa faculdade; porém, muitas vezes também, trata-se apenas de uma interrupção momentânea, que cessa com a causa que a produziu."

2) A causa da perda da mediunidade estará no esgotamento do fluido?

Seja qual for a mediunidade de que o médium seja dotado, ele nada pode sem o concurso simpático dos Espíritos; quando nada mais obtém, nem sempre é porque lhe falta a faculdade, muitas vezes, são os Espíritos que não querem mais ou não podem mais servir-se dele."

3) O que pode provocar o abandono de um médium pelos Espíritos?

“O uso que ele faz de sua faculdade é o que mais influi sobre os bons Espíritos. Podemos abandoná-lo, quando ele dela se serve para coisas frívolas, ou com propósitos ambiciosos; quando se recusa a transmitir nossas palavras ou nossos fatos aos encarnados, que o chamam ou que necessitam ver para se convencerem. Este dom de Deus não foi concedido ao médium para seu deleite e, ainda menos, para servir sua ambição, mas tendo em vista sua própria melhoria e para fazer com que os homens conhecessem a verdade. Se o Espírito percebe que o médium não corresponde mais às suas expectativas e não aproveita das instruções e das advertências que lhe dá, ele se retira para buscar um protegido mais digno.”

4) O Espírito que se retira não poderá ser substituído, e, neste caso, não se conceberia a suspensão da faculdade?

“Não faltam Espíritos que nada mais desejam, senão comunicar-se e estão sempre prontos para substituir aqueles que se retiram; mas quando é um bom Espírito que abandona o médium, ele pode muito bem deixá-lo, apenas, momentaneamente e privá-lo, por um certo tempo, de qualquer comunicação, a fim de servir-lhe de lição e provar-lhe que sua faculdade *não depende dele* e que não deve envaidecer-se por isso. Essa impotência momentânea é também para dar ao médium a prova de que ele escreve sob uma influência estranha, de outra forma, não haveria intermitência.”

“Aliás, a interrupção da faculdade nem sempre é uma punição; ela demonstra, algumas vezes, a solicitude do Espírito para com o médium a quem se afeiçoa; ele quer proporcionar-lhe um repouso material, que julga necessário, e, neste caso, não permite que outros Espíritos o substituam.”

5) Entretanto, veem-se médiuns de muito mérito, moralmente falando, que não experimentam qualquer necessidade de repouso e ficam muito contrariados com as interrupções, cujo objetivo não compreendem.

“É com o objetivo de pôr à prova sua paciência e avaliar sua perseverança; é por isso que os Espíritos, em geral, não assinalam qualquer termo para esta suspensão; eles querem ver se o médium se desanima. Muitas vezes, é também para lhes dar tempo de meditar nas instruções que lhes deram e é por essa meditação dos nossos ensinos, que conhecemos os espíritas verdadeiramente sérios; não podemos dar esse nome àqueles que, na realidade, são apenas amadores de comunicações.”

6) Será necessário, neste caso, que o médium prossiga nas suas tentativas para escrever?

“Se o Espírito lhe aconselhar isto, sim; se lhe disser para abster-se, deve fazê-lo.”

7) Haveria um meio de abreviar esta prova?

“A resignação e a prece. Aliás, basta fazer, todos os dias, uma tentativa de alguns minutos, pois seria inútil perder seu tempo em ensaios infrutíferos; a tentativa não tem outro objetivo senão o de certificar-se de que a faculdade foi recuperada.”

8) A suspensão da faculdade implicará no afastamento dos Espíritos que, habitualmente, se comunicam?

“De maneira alguma; o médium, então, estaria na posição de uma pessoa que perdesse, momentaneamente, a visão e que, nem por isso, deixasse de estar cercado de seus amigos, embora não pudesse vê-los. O médium pode, portanto, e até deve continuar a comunicar-se através do pensamento com seus Espíritos familiares e ficar convencido de que é ouvido. Se a falta da mediunidade pode privá-lo das comunicações materiais com certos Espíritos, não po-de privá-lo das comunicações morais.”

9) Assim, a interrupção da faculdade mediúnica nem sempre implicaria numa censura da parte dos Espíritos?

“Não, sem dúvida, visto que pode constituir uma prova de benevolência.”

10) Através de que sinal pode-se reconhecer uma censura nesta interrupção?

“Que o médium interrogue a sua consciência e que se pergunte o uso que tem feito de sua faculdade, o bem que dela tem resultado para os outros, *o proveito que tem tirado dos conselhos que lhe tem sido dados e terá a resposta*.”

11) O médium que não pode mais escrever, não poderia recorrer a um outro médium?

“Isto depende da causa da interrupção; esta tem, muitas vezes, por objetivo deixar-vos durante algum tempo sem comunicações, depois de vos terem dado conselhos a fim de que vos habituásseis a nada fazerem, senão através de nós; neste caso, ele não ficará satisfeito, servindo-se de um outro médium e, isto, tem ainda um objetivo: é o de vos provar que os Espíritos são livres e que não depende de vós fazê-los caminhar, conforme o vosso desejo. É também, por esta razão, que aqueles que não são médiuns, nem sempre recebem as comunicações que desejam.”

Nota: Deve-se observar, de fato, que aquele que recorre a terceiros para obter comunicações, não obstante a qualidade do médium, muitas vezes, nada obtém de satisfatório, enquanto que, de outras vezes, as respostas são muito explícitas. Isto depende tanto da vontade do Espírito, que não adianta mudar de

médium; os próprios Espíritos parecem dar, a esse respeito, a palavra de ordem, pois o que não se obtém de um, também não se obterá de nenhum outro. Deve-se, então, evitar insistir e impacientar-se, se não se quiser ser vitima dos Espíritos enganadores, que responderão, se o quisermos, obstinadamente, e, os bons os deixarão fazer para nos punir pela nossa insistência.

12) Com que objetivo a Providência terá dotado de mediunidade, certos indivíduos, de uma maneira especial?

"É uma missão de que se encarregaram e com a qual ficam felizes; eles são os intérpretes entre os Espíritos e os homens."

13) Todavia, há médiuns a quem o uso de suas faculdades repugna?

"São médiuns imperfeitos; não conhecem o valor da graça que lhes é concedida."

14) Se se trata de uma missão, como se explica que não seja o privilégio dos homens de bem e que esta faculdade seja concedida a pessoas que não merecem qualquer estima e que dela podem abusar?

"Ela lhes é concedida, porque precisam dela para o seu próprio melhoramento, a fim de que esteja em condições de receber bons ensinamentos; se dela não tirarem proveito, sofrerão as consequências. Jesus não pregava, preferentemente, aos pecadores, dizendo que deve-se dar àquele que não tem?"

15) As pessoas que possuem um grande desejo de escrever, como médiuns, e que não o conseguem, poderão daí concluir alguma coisa contra si mesmas, no que se refere à benevolência dos Espíritos para com elas?

"Não, pois Deus pode lhes ter recusado esta faculdade, como pode lhes ter recusado o dom da poesia ou da música; mas se não gozam desta graça, podem ter outras."

16) Como um homem pode aperfeiçoar-se através do ensino dos Espíritos, quando não possui, nem por si mesmo, nem pelos outros médiuns, os meios de receber, diretamente, este ensinamento?

"Não tem ele os livros, como o cristão possui o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus, o cristão não necessita ter ouvido suas palavras saírem de sua boca."

CAPÍTULO XVIII

INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE

Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde. – Idem sobre o cérebro. – Idem sobre as crianças

221. 1) A faculdade mediúnica será um indício de um estado patológico qualquer ou, simplesmente, um estado anômalo?

"Algumas vezes, anômalo, mas, não, patológico; há médiuns de saúde robusta; aqueles que são doentes o são por outras causas."

2) O exercício da faculdade mediúnica poderá causar fadiga?

"O exercício muito prolongado de qualquer faculdade leva à fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos; ela ocasiona, necessariamente, um dispêndio de fluido, que leva à fadiga e que se repara pelo repouso."

3) O exercício da mediunidade poderá apresentar inconvenientes, por si mesmo, do ponto de vista higiênico, abstração feita do abuso?

"Há casos em que é prudente, necessário mesmo, abster-se ou, pelo menos moderar-lhe o uso; isso depende do estado físico e moral do médium. Aliás, geralmente, o médium o sente e, desde que experimente fadiga, deve abster-se."

4) Haverá pessoas para as quais este exercício apresente mais inconvenientes do que para outras?

"Já disse que isto depende do estado físico e moral do médium. Há pessoas para as quais é necessário evitar qualquer causa de superexcitação e a mediunidade é uma delas." (Itens 188 e 194.)

5) A mediunidade poderia produzir a loucura?

"Não mais do que qualquer outra coisa, desde que não haja predisposição, por causa da fraqueza do cérebro. A mediunidade não produzirá a loucura, quando não exista o princípio; mas quando existe o princípio, o que é fácil de reconhecer no estado moral, o bom senso diz que deve-se usar de cautela, sob

todos os pontos de vista, pois qualquer causa de abalo, pode ser prejudicial.”

6) Haverá inconveniente em desenvolver a mediunidade nas crianças?

“Certamente e afirmo que é muito perigoso, pois essas organizações frágeis e delicadas ficariam muito abaladas e sua jovem imaginação, excessivamente excitada; assim, os pais prudentes as afastarão dessas ideias ou, pelo menos, delas apenas lhes falarão do ponto de vista das consequências morais.”

7) Entretanto, há crianças que são médiuns, naturalmente, quer para efeitos físicos, quer para a escrita e as visões; haverá, nisto, o mesmo inconveniente?

“Não, quando a faculdade é espontânea numa criança, é que está na sua natureza e que sua constituição física a isso se presta; o mesmo não ocorre, quando ela é provocada e superexcitada. Notai que a criança, que tem visões, geralmente, pouco se impressiona com elas: isto lhe parece uma coisa perfeitamente natural a que ela presta pouca atenção e de que, muitas vezes, se esquece; mais tarde, o fato volta-lhe à memória e ela o explica, facilmente, se conhece o Espiritismo.”

8) Qual é a idade em que se pode, sem inconveniente, ocupar-se com mediunidade?

“Não há idade precisa, isto depende inteiramente do desenvolvimento físico e, ainda mais, do desenvolvimento moral; há crianças de doze anos que serão menos afetadas por isso do que algumas pessoas já feitas. Falo da mediunidade, em geral, mas a que se aplica aos efeitos físicos é mais cansativa para o corpo; a escrita apresenta um outro inconveniente, que se deve à inexperiência da criança, caso ela quisesse ocupar-se de sua faculdade, sozinha, e dela fazer um brinquedo.”

222. A prática do Espiritismo, como veremos mais tarde, exige muito tato para desfazer as tramas dos Espíritos enganadores; se homens feitos são suas vitimas, a infância e a juventude encontram-se ainda mais expostas a isso, por causa da sua inexperiência. Sabe-se, além disso, que o recolhimento é uma condição sem a qual não se pode relacionar com Espíritos sérios; as evocações feitas estouvadamente e por brincadeira são uma verdadeira profanação, que facilita o acesso a Espíritos zombeteiros e maléficos; como não se pode esperar de uma criança a gravidade necessária para um ato semelhante, seria de temer que ela fizesse disso uma brincadeira, se ficasse entregue a si mesma. Mesmo nas condições mais favoráveis, é desejável que uma criança, dotada de faculdade mediúnica, só a exerça sob a vigilância de pessoas experimentadas, que lhe ensinarão, através de seus exemplos, o respeito que se deve às almas daqueles

que viveram. Vê-se, de acordo com isto, que a questão da idade está subordinada às circunstâncias, tanto de temperamento, quanto de caráter. Entretanto, o que claramente ressalta das respostas acima é que não se deve forçar o desenvolvimento desta faculdade nas crianças, quando ela não for espontânea, e que, em todos os casos, deve-se fazer uso de uma grande circunspecção; que não se deve excitá-la, nem encorajá-la em pessoas débeis. Deve-se desviar, por todos os meios possíveis, as que apresentem os menores sintomas de excentricidade nas ideias ou enfraquecimento das faculdades mentais, visto que há, nelas, predisposição evidente para a loucura, que qualquer causa superexcitante pode fazer desenvolver. As ideias espíritas não têm, sob este aspecto, uma influência muito grande, mas vindo a loucura a se declarar, tomaria o caráter da preocupação dominante, como tomaria um caráter religioso, se a pessoa se entregasse, com excesso, às práticas de devoção e tornariam o Espiritismo responsável por isso. O que se tem de melhor a fazer, com todo indivíduo que mostre uma tendência à ideia fixa, é dar um outro direcionamento às suas preocupações, a fim de proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos.

A propósito deste assunto, chamamos a atenção de nossos leitores para o parágrafo XII da introdução de *O Livro dos Espíritos*.



CAPÍTULO XIX

PAPEL DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

Influência do espírito pessoal do médium. – Sistema dos médiuns inertes. – Aptidão de certos médiuns para coisas que desconhecem: as línguas, a música, o desenho. – Dissertação de um espírito sobre o papel dos médiuns

223. 1) O médium, no momento em que exerce sua faculdade, está num estado perfeitamente normal?

"Está, algumas vezes, num estado de crise mais ou menos acentuado — é o que o fadiga e é por isso que necessita de repouso; porém, na maioria das vezes, seu estado não difere de maneira sensível do estado normal, principalmente se forem médiuns escreventes."

2) As comunicações escritas ou verbais poderão também provir do próprio Espírito encarnado no médium?

"A alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro; se goza de um certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito. Tendes a prova disso, quando as almas das pessoas vivas vêm vos visitar e comunicam-se convosco através da escrita, muitas vezes, sem que as tenhais chamado. Porque, ficai sabendo, que entre os Espíritos que evocais, há alguns que encontram-se encarnados na Terra; *então, eles vos falam como Espíritos e, não, como homens*. Por que quereríeis que o mesmo não acontecesse com o médium?

a) — Não parece que esta explicação confirma a opinião daqueles que creem que todas as comunicações emanam do Espírito do médium e, não, de Espíritos estranhos?

"Eles só erram porque são absolutos nas suas opiniões; pois é certo que o Espírito do médium pode agir por si mesmo; mas, isto, não é uma razão para que outros não ajam, igualmente, por seu intermédio."

3) Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium ou um Espírito estranho?

“Pela natureza das comunicações. Estudai as circunstâncias e a linguagem e distinguireis. É, principalmente, no estado de sonambulismo ou de êxtase que o Espírito do médium manifesta-se, porque, então, encontra-se mais livre; no estado normal é mais difícil. Aliás, existem respostas que são impossíveis de serem atribuídas a ele; é por isso que vos digo para estudar e observar.”

Nota: Quando uma pessoa nos fala, distinguimos, facilmente, o vem dela ou aquilo de que ela é apenas o eco: o mesmo se dá com os médiuns.

4) Já que o Espírito do médium pôde adquirir, em existências anteriores, conhecimentos que esqueceu, sob seu envoltório corporal, mas dos quais se lembra como Espírito, não poderá ele haurir das profundezas de seu próprio eu, as ideias que parecem ultrapassar o alcance de sua instrução?

“Isto acontece, muitas vezes, no estado de crise sonambúlica ou extática; porém, repito ainda uma vez: há circunstâncias que não permitem dúvida; estudai, *longamente*, e meditai.”

5) As comunicações provenientes do Espírito do médium são sempre inferiores as que poderiam ser feitas pelos Espíritos estranhos?

“Sempre, não; pois o Espírito estranho pode ser, ele próprio, de uma ordem inferior a do médium e, então, falar menos sensatamente. É o que se vê no sonambulismo, pois, aí, é o Espírito do sonâmbulo que, na maioria das vezes, se manifesta e que diz, no entanto, algumas vezes, coisas muito boas.”

6) O Espírito, que se comunica através de um médium, transmite, diretamente seu pensamento, ou, então, este pensamento tem como intermediário o Espírito encarnado no médium?

“É o Espírito do médium que é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e porque é necessária uma corrente entre vós e os Espíritos estranhos que se comunicam, como um fio elétrico é necessário para transmitir uma notícia à grande distância e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente, que a receba e a transmita.”

7) O Espírito encarnado, no médium, exerce uma influência sobre as comunicações que deva transmitir e que provenham de Espíritos estranhos?

“Sim, porquanto, se não lhes forem simpáticos, ele pode alterar suas respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e aos seus pendores, *mas ele não influencia os próprios Espíritos*: trata-se de um mau intérprete.”

8) Será essa a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

“Não existem outras; eles procuram o intérprete que mais simpatize com eles e que exprima, com maior exatidão, o pensamento deles. Se não houver simpatia

entre eles, o Espírito do médium constitui-se um antagonista, que oferece uma certa resistência e torna-se um intérprete de má vontade e, muitas vezes, infiel. O mesmo acontece entre vós, quando a advertência de um sábio é transmitida através de um estúrdio ou de um homem de má-fé."

9) Compreende-se que assim aconteça com os médiuns intuitivos, mas, não, com os que são médiuns mecânicos.

"Ainda não percebestes bem o papel que o médium desempenha; há, ali, uma lei que ainda não apreendestes. Lembrai-vos de que, para produzir o movimento de um corpo inerte, o Espírito necessita de uma porção de fluido animalizado, que toma emprestado do médium para animar, momentaneamente, a mesa, a fim de que, esta, obedeça-lhe a vontade; pois bem! Compreendei, igualmente que, para uma comunicação inteligente, ele necessita de um intermediário inteligente e que este intermediário é o Espírito do médium."

a) — Parece que isto não é aplicável ao que se chama de mesas falantes, pois quando objetos inertes, como mesas, pranchetas e cestas, dão respostas inteligentes, parece que o Espírito do médium não toma parte alguma?

"É um erro; o Espírito pode dar ao corpo inerte uma vida factícia, momentânea, porém, não, a inteligência; um corpo inerte nunca foi inteligente. É, portanto, o Espírito do médium que recebe o pensamento, à sua revelia, e o transmite, sucessivamente, com o auxílio de diversos intermediários."

10) Dessas explicações parece resultar que o Espírito do médium nunca é completamente passivo?

"Ele é passivo, quando não mistura suas próprias ideias às do Espírito estranho, mas nunca é absolutamente nulo; seu auxílio é sempre necessário, como intermediário, mesmo naquele a quem chamais de médiuns mecânicos."

11) Não haverá maior garantia de independência no médium mecânico do que no médium intuitivo?

"Sem dúvida alguma e, para certas comunicações, é preferível um médium mecânico; porém, quando se conhecem as faculdades de um médium intuitivo, isto se torna indiferente, conforme as circunstâncias; quero dizer que existem comunicações que exigem menos precisão."

12) Entre os diferentes sistemas, que têm sido emitidos, para explicar os fenômenos espíritas, há um que consiste em acreditar, que a verdadeira mediunidade consiste num corpo completamente inerte, na cesta ou no papelão, por exemplo, que serve de instrumento; que o Espírito estranho identifique-se com este objeto e o torne, não somente vivo, porém, inteligente; daí o nome de

médiuns inertes dado a esses objetos; o que pensais disto?

Só há uma palavra para falar sobre isto: é que, se o Espírito tivesse transmitido a inteligência ao papelão, ao mesmo tempo que a vida, o papelão escreveria sozinho, sem o auxílio de médium; seria singular que o homem inteligente se tornasse máquina, e que um simples objeto inerte se tornasse inteligente. Este é um dos numerosos sistemas nascidos de uma ideia preconcebida e que caem, como tantos outros, diante da experiência e da observação."

13) Um fenômeno bem conhecido poderia confirmar a opinião de que há nos corpos inertes animados mais do que a vida, há ainda a inteligência, é o caso das mesas, cestas, etc., que exprimem, através dos seus movimentos, a cólera ou a afeição?

"Quando um homem agita um bastão, com cólera, não é o bastão que está colérico, nem mesmo a mão que segura o bastão, mas, sim, o pensamento que dirige a mão; as mesas e as cestas não são mais inteligentes que o bastão; elas não possuem qualquer sentimento inteligente, mas obedecem a uma inteligência; numa palavra, não é o Espírito que se transforma em cesta, nem mesmo, nela, se domicilia."

14) Se não é racional atribuir inteligência a esses objetos, poder-se-ia considerá-los como uma variedade de médiuns, chamando-os de *médiuns inertes*?

"É uma questão de palavras que pouco nos importa, desde que vos entendais. Sois livres para chamar uma marionete de homem."

15) Os Espíritos apenas possuem a linguagem do pensamento; não dispõem de linguagem articulada; é por isso que, para eles, só existe uma língua; de acordo com isto, um Espírito poderia exprimir-se, por via mediúnica, numa língua que ele nunca falou enquanto vivo? E, neste caso, de onde tirará as palavras de que se serve?

"Vós mesmos acabastes de responder à vossa pergunta, dizendo que os Espíritos possuem uma única língua, que é a do pensamento; esta língua é compreendida por todos, tanto homens, quanto Espíritos. O Espírito errante, dirigindo-se ao Espírito encarnado do médium, não lhe fala francês, nem inglês, mas a língua universal, que é a do pensamento; para traduzir suas ideias, numa linguagem articulada, transmissível, tira suas palavras do vocabulário do médium."

16) Se é assim, o Espírito não deveria poder exprimir-se somente na língua

do médium, enquanto que vemo-lo escrever em línguas desconhecidas deste último; não haveria, aí, uma contradição?

"Notai, primeiramente, que nem todos os médiuns são igualmente aptos para este gênero de exercício, e, em seguida, que os Espíritos só, acidentalmente, a isso se prestam, quando julgam que isto pode ser útil; porém, para as comunicações comuns e de uma certa extensão, eles preferem servir-se de uma língua familiar, porque ela lhes apresenta menos dificuldade material para vencer."

17) A aptidão de certos médiuns para escrever numa língua, que lhes é estranha, não proviria do fato de que esta língua lhes teria sido familiar numa outra existência e que dela teriam conservado a intuição?

"Isto pode, certamente, acontecer, mas não constitui uma regra; o Espírito pode, com alguns esforços, superar, momentaneamente, a resistência material que encontra; é o que acontece quando o médium escreve, na sua própria língua, palavras que não conhece."

18) Uma pessoa que não soubesse escrever, poderia escrever como um médium?

"Sim; mas compreende-se que há, ainda, uma grande dificuldade mecânica a vencer por não ter a mão o hábito do movimento necessário para formar as letras. O mesmo ocorre com os médiuns desenhistas, que não sabem desenhar."

19) Um médium pouquíssimo inteligente poderia transmitir comunicações de uma ordem elevada?

"Sim, pela mesma razão que um médium pode escrever numa língua que desconhece. A mediunidade, propriamente dita, independe da inteligência, bem como das qualidades morais e, por falta de um instrumento melhor, o Espírito pode se servir daquele que ele tem à mão; porém, é natural que, para as comunicações de uma certa ordem, prefira o médium que lhe ofereça menos obstáculos materiais. E, além disso, há uma outra consideração: o idiota, muitas vezes, só o é pela imperfeição de seus órgãos, mas seu Espírito pode ser mais adiantado do que imaginais; tendes a prova disto através de certas evocações de idiotas, mortos ou vivos."

Nota: Este é um fato constatado pela experiência; temos evocado, várias vezes, idiotas vivos, que têm dado provas patentes de suas identidades e que respondiam, de uma maneira muito sensata e, até, superior. Este estado é uma punição para o Espírito que sofre pelo constrangimento em que se encontra. Um médium idiota pode, portanto, oferecer, algumas vezes, ao Espírito que quer se manifestar mais recursos de que se supunha. (Ver *Revista Espírita*, julho de 1860, artigo sobre a *Frenologia* e a *Fisiognomia*)

20) De onde vem a aptidão de certos médiuns para escrever em versos, apesar de sua ignorância em matéria de poesia?

"A poesia é uma linguagem; eles podem escrever em versos, como podem escrever numa língua que desconhecem; e, depois, eles podem ter sido poetas, numa outra existência e, como já vos dissemos, os conhecimentos adquiridos nunca se perdem para o Espírito, que deve chegar à perfeição, em todas as coisas. Então, o que eles têm sabido lhes dá, sem que desconfiem, uma facilidade de que não dispõem, no estado comum."

21) O mesmo acontece com aqueles que possuem uma aptidão especial para o desenho e a música?

"Sim; o desenho e a música são também maneiras de exprimir o pensamento; os Espíritos servem-se dos instrumentos que lhes oferecem mais facilidade."

22) A expressão do pensamento através da poesia, do desenho, ou da música depende unicamente da aptidão especial do médium ou da do Espírito que se comunica?

"Algumas vezes, do médium, outras vezes, do Espírito. Os Espíritos superiores possuem todas as aptidões; os Espíritos inferiores possuem conhecimentos limitados."

23) Por que o homem, que possui um talento transcendente numa existência, não mais o possui na existência seguinte?

"Nem sempre é assim, pois, muitas vezes, ele aperfeiçoa, numa existência, o que iniciou numa precedente; mas pode acontecer que uma faculdade transcendente adormeça, durante um certo tempo, para deixar uma outra mais livre para desenvolver-se; é um gérmen latente que, mais tarde, será encontrado e do qual alguns traços ou, pelo menos, uma vaga intuição sempre permanecem."

224. O Espírito estranho compreende, sem dúvida, todas as línguas, visto que as línguas são a expressão do pensamento, e que o Espírito compreende através do pensamento; mas para exprimir esse pensamento, é necessário um instrumento: este instrumento é o médium. A alma do médium, que recebe a comunicação estranha, só pode transmiti-la pelos órgãos de seu corpo; ora, esses órgãos não podem ter, para uma língua desconhecida, a flexibilidade que possuem para a que lhes é familiar. Um médium, que apenas saiba o francês, poderá muito bem, acidentalmente, dar uma resposta em inglês, por exemplo, se agrada ao Espírito fazê-lo; mas os Espíritos, que já acham a linguagem humana muito lenta, em vista da rapidez do pensamento, visto que abreviam tanto quanto

podem, impacientam-se com a resistência mecânica que experimentam; eis porque não o fazem sempre. É também a razão pela qual um médium novato, que escreve penosamente e com lentidão, ainda que na sua própria língua, em geral, só obtêm respostas breves e sem desenvolvimento; assim, os Espíritos recomendam que, por seu intermédio, só lhes façam perguntas simples. Para as de elevado alcance, é preciso um médium formado, que não ofereça qualquer dificuldade mecânica para o Espírito. Não tomaríamos para nosso leitor um estudante que soletrasse. Um bom operário não gosta de servir-se de ferramentas ruins. Acrescentemos uma outra consideração de grande gravidade, no que se refere às línguas estrangeiras. Os ensaios deste gênero são sempre feitos com um objetivo de curiosidade e de experiência; ora, nada é mais antipático para os Espíritos do que as provas a que tentam submetê-los. Os Espíritos superiores jamais se prestam a isso e se afastam, desde que percebam que se quer entrar por esse caminho. Tanto se comprazem nas coisas úteis e sérias, quanto lhes repugna ocupar-se com coisas fúteis e sem objetivo. É, dirão os incrédulos, para nos convencer de que esse objetivo é útil, visto que pode conquistar adeptos para a causa dos Espíritos. A isto, os Espíritos respondem: "Nossa causa não necessita daqueles que possuem bastante orgulho para julgarem-se indispensáveis; chamamos a nós *os que queremos* e, muitas vezes, estes são os pequeninos e os mais humildes. Jesus terá feito os milagres que os escribas lhe pediam? E de que homens ele se serviu para revolucionar o mundo? Se quiserdes vos convencer, tendes outros meios, que não a força; começai, primeiro, por submeter-vos; não é natural que o aluno imponha sua vontade ao seu mestre."

Daí decorre que, salvo algumas exceções, o médium exprime o pensamento dos Espíritos através dos meios mecânicos que estão à sua disposição e que a expressão deste pensamento pode e deve, mesmo, muito frequentemente, ressentir-se da imperfeição desses meios; assim, o homem inculto, o camponês, poderá dizer as mais belas coisas, expressar os pensamentos mais elevados, os mais filosóficos, falando como um camponês; pois, como se sabe, para os Espíritos, o pensamento está acima de tudo. Isto responde à objeção de certos críticos a propósito das incorreções de estilo e de ortografia, que se podem inculpar os Espíritos, e que podem vir, tanto do médium, quanto do Espírito. Há futilidade em apegar-se a coisas semelhantes. Não é menos pueril dedicar-se a reproduzir essas incorreções, com minuciosa exatidão, como os vimos fazer, algumas vezes. Pode-se, portanto, corrigi-los, sem qualquer escrúpulo, a menos que elas sejam um tipo característico do Espírito que se comunica, e, neste caso, é útil conservá-las como prova de identidade. É, assim, por exemplo, que vimos

um Espírito escrever, constantemente, *Jule* (sem o *s*), ao falar ao seu neto, porque, enquanto vivo, ele escrevia desta maneira e, embora o neto, que lhe servia de médium, soubesse perfeitamente escrever seu próprio nome.

225. A dissertação que se segue, dada espontaneamente por um Espírito superior, que se revelou através das comunicações de ordem mais elevada, resume, da maneira mais clara e mais completa, a questão do papel dos médiuns:

"Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, sejam eles mecânicos, semimecânicos ou simplesmente intuitivos, nossos processos de comunicação com eles não variam essencialmente. De fato, nós nos comunicamos com os próprios Espíritos encarnados, como com os Espíritos propriamente ditos, apenas pela irradiação do nosso pensamento.

Nossos pensamentos não necessitam da vestimenta da palavra para ser compreendido pelos Espíritos e todos os Espíritos percebem o pensamento que desejamos transmitir-lhes, tão somente porque dirigimos este pensamento na direção deles, e isto, em razão de suas faculdades intelectuais; quer dizer que tal pensamento pode ser compreendido por tais ou quais Espíritos, conforme o adiantamento deles, enquanto que, em tais outros, este pensamento, não despertando qualquer lembrança, nenhum conhecimento no fundo de seus corações ou de seus cérebros, não é perceptível para eles. Neste caso, o Espírito encarnado, que nos serve de médium, está mais apto a exprimir nosso pensamento a outros encarnados, embora não o compreenda mais do que um Espírito desencarnado e pouco adiantado poderia fazê-lo, se fôssemos forçados a recorrer à sua intermediação; porque o ser terrestre coloca seu corpo, como instrumento, à nossa disposição, o que o Espírito errante não pode fazer.

Assim, quando encontramos, num médium, o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e seu Espírito rico em conhecimentos anteriores latentes, apropriados para facilitar nossas comunicações, nós nos servimos dele, preferencialmente, porque com ele o fenômeno da comunicação torna-se mais fácil do que com um médium, cuja influência fosse limitada e os conhecimentos anteriores tivessem permanecido insuficientes. Através de algumas explicações claras e precisas iremos fazer-nos compreender.

Com um médium, cuja inteligência atual ou anterior encontra-se desenvolvida, nosso pensamento comunica-se, instantaneamente, de Espírito a Espírito, através de uma faculdade peculiar à essência do próprio Espírito. Neste caso, encontramos, no cérebro do médium, os elementos próprios para dar ao nosso pensamento a vestimenta da palavra correspondente a este pensamento e,

isto, quer o médium seja intuitivo, semimecânico ou inteiramente mecânico. É por isso que, qualquer que seja a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados obtidos por ele, mesmo procedendo de Espíritos diversos, trazem um cunho de forma e de colorido pessoal a este médium. Sim, se bem que o pensamento lhe seja inteiramente estranho, se bem que o assunto saia do âmbito no qual, ele próprio, habitualmente se move, se bem que, o que queremos dizer, não provenha dele, de maneira nenhuma, nem por isso deixa de exercer sua influência pela forma, pelas qualidades, as propriedades, que são inerentes à sua individualidade. É exatamente como quando observais diferentes pontos de vista com lunetas matizadas, verdes, brancas ou azuis; embora os pontos de vista ou objetos observados sejam inteiramente opostos e independentes uns dos outros, nem por isso deixam de apresentar, sempre, uma tonalidade, que provém da cor das lunetas. Ou melhor, comparemos os médiuns a esses frascos cheios de líquidos coloridos e transparentes, que se veem na vitrine dos laboratórios farmacêuticos; pois bem! nós somos como luzes que clareamos alguns pontos de vista morais, filosóficos e internos, através dos médiuns azuis, verdes ou vermelhos, de tal forma que, nossos raios luminosos, obrigados a passar através dos vidros mais ou menos bem facetados, mais ou menos transparentes, isto é, através de médiuns mais ou menos inteligentes, só chegam aos objetos, que queremos iluminar, tomando emprestada a coloração, ou melhor, a forma própria e particular desses médiuns. Enfim, para terminar com uma última comparação, nós, Espíritos, somos como compositores de música, que têm composto ou querem improvisar uma ária e só temos à mão um piano, um violino, uma flauta, um contrabaixo ou uma gaita de dois tostões. É incontestável que, com o piano, a flauta ou o violino executaremos nosso trecho de uma maneira bem compreensível para nossos ouvintes; embora os sons que provêm do piano, do contrabaixo ou da clarineta sejam essencialmente diferentes uns dos outros, nossa composição, nem por isso, será identicamente a mesma, salvo as nuanças do som. Mas, se apenas temos à nossa disposição uma gaita de dois tostões ou um funil de encanador, aí está para nós a dificuldade.

De fato, quando somos obrigados a nos servir de médiuns pouco adiantados, nosso trabalho torna-se mais longo, bem mais penoso, porque somos obrigados a recorrer a formas incompletas, o que representa, para nós, uma complicação; porque, então, somos forçados a decompor nossos pensamentos e a ditar, palavra por palavra, letra por letra, o que representa um aborrecimento e uma fadiga para nós e um entrave real à presteza e ao desenvolvimento de nossas manifestações.

É por isso que ficamos felizes de encontrar médiuns bem apropriados, bem

aparelhados, munidos de materiais prontos para funcionar, numa palavra: bons instrumentos, porque, então, nosso perispírito, agindo sobre o perispírito daquele que *mediunizamos*, nada mais tem a fazer, a não ser dar o impulso à mão, que nos serve de caneta ou de lapiseira; enquanto que, com os médiuns insuficientes, somos obrigados a fazer um trabalho análogo ao que fazemos, quando nos comunicamos através das pancadas, isto é, indicando letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que formam a tradução dos pensamentos que queremos vos comunicar.

É por estas razões que nós nos dirigimos, preferentemente, às classes esclarecidas e instruídas, para a divulgação do Espiritismo e o desenvolvimento das faculdades medianímicas da escrita, embora seja entre essas classes que se encontrem os indivíduos mais incrédulos, os mais rebeldes e os mais imorais. É que, assim como deixamos, hoje, aos Espíritos brincalhões e pouco adiantados o exercício das comunicações tangíveis de pancadas e de transportes, assim, também, os homens pouco sérios, entre vós, preferem a visão dos fenômenos que impressionam seus olhos ou seus ouvidos, aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

Quando queremos transmitir ditados espontâneos, nós agimos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium e reunimos nossos materiais com os elementos que ele nos fornece e, isto, à sua revelia; é como se pegássemos, na sua bolsa, as somas que ele, ali, pudesse ter e com elas arrumássemos as diferentes moedas, de acordo com a ordem que nos parece mais útil.

Porém, quando o próprio médium quer nos interrogar desta ou daquela maneira, é bom que, nisso, reflita seriamente, a fim de nos questionar de uma forma metódica, facilitando-nos, assim, nosso trabalho de resposta. Porque, como já vos foi dito, numa instrução anterior, vosso cérebro está, frequentemente, numa desordem inextricável e nos é, não somente penoso, como, também, difícil mover-nos no dédalo dos vossos pensamentos. Quando as perguntas devem ser feitas por terceiros, é bom, é útil que a série de questões seja comunicada, antecipadamente, ao médium, para que, este, identifique-se com o Espírito do evocador e dele se impregne, por assim dizer; porque nós mesmos teremos, então, muito mais facilidade para responder, pela afinidade que existe entre nosso perispírito e o do médium, que nos serve de intérprete.

Certamente, podemos falar de matemáticas, por meio de um médium a quem estas sejam inteiramente estranhas, mas, muitas vezes, o Espírito desse médium possui este conhecimento, em estado latente, isto é, conhecimento pessoal ao ser fluídico e, não, ao ser encarnado, porque seu corpo atual é um instrumento

rebelde ou contrário a este conhecimento. O mesmo ocorre com a astronomia, a poesia, a medicina e as diversas línguas, assim como a todos os outros conhecimentos peculiares à espécie humana. Enfim, ainda temos o meio de elaboração penosa, em uso, com os completamente estranhos ao assunto tratado, juntando as letras e as palavras, como em tipografia.

Como já dissemos, os Espíritos não necessitam revestir seus pensamentos; eles percebem e transmitem o pensamento, unicamente pelo fato de que, neles, eles existem. Os seres corpóreos, ao contrário, só podem perceber o pensamento, quando revestido. Enquanto que a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, numa palavra, a frase vos são necessários para perceber, até, mentalmente, nenhuma forma visível ou tangível nos é necessária."

Erasto e Timóteo

Nota: Esta análise do papel dos médiuns e dos processos com o auxílio dos quais os Espíritos se comunicam, é tão clara quanto lógica. Dela decorre este princípio de que o Espírito haure, *não suas ideias*, porém, os materiais necessários para exprimi-las, no cérebro do médium, e, quanto mais rico em materiais for este cérebro, mais fácil é a comunicação. Quando o Espírito se exprime na língua familiar ao médium, nele encontra, inteiramente formadas, as palavras para revestir a ideia; se for numa língua, que lhe é estranha, neste, não encontra as palavras, mas simplesmente as letras; é por isso que o Espírito é obrigado a ditar, por assim dizer, letra por letra, exatamente como se quiséssemos fazer com que escrevesse alemão aquele que não soubesse uma só palavra. Se o médium não sabe ler, nem escrever, não conhece nem mesmo as letras; portanto, é preciso conduzir-lhe a mão, como se faz com um colegial; e há, aí, uma dificuldade material ainda maior a vencer. Estes fenômenos são, portanto, possíveis e temos deles numerosos exemplos; porém, compreende-se que esta maneira de proceder não combina com a extensão e a rapidez das comunicações e que os Espíritos devem preferir os instrumentos de manejo mais fácil, ou, como eles dizem, os médiuns bem aparelhados, do ponto de vista deles.

Se os que reclamam esses fenômenos, como meio de convicção, tivessem, previamente, estudado a teoria, saberiam em que condições excepcionais eles se produzem.

CAPÍTULO XX

INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

Questões diversas. – Dissertação de um espírito sobre a influência moral

226. 1ª) O desenvolvimento da mediunidade é proporcional ao desenvolvimento moral do médium?

"Não; a faculdade, propriamente dita, deve-se ao organismo; ela é independente do moral; o mesmo não acontece com o seu uso, que pode ser bom ou mau, de acordo com as qualidades do médium."

2ª) Sempre foi dito que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor; por que, então, não constitui privilégio dos homens de bem e por que se veem pessoas indignas que delas são dotadas, no mais alto grau, e que dela fazem mau uso?

"Todas as faculdades são favores pelos quais deve-se dar graças a Deus, visto que há homens que dela se acham privados. Poderíeis também perguntar: por que Deus concede uma boa vista a malfeitores, habilidade aos gatunos, a eloquência àqueles que dela se servem para dizer coisas ruins? O mesmo ocorre com a mediunidade; pessoas indignas, dela, são dotadas, porque dela necessitam mais do que as outras para se melhorar; pensais que Deus recusa os meios de salvação aos culpados? Ele os multiplica sob seus passos; *ele os coloca em suas mãos*, cabe a eles aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e curou doentes, como apóstolo? Deus permitiu que ele tivesse esse dom para tornar mais odiosa a sua traição"

3ª) Os médiuns, que fazem mau uso de suas faculdades, que delas não se servem para o bem, ou que delas não se aproveitam para se instruírem, sofrerão as consequências disso?

"Se as utilizam mal, serão duplamente punidos por isso, porque possuem um meio a mais de se esclarecer e não o utilizam em seu proveito. Aquele que vê, claramente, e que tropeça é mais censurável do que o cego, que cai no fosso."

4ª) Há médiuns a quem são dadas, espontaneamente e quase constantemente,

comunicações sobre o mesmo assunto, sobre certas questões morais, por exemplo, sobre determinados defeitos; terá isto um objetivo?

"Sim, e este objetivo é o de esclarecê-los sobre um assunto frequentemente repetido ou de corrigi-los de certos defeitos; é por isso que a um falarão, incessantemente, do orgulho, a um outro, da caridade; é que só a saciedade pode abrir-lhes, afinal, os olhos. Não há médium que faça mau uso de sua faculdade, por ambição ou interesse, ou comprometendo-a por um defeito capital, como o orgulho, o egoísmo, a leviandade, etc., que não receba, de tempos em tempos, algumas advertências da parte dos Espíritos; o mal é que, a maior parte do tempo, eles não as tomam para si mesmos."

Nota: Frequentemente, os Espíritos se utilizam de cautela em suas lições; dão-nas de uma maneira indireta, para deixar mais mérito àquele que sabe aplicar e aproveitá-las, em si mesmo; mas a cegueira e o orgulho são tais, em certas pessoas, que elas não se reconhecem no quadro que se lhes põe diante dos olhos; mais ainda: se o Espírito dá a entender que é delas que se trata, aborrecem-se e tratam o Espírito de mentiroso ou malicioso. Só isto prova que o Espírito tem razão.

5ª) Nas lições, que são ditadas ao médium, de uma maneira geral e sem aplicação pessoal, este não age como instrumento passivo para servir à instrução de outrem?

"Muitas vezes, esses avisos e conselhos não são ditados para ele, pessoalmente, mas, sim, para os outros a quem não podemos nos dirigir, senão por intermédio deste médium, mas que deve tomar a parte que lhe caiba, se não estiver cego pelo seu amor-próprio."

Não creiais que a faculdade medianímica tenha sido dada apenas para corrigir uma ou duas pessoas; não, o objetivo é muito maior: trata-se da Humanidade. Um médium é um instrumento pouquíssimo importante, como indivíduo; é por isso que, quando damos instruções, que devem ser proveitosas para a generalidade dos homens, nós nos servimos daqueles que possuem as facilidades necessárias; mas, admiti como certo que virá um tempo em que os bons médiuns serão bastante comuns, para que os bons Espíritos não tenham necessidade de se servirem de maus instrumentos."

6ª) Já que as qualidades morais do médium afastam os Espíritos imperfeitos, como é que um médium dotado de boas qualidades transmite respostas falsas ou grosseiras?

"Conheces todos os escaninhos de sua alma? Aliás, sem ser vicioso, ele pode ser leviano e frívolo; e, depois, algumas vezes, também, ele necessita de uma lição, a fim de que se mantenha em guarda."

7ª) Por que os Espíritos superiores permitem que pessoas dotadas de um grande poder como médiuns e que poderiam fazer muito bem, sejam os instrumentos do erro?

"Eles tentam influenciá-los; mas, quando elas se deixam arrastar num mau caminho, eles as deixam ir. É por isso que delas se servem com repugnância, pois a *verdade não pode ser interpretada pela mentira*."

8ª) Será absolutamente impossível obter boas comunicações, através de um médium imperfeito?

"Um médium imperfeito pode, algumas vezes, obter boas coisas, porque, se ele possui uma bela faculdade, bons Espíritos podem dele se servir, na falta de um outro, numa circunstância especial; mas, isto, só acontece momentaneamente, pois desde que encontrem um que melhor lhes convenha, eles lhe dão preferência."

Nota: Deve-se observar que, quando os bons Espíritos julgam que um médium deixa de ser bem assistido e se torna, pelas suas imperfeições, presa dos Espíritos enganadores, eles provocam, quase sempre, circunstâncias que desvendam seus defeitos e o afastam das pessoas sérias e bem intencionadas, de cuja boa-fé poder-se-ia abusar. Neste caso, quaisquer que sejam suas faculdades, isto não é de se deplorar.

9ª) Qual seria o médium que se poderia chamar de perfeito?

"Perfeito, que pena! Sabeis bem que a perfeição não existe na Terra, sem, isto, não estaríeis nela; dize, portanto, bom médium e já é muito, pois eles são raros. O médium perfeito seria aquele sobre o qual os maus Espíritos jamais teriam ousado fazer uma tentativa para enganá-lo; o melhor é aquele que, simpatizando somente com bons Espíritos, tem sido enganado menos frequentemente."

10ª) Se ele só simpatiza com bons Espíritos, como podem permitir que ele seja enganado?

"Os bons Espíritos o permitem, algumas vezes, com os melhores médiuns, para lhes exercitar o bom senso e lhes ensinar a discernir o verdadeiro do falso; e, depois, por melhor que seja o médium, ele nunca é tão perfeito que não possa ser atacado pelo seu lado fraco; isto deve servir-lhe de lição. As falsas comunicações que ele recebe, de tempos em tempos, são advertências para que não se considere infalível e não se envaideça; pois o médium que obtém as coisas mais notáveis não tem que vangloriar-se, tanto quanto o tocador de realejo, que produz belas árias, movendo a manivela de seu instrumento."

11ª) Quais as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos superiores nos chegue isenta de qualquer alteração?

“Querer o bem; expulsar o *egoísmo* e o *orgulho*: ambos são necessários.”

12ª) Se a palavra dos Espíritos superiores não nos chega pura, senão em condições difíceis de se encontrar, não será isto um obstáculo à propagação da verdade?

“Não, porque a luz sempre chega àquele que quer recebê-la. Quem quer que deseje esclarecer-se, deve fugir das trevas e as trevas estão na impureza do coração.

Os Espíritos que vedes, como a personificação do bem, não atendem de boa vontade ao apelo daqueles cujo coração está maculado pelo orgulho, pela cupidez e pela falta de caridade.

Portanto, estes que desejam esclarecer-se, despojem-se de toda vaidade humana e humilhem suas inteligências diante do poder infinito do Criador; esta será a melhor prova da sua sinceridade; e esta condição todos podem satisfazer.”

227. Se o médium, do ponto de vista da execução, é apenas um instrumento, do ponto de vista moral, ele exerce uma grande influência. Já que, para comunicar-se o Espírito estranho identifica-se com o Espírito do médium, esta identificação não pode ocorrer senão quando haja entre eles simpatia, e se assim podemos dizer — afinidade. A alma exerce sobre o Espírito estranho uma espécie de atração ou de repulsão, de acordo com o grau de suas semelhanças ou de suas diferenças; ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus; donde se segue que as qualidades morais do médium têm uma influência capital sobre a natureza dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio. Se o médium é vicioso, os Espíritos inferiores vêm agrupar-se em torno dele e estão sempre prontos para tomar o lugar dos bons Espíritos que foram evocados. As qualidades que atraem, de preferência, os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, o amor ao próximo, o desapego das coisas materiais; os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões, pelas quais o homem se apega à matéria.

228. Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas, que dão acesso aos maus Espíritos; mas a que eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que menos se confessa a si próprio; o orgulho perdeu numerosos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, sem isto, teriam podido se tornar sensitivos notáveis e muito úteis; enquanto que, tendo-se tornado presas de Espíritos mentirosos, suas faculdades, primeiramente, perverteram-se, depois, aniquilaram-se e mais de um viu-se humilhado pelas mais amargas decepções.

O orgulho traduz-se, nos médiuns, por sinais inequívocos sobre os quais é tanto mais necessário chamar a atenção, quanto constitui um dos defeitos que devem mais inspirar a desconfiança sobre a veracidade de suas comunicações. Primeiro, é uma confiança cega na superioridade dessas mesmas comunicações e na infalibilidade do Espírito que lhas dá; daí um certo desdém para com tudo o que não venha deles, pois acreditam possuir o privilégio da verdade. O prestígio dos grandes nomes, com os quais se adornam os Espíritos que, supostamente, os protegem, ofusca-os e, como o amor-próprio deles sofreria se tivessem que confessar que são enganados, eles rejeitam qualquer espécie de conselho; eles os evitam mesmo, afastando-se de seus amigos e de quem quer que pudesse abrir-lhes os olhos; se têm a condescendência de escutá-los, não consideram, de forma alguma, suas opiniões, pois duvidar da superioridade do Espírito que os assiste, seria quase uma profanação. Melindram-se com a menor contradição, com uma simples observação crítica e vão, algumas vezes, ao ponto de tomar ódio das próprias pessoas que lhes têm prestado serviço. Em favor desse isolamento provocado pelos Espíritos, que não desejam ter contraditores, estes se comprazem em mantê-los nas suas ilusões, fazendo-os facilmente tomar as mais grosseiras absurdidades, como coisas sublimes. Assim, confiança absoluta na superioridade do que obtêm, desprezo pelo que deles não vêm, importância irrefletida dada aos grandes nomes, recusa dos conselhos, rejeição de qualquer crítica, afastamento daqueles que podem dar opiniões desinteressadas, crença em suas habilidades, apesar de sua falta de experiência: tais são as características dos médiuns orgulhosos.

Deve-se também convir que o orgulho é, muitas vezes, exacerbado no médium pelos que o cercam. Se ele possui faculdades um tanto transcendentes, é procurado e gabado; acredita-se indispensável e, logo, toma ares de suficiência e de desdém, quando presta seu auxílio a alguém. Mais de uma vez tivemos que lamentar os elogios que havíamos dado a alguns médiuns, com o objetivo de encorajá-los.

229. Ao lado disto, coloquemos, em evidência, o quadro do médium verdadeiramente bom, aquele em quem se pode confiar. Suponhamos, primeiramente, uma facilidade de execução bastante grande para permitir aos Espíritos comunicarem-se livremente, sem serem impedidos por qualquer dificuldade material. Dito isto, o que mais importa considerar é a natureza dos Espíritos que o assistem, habitualmente, e, para isto, não é ao nome que se deve referir, mas à linguagem. Ele jamais deve perder de vista que as simpatias que angariará entre os bons Espíritos serão proporcionais àquilo que ele fizer para

afastar os maus. Convencido de que sua faculdade é um dom que lhe foi concedido para o bem, não procura, de modo algum, prevalecer-se, nem vangloriar-se dela. Aceita as boas comunicações que lhe são feitas como uma graça, de que deve esforçar-se para se tornar digno, pela sua bondade, sua benevolência e sua modéstia. O primeiro, orgulha-se de suas relações com os Espíritos superiores; este, humilha-se, porque acredita-se, sempre, estar abaixo desse favor.

230. A seguinte instrução nos foi dada, sobre este assunto, por um Espírito do qual já relatamos várias comunicações:

"Já o dissemos: os médiuns, enquanto médiuns, têm apenas uma influência secundária nas comunicações dos Espíritos; a tarefa deles é a de uma máquina elétrica, que transmite os despachos telegráficos, de um ponto afastado a um outro ponto distante da Terra. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium, como o empregado do telégrafo sobre seu aparelho; isto é, da mesma forma que o tique-taque do telégrafo desenha, a milhares de léguas, sobre um pedaço de papel, os sinais reprodutores do telegrama, também nos comunicamos através das distâncias incomensuráveis, que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial, do mundo encarnado, o que queremos vos ensinar por meio do aparelho mediúnico. Mas, também, da mesma forma que as influências atmosféricas agem e perturbam, muitas vezes, as transmissões do telégrafo elétrico, a influência moral do médium age e perturba, algumas vezes, a transmissão de nossas mensagens de além-túmulo, porque somos obrigados a fazê-las passar por um meio que lhes é contrário. Entretanto, esta influência, na maioria das vezes, é anulada pela nossa energia e nossa vontade, e nenhum ato perturbador manifesta-se. De fato, ditados de um elevado alcance filosófico, comunicações de uma moralidade perfeita são transmitidas, algumas vezes, por médiuns pouco apropriados para esses ensinos superiores; enquanto que, por outro lado, comunicações pouco edificantes também chegam, algumas vezes, através de médiuns completamente envergonhados de lhes terem servido de condutores.

Em tese geral, pode-se afirmar que os Espíritos semelhantes atraem os Espíritos semelhantes e que, raramente, os Espíritos das plêiades elevadas comunicam-se através de aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos medianímicos, numa palavra, bons médiuns.

Os médiuns levianos e pouco sérios atraem, portanto, Espíritos da mesma natureza; é por isso que suas comunicações são impregnadas de banalidades, de frivolidades, de ideias sem consequên-cia e, muitas vezes, muito heterodoxas,

espiritualmente falando. Certamente, eles podem dizer e dizem, frequentemente, boas coisas; mas é, neste caso, principalmente, que um exame severo e escrupuloso é necessário, porquanto, em vez de boas coisas, certos Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e uma perfídia calculada, fatos inventados, afirmativas mentirosas, a fim de enganar a boa-fé de seus ouvintes. Deve-se, portanto, retirar, sem piedade, qualquer palavra, qualquer frase equívoca e só conservar do ditado o que a lógica aceite ou o que a Doutrina já ensinou. As comunicações desta natureza só são temíveis para os espíritas isolados, os grupos recentes ou pouco esclarecidos; porquanto, nas reuniões em que os adeptos são mais adiantados e já adquiriram experiência, a gralha perde tempo enfeitando-se com as penas do pavão — é sempre, impiedosamente, repelida.

Não falarei dos médiuns que se comprazem em solicitar e a escutar comunicações obscenas; deixemo-los deleitarem-se na companhia dos Espíritos cínicos. Aliás, as comunicações desta ordem buscam, por si mesmas, a solidão e o isolamento; em todo caso, elas só poderiam ressaltar o desdém e o nojo entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Mas, onde a influência moral do médium se faz, realmente, sentir, é quando, este, substitui suas ideias pessoais em lugar daquelas que os Espíritos esforçam-se para lhes sugerir; é, ainda, quando tira de sua imaginação teorias fantásticas, que ele próprio, de boa-fé, acredita resultar de uma comunicação intuitiva. Há, então, muitas vezes, mil contra um para apostar que isto é apenas o reflexo do próprio Espírito do médium; e acontece, até, este fato curioso: é que a mão do médium se move, algumas vezes, quase mecanicamente, impelida que é por um Espírito secundário e zombeteiro. É contra esta pedra de toque que as imaginações ardentes vêm se quebrar; pois, levados pelo arrebatamento de suas próprias ideias, pelo brilho ilusório de seus conhecimentos literários, os médiuns desconhecem o ditado modesto de um Espírito sério, e, abandonam a presa, pela sombra, substituem-no por uma paráfrase empolada. É contra este engano terrível que vêm, igualmente, chocar-se as personalidades ambiciosas que, na falta das comunicações, que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras como sendo desses mesmos Espíritos. Eis por que é preciso que os diretores dos grupos espíritas sejam dotados de um fino tato e de uma rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas, daquelas que não o são e para não ferir os que se iludem a si mesmos.

"Na dúvida, abstém-te", diz um de vossos antigos provérbios; não admitais, portanto, senão o que seja para vós de uma evidência patente. Desde que uma opinião nova se apresente, por menos que vos pareça duvidosa, passai-a pelo

depurador da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitai-o, corajosamente; é melhor repelir dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa. De fato, sobre esta teoria poderíeis construir todo um sistema, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento construído sobre a areia movediça, enquanto que, se rejeitardes, hoje, algumas verdades, porque elas não são demonstradas lógica e claramente, em breve um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-lhes a autenticidade.

Lembrai-vos, entretanto, ó espíritas! de que só há de impossível para Deus e para os bons Espíritos a injustiça e a iniquidade.

O Espiritismo já se encontra, agora, bastante difundido entre os homens e tem moralizado, suficientemente, os adeptos sinceros de sua santa doutrina, para que os Espíritos não sejam constrangidos a utilizar maus instrumentos, médiuns imperfeitos. Se, portanto, agora, um médium, qualquer que ele seja, dá, pela sua conduta e seus costumes, pelo seu orgulho, pela sua falta de amor e de caridade, motivo de uma legítima suspeição, rejeitai, rejeitai suas comunicações, pois há uma serpente escondida na relva. Eis a minha conclusão sobre a influência moral dos médiuns."

Erasto

CAPÍTULO XXI

INFLUÊNCIA DO MEIO

231. 1ª) O meio em que o médium se encontra exerce uma influência nas manifestações?

"Todos os Espíritos que cercam o médium o ajudam tanto no bem, quanto no mal."

2ª) Os Espíritos superiores não podem vencer a má vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e daqueles que o cercam?

"Sim, quando o julgam útil e de acordo com a intenção da pessoa que a eles se dirige. Nós já dissemos: os Espíritos mais elevados podem, algumas vezes, comunicar-se por um favor especial, apesar da imperfeição do médium e do meio, mas, então, estes permanecem completamente estranhos ao fato."

3ª) Os Espíritos superiores procuram conduzir as reuniões fúteis a ideias mais sérias?

"Os Espíritos superiores não vão às reuniões, onde sabem, que a presença deles é inútil. Nos meios pouco instruídos, mas onde há sinceridade, vamos de boa vontade, mesmo quando aí encontrássemos apenas instrumentos medíocres; nos meios instruídos, porém, onde a ironia domina, nós não vamos. Ali, é necessário falar aos olhos e aos ouvidos; é o papel dos Espíritos batedores e zombeteiros. É bom que as pessoas que se vangloriam de sua ciência sejam humilhadas pelos Espíritos menos instruídos e menos adiantados."

4ª) O acesso às reuniões sérias é proibido aos Espíritos inferiores?

"Não, algumas vezes eles nelas permanecem, a fim de aproveitar os ensinos que vos são dados; mas permanecem calados *como estúrdios numa assembleia de sábios*."

232. Seria um erro acreditar que seja necessário ser médium para atrair para si os seres do mundo invisível. O espaço está povoado deles; temo-los, incessantemente, em torno de nós, ao nosso lado; e nos veem, nos observam, misturam-se em nossas reuniões, seguem-nos ou afastam-se de nós, conforme os

atraímos ou os repelimos. A faculdade mediúnica em nada contribui para isto: ela é apenas um meio de comunicação. De acordo com o que vimos sobre as causas de simpatia ou de antipatia dos Espíritos, facilmente se compreenderá que devemos ser cercados daqueles que têm afinidade pelo nosso próprio Espírito, conforme seja ele elevado ou degradado. Consideremos, agora, o estado moral do nosso planeta e compreender-se-á qual o gênero de Espíritos que deve dominar entre os Espíritos errantes. Se tomarmos cada povo, em particular, poderemos julgar, pelo caráter dominante dos habitantes, por suas preocupações, seus sentimentos mais ou menos morais e *humanitários*, as ordens de Espíritos que, preferentemente, reúnem-se em torno deles.

Partindo deste princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres; quais serão os Espíritos que, preferentemente, ali se encontrarão? Certamente, não serão os Espíritos superiores, também não seriam nossos sábios e nossos filósofos que iriam, ali, passar seu tempo. Assim, todas as vezes que homens se reúnem, têm consigo uma assembleia oculta, que simpatiza com suas qualidades ou seus defeitos e, isto, *abstração feita de qualquer pensamento de evocação*. Admitamos, agora, que eles tenham a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo invisível, por um intérprete, isto é, por um médium; quais serão aqueles que vão responder aos seus apelos? Evidentemente, aqueles que, ali, estão, sempre prontos e que apenas aguardam uma ocasião de se comunicar. Se, numa assembleia fútil, evoca-se um Espírito superior, ele poderá vir e, até, fazer que se ouçam algumas palavras razoáveis, como um bom pastor vem para junto de suas ovelhas desgarradas; mas, desde o momento, que não se veja compreendido, nem ouvido, retira-se, como faríeis, vós mesmos, em seu lugar e os outros ficam livres para agir.

233. Nem sempre basta que uma assembleia seja séria para obter comunicações de uma ordem elevada; há pessoas que nunca riem e cujo coração, nem por isso, é mais puro; ora, é principalmente o coração que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas; mas se estão em más condições, comunicam-se com seus semelhantes, os quais não deixam de nos enganar e, muitas vezes, lisonjeiam nossos preconceitos.

Por aí, se vê a enorme influência do meio sobre a natureza das manifestações inteligentes; mas esta influência não se exerce, como o pretenderam algumas pessoas, quando ainda não se conhecia o mundo dos Espíritos, como o conhecemos, hoje, e antes que as experiências mais concludentes tivessem vindo esclarecer as dúvidas. Quando as comunicações concordam com a opinião dos

assistentes, não é porque esta opinião se reflita no Espírito do médium como num espelho, é porque tendes convosco Espíritos que vos são simpáticos para o bem, como para o mal e que são inteiramente da mesma opinião; o que o prova é que se tendes a força para atrair para vós outros, Espíritos, diferentes destes que vos cercam, este mesmo médium vai usar convosco uma linguagem inteiramente diferente e vos dirá coisas muito distanciadas do vosso pensamento e das vossas convicções. Em resumo: as condições do meio serão tanto melhores, quanto houver mais homogeneidade para o bem, mais sentimentos puros e elevados, mais desejo sincero de se instruir, sem segunda intenção.



CAPÍTULO XXII

MEDIUNIDADE NOS ANIMAIS

Dissertação de um espírito sobre esta questão

234. Os animais podem ser médiuns? Muitas vezes, esta questão tem sido feita e alguns fatos parece a ela responder afirmativamente. O que tem feito, principalmente, acreditar nessa opinião, são os sinais notáveis de inteligência de alguns pássaros que, educados, parecem adivinhar o pensamento e tiram de um maço de cartas as que podem trazer a resposta exata a uma pergunta feita. Observamos essas experiências com um cuidado todo especial e o que mais nos admirou foi a arte necessária dispensada à instrução desses pássaros. Sem dúvida, não se pode lhes negar uma certa dose de inteligência relativa, mas é preciso convir que, nesta circunstância, a perspicácia deles ultrapassaria de muito a do homem, pois não há quem possa vangloriar-se de fazer o que eles fazem; seria mesmo necessário, para certas experiências, supor-lhes um dom de segunda vista superior ao dos sonâmbulos mais lúcidos. De fato, sabe-se que a lucidez é essencialmente variável e que está sujeita a frequentes intermitências, enquanto que, nesses pássaros, ela seria permanente e funcionaria, no momento oportuno, com uma regularidade e uma precisão, que não se veem em qualquer sonâmbulo; numa palavra: ela nunca lhes faltaria. A maior parte das experiências que temos visto são da natureza da que fazem os prestidigitadores e não podiam deixar-nos em dúvida sobre o emprego de alguns de seus meios, notadamente, o das cartadas inevitáveis. A arte da prestidigitação consiste em dissimular esses meios, sem o que, o efeito não teria mais encantamento. O fenômeno, mesmo reduzido a esta proporção, não deixa de ser muito interessante e resta sempre para admirar o talento do instrutor, tanto quanto a inteligência do aluno, pois a dificuldade a vencer é bem maior, que se o pássaro agisse apenas em virtude de suas próprias faculdades; ora, fazendo-o executar coisas que ultrapassam o limite do possível para a inteligência humana, é provar, unicamente por esse fato, o emprego de um procedimento secreto. Aliás, há um fato constante — é que esses pássaros só atingem este grau de habilidade ao final de um certo tempo e

mediante cuidados especiais e perseverantes, o que não seria absolutamente necessário, se a inteligência deles tivesse que assumir, ela própria, sozinha, as consequências. Não é mais extraordinário educá-los para tirar as cartas do que habituá-los a repetir árias ou palavras.

O mesmo aconteceu, quando a prestidigitação quis imitar a segunda vista; obrigava-se o sensitivo a ir ao extremo, para que a ilu-são durasse longo tempo. Desde a primeira vez que assistimos a uma sessão deste gênero, apenas vimos uma imitação muito imperfeita do sonambulismo, revelando a ignorância das condições essenciais dessa faculdade.

235. Quaisquer que sejam as experiências acima, a questão principal não deixa de se manter integral, de um outro ponto de vista; pois, assim como a imitação do sonambulismo não impede que a faculdade exista, a imitação da mediunidade, por meio dos pássaros, nada provaria contra a possibilidade de uma faculdade análoga, neles, ou em outros animais. Trata-se, portanto, de saber se os animais são aptos, como os homens, para servir de intermediários aos Espíritos para suas comunicações inteligentes. Parece mesmo bastante lógico supor que um ser vivo, dotado de uma certa dose de inteligência, seja mais próprio para este efeito do que um corpo inerte, sem vitalidade, como uma mesa, por exemplo; entretanto, é o que não acontece.

236. A questão da mediunidade dos animais encontra-se completamente resolvida na dissertação seguinte, feita por um Espírito, cuja profundeza e sagacidade, pudemos apreciar através das citações que já tivemos a oportunidade de fazer. Para bem compreender o valor de sua demonstração, é essencial reportar-se à explicação dada, por ele, do papel do médium nas comunicações e que reproduzimos mais acima. (Item 225.)

Esta comunicação foi dada em consequência de uma discussão, que ocorrera, sobre este assunto, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

"Abordo, hoje, a questão da mediunidade dos animais, levantada e sustentada por um dos vossos mais fervorosos adeptos. Ele acha, em virtude deste axioma: *Quem pode o mais, pode o menos*, que podemos mediunizar os pássaros e os outros animais e deles nos servir nas nossas comunicações com a espécie humana. É o que chamais, em filosofia, ou antes, em lógica, pura e simplesmente, um sofisma.' "Vós animais, diz ele, a matéria inerte, isto é, uma mesa, uma cadeira, um piano; *a fortiori,* [16] deveis animar a matéria já animada e, notadamente, os pássaros." Pois bem! No estado normal do Espiritismo, isto não é assim, não pode ser assim.

"Primeiramente, convenhamos bem acerca de nossos fatos. O que é um

médium? É o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam se comunicar, facilmente, com os homens: Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer espécie que seja.

Há um princípio que, estou certo disso, é admitido por todos os espíritos: é que os semelhantes agem com seus semelhantes e como seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não. Será preciso vo-lo repetir incessantemente? Pois bem! Eu vo-lo repetirei, ainda: vosso perispírito e o nosso são tirados do mesmo meio, são de uma natureza idêntica, são semelhantes, numa palavra: eles possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de imantação, mais ou menos vigorosa, que nos permite, Espíritos desencarnados e encarnados, colocar-nos muito pronta e facilmente em comunicação. Enfim, o que pertence ao médium, como propriedade, o que é da essência mesma da individualidade deles, é a afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão particular, que neles anula qualquer refração e estabelecem entre eles e nós uma espécie de corrente, uma espécie de fusão que facilita nossas comunicações. Além disso, é esta refratividade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade daqueles que não são médiuns.

Os homens são sempre levados a tudo exagerar, uns, não falo, aqui, dos materialistas, recusam uma alma aos animais e, outros, querem dar-lhes uma, por assim dizer, semelhante à nossa. Por que querer, desse modo, confundir o perfectível com o imperfectível? Não, não fiquem convencidos, o fogo que anima os animais, o sopro que os faz agir, mover e falar na sua própria linguagem, não possui, quanto ao presente, qualquer aptidão para se mesclar, para unir-se, para fundir-se com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito, numa palavra, que anima o ser essencialmente perfectível: o homem, este rei da criação. Ora, não é isto o que faz a superioridade da espécie humana sobre outras espécies terrestres, senão esta condição essencial da perfectibilidade? Pois bem! reconhecei, portanto, que não se pode assimilar ao homem, único perfectível, em si mesmo, e nas suas obras, qualquer indivíduo das outras raças, que vivem na Terra.

O cão que, pela sua inteligência superior entre os animais, tornou-se o amigo e o comensal do homem, será perfectível pela sua própria iniciativa, pessoal? Ninguém ousaria afirmá-lo, pois o cão não faz progredir o cão; e aquele, dentre eles, que é o mais educado, sempre o foi pelo seu dono. Desde que o mundo é mundo, a lontra sempre construiu sua cabana sobre as águas, segundo as mesmas

proporções e seguindo uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas nunca construíram seus ninhos de forma diferente da que seus pais o fizeram. Um ninho de pardais de antes do dilúvio, como um ninho de pardais da época moderna, é sempre um ninho de pardais, edificado nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento de capinzinhos e restos recolhidos na primavera, na época dos amores. As abelhas e as formigas, essas pequenas repúblicas domésticas, jamais variaram nos seus hábitos de abastecimento, em suas atitudes, em seus costumes, em suas produções. Enfim, a aranha tece sempre sua teia da mesma maneira.

Por outro lado, se procurardes as cabanas de folhagens e as tendas das primeiras idades da Terra, encontrareis, no lugar delas, os palácios e os castelos da civilização moderna; às vestes de peles brutas, sucederam os tecidos de ouro e de seda; enfim, a cada passo, encontrareis a prova desta marcha incessante da Humanidade na direção do progresso.

Desse progresso constante, invencível, irrecusável da espécie humana e desse estacionamento indefinido das outras espécies animadas, concluís comigo que se existem princípios comuns ao que vive e ao que se move na Terra: o sopro e a matéria, não menos verdadeiro é que unicamente, vós, Espíritos encarnados, estais submetidos a esta inevitável lei do progresso que, fatalmente, vos impele para adiante e sempre para adiante. Deus colocou os animais ao vosso lado, como auxiliares, para vos alimentar, vos vestir, vos auxiliar. Deu-lhes uma certa dose de inteligência, porque, para vos ajudar, necessitavam compreender e deu-lhes inteligência proporcional aos serviços, que são chamados a prestar; mas, na sua sabedoria, não quis que estivessem submetidos à mesma lei do progresso; assim como foram criados, assim permaneceram e permanecerão até a extinção de suas raças.

Disseram: os Espíritos mediunizam e fazem mover a matéria inerte, cadeiras, mesas, pianos; fazem mover, sim, mas, mediunizam, não! Pois, mais uma vez o digo, sem médium, nenhum desses fenômenos pode produzir-se. O que há de extraordinário em que, com o auxílio de um ou de vários médiuns, façamos mover a matéria inerte, passiva, que, justamente em razão de sua passividade, de sua inércia, é apropriada para submeter-se aos movimentos e às impulsões que desejamos imprimir-lhe? Para isto, necessitamos de médiuns, isto é positivo; mas não é necessário que o médium esteja presente ou *consciente*, porque podemos agir com os elementos que ele nos fornece, à sua revelia e ausente, principalmente, nos fatos de tangibilidade e de transportes. Nosso envoltório fluídico, mais imponderável e mais sutil que o mais sutil e o mais imponderável

de vossos gases, unindo-se, casando-se, combinando-se com o envoltório fluídico, porém *animalizado* do médium e, cuja propriedade de expansão e de penetrabilidade é imperceptível para vossos sentidos grosseiros e quase inexplicável para vós, permite-nos mover os móveis e, até, quebrá-los nos aposentos desabitados.

Certamente, os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis para os animais e, muitas vezes, o pavor súbito que os tomam e que vos parece imotivado, é causado pela visão de um ou de vários desses Espíritos mal intencionados com relação aos indivíduos presentes ou com relação àqueles a quem pertencem estes animais. Com muita frequência, percebeis cavalos que não querem avançar, nem recuar, ou que empinam-se diante de um obstáculo imaginário; pois bem! tende como certo que o obstáculo imaginário é, muitas vezes, um Espírito ou um grupo de Espíritos que se divertem impedindo-os de avançar. Lembrai-vos da mula de Balaão que, vendo diante de si um anjo e, temendo sua espada flamejante, teimava em não se mover; é que, antes de manifestar-se, visivelmente, a Balaão, o anjo quisera mostrar-se visível apenas para o animal; mas repito-o, não mediunizamos, diretamente, nem os animais, nem a matéria inerte; sempre nos é necessário o concurso *consciente* ou *inconsciente* de um médium humano, porque precisamos da união dos fluidos similares, o que não encontramos nem nos animais, nem na matéria bruta.

O Sr. T. disse ter magnetizado o seu cão, a que resultado chegou? Matou-o, pois este infeliz animal morreu, depois de ter caído numa espécie de atonia, de languidez, consequência de sua magnetização. De fato, inundando-o com um fluido haurido numa essência superior à essência particular à sua natureza, ele o esmagou e agiu sobre ele, embora mais lentamente, da mesma forma que o raio. Portanto, como não há qualquer assimilação possível entre nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais, propriamente ditos, nós os esmagaríamos, instantaneamente, ao mediunizá-los.

Estabelecido isto, reconheço, perfeitamente, que existem aptidões diversas nos animais; que certos sentimentos, certas paixões idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, desenvolvem-se neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odientos, conforme se age bem ou mal com eles. É que Deus, que nada faz de incompleto, deu aos animais, companheiros ou servidores do homem, qualidades de sociabilidade, que faltam inteiramente aos animais selvagens, habitantes das solidões. Mas, daí a poder servir de intermediários para a transmissão do pensamento dos Espíritos, há um abismo: a diferença entre as naturezas.

Sabeis que haurimos, no cérebro do médium, os elementos necessários para dar ao nosso pensamento uma forma sensível e compreensível para vós; é com o auxílio dos materiais que possui, que o médium traduz nosso pensamento em linguagem comum; pois bem! que elementos encontraríamos no cérebro de um animal? Haverá, nele, palavras, números, letras, quaisquer sinais, similares àqueles que existem no homem, mesmo o menos inteligente? Entretanto, direis, os animais compreendem o pensamento do homem, até o adivinham: sim, os animais educados compreendem certos pensamentos, mas já os vistes reproduzi-los? Não; concluís, portanto, que os animais não podem nos servir de intérpretes.

Resumindo: os fatos mediúnicos não podem manifestar-se sem o concurso consciente ou inconsciente dos médiuns e é somente entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar aqueles que podem nos servir de médiuns. Quanto a educar cães, pássaros, ou outros animais, para fazer estes ou aqueles exercícios, é trabalho vosso e, não, nosso."

Erasto

Nota: Encontrar-se-á, na *Revista Espírita* de setembro de 1861, o detalhe de um processo utilizado pelos adestradores de pássaros hábeis, com o objetivo de fazê-los tirar de um maço cartas, as desejadas.

CAPÍTULO XXIII

OBSESSÃO

Obsessão simples. – Fascinação. – Subjugação. – Causas da obsessão. – Meios de combatê-la

237. Entre os enganos que a prática do Espiritismo apresenta, deve-se colocar, em primeiro lugar, *a obsessão*, isto é, o domínio que alguns Espíritos sabem exercer sobre certas pessoas. Ela nunca ocorre, senão através dos Espíritos inferiores, que procuram dominar; os bons Espíritos não infligem qualquer constrangimento; aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, ligam-se àqueles nos quais encontram ponto de contato; se chegam a dominar alguém, identificam-se com o próprio Espírito deste e o conduzem, como uma verdadeira criança.

A obsessão apresenta caracteres diversos, que é necessário distinguir e que resultam do grau de constrangimento e da natureza dos efeitos que ela produz. A palavra *obsessão* é, de certa maneira, um termo genérico através do qual designa-se este gênero de fenômeno, cujas principais variedades são: *a obsessão simples, a fascinação* e *a subjugação*.

238. A *obsessão simples* ocorre quando um Espírito malévolo impõe-se a um médium, imiscui-se nas comunicações que recebe, à sua revelia, impede-o de comunicar-se com outros Espíritos e substitui-se àqueles que são evocados.

Ninguém está obsidiado unicamente pelo fato de ser enganado por um Espírito mentiroso; o melhor médium está exposto a isso, principalmente, no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária, assim como, entre vós, os mais honestos podem ser enganados por vigaristas. Pode-se, portanto, ser enganado, sem estar obsidiado; a obsessão está na tenacidade do Espírito, do qual não se pode desvencilhar-se.

Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que está envolvido com um Espírito enganador e, este, não se esconde; de forma alguma dissimula suas más intenções e seu desejo de contrariar. O médium reconhece, sem dificuldade, a vigarice e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de

obsessão é, portanto, simplesmente desagradável e não apresenta outro inconveniente, senão o de opor um obstáculo às comunicações que se desejaria obter com Espíritos sérios ou aqueles que são afeiçoados.

Podem-se incluir, nesta categoria, os casos de *obsessão física*, isto é, a que consiste nas manifestações barulhentas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem com que se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos. Remetemos, para este fenômeno, ao capítulo das *Manifestações Espontâneas* (Item 82).

239. A *fascinação* apresenta consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que paralisa, de alguma forma, seu raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita estar sendo enganado: o Espírito possui a arte de inspirar-lhe uma confiança cega, que o impede de ver a fraude e de compreender o absurdo que escreve, mesmo quando salte aos olhos de todo o mundo; a ilusão pode mesmo ir até fazê-lo ver o sublime, na linguagem mais ridícula. Seria um erro acreditar que este gênero de obsessão só pudesse atingir as pessoas simples, ignorantes e desprovidas de juízo; os homens mais espiritualizados, os mais instruídos e os mais inteligentes, sob outros aspectos, dela não estão isentos, o que prova que esta aberração é o efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem.

Já dissemos que as consequências da fascinação são muito mais graves; de fato, graças a esta ilusão, que dela decorre, o Espírito conduz aquele que ele conseguiu dominar, como o faria com um cego e pode fazê-lo aceitar as doutrinas mais bizarras, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade; e, muito mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e, até, perigosas.

Compreende-se, facilmente, toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação, compreende-se, também, que os Espíritos que produzem estes dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito, que se liga a vós, não passa de um ser importuno pela sua tenacidade e de quem fica-se impaciente por desembaraçar-se. Na segunda, a coisa é completamente diferente; para chegar a esses fins, é preciso um Espírito hábil, ardiloso e profundamente hipócrita, pois ele não pode operar a mudança e fazer-se aceito, senão com o auxílio da máscara que sabe utilizar e do falso aspecto de virtude; os grandes termos como: caridade, humildade e amor de Deus são para ele como cartas de crédito; porém, através de tudo isso, ele deixa passar sinais de inferioridade, que é preciso estar *fascinado* para não perceber; por isso, teme, acima de tudo, as

pessoas que veem com clareza; é por isso que sua tática é, quase sempre, a de inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que pudesse abrir-lhe os olhos; através desse meio, evitando toda contradição, está certo de ter sempre razão.

240. A *subjugação* é uma opressão que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir à sua revelia. Numa palavra: ele está sob um verdadeiro *jugo*.

A subjugação pode ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, o subjugado é solicitado a tomar determinações, muitas vezes, absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele acredita sensatas; é uma espécie de fascinação. No segundo caso, o Espírito age sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. No médium escrevente, traduz-se por uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos mais inoportunos. Vimos alguns que, por falta de pena ou de lápis, simulavam escrever com o dedo, em qualquer parte onde estivessem, até nas ruas, nas portas e nas paredes.

A subjugação corporal vai, algumas vezes, mais longe: ela pode levar aos atos mais ridículos. Conhecemos um homem que não era nem jovem, nem belo; sob o domínio de uma obsessão desta natureza, ver-se constrangido, por uma força irresistível, a ajoelhar-se diante de uma jovem, sobre a qual nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. De outras vezes, ele sentia, sobre as costas e nos tendões das pernas, uma pressão enérgica que o forçava, apesar da vontade que a isso se opunha, a ajoelhar-se e a beijar o chão nos lugares públicos e na presença da multidão. Este homem passava por louco entre seus conhecidos; nós, porém, estamos convencidos de que não o era, absolutamente, pois possuía plena consciência do ridículo do que fazia, contra a sua vontade, e sofria, horrivelmente, com isso.

241. Outrora, dava-se o nome de *possessão* ao domínio exercido por maus Espíritos, quando a influência deles ia até à aberração das faculdades. A possessão seria, para nós, sinônimo da subjugação. Se não adotamos este termo, é por dois motivos: o primeiro, implica na crença em seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos e que todos podem melhorar-se; o segundo, implica igualmente a ideia de uma tomada de posse do corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que só há constrangimento. A palavra *subjugação* traduz, perfeitamente, a ideia. Assim, para nós, não há *possessos*, no sentido vulgar da palavra, há apenas *obsidiados, subjugados* e *fascinados*.

242. A obsessão, como já dissemos, é um dos maiores enganos da mediunidade; é também um dos mais frequentes; assim, não seriam demais todos

os cuidados para combatê-la, pois além dos inconvenientes pessoais, que dela podem resultar, constitui um obstáculo absoluto à bondade e à veracidade das comunicações. A obsessão, em qualquer grau que seja, sendo sempre o efeito de um constrangimento e, este constrangimento, não podendo jamais ser exercido por um bom Espírito, daí resulta que toda comunicação dada por um médium obsidiado é de origem suspeita e não merece qualquer confiança. Se, às vezes, encontra-se, nela, algo de bom, deve-se guardá-lo e rejeitar tudo o que for simplesmente duvidoso.

243. Reconhece-se a obsessão pelos seguintes caracteres:

1º) Persistência de um Espírito em comunicar-se, por bem ou por mal, pela escrita, pela audição, pela tiptologia, etc., opondo-se a que outros Espíritos possam fazê-lo;

2º) Ilusão que, apesar da inteligência do médium, impede-o de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe;

3º) Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas;

4º) Confiança do médium nos elogios que lhe fazem os Espíritos que com ele se comunicam;

5º) Disposição para afastar-se das pessoas que podem lhe dar úteis conselhos;

6º) Levar a mal a crítica, a propósito das comunicações que recebe;

7º) Necessidade incessante e inoportuna de escrever;

8º) Constrangimento físico qualquer, dominando a vontade e forçando a agir ou falar a contragosto;

9º) Ruídos e desordens persistentes ao redor de si e dos quais se é a causa ou o objeto.

244. Diante do perigo da obsessão, pergunta-se, se não é uma coisa lastimável ser médium; não é esta faculdade que a provoca? Numa palavra: não estará, aí, uma prova da inconveniência das comunicações espíritas? Nossa resposta é fácil e pedimos que, nela, meditem cuidadosamente.

Não foram os médiuns, nem os espíritas que criaram os Espíritos, mas, sim, os Espíritos que fizeram que houvesse espíritas e médiuns; não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, há, portanto, Espíritos desde quando há homens e, por conseguinte, eles exerceram, desde todos os tempos, sua influência salutar ou perniciosa sobre a Humanidade. A faculdade mediúnica é,

para eles, apenas um meio de se manifestarem; na falta desta faculdade, eles o fazem de mil outras maneiras, mais ou menos ocultas. Seria, portanto, um erro acreditar que os Espíritos só exercem sua influência através das comunicações escritas ou verbais; esta influência é de todos os instantes e aqueles que não se ocupam com os Espíritos ou, até, não creem neles, a ela estão expostos como os outros e, até mais do que os outros, porque não têm contrapeso. A mediunidade é para o Espírito, um meio de se fazer conhecido; se ele é mau, sempre se trai, por mais hipócrita que seja; pode-se dizer, portanto, que a mediunidade permite ver seu inimigo, face a face, se podemos nos exprimir assim, e combatê-lo com suas próprias armas; sem esta faculdade, ele age na sombra e, graças à sua invisibilidade, ele pode fazer e faz, na realidade, muito mal. A quantos atos não é impelido o homem, para sua desgraça e que teria evitado, se tivesse tido um meio de esclarecer-se; os incrédulos não imaginam dizer tanta verdade, quando dizem de um homem, que se extravia, obstinadamente: "É seu mau gênio que o impele à sua própria perda." Assim, o conhecimento do Espiritismo, longe da facilitar o domínio dos maus Espíritos, deve ter como resultado, num tempo mais ou menos próximo, e quando estiver propagado, *destruir este predomínio*, dando a cada um os meios de se pôr em guarda contra suas sugestões e, aquele que sucumbir, só poderá se queixar de si mesmo.

Regra geral: quem quer que obtenha más comunicações espíritas, escritas ou verbais, está sob má influência; esta influência se exerce sobre ele, quer ele escreva, quer não, isto é, seja ou não médium, creia ou não creia. A escrita oferece um meio de assegurar-se da natureza dos Espíritos, que agem sobre ele, e de combatê-los, se forem maus, o que se faz com maior êxito, ainda, quando se chega a conhecer o motivo que os leva a agir. Se ele for bastante cego para não compreender, outros podem abrir-lhe os olhos.

Em resumo: o perigo não está no Espiritismo, em si mesmo, visto que ele pode, ao contrário, servir-nos de verificação e preservar-nos daquele que corremos, incessantemente, à nossa revelia; o perigo está na orgulhosa propensão de certos médiuns para, muito levianamente, julgarem-se os instrumentos exclusivos de Espíritos superiores e, na espécie de fascinação que não lhes permite compreender as tolices de que são intérpretes. Mesmo aqueles que não são médiuns, podem deixar-se apanhar. Façamos uma comparação: um homem tem um inimigo secreto, que ele não conhece, e que difunde contra ele, às escondidas, a calúnia e o que a mais negra maldade pode inventar; ele vê sua fortuna se perder, seus amigos afastarem-se, sua felicidade íntima perturbada; não podendo descobrir a mão que o golpeia, ele não pode defender-se e

sucumbe; mas, um dia, esse inimigo secreto lhe escreve e, apesar da sua astúcia, ele se trai. Eis, então, descoberto seu inimigo, ele pode desmascará-lo e reerguer-se. Aí está o papel dos maus Espíritos, que o Espiritismo nos proporciona a possibilidade de conhecer e de desmascarar.

245. Os motivos da obsessão variam, conforme o caráter do Espírito: é, algumas vezes, uma vingança que ele exerce sobre um indivíduo de quem teve do que se queixar, durante sua vida ou de uma outra existência; frequentemente, também, ele não tem outra razão, senão o desejo de fazer o mal; como sofre, quer fazer os outros sofrerem: ele encontra uma espécie de prazer em atormentá-los, em aborrecê-los; assim, a impaciência que se demonstra com isso, mais o atiça, porque esse é seu objetivo, enquanto que pela paciência, cansam-no; irritando-se, mostrando-se despeitado, faz-se, precisamente, o que ele quer. Esses Espíritos agem, às vezes, por ódio e inveja do bem, é por isso que lançam seus olhares malévolos sobre as pessoas mais honestas. Um deles agarrou-se, como um parasita, a uma honrada família de nosso conhecimento, a quem, de fato, não teve a satisfação de enganar; interrogado sobre o motivo pelo qual atacava pessoas distintas, em vez de homens maus como ele, respondeu: *Estes não me causam inveja*. Outros são guiados por um sentimento de covardia, que os leva a se aproveitar da fraqueza moral de certos indivíduos, que eles sabem incapazes de lhes resistirem. Um desses últimos, que subjugava um rapaz de inteligência bem limitada, interrogado sobre os motivos desta escolha, respondeu-nos: *Tenho uma necessidade muito grande de atormentar alguém; uma pessoa razoável me repeliria, ligo-me a um idiota, que nenhuma força me opõe*.

246. Há Espíritos obsessores sem maldade, que possuem, até, algo de bom, mas que têm orgulho do falso saber; possuem suas ideias, seus sistemas sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia; querem fazer prevalecer a opinião deles e procuram, para este efeito, médiuns bastante crédulos para aceitá-los, de olhos fechados, e que eles fascinam para impedi-los de discernir o verdadeiro do falso. São os mais perigosos, porque os sofismas nada lhes custam e podem credenciar as utopias mais ridículas; como conhecem o prestígio dos grandes nomes, não têm qualquer escrúpulo em se adornarem com aqueles diante dos quais todos se inclinam e não recuam nem mesmo diante do sacrilégio de se dizerem Jesus, a Virgem Maria ou um santo venerado. Procuram deslumbrar, através de uma linguagem pomposa, mais pretensiosa do que profunda, eriçada de termos técnicos e enfeitada com as grandes palavras: caridade e moral; evitarão dar um mau conselho, porque sabem bem, que seriam mal recebidos; assim, aqueles que eles enganam os defendem, a todo custo,

dizendo: Bem vedes que nada dizem de mau. Mas a moral, para eles, é apenas um passaporte, é o que menos os preocupa; o que querem, antes de tudo, é dominar e impor suas ideias, por mais disparatadas que sejam.

247. Os Espíritos sistemáticos são, geralmente, bastante escrevinhadores; é por isso que procuram os médiuns que escrevem com facilidade e dos quais tentam fazer instrumentos dóceis e, principalmente, entusiastas, fascinando-os. São quase sempre verbosos, muito prolixos, procurando compensar a qualidade pela quantidade. Comprazem-se em ditar, aos seus intérpretes, volumosos escritos indigestos e, frequentemente, pouco inteligíveis, que, felizmente, têm como antídoto a impossibilidade material de serem lidos pelas massas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são sóbrios de palavras; dizem muitas coisas em poucas palavras; assim, aquela fecundidade prodigiosa deve ser sempre suspeita.

Quando se trate de publicar semelhantes escritos, nunca seria demais ser circunspecto; as utopias e as excentricidades, que neles abundam, muitas vezes, e que chocam o bom senso, produzem uma impressão muito lamentável nas pessoas novatas, dando-lhes uma ideia falsa do Espiritismo, sem contar que são armas de que seus inimigos se servem, para fazê-lo cair no ridículo. Entre essas publicações, há aquelas que, sem serem más e sem provirem de uma obsessão, podem ser consideradas como imprudentes, *intempestivas* ou desastradas.

248. Acontece muito frequentemente, que um médium só pode comunicar-se com um único Espírito, que a ele se liga e responde por aqueles que são chamados por seu intermédio. Nem sempre é uma obsessão, pois, isto, pode ocorrer, por falta de flexibilidade do médium, por uma afinidade especial de sua parte por este ou aquele Espírito. Não há obsessão propriamente dita, senão quando o Espírito se impõe e afasta os outros, pela sua vontade, o que jamais é obra de um bom Espírito. Geralmente, o Espírito apodera-se do médium, tendo em vista dominá-lo; não suporta o exame crítico de suas comunicações; quando vê que não são aceitas e que são discutidas, ele não se retira, mas inspira ao médium a ideia de isolar-se e, frequentemente, até, ele o ordena. Todo médium, que se melindra com a crítica das comunicações que obtém, é o eco do Espírito que o domina e, esse Espírito, não pode ser bom, desde o momento que lhe inspire um pensamento ilógico, o de se recusar ao exame. O isolamento do médium é sempre uma coisa lamentável para ele, porque fica sem verificação alguma para suas comunicações. Ele não apenas deve esclarecer-se pelas opiniões de terceiros, como lhe é necessário estudar todos os gêneros de comunicações para compará-las; restringindo-se naquelas que obtém, por

melhores que lhe pareçam, expõe-se a se iludir sobre o valor delas, sem contar que ele não pode saber tudo e que elas giram, quase sempre, no mesmo círculo. (Item 192, *Médiuns exclusivos.*)

249. Os meios de combater a obsessão variam, conforme o caráter que ela reveste. O perigo não existe, realmente, para qualquer médium convencido de estar tendo assunto com um Espírito mentiroso, como ocorre na obsessão simples; para ele não passa de uma coisa desagradável. Mas, precisamente porque isto lhe é desagradável, é uma razão a mais para o Espírito encarniçar-se sobre ele para aborrecê-lo. Duas coisas essenciais devem ser feitas neste caso: provar ao Espírito que não está iludido por ele e que lhe é *impossível* enganar-nos; em segundo lugar, cansar sua paciência, mostrando-se mais paciente que ele: se estiver bem convencido de que perde seu tempo, terminará por se retirar, como o fazem os importunos a quem não se ouve.

Isto, porém, nem sempre basta e pode demorar, porquanto há Espíritos que são tenazes e, para eles, meses e anos são quase nada. O médium deve, além disso, fazer um apelo fervoroso ao seu anjo bom, assim como aos bons Espíritos, que lhe são simpáticos e pedir-lhes que o assistam. Quanto ao Espírito obsessor, por pior que ele seja, deve-se tratá-lo com severidade, mas com benevolência e vencê-lo pelos bons procedimentos, orando por ele. Se ele for realmente perverso, a princípio, zombará disso; porém, moralizando-o, com perseverança, acabará por emendar-se; é uma conversão a empreender, tarefa, muitas vezes, penosa, ingrata, desagradável mesmo, mas cujo mérito está na dificuldade e que, se for bem efetuada, dá sempre a satisfação de ter cumprido um dever de caridade e, muitas vezes, de ter reconduzido ao bom caminho uma alma perdida.

Convém, igualmente, interromper qualquer comunicação escrita, desde de que se reconheça que ela provém de um mau Espírito, que não quer ouvir razão alguma, a fim de não lhe dar o prazer de ser ouvido. Em certos casos mesmo, pode ser útil parar de escrever, por um tempo; regula-se conforme as circunstâncias. Entretanto, se o médium escrevente pode evitar essas confabulações, abstendo-se de escrever, o mesmo não acontece com o médium auditivo, que o Espírito obsessor persegue, algumas vezes, a todo instante, com seus propósitos grosseiros e obscenos e que nem sequer possui o recurso de tapar os ouvidos. Aliás, deve-se reconhecer que algumas pessoas se divertem com a linguagem trivial dessa espécie de Espíritos, que elas encorajam e provocam, rindo-se de suas tolices, em vez de impor-lhes silêncio e de moralizá-los. Nossos conselhos não podem aplicar-se àqueles que querem afogar-se.

250. Portanto, só há desagrado, e, não, perigo, para todo médium que não se

deixe enganar, porque não poderá ser enganado; o que acontece com a *fascinação* é muito diferente, porque, então, o domínio que o Espírito exerce sobre aquele de quem se apoderou não tem limites. A única coisa a fazer com a vítima, é tentar convencê-la de que está sendo enganada e reconduzir sua obsessão ao caso da obsessão simples; mas nem sempre é fácil, se não for, algumas vezes, até, impossível. O ascendente do Espírito pode ser tal, que deixe o fascinado surdo a qualquer espécie de raciocínio e pode chegar, até, a fazê-lo duvidar, quando o Espírito comete alguma grande heresia científica, se não é a Ciência que está enganada. Como já dissemos, o fascinado, geralmente, acolhe muito mal os conselhos; a crítica o ofende, o irrita e o faz tomar antipatia por aqueles que partilham de sua admiração. Suspeitar do Espírito que o acompanha é quase uma profanação, aos seus olhos, e é tudo o que o Espírito deseja; porque o que ele quer, é que se ajoelhem diante de sua palavra. Um deles exercia uma fascinação extraordinária sobre uma pessoa de nosso conhecimento; nós o evocamos e, depois de algumas fanfarrices, vendo que não podia nos despistar de sua identidade, acabou por confessar, que não era aquele de quem tomava o nome. Tendo-lhe sido perguntado por que enganava, assim, esta pessoa, ele respondeu com estas palavras, que pintam nitidamente o caráter dessa espécie de Espíritos: *Eu procurava um homem que eu pudesse manejar; encontrei-o e permaneço com ele*. — Mas se o fizerem ver, com clareza, ele vos expulsará. — *É o que veremos*! Como não há pior cego do que aquele que não quer ver, quando se reconhece a inutilidade de qualquer tentativa para abrir os olhos do fascinado, o melhor a fazer é deixá-lo entregue às suas ilusões. Não se pode curar um doente que teima em conservar o seu mal e, nele, se compraz.

251. A subjugação corporal tira, muitas vezes, do obsidiado a energia necessária para dominar o mau Espírito, é por isso que se torna precisa a intervenção de uma terceira pessoa, que aja, quer pelo magnetismo, quer pelo domínio de sua vontade. Por falta do concurso do obsidiado, esta pessoa deve tomar o ascendente sobre o Espírito; mas, como este ascendente só pode ser moral, só é dado a um ser *moralmente superior* ao Espírito exercê-lo e seu poder será tanto maior, quanto maior for sua superioridade moral, porque se impõe ao Espírito, que é forçado a inclinar-se diante dele; é por isso que Jesus tinha um poder tão grande para expulsar o que se chamava, então, de demônios, isto é, os maus Espíritos obsessores.

Não podemos dar, aqui, senão conselhos gerais, pois não há qualquer procedimento material, principalmente, qualquer fórmula, nem qualquer palavra sacramental, que tenha o poder de expulsar os Espíritos obsessores. O que falta,

algumas vezes, ao obsidiado, é uma força fluídica suficiente; neste caso, a ação magnética de um bom magnetizador pode vir em seu socorro. Quanto ao restante, é sempre bom procurar, através de um médium seguro, os conselhos de um Espírito superior ou de seu anjo guardião.

252. As imperfeições morais do obsidiado são, frequentemente, um obstáculo à sua libertação. Eis, aqui, um exemplo notável, que pode servir de instrução para todos.

Várias irmãs eram, desde alguns anos, vítimas de depredações muito desagradáveis. Suas roupas eram, incessantemente, espalhadas em todos os cantos da casa e até nos tetos, cortadas, rasgadas e crivadas de buracos, por mais cuidado que tomassem, trancando-as à chave. Essas senhoras, mantendo-se afastadas, numa pequena localidade de província, nunca tinham ouvido falar do Espiritismo. A primeira ideia que lhes ocorreu foi, naturalmente, acreditar que eram alvo de brincalhões de mau gosto, mas esta persistência e as precauções que tomavam tiraram delas esta ideia. Só muito tempo depois, por algumas indicações, acreditaram que deviam dirigir-se a nós para conhecer a causa desses estragos e os meios de remediá-los, se fosse possível. A causa não era duvidosa; o remédio era mais difícil. O Espírito que se manifestava por tais atos, era, evidentemente, malévolo. Na evocação, ele se mostrou de uma grande perversidade e inacessível a qualquer bom sentimento. A prece, no entanto, pareceu exercer uma influência salutar; porém, após algum tempo de trégua, as depredações recomeçaram. Eis o conselho que, sobre este assunto, nos deu um Espírito superior:

"O que essas senhoras têm de melhor a fazer é rogar aos seus Espíritos protetores que não as abandone; e não tenho melhor conselho a lhes dar, senão o de descer no fundo de suas consciências, consultar a si mesmas, e examinar se elas sempre praticaram o amor ao próximo e a caridade; não digo a caridade que dá e distribui, mas a caridade da língua; porque, infelizmente, elas não sabem segurar a delas e não justificam, por seus atos piedosos, o desejo que possuem de se livrarem daquele que as atormenta. Elas gostam demais de falar mal do próximo e o Espírito que as obsidia toma sua desforra, porque, enquanto vivo, foi vítima delas. Elas só precisam procurar na memória e logo verão com quem estão lidando.

Todavia, se conseguirem melhorar-se, seus anjos guardiães se aproximarão delas e a simples presença deles bastará para expulsar o mau Espírito, que só tirou partido de uma delas, principalmente porque seu anjo guardião teve que se afastar, devido aos atos repreen-síveis ou maus pensamentos. O de que precisam

são as preces fervorosas por aqueles que sofrem e, principalmente, a prática das virtudes impostas por Deus a cada um, de acordo com sua condição."

A propósito da observação de que essas palavras nos pareciam um pouco severas e que, talvez, fosse necessário adoçá-las, para serem transmitidas, o Espírito acrescentou:

"Devo dizer o que digo e como o digo, porque as pessoas em questão têm o hábito de acreditar que nenhum mal fazem com a língua, quando o fazem muito. Eis porque é preciso golpear-lhes o espírito, de maneira que represente, para elas, uma advertência séria."

Daí ressalta um ensinamento de grande alcance — é que as imperfeições morais dão azo aos Espíritos obsessores e o meio mais seguro para livrar-se deles é atrair os bons pela prática do bem. Os bons Espíritos têm, sem dúvida, mais poder do que os maus e a vontade deles basta para afastar estes últimos; mas eles só assistem os que os auxiliam pelos esforços que fazem para melhorar-se, de outra forma, afastam-se e deixam o campo livre aos maus Espíritos, que se tornam, assim, em certos casos, instrumentos de punição, porque os bons os deixam agir para este objetivo.

253. Deve-se, aliás, evitar atribuir à ação direta dos Espíritos todas as contrariedades que podem ocorrer; essas contrariedades são, muitas vezes, a consequência da incúria ou da imprevidência. Um agricultor nos escreveu, um dia, que havia doze anos, aconteciam-lhe todas as espécies de infelicidades relativamente aos seus animais; ora eram suas vacas que morriam ou não davam mais leite, ora eram seus cavalos, suas ovelhas ou seus porcos. Fez muitas novenas, que não remediaram o mal, não mais do que as missas que mandou dizer, nem os exorcismos que mandou praticar. Então, conforme o preconceito dos campos, convenceu-se de que tinham enfeitiçado seus animais. Supondo-nos, sem dúvida, dotados de um poder conjurador maior do que o do cura de sua cidadezinha, pediu-nos a nossa opinião. Eis a resposta que obtivemos:

"A mortalidade ou as enfermidades dos animais deste homem provêm de que seus currais estão infectados e ele não os faz reparar, porque *isto custa dinheiro*."

254. Terminaremos este capítulo pelas respostas dadas pelos Espíritos a algumas perguntas e que veem em apoio ao que dissemos.

1) Por que certos médiuns não podem se livrar de Espíritos maus que a eles se ligam e, como os bons que eles chamam não são bastante poderosos para afastar os outros e se comunicar diretamente?

"Não é o poder que falta ao bom Espírito, é, muitas vezes, o médium que não é bastante forte para auxiliá-lo; sua natureza presta-se melhor a certas relações;

seu fluido identifica-se muito mais com um Espírito do que com um outro; é isso que dá tão grande império àqueles que querem enganá-los.”

2) Parece-nos, entretanto, que há pessoas de muito mérito, de uma moralidade irrepreensível e que, todavia, encontram-se impedidas de se comunicar com os bons Espíritos?

“Isto é uma prova; e quem vos diz, aliás, que o coração não está manchado de um pouco de mal? que o orgulho não domina um pouco a aparência de bondade? Essas provas, que mostram ao obsidiado a sua fraqueza, devem fazê-lo voltar-se para a humildade.

Haverá alguém, na Terra, que possa se dizer perfeito? e um que possua todas as aparências da virtude pode ter ainda muitos defeitos ocultos, um velho fermento de imperfeição. Assim, por exemplo, dizeis daquele que nenhum mal pratica, que é leal nas suas relações sociais: é um bravo e digno homem; mas sabeis se suas boas qualidades não estão embaçadas pelo orgulho; se não há nele um fundo de maledicência e mil outras coisas que não percebeis, porque vossas relações com ele não permitiram descobri-las? O meio mais poderoso de combater a influência dos maus Espíritos é aproximar-se o mais possível da natureza dos bons.”

3) A obsessão, que se opõe a que um médium obtenha as comunicações que deseje, será sempre um sinal de indignidade de sua parte?

“Eu não disse que seria um sinal de indignidade, porém, que um obstáculo pode opor-se a certas comunicações; deve aplicar-se em retirar o obstáculo que está nele; sem isto, suas preces, suas súplicas nada farão. Não basta a um doente dizer ao seu médico: dê-me a saúde, quero passar bem; o médico nada pode fazer, se o doente não faz o que é necessário.”

4) A privação de comunicar-se com certos Espíritos seria, assim, uma espécie de punição?

“Em certos casos, isto pode ser uma verdadeira punição, como a possibilidade de comunicar-se com eles é uma recompensa, que deveis vos esforçar para merecer.” (Ver *Perda e suspensão da mediunidade*, Item 220.)

5) Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?

“Sim, é o que não se faz e o que não se deve deixar de fazer; pois, muitas vezes, esta é uma tarefa que vos é dada e que deveis cumprir caridosa e religiosamente. Através de sábios conselhos, pode-se induzi-los ao arrependimento e apressar-lhes o progresso.”

— Como um homem pode ter, a esse respeito, mais influência do que têm os

próprios Espíritos?

"Os Espíritos perversos aproximam-se, antes, dos homens que eles procuram atormentar, do que dos Espíritos dos quais se afastam o mais possível. Nessa aproximação com os humanos, quando encontram quem os moralize, a princípio, não os escutam, riem-se deles; depois, se sabe prendê-los, acabam por se deixar tocar. Os Espíritos elevados só podem lhes falar em nome de Deus e isto os apavora. O homem, certamente, não tem mais poder do que os Espíritos superiores, mas sua linguagem identifica-se melhor com a natureza daqueles e, ao verem o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos inferiores, ele compreende melhor a solidariedade que existe entre o Céu e a Terra.

"Além disso, o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos é proporcional à sua superioridade moral. Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem ser superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os Espíritos que lhe são inferiores em moralidade." (Ver item 279.)

6) A subjugação corporal, levada a um certo grau, não poderia ter como consequência a loucura?

"Sim, uma espécie de loucura cuja causa o mundo desconhece, mas que não tem relação com a loucura comum. Entre aqueles que são tratados como loucos, há muitos que são apenas subjugados: precisariam de um tratamento moral, enquanto que os tratamentos corporais os tornam verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer esta distinção e curarão mais doentes do que com as duchas." (Item 221.)

7) O que se deve pensar daqueles que, vendo um perigo qualquer no Espiritismo, acreditam que o meio de preveni-lo seria proibir as comunicações espíritas?

"Se podem proibir a certas pessoas de se comunicarem com os Espíritos, não podem impedir as manifestações espontâneas feitas a essas mesmas pessoas, porquanto não podem suprimir os Espíritos, nem impedir sua influência oculta. Isto se assemelha a essas crianças que tapam os olhos e acreditam que ninguém as vê. Seria loucura querer suprimir uma coisa que oferece grandes vantagens, apenas porque imprudentes podem abusar dela; o meio de prevenir estes inconvenientes é, ao contrário, torná-la conhecida a fundo."

CAPÍTULO XXIV

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

Provas possíveis de identidade. – Distinção entre bons e maus espíritos. – Questões sobre a natureza e a identidade dos espíritos

Provas possíveis de identidade

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo; é que, de fato, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes emprestados; assim, depois da obsessão, está é uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático; aliás, em muitos casos, a identidade absoluta é uma questão secundária e sem importância real.

A identidade do Espírito dos personagens antigos é a mais difícil de constatar, muitas vezes, ela é até impossível, e ficamos reduzidos a uma apreciação puramente moral. Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem; se um Espírito se apresenta com o nome de Fénelon, por exemplo, e se diz trivialidades ou puerilidades, está claro que não pode ser ele; mas se só diz coisas dignas do caráter de Fénelon e que, este, não desaprovaria, há, senão prova material, pelo menos toda probabilidade moral de que deva ser ele. É principalmente, neste caso, que a identidade real constitui uma questão acessória; desde o momento que o Espírito só diga boas coisas, pouco importa o nome sob o qual elas sejam dadas.

Censurarão, sem dúvida, que o Espírito que tomasse um nome suposto, mesmo para falar só do bem, não deixaria de cometer uma fraude e, desde então, não pode ser um bom Espírito. É, aqui, que há delicadezas de nuanças bastante difíceis de apreender e que vamos tentar desenvolver.

256. À medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, os caracteres distintivos de suas personalidades se apagam, de alguma forma, na uniformidade da perfeição e, entretanto, não deixam de conservar suas individualidades, é o que acontece com os Espíritos superiores e os puros

Espíritos. Nesta posição, o nome que tinham na Terra, numa das mil existências corporais *efêmeras* pelas quais passaram, é uma coisa completamente insignificante. Notemos, ainda, que os Espíritos são atraídos uns para os outros pela semelhança de suas qualidades e que formam, assim, grupos ou famílias simpáticas. Por outro lado, se considerarmos o número imenso de Espíritos que, desde a origem dos tempos, devem ter chegado às primeiras fileiras e se o compararmos com o número tão restrito dos homens que têm deixado um grande nome na Terra, compreenderemos que, entre os Espíritos superiores, que podem se comunicar, a maioria não deve ter nomes para nós; mas como necessitamos de nomes para fixar nossas ideias, eles podem tomar o do personagem conhecido, cuja natureza melhor se identifica com a deles; é assim que nossos anjos guardiães se fazem conhecer, na maioria das vezes, pelo nome de um dos santos que veneramos e, geralmente, pelo nome daquele pelo qual temos mais simpatia. Segue-se, daí, que se o anjo guardião de uma pessoa se apresenta como São Pedro, por exemplo, não existe qualquer prova material de que seja, exatamente, o apóstolo deste nome; pode ser ele, como pode ser um Espírito totalmente desconhecido, pertencente à família de Espíritos de que São Pedro faz parte; segue-se ainda que, seja qual for o nome pelo qual invoca-se seu anjo guardião, ele atenderá ao apelo que lhe é feito, porque é atraído pelo pensamento e que, para ele, o nome é indiferente.

O mesmo acontece todas as vezes que um Espírito superior comunica-se, espontaneamente, sob o nome de um personagem conhecido: nada prova que seja, precisamente, o Espírito desse personagem, mas se ele nada diz que desminta a elevação do caráter deste último, há *presunção* de que seja ele e, em todo caso, pode-se dizer que, se não for ele, deve ser um Espírito do mesmo grau de elevação ou, talvez, até, enviado por ele. Em resumo, a questão do nome é secundária, podendo o nome ser considerado como um simples indício da categoria que ocupa o Espírito na escala espírita.

A posição é completamente diferente, quando um Espírito de uma ordem inferior adorna-se com um nome respeitável, para dar crédito às suas palavras e este caso é tão frequente que não seria demais manter-se em guarda contra essas espécies de substituições; é graças a esses nomes de empréstimo e, principalmente, com o auxílio da fascinação, que alguns Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos do que sábios, procuram tornar aceitas as ideias mais ridículas.

A questão da identidade é, portanto, como já dissemos, quase indiferente, quando se trata de instruções gerais, visto que os melhores Espíritos podem se substituir mutuamente, sem que isso traga consequência. Os Espíritos superiores

formam, por assim dizer, um todo coletivo, cujas individualidades nos são, com raras exceções, completamente desconhecidas. O que nos interessa não é a pessoa deles, porém, seus ensinos; ora, desde que este ensino seja bom, pouco importa que aquele que o deu chame-se Pedro ou Paulo; julgamo-lo pela sua qualidade e não pela sua insígnia. Se um vinho é ruim, não é a etiqueta que o tornará melhor. Acontece, diferentemente, nas comunicações íntimas porque é o indivíduo, sua própria pessoa que nos interessa e é com razão que, nesta circunstância, procuremos nos certificar de que o Espírito que atende ao nosso apelo é, realmente, aquele que desejamos.

257. A identidade é muito mais fácil de constatar, quando se trata de Espíritos contemporâneos cujos caráter e hábitos são conhecidos, pois são precisamente estes hábitos, dos quais não tiveram ainda tempo de despojar-se, pelos quais eles se fazem reconhecer e dizemos, imediatamente, que, ali, está mesmo um dos sinais mais seguros de identidade. O Espírito pode, sem dúvida, dar provas desta, atendendo ao pedido que lhe é feito, mas só o faz, quando isto lhe convém e, geralmente, este pedido o magoa; é por isso que deve-se evitá-lo. Ao deixar seu corpo, o Espírito não se despojou da sua suscetibilidade; ele se ofende com qualquer pergunta que tem por objetivo pô-lo à prova. *Há uma pergunta que ninguém ousaria fazer-lhe, se ele se apresentasse vivo*, de medo de ser inconveniente; por que, então, teriam menos consideração por ele, depois de sua morte? Quando um homem apresenta-se num salão declinando seu nome, irão dizer-lhe, à queima-roupa, que prove realmente quem é, exibindo seus títulos, sob o pretexto de que há impostores? Este homem teria, certamente, o direito de relembrar ao interrogador as regras da civilidade. É o que fazem os Espíritos não respondendo ou retirando-se. Tomemos um exemplo para comparação. Suponhamos que o astrônomo Arago, quando vivo, se apresentasse numa casa onde sua pessoa não fosse conhecida e que o tivessem interpelado assim: dizeis que sois Arago, mas como não o conhecemos, dignai-vos a no-lo provar, respondendo às nossas perguntas; resolvei tal problema de Astronomia; dizei-nos vossos sobrenomes, nomes, os de vossos filhos, o que fazíeis em tal dia, a tal hora, etc.; o que ele teria respondido? Pois bem! como Espírito, ele fará o que teria feito, quando vivo e os outros Espíritos fazem o mesmo.

258. Enquanto os Espíritos recusam-se a responder às questões pueris e extravagantes que se teria escrúpulo em lhes dirigir, se fossem vivos, eles dão, muitas vezes, de si mesmos e espontaneamente, provas irrecusáveis de sua identidade, de seu caráter, que se revelam em sua linguagem, pelo emprego de palavras que lhes eram familiares, pela citação de certos fatos, de

particularidades de suas vidas, algumas vezes, desconhecidas dos assistentes e cuja exatidão pôde ser verificada. As provas de identidade ressaltam, além disso, de uma porção de circunstâncias imprevistas que nem sempre se apresentam de imediato, mas na sequência das conversações. Convém, portanto, esperá-las, sem as provocar, observando, com cuidado, todas as que podem decorrer da natureza das comunicações. (Ver o fato relatado no item 70.)

259. Um meio que se emprega, algumas vezes, com êxito, para certificar-se da identidade, quando o Espírito que se comunica é suspeito, consiste em fazer-lhe afirmar, *em nome de Deus todo-poderoso*, que ele é, realmente, aquele que diz ser. Muitas vezes, acontece que aquele que toma um nome usurpado, recua diante de um sacrilégio e que, após ter começado a escrever: *Afirmo em nome de*... ele para e traça, com raiva, riscos sem significado ou quebra o lápis; se ele é mais hipócrita, contorna a questão, através de uma restrição mental, escrevendo, por exemplo: *Certifico-vos de que digo a verdade*; ou então: *Atesto, em nome de Deus, que sou eu mesmo quem vos fala*, etc. Mas há alguns que não são tão escrupulosos e que juram tudo o que quiserem. Um deles comunicou-se com um médium, dizendo-se ser *Deus* e o médium, muito honrado com uma tal alta distinção, não hesitou em acreditar nele. Evocado por nós, não ousou sustentar sua impostura e disse: Não sou Deus, mas sou seu filho. — Sois, então, Jesus? Isto não é provável, pois Jesus está muito altamente colocado para utilizar um subterfúgio. Ousais, portanto, afirmar, em nome de Deus, que sois o Cristo? — Não digo que eu seja Jesus; digo que sou o filho de Deus, porque sou uma de suas criaturas.

Deve-se concluir daí, que a recusa da parte de um Espírito em afirmar sua identidade em nome de Deus, é sempre uma prova manifesta de que o nome que ele tomou é uma impostura, mas que a afirmação é apenas uma presunção e, não, uma prova certa.

260. Pode-se também incluir entre as provas de identidade, a semelhança da escrita e da assinatura, mas, além de não ser dado a todos os médiuns obter este resultado, nem sempre isto representa uma garantia suficiente; há falsários, no mundo dos Espíritos, como neste; portanto, há somente uma presunção de identidade, que não adquire valor, senão pelas circunstâncias que a acompanham. O mesmo ocorre com todos os sinais materiais, que alguns consideram como talismãs inimitáveis por Espíritos mentirosos. Para estes, que ousam perjurar em nome de Deus, ou imitar uma assinatura, nenhum sinal material pode lhes oferecer um obstáculo maior. A melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias fortuitas.

261. Dir-se-á, sem dúvida, que se um Espírito pode imitar uma assinatura, também pode, muito bem, imitar a linguagem. Isto é verdade; temos visto algumas que tomavam descaradamente o nome do Cristo e, para enganar, simulavam o estilo evangélico e prodigalizavam, a torto e a direito, estas palavras bem conhecidas: *Em verdade, em verdade vos digo*; mas, quando se estudava o conjunto, *sem prevenção*; quando se escrutava o fundo das ideias, o alcance das expressões; quando, ao lado de belas máximas de caridade, viam-se recomendações pueris e ridículas, seria preciso estar *fascinado* para que se equivocasse com isso. Sim, certas partes da forma material da linguagem podem ser imitadas, mas não o pensamento; jamais a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude; sempre, algum trecho, ferirá o ouvido; é, então, que o médium, assim como o evocador, necessitam de toda sua perspicácia e de toda sua ponderação para separar a verdade, da mentira. Devem convencer-se de que os Espíritos perversos são capazes de todas as astúcias e de que, quanto mais elevado for o nome, sob o qual um Espírito se apresente, mais desconfiança deve inspirar. Quantos médiuns têm tido comunicações apócrifas assinadas por Jesus, Maria ou um santo venerado!

Distinção entre os bons e os maus espíritos

262. Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo não ocorre com a distinção entre os bons e os maus Espíritos; suas individua-lidades podem nos ser indiferentes, suas qualidades, nunca. Em todas as comunicações instrutivas, é, portanto, sobre este ponto que se deve concentrar toda a atenção, porque só ele pode nos dar a medida da confiança que podemos conceder ao Espírito que se manifesta, qualquer que seja o nome sob o qual ele o faça. O Espírito que se manifesta é bom ou mau? A que grau da escala espírita ele pertence? Aí está a questão capital. (Ver "Escala espírita", *O Livro dos Espíritos*, questão 100.)

263. Julgam-se os Espíritos, já dissemos, como se julgam os homens, pela linguagem deles. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas; pelo estilo, pelos pensamentos, por uma porção de sinais, enfim, ele julgará as pessoas que são instruídas ou ignorantes, polidas ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais, etc. O mesmo acontece com os Espíritos; deve-se considerá-los como correspondentes, que nunca vimos e se perguntar o que pensaríamos do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse coisas semelhantes. Pode-se colocar como regra invariável e sem exceção, que a *linguagem dos Espíritos é sempre proporcional ao grau de elevação deles*. Os Espíritos

realmente superiores não apenas só dizem boas coisas, mas as dizem em termos que excluem, da maneira mais absoluta, qualquer trivialidade; por melhores que sejam essas coisas, se elas forem manchadas, por uma única expressão que denote a baixeza, isto é um sinal indubitável de inferioridade, com mais forte razão, se o conjunto da comunicação fere as conveniências, pela sua grosseria. A linguagem revela sempre sua origem, seja pelo pensamento, que ela traduz, seja pela sua forma, e ainda mesmo que um Espírito quisesse nos iludir sobre sua pretensa superioridade, bastaria conversar algum tempo com ele para apreciá-lo.

264. A bondade e a afabilidade são, também, atributos essenciais dos Espíritos depurados; eles não têm ódio, nem aos homens, nem aos outros Espíritos; lamentam as fraquezas, criticam os erros, mas sempre com moderação, sem fel e sem animosidade. Se se admite que os Espíritos verdadeiramente bons só podem querer o bem e só dizer coisas boas, concluir-se-á que tudo o que, na linguagem dos Espíritos, revele uma falta de bondade e de afabilidade, não pode emanar de um bom Espírito.

265. A inteligência está bem distante de constituir um indício certo de superioridade, pois a inteligência e o moral nem sempre caminham lado a lado. Um Espírito pode ser bom, afável e possuir conhecimentos limitados, ao passo que um Espírito inteligente e instruído pode ser muito inferior em moralidade.

Geralmente, acredita-se bastante que, interrogando o Espírito de um homem que, na Terra, foi sábio, numa especialidade, obter-se-á com mais segurança, a verdade; isto é lógico e, entretanto, nem sempre é verdadeiro. A experiência demonstra que os sábios, tanto quanto os outros homens, principalmente aqueles que deixaram a Terra, há pouco tempo, ainda se encontram sob o império dos preconceitos da vida corporal; eles não se despojaram, imediatamente, do espírito do sistema. Pode, pois, acontecer que, sob a influência das ideias que nutriram em vida e das quais fizeram para si um título de glória, vejam com menos clareza do que supomos. Não apresentamos este princípio como uma regra, longe disso: dizemos apenas que é isso o que se vê e que, por conseguinte, a ciência humana deles, nem sempre, é uma prova de sua infalibilidade, como Espíritos.

266. Submetendo todas as comunicações a um exame escrupuloso, escrutando e analisando o pensamento e as expressões, como se faz, quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando, *sem hesitar*, tudo o que peque contra a lógica e o bom senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito, que considera estar manifestando, desencorajamos os Espíritos enganadores que acabam por se retirar, uma vez que fiquem bem convencidos de que não podem

nos ludibriar. Repetimos: este meio é o único, porém infalível, porque não há má comunicação que possa resistir a uma crítica rigorosa. Os bons Espíritos nunca se ofendem com esta, visto que, eles próprios, a aconselham e porque nada têm a temer do exame; apenas os maus se formalizam e a desaconselham, porque eles têm tudo a perder e, por isso mesmo, provam o que são.

Eis, aqui, sobre este assunto, o conselho dado por São Luís:

"Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem os vossos trabalhos, há uma recomendação, que nunca será demais repetir e que deveríeis ter sempre presente no pensamento, quando vos entregais aos vossos estudos: é de pesar e de amadurecer, é de submeter ao controle da razão mais severa todas as comunicações que receberdes; é de não negligenciar, desde que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro, de pedir explicações necessárias para fixar-vos.

267. Podem resumir-se os meios de reconhecer a qualidade dos Espíritos, nos seguintes princípios:

1º) Não há outro critério para discernir o valor dos bons Espíritos, senão o bom senso. Qualquer fórmula dada, para este efeito, pelos próprios Espíritos é absurda e não pode emanar de Espíritos Superiores;

2º) Julgam-se os Espíritos pela sua linguagem e pelas suas ações. As ações dos Espíritos são os sentimentos que eles inspiram e os conselhos que dão;

3º) Admitindo que os bons Espíritos não podem dizer e fazer senão o bem, tudo o que é mal não pode vir de um bom Espírito;

4º) Os Espíritos superiores têm uma linguagem sempre digna, nobre, elevada, sem qualquer mistura de trivialidade; tudo dizem com simplicidade e modéstia, jamais se vangloriam, nunca fazem alarde de seu saber, nem de sua posição entre os outros. A dos Espíritos inferiores ou comuns apresentam sempre algum reflexo das paixões humanas; toda expressão que denote a baixeza, a presunção, a arrogância, a jactância, a acrimônia é um indício característico de inferioridade ou de mistificação, se o Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado;

5º) Não se deve julgar os Espíritos pela forma material e a correção de seu estilo, mas sondar-lhe o sentido íntimo, escrutar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Todo afastamento da lógica, da razão e da sabedoria, não pode deixar dúvida sobre sua origem, qualquer que seja o nome com o qual se ostente o Espírito (item 224);

6º) A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, senão quando à

forma, pelo menos quando ao fundo. Os pensamentos são os mesmos, quaisquer que sejam o tempo e o lugar; eles podem ser, mais ou menos, desenvolvidos, conforme as circunstâncias, as necessidades e as facilidades para se comunicar, mas não serão contraditórios. Se duas comunicações, trazendo o mesmo nome, opõem-se uma a outra, uma das duas é, evidentemente, apócrifa e a verdadeira será a em que nada desminta o caráter conhecido do personagem. Entre duas comunicações assinadas, por exemplo, por São Vicente de Paulo, uma das quais pregasse a união e a caridade e a outra tendesse para semear a discórdia, nenhuma pessoa sensata poderia se enganar;

7º) Os bons Espíritos só dizem o que sabem; calam-se ou confessam sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com audácia, sem se preocupar com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choque o bom senso demonstra a fraude, se o Espírito se apresenta como um Espírito esclarecido;

8º) Reconhecem-se ainda os Espíritos levianos pela facilidade com que predizem o futuro e precisam fatos materiais, que não nos é dado conhecer. Os bons Espíritos podem fazer as coisas futuras serem pressentidas, quando este conhecimento pode ser útil, mas nunca precisam datas; qualquer anúncio de acontecimento, em época fixa, é indício de uma mistificação;

9º) Os Espíritos superiores se exprimem com simplicidade, sem prolixidade; o estilo deles é conciso, sem exclusão da poesia das ideias e das expressões, claro, inteligível para todos, e não exige esforço para ser compreendido; possuem a arte de dizer muitas coisas, com poucas palavras, porque cada palavra tem sua importância. Os Espíritos inferiores ou falsos sábios ocultam, sob a presunção e a ênfase, o vazio das ideias. A linguagem deles é, muitas vezes, pretensiosa, ridícula ou obscura à força de querer parecer profunda;

10º) Os bons Espíritos nunca ordenam; eles não se impõem, aconselham e, se não os escutam, retiram-se. Os maus são impetuosos; dão ordens, querem ser obedecidos e, entretanto, permanecem. Todo Espírito que se impõe, trai sua origem. São exclusivistas e absolutos em suas opiniões e pretendem ter, sozinhos, o privilégio da verdade. Exigem uma crença cega e não apelam à razão, porque sabem que a razão os desmascararia;

11º) Os bons Espíritos não lisonjeiam; aprovam, quando se faz o bem, mas, sempre, com reserva; os maus fazem elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade, sempre pregando a humildade e procuram *exaltar a importância pessoal* daqueles que eles sabem captar.

12º) Os Espíritos superiores estão acima das puerilidades da forma *em todas as coisas*. Apenas os espíritos comuns podem dar importância a detalhes mesquinhos, incompatíveis com ideias verdadeiramente elevadas. *Toda prescrição meticulosa* é um sinal certo de inferioridade e de mistificação da parte de um Espírito que tome um nome imponente;

13º) Deve-se desconfiar dos nomes bizarros e ridículos, que alguns Espíritos adotam, quando querem impor-se à credulidade; seria, soberanamente absurdo, levar a sério esses nomes;

14º) Deve-se, igualmente, desconfiar dos Espíritos, que se apresentam muito facilmente sob nomes extremamente venerados e só aceitar suas palavras, com a maior reserva; é, aí, principalmente, que uma verificação severa é indispensável, pois, frequentemente, não passa de uma máscara, que eles usam para fazer acreditar em pretensas relações íntimas com os Espíritos superiores. Através desse meio, lisonjeiam a vaidade do médium e dela se aproveitam para induzi-lo, muitas vezes, a atitudes lamentáveis ou ridículas.

15º) Os bons Espíritos são muito escrupulosos acerca das atitudes que podem aconselhar; qualquer que seja o caso, elas só têm um objetivo *sério e eminentemente útil*. Deve-se, portanto, considerar suspeitas todas as que não tenham este caráter ou sejam condenadas pela razão e, maduramente, refletir, antes de empreendê-las, pois estariam expostas a mistificações desagradáveis;

16º) Também reconhecem-se os bons Espíritos pela sua prudente reserva sobre todas as coisas que podem comprometer; repugna-lhes desvendar o mal; os Espíritos levianos ou malévolos ficam satisfeitos em fazê-lo sobressair. Enquanto os bons procuram atenuar os erros e pregam a indulgência, os maus os exageram e sopram a desarmonia, através de insinuações pérfidas;

17º) Os bons Espíritos só prescrevem o bem. Toda máxima, todo conselho que não esteja *estritamente de acordo com a pura caridade evangélica* não pode ser obra de bons Espíritos;

18º) Os bons Espíritos jamais aconselham, senão coisas perfeitamente racionais; qualquer recomendação que se afaste da *linha reta do bom senso ou das leis imutáveis da Natureza*, denuncia um Espírito limitado e, por conseguinte, pouco digno de confiança;

19º) Os Espíritos maus ou simplesmente imperfeitos, ainda se traem através dos indícios materiais, sobre os quais ninguém poderia enganar-se. A ação deles sobre o médium é, algumas vezes, violenta e provoca, neste, movimentos bruscos e intermitentes, uma agitação febril e convulsiva, que contrasta com a

calma e a doçura dos bons Espíritos;

20º) Muitas vezes, os Espíritos imperfeitos se aproveitam dos meios de comunicação de que dispõem para dar conselhos pérfidos; excitam a desconfiança e a animosidade contra aqueles que lhe são antipáticos; os que podem desmascarar suas imposturas são, sobretudo, objeto de sua aversão.

Os homens fracos são o alvo deles, para induzi-los ao mal. Utilizando, alternadamente, os sofismas, os sarcasmos, as injúrias e, até, os sinais materiais de seu poder oculto, para melhor convencer, tentam desviá-los da senda da verdade;

21º) Os Espíritos dos homens que tiveram, na Terra, uma única preocupação, material ou moral, se não se desligaram da influên-cia da matéria, ainda estão sob o império das ideias terrestres e trazem consigo uma parte dos preconceitos, das predileções e *até as manias* que possuíam, neste mundo. Isto é fácil de reconhecer pela linguagem deles;

22º) Os conhecimentos de que alguns Espíritos se enfeitam, muitas vezes, com uma espécie de ostentação não constituem um sinal de superioridade deles; a inalterável pureza dos sentimentos morais é, a esse respeito, a verdadeira pedra de toque;

23º) Não basta interrogar um Espírito, para conhecer a verdade. Deve-se, antes de tudo, saber a quem nos dirigimos; pois os Espíritos inferiores, ignorantes como são, tratam com frivolidade as questões mais sérias.

Também não basta que um Espírito tenha sido um grande homem, na Terra, para possuir, no mundo espírita, a soberana ciência. Só a virtude, purificando-o, pode aproximá-lo de Deus e alargar seus conhecimentos;

24º) Da parte dos Espíritos superiores, a brincadeira é, muitas vezes, fina e divertida, mas nunca é trivial. Nos Espíritos zombadores, que não são grosseiros, a sátira mordaz é, muitas vezes, cheia de intenção.

25º) Estudando, com cuidado, o caráter dos Espíritos que se apresentam, principalmente do ponto de vista moral, reconhecer-se-á a natureza deles e o grau de confiança que podemos lhes dispensar. O bom senso não poderia enganar;

26º) Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiramente, saber julgar a si mesmo. Infelizmente, há muita gente que toma suas próprias opiniões pessoais como medida exclusiva do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo o que lhes contradiga a maneira de ver, suas ideias, o sistema que conceberam ou adotaram, é, aos seus olhos, mau. Evidentemente,

nessas pes-soas, falta a primeira qualidade para uma apreciação sã: a retidão do juízo; mas, disso, nem suspeitam; este é o defeito sobre o qual mais nos iludimos.

Todas estas instruções decorrem da experiência e do ensino dado pelos Espíritos; nós os completamos com as próprias respostas dadas por eles, sobre os pontos mais importantes.

268. Questões sobre a natureza e a identidade dos espíritos.

1. Através de que sinais pode-se reconhecer a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos?

"Pela linguagem deles, como distinguis um estúrdio de um homem sensato. Já dissemos que os Espíritos superiores nunca se contradizem e só dizem coisas boas; só querem o bem: esta é a preocupação deles.

Os Espíritos inferiores ainda se encontram sob o domínio das ideias materiais; seus discursos se ressentem da ignorância e da imperfeição, que lhes são próprias. Só aos Espíritos superiores é dado conhecer todas as coisas e julgá-las sem paixão."

2. A ciência, num Espírito, constitui sempre um sinal certo de sua elevação?

"Não, porque, se ele ainda se encontra sob a influência da matéria, pode ter os vossos vícios e vossos preconceitos. Há pessoas, neste mundo, que são excessivamente invejosas e orgulhosas; acreditais que, tendo-o deixado, perdem estes defeitos? Após a partida daqui, principalmente naqueles que tiveram paixões bem marcadas, permanece uma espécie de atmosfera, que os envolve e os impregna com todas essas coisas más.

Esses Espíritos semi-imperfeitos são mais temíveis que os maus Espíritos, porque a maioria reúne a astúcia e o orgulho à inteligência. Pelo seu pretenso saber, eles se impõem às pessoas simples e aos ignorantes, que aceitam, sem exame, suas teorias absurdas e mentirosas; embora essas teorias não possam prevalecer contra a verdade, nem por isso deixam de produzir um mal passageiro, pois elas entravam a marcha do Espiritismo e os médiuns voluntariamente se fazem cegos sobre o mérito do que lhes é comunicado. Aí está um ponto que demanda um estudo muito grande da parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns; é em distinguir o verdadeiro do falso, que é preciso concentrar toda sua atenção."

3. Muitos Espíritos protetores designam-se sob nomes de santos ou de personagens conhecidos: que se deve pensar a este respeito?

"Todos os nomes dos santos e dos personagens conhecidos não bastariam

para fornecer um protetor a cada homem; entre os Espíritos, há poucos que tenham um nome conhecido, na Terra; é por isso que, frequentemente, nenhum nome dão; porém, na maior parte do tempo, quereis um nome; então, para vos satisfazer, tomam o de um homem que conheceis e respeitais."

4. Este nome de empréstimo não pode ser considerado como uma fraude?

"Seria uma fraude da parte de um mau Espírito que quisesse enganar; mas, quando é para o bem, Deus permite que seja assim entre os Espíritos de mesma ordem, porque há, entre eles, solidariedade e semelhança de pensamentos."

5. Assim, quando um Espírito protetor diz ser São Paulo, por exemplo, não é certo que seja o Espírito mesmo, ou a alma do apóstolo que teve esse nome?

"Exatamente, pois encontrais milhares de pessoas a quem foi dito que seu anjo guardião é São Paulo ou qualquer outro; mas o que vos importa, se o Espírito que vos protege é tão elevado quanto São Paulo? Eu já vos disse: necessitais de um nome, eles tomam um, para serem chamados e reconhecidos, como tomais nomes de batismo, para vos distinguir dos outros membros de vossa família. Eles também podem, muito bem, tomar os dos arcanjos Rafael, São Miguel, etc., sem que isso traga qualquer consequência.

Aliás, quanto mais elevado é o Espírito, maior é a sua irradiação; crede, pois, que um Espírito protetor de uma ordem superior pode ter sob sua tutela centenas de encarnados. Entre vós, na Terra, tendes notários, que se encarregam dos negócios de cem e duzentas famílias; por que quereríeis que fôssemos, espiritualmente falando, menos aptos para a direção moral dos homens do que aqueles o são para a direção material de seus interesses?"

6. Por que os Espíritos, que se comunicam, tomam, frequentemente, o nome dos santos?

"Identificam-se com os hábitos daqueles a quem falam e tomam os nomes que são passíveis de causar, no homem, maior impressão por causa de suas crenças."

7. Alguns Espíritos superiores que evocamos vêm sempre, em pessoa, ou como alguns acreditam, só vêm através de mandatários encarregados de lhes transmitir os pensamentos?

"Por que não viriam, em pessoa, se o podem? mas, se o Espírito não pode vir, forçosamente, será um mandatário."

8. O mandatário é sempre suficientemente esclarecido para responder, como o faria o Espírito que o envia?

"Os Espíritos superiores sabem a quem eles confiam a tarefa de substituí-los.

Além disso, quanto mais elevados são os Espíritos, mais eles se confundem, pela comunhão dos pensamentos, de tal forma que, para eles, a personalidade é uma coisa indiferente, como deve ser, também, para vós; julgais, pois, que no mundo dos Espíritos superiores não haja senão os que conhecestes, na Terra, capazes de vos instruir? Tendes tamanha pretensão de serdes os protótipos do Universo, que acreditais, sempre, que fora do vosso mundo, nada mais exista. Assemelhai-vos, em verdade, a esses selvagens que nunca saíram de sua ilha e acreditam que o mundo não vai além."

9. Compreendemos que seja assim, quando se trate de um ensino sério; mas, como Espíritos elevados permitem a Espíritos de baixo escalão, enfeitarem-se com nomes respeitáveis, para induzir ao erro, através de máximas, muitas vezes, perversas?

"Não é, absolutamente, com a permissão deles que o fazem; o mesmo não acontece entre vós? Aqueles que assim enganam, serão punidos por isso, ficai certos, e a punição deles será proporcional à gravidade da impostura. Além disso, se não fôsseis imperfeitos, não teríeis em torno de vós, senão bons Espíritos, e se sois enganados, só deveis vos queixar de vós mesmos. Deus permite que assim aconteça para experimentar vossa perseverança e vosso discernimento e para vos ensinar a distinguir a verdade do erro; se não o fazeis, é que não sois bastante elevados e ainda tendes necessidade das lições da experiência."

10. Espíritos pouco adiantados, porém animados de boas intenções e do desejo de progredir, não são, algumas vezes, designados para substituir um Espírito superior, a fim de lhes dar a oportunidade de se exercitarem no ensino?

"Nunca, nos grandes centros, quero dizer, nos centros sérios e tendo em vista um ensino geral, os que, aí, se apresentam o fazem, sempre, por sua própria conta, e, como o dizeis, para exercitar-se; é por isso que suas comunicações, embora sejam boas, trazem sempre traços da inferioridade deles. Quando são designados, só o são para as comunicações pouco importantes e para as que podemos chamar de pessoais."

11. As comunicações espíritas ridículas são, algumas vezes, entremeadas de máximas muito boas; como conciliar esta anomalia, que parece indicar a presença simultânea de bons e maus Espíritos?

"Os Espíritos maus ou levianos também se metem a enunciar sentenças, sem perceberem muito bem o alcance ou a significação. Todos aqueles que o fazem, entre vós, serão homens superiores? Não; os bons e os maus Espíritos andam

juntos; é pela uniformidade constante das boas comunicações, que reconhecereis a presença dos bons Espíritos.”

12. Os Espíritos, que induzem ao erro, sempre o fazem conscientemente?

“Não; há Espíritos bons, porém ignorantes e que podem enganar-se de boa-fé; quando têm a consciência da insuficiência deles, concordam com isso e só dizem o que sabem.”

13. Quando um Espírito dá uma comunicação falsa, ele a dá sempre com má intenção?

“Não; se for um Espírito leviano, diverte-se em mistificar e não tem outro objetivo.”

14. Visto que alguns Espíritos podem enganar, pela linguagem de que se utilizam, podem também, aos olhos de um médium vidente, tomar uma falsa aparência?

“Isto acontece, porém, mais dificilmente. Em todo caso, isto só se dá com um objetivo que os próprios maus Espíritos desconhecem. Eles servem de instrumento para dar uma lição. O médium vidente pode ver Espíritos levianos e mentirosos, como outros os ouvem ou escrevem sob a influência deles. Os Espíritos levianos podem aproveitar-se desta disposição para enganá-lo, através de falsas aparências; isto depende das qualidades do próprio Espírito.”

15. Para não ser enganado, basta estar animado de boas intenções, e os homens perfeitamente sérios, que não misturam aos seus estudos qualquer sentimento de vã curiosidade, também estão expostos a ser enganados?

“Menos do que outros, evidentemente; mas o homem sempre tem alguns defeitos que atraem os Espíritos zombeteiros; ele se julga forte e, muitas vezes, não o é; deve, portanto, desconfiar da fraqueza que nasce do orgulho e dos preconceitos. Não se leva muito em conta essas duas causas de que se aproveitam os Espíritos; lisonjeando as manias, estão certos de obter êxito.”

16. Por que Deus permite que maus Espíritos comuniquem-se e digam coisas ruins?

“Mesmo naquilo que haja de pior, há um ensinamento; cabe a vós saber colhê-lo. É preciso que haja comunicações de todas as espécies, para vos ensinar a distinguir os bons Espíritos dos maus, e para vos servir de espelho para vós mesmos.”

17. Podem os Espíritos, por meio de comunicações escritas, inspirar desconfianças injustas contra algumas pessoas e semear a discórdia entre amigos?

“Espíritos perversos e invejosos podem fazer de mal, tudo o que fazem os homens; é por isso que é preciso ter cautela. Os Espíritos superiores são sempre prudentes e reservados, quando têm que censurar; nada dizem de mal: advertem, cautelosamente. Se querem que, no interesse delas, duas pessoas deixem de se ver, darão origem a incidentes, que as separarão de uma maneira natural. Uma linguagem própria para semear a perturbação e a desconfiança é sempre obra de um mau Espírito, qualquer que seja o nome com que se adorne. Assim, acolhei com circunspecção o mal, que um Espírito pode dizer de um de vós, principalmente quando um bom Espírito já vos tenha falado bem dela; desconfiai, também, de vós mesmos e de vossas próprias prevenções. Nas comunicações dos Espíritos, tomai apenas o que haja de belo, de grande, de racional e o que vossa consciência aprove.”

18. Pela facilidade com que os maus Espíritos se intrometem nas comunicações, parece que nunca estaremos certos de ter a verdade?

“Não é bem assim, visto que tendes um juízo para apreciá-las. Pela leitura de uma carta, sabeis reconhecer, perfeitamente, se foi um homem grosseiro ou bem educado, um tolo ou um sábio que vos escreveu; por que não poderíeis fazer o mesmo, quando são os Espíritos que vos escrevem? Se recebeis uma carta de um amigo distante, quem vos garante que ela é, realmente, dele? Sua caligrafia, direis; mas não existem falsários, que imitam todas as caligrafias; vigaristas que podem conhecer os vossos negócios? Entretanto, há sinais através dos quais não vos enganareis; o mesmo ocorre relativamente aos Espíritos. Imaginai, pois, que é um amigo que vos escreve ou que ledes a obra de um escritor e julgai, através dos mesmos meios.”

19. Os Espíritos superiores poderiam impedir os maus Espíritos de tomar falsos nomes?

“Certamente que o podem; porém, quanto piores são os Espíritos, mais obstinados eles são e, muitas vezes, resistem às injunções. É preciso também que saibais que há pessoas pelas quais os Espíritos superiores se interessam, mais do que outras e, quando o julgam necessário, sabem preservá-las do golpe da mentira; contra essas pessoas, os Espíritos enganadores são impotentes.”

20. Qual o motivo dessa parcialidade?

“Não é parcialidade, é justiça; os bons Espíritos interessam-se por aqueles que tiram proveito de suas advertências e trabalham, seriamente, pela sua própria melhoria; estes são seus preferidos e eles os secundam, mas pouco se incomodam com aqueles, junto dos quais perdem o tempo em belas palavras.”

21. Por que Deus permite aos Espíritos cometer o sacrilégio de tomar, falsamente, nomes venerados?

“Poderíeis também perguntar, por que Deus permite aos homens mentir e blasfemar. Os Espíritos, assim como os homens, têm o seu livre-arbítrio para o bem, como para o mal; porém, nem a uns, nem a outros a justiça de Deus faltará.”

22. Haverá fórmulas eficazes para expulsar os Espíritos enganadores?

“Fórmula é matéria; mais vale um bom pensamento dirigido a Deus.”

23. Alguns Espíritos disseram possuir sinais gráficos inimitáveis, espécies de emblemas, que podem fazê-los ser reconhecidos e constatar a identidade deles; isto é verdadeiro?

“Os Espíritos superiores não possuem outros sinais para se fazerem reconhecer, senão a superioridade de suas ideias e de sua linguagem. Todos os Espíritos podem imitar um sinal material. Quanto aos Espíritos inferiores, eles se traem de tantas maneiras, que é preciso ser cego para se deixar enganar.”

24. Os Espíritos enganadores não podem, também, imitar o pensamento?

“Eles imitam o pensamento, como os cenários de teatro imitam a Natureza.”

25. Parece que, assim, é sempre fácil descobrir a fraude através de um estudo atento?

“Não duvideis disto; os Espíritos só enganam aqueles que se deixam enganar. Mas, é preciso ter olhos de mercador de diamantes, para distinguir a pedra verdadeira da falsa; ora, aquele que não sabe distinguir a pedra fina da falsa dirige-se ao lapidário.”

26. Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que contém mais palavras do que ideias, que, até, tomam ideias falsas e vulgares por ideias sublimes; como essas pessoas, que não estão aptas, nem mesmo para julgar as obras dos homens, podem julgar as dos Espíritos?

“Quando estas pessoas são bastante modestas para reconhecer sua insuficiência, não se referem a si mesmas; quando, por orgulho, elas se consideram mais capazes do que o são, trazem consigo a dificuldade de sua tola vaidade. Os Espíritos enganadores sabem muito bem a quem eles se dirigem; há pessoas simples e pouco instruídas, mais difíceis de enganar, do que outras, que têm inteligência e saber. Lisonjeando as paixões, fazem do homem o que querem.”

27. Na escrita, os maus Espíritos se traem, algumas vezes, pelos sinais

materiais involuntários?

"Os hábeis não o fazem; os inábeis equivocam-se. Todo sinal inútil e pueril é um indício certo de inferioridade; os Espíritos elevados nada fazem de inútil.

28. Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou penosa que experimentam com a aproximação deles. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar, numa palavra, são sempre indícios da má natureza dos Espíritos que se manifestam.

"O médium experimenta as sensações do estado em que se encontra o Espírito, que dele se aproxima. Quando o Espírito é feliz, fica tranquilo, leve, refletido; quando é infeliz, fica agitado, febril e essa agitação passa, naturalmente, para o sistema nervoso do médium. Aliás, é assim que acontece com o homem, na Terra: aquele que é bom é calmo e tranquilo; o que é mau está constantemente agitado."

Nota: Há médiuns de uma impressionabilidade nervosa maior ou menor, é por isso que a agitação não poderia ser considerada como regra absoluta; deve-se, aqui, como em todas as outras coisas, levar em conta as circunstâncias. O caráter penoso e desagradável da impressão é um efeito de contraste, porque, se o Espírito do médium simpatiza com o mau Espírito que se manifesta, ele será pouco ou nada afetado com isso. Além disso, é preciso não confundir a rapidez da escrita, que se deve à extrema flexibilidade de alguns médiuns, com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem experimentar, ao contato dos Espíritos imperfeitos.

CAPÍTULO XXV

EVOCAÇÕES

Considerações gerais. – Espíritos que se podem evocar. – Linguagem de que se deve utilizar com os espíritos. – Utilidade das evocações particulares. – Questões sobre as evocações. – Evocações dos animais. – Evocações das pessoas vivas. – Telegrafia humana

Considerações Gerais

269. Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente ou atender ao nosso apelo, isto é, vir mediante evocação. Algumas pessoas pensam que devem abster-se de evocar este ou aquele Espírito e que é preferível aguardar aquele que queira comunicar-se. Baseiam-se nesta opinião: de que chamando um determinado Espírito, não se tem a certeza de que seja ele quem se apresente, enquanto que, aquele que vem, espontaneamente, pela sua própria vontade, melhor prova a sua identidade, já que anuncia, assim, o desejo que possui de se entreter conosco. Na nossa opinião, aí está um erro: primeiramente, porque há sempre Espíritos em torno de nós, na maioria das vezes, de condição inferior, que nada mais querem, senão comunicar-se; a nenhum chamar, em particular, é abrir a porta para todos os que queiram entrar. Numa assembleia, não dar a palavra a ninguém, é deixá-la entregue a todo mundo e sabe-se o que daí resulta. O apelo direto, feito a um determinado Espírito, representa um elo entre ele e nós; nós o chamamos pelo nosso desejo e opomos, assim, uma espécie de barreira aos intrusos. Sem uma chamada direta, um Espírito, muitas vezes, nenhum motivo teria para vir até nós, a não ser que seja nosso Espírito familiar.

Estas duas maneiras de operar possuem, cada qual, suas vantagens e o inconveniente estaria, apenas, na exclusão absoluta de uma das duas. As comunicações espontâneas nenhum inconveniente apresentam, quando se tem o domínio sobre os Espíritos e quando se está certo de não deixar qualquer comando aos maus; então, muitas vezes, é útil esperar pela boa vontade daqueles que querem manifestar-se; porque o pensamento deles não sofre qualquer constrangimento e podem obter-se, desta maneira, coisas admiráveis; ao passo

que, quem diz que o Espírito por quem chamais esteja disposto a falar ou seja capaz de fazê-lo, no sentido desejado. O exame escrupuloso que temos aconselhado é, aliás, uma garantia contra as más comunicações. Nas reuniões regulares, sobretudo naquelas em que se faz um trabalho continuado, há sempre Espíritos assíduos, que comparecem ao encontro, sem que sejam chamados, por estarem prevenidos, em razão da regularidade das sessões; tomam, muitas vezes, espontaneamente, a palavra para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposta ou prescrever o que se deva fazer, e, então, facilmente são reconhecidos, quer pela forma da linguagem, que é sempre idêntica, quer pela escrita, quer por certos hábitos, que lhes são familiares.

270. Quando se deseja comunicar com um *determinado* Espírito, é preciso necessariamente evocá-lo (item 203). Se ele puder vir, obtém-se, geralmente, como resposta: *Sim*; ou *Estou aqui*; ou ainda: *Que quereis de mim?* Algumas vezes, ele entra diretamente no assunto, respondendo, antecipadamente, às perguntas que se propunham a endereçar-lhe.

Quando um Espírito é evocado, pela primeira vez, convém designá-lo, com alguma precisão. Nas perguntas, que lhe são dirigidas, devem-se evitar as formas secas e imperativas, que constituiriam, para ele, um motivo de afastamento. Essas formas devem ser afetuosas ou respeitosas, conforme o Espírito, em todos os casos, a benevolência do evocador deve revelar-se.

271. Frequentemente, ficamos surpresos com a prontidão com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo pela primeira vez: dir-se-ia que estava prevenido; é, de fato, o que ocorre, quando preocupam-se, antecipadamente, com sua evocação. Esta preocupação é uma espécie de evocação antecipada e, como temos sempre nossos Espíritos familiares, que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam os caminhos, de tal maneira que, se nada se opuser a isso, o Espírito, que desejamos chamar, já se encontra presente. Caso contrário, é o Espírito familiar do médium ou o do interrogador ou um dos seus frequentadores que vai buscá-lo e, para isso, não necessita de muito tempo. Se o Espírito evocado não pode vir, imediatamente, o mensageiro (os pagãos teriam dito *Mercúrio*) marca um prazo, algumas vezes, de cinco minutos, quinze minutos, uma hora e, até, vários dias; logo que ele chega, diz: *Ele está aqui*; e, então, podem iniciar com as perguntas que desejam dirigir-lhe.

O mensageiro nem sempre é um intermediário necessário, porquanto o chamado do evocador pode ser ouvido, diretamente pelo Espírito, assim como foi dito no item 282, pergunta 5, sobre o modo de transmissão do pensamento.

Quando dizemos que se faça a evocação em nome de Deus, entendemos que

nossa recomendação deva ser levada a sério e, não, levianamente; os que nisso vejam apenas uma fórmula sem consequência, fariam melhor abstendo-se.

272. As evocações oferecem, muitas vezes, maiores dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, principalmente, quando se trata de obter respostas precisas a questões circunstanciadas. Para isto, são necessários médiuns especiais, ao mesmo tempo, *flexíveis* e *positivos* e já vimos (item 193) que estes últimos são bastante raros, pois, assim como já dissemos, as relações fluídicas nem sempre se estabelecem, instantaneamente, com o primeiro Espírito que se presente. Por isso, é útil que os médiuns não se entreguem às evocações detalhadas, senão depois de estarem seguros do desenvolvimento de suas faculdades, e da natureza dos Espíritos que os assistem, pois naqueles que são mal assistidos, as evocações não podem ter qualquer caráter de autenticidade.

273. Os médiuns são, geralmente, muito mais procurados para as evocações de interesse particular do que para as comunicações de interesse geral; isso se explica pelo desejo muito natural que temos de conversar com os seres que nos são caros. Julgamos necessário fazer, sobre este assunto, várias recomendações importantes aos médiuns. Principalmente, é de não aquiescer a esse desejo, senão com reserva, diante de pessoas cuja sinceridade não estejam completamente seguros e de se acautelarem contra as armadilhas que pessoas malévolas poderiam preparar-lhes. Em segundo lugar, é de não se prestarem a essas evocações, sob qualquer pretexto, se perceberem um fim de curiosidade e de interesse e, não, uma intenção séria da parte do evocador; que se recusem a fazer qualquer pergunta ociosa ou que sairia do círculo daquelas que racionalmente podem ser dirigidas aos Espíritos. As perguntas devem ser formuladas com clareza, nitidez e sem segunda intenção, se quisermos respostas categóricas. Portanto, devem-se repelir todas as que tiverem um caráter insidioso, pois sabe-se que os Espíritos não gostam daquelas que têm como objetivo colocá-los à prova; insistir em perguntas desta natureza, é querer ser enganado. O evocador deve ir, franca e abertamente, ao objetivo, sem subterfúgio e sem desvios; se ele receia explicar-se, faria melhor abstendo-se.

Convém, ainda, que só com muita prudência se façam evocações, na ausência das pessoas que as pediram e, muitas vezes, até é preferível que não sejam feitas, visto que essas pessoas são as únicas aptas para analisar as respostas, para julgar a identidade, para provocar esclarecimentos, se for oportuno, e para formular perguntas incidentes, trazidas pelas circunstâncias. Além disso, a presença delas é um elo que atrai o Espírito, muitas vezes, pouco disposto a comunicar-se com estranhos, pelos quais nenhuma simpatia tem. O médium, numa palavra, deve

evitar tudo o que possa transformá-lo em agente de consultas, o que, aos olhos de muita gente, é sinônimo de ledor da sorte.

Espíritos que podem ser evocados

274. Podem ser evocados todos os Espíritos, qualquer que seja o grau a que pertençam na escala espírita: os bons, como os maus, os que deixaram a vida há pouco, como os que viveram nos tempos mais recuados, os homens ilustres, como os mais obscuros, nossos parentes, nossos amigos, como aqueles que nos são indiferentes; mas, isto, não quer dizer que queiram ou possam sempre atender ao nosso chamado; independente da própria vontade deles ou da permissão, que lhes pode ser recusada por uma potência superior, eles podem ser impedidos de fazê-lo por motivos, que nem sempre nos é dado conhecer. Queremos dizer que não há impedimento absoluto, que se oponha às comunicações, salvo o que será dito, logo adiante; os obstáculos que podem impedir um Espírito de manifestar-se são, quase sempre, individuais e se devem, muitas vezes, às circunstâncias.

275. Entre as causas que podem opor-se à manifestação de um espírito, umas lhe são pessoais e outras, estranhas. Entre as primeiras, é preciso colocar suas ocupações ou as missões que desempenha e das quais não pode desviar-se para ceder aos nossos desejos; neste caso, sua visita fica, apenas, adiada.

Há, ainda, sua própria situação. Embora o estado de encarnação não constitua um obstáculo absoluto, pode representar um impedimento, em dados momentos, principalmente, quando ocorre em mundos inferiores e quando o próprio Espírito está pouco desmaterializado. Em mundos superiores, naqueles em que os elos entre o Espírito e a matéria são muito fracos, a manifestação é quase tão fácil quanto no estado errante e, em todo caso, mais fácil do que naqueles mundos, onde a matéria corporal é mais compacta.

As causas estranhas devem-se, principalmente, à natureza do médium, à da pessoa que evoca, ao meio em que se faz a evocação e, finalmente, ao objetivo a que se propõe. Alguns médiuns recebem, mais particularmente, comunicações de seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados; outros estão aptos para servir de intermediários a todos os Espíritos; isso depende da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o Espírito estranho, que pode tomá-lo como intérprete, com prazer ou repugnância. Isto depende, ainda, abstração feita das qualidades íntimas do médium, do desenvolvimento da faculdade medianímica. Os Espíritos vêm, com maior boa vontade, e, principalmente, são mais explícitos com um médium que não lhes oferece qualquer obstáculo material. Aliás, em igualdade de condições

morais, quanto mais facilidade tem um médium para escrever ou para se exprimir, mais se generalizam suas relações com o mundo espírita.

276. É preciso levar em conta, ainda, a facilidade que deve proporcionar o hábito de se comunicar com este ou aquele Espírito; com o tempo, o Espírito estranho identifica-se com o do médium e também com aquele que o chama. Pondo-se de lado a questão da simpatia, entre eles, estabelecem-se relações fluídicas, que tornam as comunicações mais rápidas; é por isso que uma primeira conversa, nem sempre é tão satisfatória, quanto seria de desejar, e é também por isso que os próprios Espíritos pedem, frequentemente, para serem chamados, novamente. O Espírito que vem, habitualmente, está como em sua casa: está familiarizado com seus ouvintes e seus intérpretes, fala e age livremente.

277. Em resumo, daquilo que acabamos de dizer, resulta: que a faculdade de evocar todo e qualquer Espírito não implica para este, a obrigação de estar à nossa disposição; que ele pode vir, num dado momento, e, não, num outro, com este médium ou aquele evocador, que lhe agrade e, não, com aquele outro; dizer o que quer, sem poder ser constrangido a dizer o que não queira; ir-se, quando isto lhe convenha; enfim, que por causas dependentes ou, não, de sua vontade, depois de se ter mostrado assíduo, durante algum tempo, ele pode, de repente, deixar de vir.

É por todos esses motivos que, quando se deseja chamar um Espírito novo, é necessário perguntar ao seu guia protetor, se a evocação é possível; caso não o seja, geralmente, ele dá os motivos e, então, é inútil insistir.

278. Uma questão importante apresenta-se, aqui, a de saber se há ou não inconveniente em evocar maus Espíritos. Isto depende do objetivo a que se propõe e do ascendente que se possa ter sobre eles. O inconveniente é nulo, quando são chamados com um objetivo sério, instrutivo e tendo em vista melhorá-los; é, ao contrário, muito grande, se for por pura curiosidade ou divertimento, ou, se se coloca sob a dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer. Os bons Espíritos, neste caso, podem muito bem lhes dar o poder de fazer o que lhes pedem, salvo o de punir severamente, mais tarde, o temerário, que ousou invocar o auxílio deles e supô-los mais poderosos que Deus. Seria, em vão, que se prometesse fazer dele bom uso, dali em diante e despedir o servidor, uma vez o serviço tenha sido realizado; este mesmo serviço, que foi solicitado, por mínimo que seja, constitui um verdadeiro pacto firmado com o mau Espírito e, este, não larga facilmente a sua presa. (Ver item 212.)

279. O ascendente só se exerce sobre os Espíritos inferiores pela *superioridade moral*. Os Espíritos perversos reconhecem seus superiores nos

homens de bem; diante daquele que só lhes oponha a energia da vontade, espécie de força bruta, eles lutam e, muitas vezes, são os mais fortes. A alguém que procurava, assim, domar um Espírito rebelde, pela sua vontade, o Espírito lhe respondeu: *Deixa-me em paz, com teus ares de valentão, tu que não vales mais do que eu; dir-se-ia um ladrão, que prega moral a um outro ladrão?*

Há quem se espante que o nome de Deus, que contra eles se evoca, seja, muitas vezes, impotente; São Luís deu-nos a razão disso, na seguinte resposta:

"O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos, na boca daquele que possa, pelas suas virtudes, dele se servir com autoridade; na boca de um homem, que não tivesse qualquer superioridade moral, é uma palavra como outra qualquer. O mesmo acontece com as coisas santas com que são defrontados. A arma mais terrível torna-se inofensiva nas mãos inábeis de se servirem dela ou incapazes de usá-la."

Linguagem a ser utilizada com os espíritos

280. O grau de superioridade ou de inferioridade dos Espíritos indica, naturalmente, o tom que convém utilizar com eles. É evidente que, quanto mais elevados eles são, mais direito têm ao nosso respeito, às nossas atenções e à nossa submissão. Não devemos lhes testemunhar menos deferência do que o teríamos feito, se estivessem vivos, mas por outros motivos: na Terra, teríamos considerado a categoria e a posição social deles; no mundo dos Espíritos, nosso respeito só decorre da superioridade moral. A própria elevação deles os coloca acima das puerilidades de nossas formas aduladoras. Não é através das palavras que se pode captar a benevolência deles, é pela sinceridade dos sentimentos. Seria, portanto, ridículo dar-lhes títulos que nossos costumes consagram para a distinção das categorias, e que, quando vivos, teriam podido lisonjear-lhes a vaidade; se são realmente superiores, não apenas nenhuma importância dão a eles, mas, isto, lhes desagrada. Um bom pensamento lhes é mais agradável, do que os epítetos mais elogiosos; se não fosse assim, não estariam acima da Humanidade. O Espírito de um venerável eclesiástico que foi, na Terra, um príncipe da Igreja, homem de bem, praticante da lei de Jesus, respondeu, um dia, a alguém que o evocara, dando-lhe o título de Monsenhor: "Deverias dizer, pelo menos, ex-Monsenhor, pois, aqui, só há um Senhor, que é Deus; fica sabendo que vejo muitos que, na Terra, ajoelhavam-se diante de mim e, diante dos quais, eu mesmo, me inclino."

Quanto aos Espíritos inferiores, o caráter que possuem nos traça a linguagem que convém manter com eles. Entre eles, há aqueles que, embora inofensivos e, até, benevolentes, são levianos, ignorantes, estúrdios; tratá-los como iguais aos

Espíritos sérios, assim como o fazem certas pessoas, seria o mesmo que inclinar-se diante de um estudante ou diante de um asno camuflado com um barrete de doutor. O tom de familiaridade não poderia ser utilizado com eles, que com isso não se ofendem; ao contrário, a isso se prestam, voluntariamente.

Entre os Espíritos inferiores, há muitos que são infelizes. Quaisquer que sejam as faltas que expiam, seus sofrimentos representam títulos, tanto maiores à nossa comiseração, quanto ninguém pode vangloriar-se de escapar destas palavras do Cristo: "Que aquele que estiver sem pecado, atire-lhe a primeira pedra." A benevolência que lhes testemunhamos representa um alívio para eles; por falta de simpatia, precisam encontrar a indulgência que desejaríamos que tivessem para conosco.

Os Espíritos que revelam sua inferioridade através do cinismo de sua linguagem, suas mentiras, a baixeza de seus sentimentos, a perfídia de seus conselhos são, certamente, menos dignos de nosso interesse, do que aqueles cujas palavras comprovam o arrependimento; devemos-lhes, pelo menos, a piedade que concedemos aos maiores criminosos e o meio de os reconduzir ao silêncio, consiste em mostrar-se superior a eles: eles só se entregam às pessoas em que acreditam nada ter a temer; porque os Espíritos perversos sentem seus superiores nos homens de bem, como nos Espíritos superiores.

Em resumo, seria tão irreverente tratar de igual para igual os Espíritos superiores, quanto seria ridículo ter a mesma deferência por todos, sem exceção. Tenhamos veneração por aqueles que o merecem, reconhecimento por aqueles que nos protegem e nos assistem, por todos os outros, uma benevolência de que, um dia, talvez, teremos necessidade, nós mesmos. Penetrando no mundo incorpóreo, aprendemos a conhecê-lo e este conhecimento deve nos guiar nas nossas relações com aqueles que o habitam. Os Antigos, na sua ignorância, erigiram-lhes altares; para nós, são apenas criaturas, mais ou menos, perfeitas, e só elevamos altares a Deus.

Utilidade das evocações particulares

281. As comunicações que se obtêm dos Espíritos muito superiores ou daqueles que animaram grandes personagens da Antiguidade são preciosas, pelo elevado ensinamento que encerram. Esses Espíritos adquiriram um grau de perfeição, que lhes permite abarcar um círculo de ideias mais extenso, penetrar mistérios que ultrapassam o alcance comum da Humanidade e, por conseguinte, melhor iniciar-nos do que outros, em certas coisas. Não se segue, daí, que as comunicações dos Espíritos de uma ordem menos elevada sejam inúteis, o observador nelas colhe muita instrução. Para se conhecer os costumes de um

povo, deve-se estudá-lo em todos os graus da escala. Quem só o tivesse visto sob um aspecto, mal o conheceria. A história de um povo não é a de seus reis e das sumidades sociais; para julgá-lo, é preciso vê-lo na sua vida íntima, nos seus hábitos particulares. Ora, os Espíritos superiores são as sumidades do mundo espírita; sua própria elevação os coloca tão acima de nós, que ficamos espantados com a distância que nos separa deles. Espíritos mais burgueses (que nos relevem esta expressão), tornam-nos mais palpáveis as circunstâncias de suas novas existências. Neles, a ligação entre a vida corporal e a vida espírita é mais íntima, nós a compreendemos melhor, porque ela nos toca mais de perto. Aprendendo, através deles mesmos, o que se tornaram, o que pensam, o que experimentam os homens de todas as condições e de todos os caracteres, tanto os homens de bem quanto os viciosos, os grandes e os pequenos, os felizes e os desgraçados do século, numa palavra: os homens que viveram entre nós, os que vimos e conhecemos, os de quem conhecemos a vida real, as virtudes e os erros, compreendemos suas alegrias e seus sofrimentos, a eles nos associamos e deles colhemos um ensinamento moral, tanto mais proveitoso, quanto mais íntimas forem nossas relações com eles. Mais facilmente nos colocamos no lugar daquele que foi nosso igual, do que no daquele que só vimos através da miragem de uma glória celestial. Os Espíritos comuns nos mostram a aplicação prática das grandes e sublimes verdades, cuja teoria os Espíritos superiores nos ensinam. Aliás, no estudo de uma ciência, nada é inútil: Newton encontrou a lei das forças do Universo, no fenômeno mais simples.

A evocação dos Espíritos comuns tem, além disso, a vantagem de nos colocar em contato com Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo adiantamento, podemos facilitar através de conselhos úteis. Podemos, pois, tornarmo-nos úteis, instruindo-nos, ao mesmo tempo; há egoísmo em apenas procurar sua própria satisfação no contato com os Espíritos e, aquele que desdenha estender a mão socorredora àqueles que são infelizes dão, ao mesmo tempo, prova de orgulho. De que lhe serve obter belas recomendações dos Espíritos de elite, se isto não o torna melhor para si mesmo, mais caridoso e mais benevolente para com seus irmãos deste mundo e do outro? O que seria dos pobres enfermos, se os médicos se recusassem a tocar suas chagas?

282. Questões sobre as evocações

1. Pode-se evocar os Espíritos, sem ser médium?

"Todo mundo pode evocar os Espíritos e, se aqueles que evocais não podem manifestar-se, materialmente, nem por isso deixarão de estar perto de vós e de vos escutar."

2. O Espírito evocado atende sempre ao chamado que lhe é feito?

“Isso depende das condições em que se encontra, pois há circunstâncias em que não o pode fazer.”

3. Quais são as causas que podem impedir um Espírito de atender ao nosso apelo?

“Primeiramente, a sua vontade; depois, seu estado corporal, se estiver reencarnado, as missões de que possa estar encarregado, ou, ainda, a permissão, que pode lhe ser recusada.

Há Espíritos que nunca podem comunicar-se; são aqueles que, pela sua própria natureza, pertencem, ainda, aos mundos inferiores à Terra. Os que se encontram em esferas de punição, também não o podem, a menos que uma permissão superior, que só é concedida com um fim de utilidade geral. Para que um Espírito possa comunicar-se, é preciso que tenha atingido o grau de adiantamento do mundo em que é evocado, do contrário, ele é estranho às ideias desse mundo e não possui qualquer ponto de comparação. O mesmo não ocorre com aqueles que são enviados em missão ou expiação, nos mundos inferiores: eles possuem as ideias necessárias para responder ao chamado.”

4. Por que motivos a permissão para comunicar-se pode ser recusada a um Espírito?

“Isto pode ser uma prova ou uma punição para ele ou para aquele que o evoca.”

5. Como Espíritos dispersos no espaço ou em diferentes mundos podem ouvir, de todos os pontos do Universo, as evocações que lhe são feitas?

“Muitas vezes, são prevenidos pelos Espíritos familiares, que vos cercam e que os vão procurar; porém, aqui, se passa um fenômeno, que é difícil de vos explicar, porque não podeis ainda compreender o modo de transmissão do pensamento entre os Espíritos. O que vos posso dizer, é que o Espírito que evocais, por mais afastado que esteja, recebe, por assim dizer, o golpe do pensamento, como uma espécie de comoção elétrica, que chama sua atenção para o lado de onde vem o pensamento, que a ele se dirige. Pode-se dizer que ele ouve o pensamento, como, na Terra, ouvis a voz.”

a) O fluido universal é o veículo do pensamento, como o ar é o do som?

“Sim, com esta diferença, de que o som só pode fazer-se ouvir num espaço muito limitado, enquanto que o pensamento alcança o infinito. O Espírito, no espaço, é como o viajante no meio de uma vasta planície e que, ouvindo, de repente, pronunciar o seu nome, dirige-se para o lado de onde o chamam.”

6. Sabemos que as distâncias são quase nada para os Espíritos, entretanto, espanta vê-los, algumas vezes, responder tão prontamente ao chamado, como se estivessem bem perto.

"É que, de fato, eles, algumas vezes, o estão. Se a evocação é premeditada, o Espírito é avisado, antecipadamente, e, muitas vezes, encontra-se, ali, antes do momento de ser chamado."

7. O pensamento do evocador é mais ou menos facilmente percebido, conforme certas circunstâncias?

"Sem dúvida alguma; o Espírito evocado por um sentimento de simpatia e benevolência é mais vivamente tocado; é como uma voz amiga que ele reconhece; sem isto, muitas vezes, acontece que a evocação *não produz efeito*. O pensamento que jorra da evocação atinge o Espírito; se ele for mal dirigido, atinge o vácuo. Dá-se com os Espíritos o que se dá com os homens, se aquele que os evoca lhes é indiferente ou antipático, podem ouvi-lo, mas, frequentemente, não o escutam."

8. O Espírito evocado vem, voluntariamente ou é constrangido a isso?

"Ele obedece à vontade de Deus, isto é, à lei geral, que rege o Universo; e, entretanto, constrangido não é bem a palavra, pois ele julga, se é útil vir: e ainda, aí, está, para ele, o livre-arbítrio. O Espírito superior vem sempre, quando é chamado com um objetivo útil; ele não se recusa a responder, senão nos meios de pessoas pouco sérias e que tratam destas coisas como divertimento."

9. O Espírito evocado pode recusar-se a atender ao apelo que lhe é feito?

"Perfeitamente; onde estaria seu livre-arbítrio sem isto? Pensais que todos os seres do Universo estejam às vossas ordens? E, vós mesmos, vos julgais obrigados a responder a todos aqueles que pronunciam vosso nome? Quando digo que ele pode recusar-se a isso, refiro-me ao pedido do evocador, pois um Espírito inferior pode ser constrangido a vir, por um Espírito superior."

10. Haverá, para o evocador, um meio de constranger um Espírito a vir, a contragosto?

"Nenhum, se este Espírito for igual ou superior a vós em moralidade — digo *em moralidade* e, não, em inteligência — porque não tendes sobre ele qualquer autoridade; se for vosso inferior, podeis consegui-lo, se for para seu bem, pois, então, outros Espíritos vos secundarão." (Item 279.)

11. Haverá inconveniente em evocar Espíritos inferiores e poder-se-á temer, ao evocá-los, colocar-se sob o domínio deles?

“Eles só dominam os que se deixam dominar. Aquele que é assistido por bons Espíritos nada tem a temer; ele se impõe aos Espíritos inferiores e, estes, não se impõem a ele. No isolamento, os médiuns, principalmente os que iniciam, devem abster-se dessas espécies de evocações.” (Item 278.)

12. Serão necessárias algumas disposições especiais para as evocações?

“A mais essencial de todas as disposições é o recolhimento, quando se quer comunicar com Espíritos sérios. Com a fé e o desejo do bem, tem-se mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma, por alguns instantes de recolhimento, no momento da evocação, identifica-se com os bons Espíritos e os dispõe a vir.”

13. A fé é necessária para as evocações?

“A fé em Deus, sim; a fé virá para o restante, se quiserdes o bem e se tiverdes o desejo de vos instruir.”

14. Os homens, reunidos numa comunhão de pensamento e de intenções, têm mais poder para evocar os Espíritos?

“Quando todos estão reunidos pela caridade e para o bem, obtêm grandes coisas. Nada é mais prejudicial ao resultado das evocações que a divergência das ideias.”

15. A precaução de se formar uma corrente, dando-se as mãos, durante alguns minutos, no início das reuniões, será útil?

“A corrente é um meio material, que não estabelece a união entre vós, se ela não existe no pensamento; mais útil do que tudo isto é unirem-se por um pensamento comum, chamando cada qual, de seu lado, os bons Espíritos. Não sabeis tudo o que se poderia obter numa reunião séria, de onde seria banido todo sentimento de orgulho e de personalismo e onde reinasse um perfeito sentimento de mútua cordialidade.”

16. As evocações, em dias e horas determinados, serão preferíveis?

“Sim, e, se for possível, no mesmo lugar: os Espíritos, aí, comparecem com maior boa vontade; é o desejo constante que tendes, que auxilia os Espíritos a vir comunicar-se convosco. Os Espíritos têm suas ocupações, que não podem deixar *de improviso*, para vossa satisfação pessoal. Digo, no mesmo lugar, mas não julgueis que isto seja uma obrigação absoluta, pois os Espíritos vêm de toda parte; quero dizer, que é preferível, um lugar consagrado para este fim, porque o recolhimento, ali, é mais perfeito.”

17. Certos objetos, assim como medalhas e talismãs, possuem a propriedade

de atrair ou repelir os Espíritos, conforme o pretendem alguns?

"Esta pergunta é inútil, pois bem sabeis, que a matéria, nenhuma ação exerce sobre os Espíritos. Ficai bem certos de que jamais um bom Espírito aconselhará semelhantes absurdidades; a virtude dos talismãs, de qualquer natureza que sejam, nunca existiu, senão na imaginação das pessoas crédulas."

18. Que se deve pensar dos Espíritos que marcam encontros em lugares lúgubres e em horas indevidas?

"Esses Espíritos divertem-se às custas daqueles que lhes dão ouvidos. É sempre inútil e, muitas vezes, perigoso ceder a tais sugestões: inútil, porque nada, absolutamente, se ganha em ser mistificado; perigoso, não pelo mal que podem fazer os Espíritos, mas pela influência que isto pode exercer sobre cérebros fracos."

19. Haverá dias e horas mais propícios para as evocações?

"Para os Espíritos, isto é completamente indiferente, como tudo o que é material e seria uma superstição acreditar na influência dos dias e das horas. Os momentos mais propícios são aqueles em que o evocador possa estar menos distraído pelas suas ocupações habituais, em que seu corpo e seu espírito estejam mais calmos."

20. A evocação é, para os Espíritos, uma coisa agradável ou penosa? Eles vêm de boa vontade, quando os chamam?

"Isto depende do caráter deles e do motivo pelo qual são chamados. Quando o objetivo é louvável e quando o meio lhes é simpático, a evocação é para eles uma coisa agradável e, até, atraente; os Espíritos sempre ficam felizes com a afeição que se lhes demonstre. Há alguns deles para quem comunicar-se com os homens representa uma grande felicidade e que sofrem com o abandono em que são deixados. Mas, como eu já disse, isso depende, igualmente, do caráter deles; entre os Espíritos, há também misantropos, que não gostam de ser incomodados e cujas respostas se ressentem de seu mau humor, principalmente, quando são chamados por pessoas que lhes são indiferentes, pelas quais eles não se interessam. Um Espírito, muitas vezes, não possui qualquer motivo para atender ao apelo de um desconhecido, que lhe é indiferente e que, quase sempre, é movido pela curiosidade; se ele vem, em geral, apenas faz curtas aparições, a menos que haja um objetivo sério e instrutivo na evocação."

Nota: Veem-se pessoas que só evocam seus parentes, para lhes perguntar as coisas mais vulgares da vida material, por exemplo: um, para saber se alugará ou venderá sua casa, um outro, para saber o lucro que tirará de sua mercadoria, o lugar em que o dinheiro foi colocado, se tal negócio será ou não vantajoso.

Nossos parentes de além-túmulo só se interessam por nós, em razão da afeição que temos por eles. Se nosso pensamento limita-se a julgá-los feiticeiros, se só pensamos neles para lhes pedir informações, eles não podem ter por nós uma grande simpatia e não se deve ficar espantado com a pouca benevolência que demonstrem.

21. Haverá uma diferença entre os bons e os maus Espíritos, com relação à solicitude em atender ao nosso chamado?

"Há uma bem grande: os maus Espíritos só vêm de boa vontade, quando esperam dominar e enganar; mas experimentam uma viva contrariedade, quando são forçados a vir para confessar suas faltas e só pedem para ir embora, como um estudante a quem se chama para corrigi-lo. Podem a isso ser constrangidos por Espíritos superiores, como castigo e para instrução dos encarnados. A evocação é penosa para os bons Espíritos, quando são chamados, inutilmente, para futilidades; então, eles não vêm ou se retiram."

"Podeis dizer que, em princípio, os Espíritos, quaisquer que eles sejam, não gostam, assim como vós, de servir de distração para os curiosos. Frequentemente, não tendes outro objetivo, ao evocar um Espírito, senão o de ver o que ele vos dirá ou de interrogá-lo sobre as particularidades de sua vida, que ele não quer fazer-vos conhecer, porque nenhum motivo tem para fazer-vos confidências e julgais que ele vai colocar-se na berlinda, apenas para o vosso prazer? Desenganai-vos; o que ele não faria, enquanto vivo, não o fará, tampouco, como Espírito."

Nota: A experiência prova, com efeito, que a evocação é sempre agradável aos Espíritos, quando é feita com um objetivo sério e útil; os bons vêm, com prazer, nos instruir; os que sofrem, encontram alívio na simpatia, que se lhes demonstra; os que conhecemos ficam satisfeitos com a nossa lembrança. Os Espíritos levianos gostam de ser evocados pelas pessoas frívolas, porque, isso, lhes proporciona uma oportunidade de se divertir à custa delas; ficam pouco à vontade, com pessoas sérias."

22. Para se manifestar, os Espíritos têm, sempre, necessidade de ser evocados?

"Não, muito frequentemente, eles se apresentam sem serem chamados e isto prova que eles vêm de boa vontade."

23. Quando um Espírito apresenta-se, por si mesmo, pode-se estar mais certo de sua identidade?

"De maneira nenhuma, pois os Espíritos enganadores empregam, muitas vezes, este meio, para melhor enganar."

24. Quando se evoca, pelo pensamento, o Espírito de uma pessoa, este Espírito vem até nós, mesmo que não haja manifestação através da escrita ou de outro modo?

“A escrita é um meio material para o Espírito atestar sua presença, mas é o pensamento que o atrai e, não, o fato da escrita.”

25. Quando um Espírito inferior se manifesta, pode-se obrigá-lo a se retirar?

“Sim, não lhe dando atenção. Mas, como quereis que ele se retire, quando vos divertis com suas torpezas? Os Espíritos inferiores ligam-se àqueles que os ouvem com complacência, como os tolos entre vós.”

26. A evocação, feita em nome de Deus, será uma garantia contra a ingerência dos maus Espíritos?

“O nome de Deus não constitui um freio para todos os Espíritos perversos, mas contém muitos deles; através desse meio, afastais, sempre, alguns deles e muitos mais afastareis, se ela for feita do fundo do coração e, não, como uma fórmula banal.”

27. Poder-se-ia evocar, nominativamente, vários Espíritos, ao mesmo tempo?

“Para isso não há qualquer dificuldade e, se tivésseis três ou quatro mãos para escrever, três ou quatro Espíritos vos responderiam, ao mesmo tempo; é o que acontece, quando se dispõe de vários médiuns.”

28. Quando vários Espíritos são evocados, simultaneamente, e, quando há apenas um único méd’ium, qual o que responde?

“Um deles responde por todos e exprime o pensamento coletivo.”

29. O mesmo Espírito poderia comunicar-se, ao mesmo tempo e logo, logo, através de dois médiuns diferentes?

“Tão facilmente quanto tendes homens que ditam várias cartas, ao mesmo tempo.”

Nota: Vimos um Espírito responder, ao mesmo tempo, por dois médiuns, às perguntas que lhe dirigiam, a um, em inglês e a outro, em francês e as respostas eram idênticas, quanto ao sentido; algumas eram, até, a tradução literal uma da outra.

Dois Espíritos evocados, simultaneamente, por dois médiuns, podem estabelecer, entre si, uma conversação; este modo de comunicação, não sendo necessário para eles, já que leem reciprocamente seus pensamentos, a isso se prestam, algumas vezes, para nossa instrução. Se são Espíritos inferiores, como ainda estão imbuídos das paixões terrestres e das ideias corporais, pode acontecer-lhes de disputarem e de se apostrofarem, através de palavrões, de se censurarem, mutuamente, seus erros e, até, de atirar os lápis, cestas, pranchetas, etc., um contra o outro.

30. O Espírito evocado, ao mesmo tempo, em vários pontos, pode responder, simultaneamente, às perguntas que lhe são dirigidas?

“Sim, se for um Espírito elevado.”

a) — Neste caso, o Espírito se divide ou tem o dom da ubiquidade?

"O Sol é um só e, entretanto, irradia em seu derredor, levando ao longe os seus raios, sem se dividir; o mesmo se dá com os Espíritos. O pensamento do Espírito é como uma centelha que projeta, ao longe sua claridade e pode ser percebida, de todos os pontos do horizonte. Quanto mais puro for o Espírito, mais *irradia* o seu pensamento e se propaga como a luz. Os Espíritos inferiores são muito materiais; só podem responder a uma única pessoa, de cada vez, e não podem vir a um lugar, se são chamados em outro.

Um Espírito superior chamado, ao mesmo tempo, em dois pontos diferentes, responderá às duas evocações, se forem tão sérias e tão fervorosas, tanto uma, quanto a outra; no caso contrário, ele dá preferência à mais séria."

Nota: É o que acontece com um homem que, sem mudar de lugar, pode transmitir seu pensamento, através de sinais vistos de diferentes lados.

Numa sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em que a questão da ubiquidade tinha sido discutida, um Espírito ditou, espontaneamente, a seguinte comunicação:

"Perguntáveis, esta noite, qual a hierarquia dos Espíritos relativamente à ubiquidade. Comparai-vos a um balão que se eleva, pouco a pouco, nos ares. Quando ele roça o solo, apenas um pequeno círculo pode percebê-lo; à medida que se eleva, o círculo se lhe alarga e, quando ele chega a uma certa altura, aparece para uma infinidade de pessoas. É o que ocorre convosco: um mau Espírito, que ainda está preso à Terra, permanece num círculo restrito no meio das pessoas que o veem. Suba ele, em graça, melhore-se e poderá conversar com várias pessoas; e, quando tiver se tornado Espírito superior, poderá irradiar como a luz do Sol, mostrar-se a várias pessoas e em vários lugares, ao mesmo tempo." (*Channing.*)

31. Podem ser evocados os puros Espíritos, os que terminaram a série de suas encarnações?

"Sim, mas muito raramente; eles só se comunicam com os de coração puro e sincero e, não, com os *orgulhosos* e *egoístas*; por isso, é preciso desconfiar dos Espíritos inferiores, que tomam esta qualidade para se darem mais importância aos vossos olhos."

32. Como é que os Espíritos dos homens mais ilustres vêm, tão fácil e familiarmente, atender ao chamado dos homens mais obscuros?

"Os homens julgam os Espíritos, por si mesmos, o que é um erro; após a morte do corpo, as categorias terrenas não existem mais; não há distinção entre eles, senão a bondade e os que são bons, vão por toda a parte, onde haja um bem

a fazer.”

33. Depois da morte, quanto tempo deve-se levar para evocar um Espírito?

“Pode-se fazê-lo, no instante mesmo da morte; mas, como neste momento o Espírito ainda está em perturbação, só imperfeitamente responde.”

Nota: Sendo variável a duração da perturbação, não pode haver prazo fixo para fazer-se a evocação; entretanto, é raro que, ao final de oito dias, o Espírito já não se reconheça o bastante para poder responder; algumas vezes, ele o pode fazer dois ou três dias, depois da morte; em todos os casos, pode-se tentar fazê-lo, com cautela.

34. A evocação, no instante da morte, será mais penosa para o Espírito, do que o seria mais tarde?

“Algumas vezes; é como se vos arrancassem do sono, antes que estivésseis completamente despertos. Entretanto, há alguns que, de forma alguma, ficam contrariados e, isto, até os ajuda a sair da perturbação.”

35. Como o Espírito de uma criança, que morreu em tenra idade, pode responder com conhecimento de causa, quando, enquanto viva, não possuía ainda a consciência de si mesma?

“A alma da criança é um Espírito ainda *envolvido nas faixas da matéria*; mas, desligado da matéria, goza de suas faculdades de Espírito, porque os Espíritos não têm idade; o que prova que o Espírito da criança já viveu. Todavia, até que esteja completamente desligado, ele pode conservar, na sua linguagem, alguns traços do caráter da criança.”

Nota: A influência corporal que se faz sentir, mais ou menos tempo, sobre o Espírito da criança, faz-se igualmente notar, algumas vezes, sobre o Espírito daqueles que morreram em estado de loucura. O Espírito, em si mesmo, não é louco, mas, sabe-se, que certos Espíritos acreditam, durante algum tempo, ainda pertencerem a este mundo; portanto, não é de admirar que, no louco, o Espírito ainda se ressinta dos entraves que, durante a vida, se opunham à sua livre manifestação, até que esteja completamente desligado da matéria. Este efeito varia, de acordo com as causas da loucura, pois há loucos que recobram toda a lucidez de suas ideias, imediatamente, após a morte.

283. Evocação dos animais

36. Pode-se evocar o Espírito de um animal?

“Depois da morte do animal, o princípio inteligente, que nele estava, encontra-se em estado latente; ele é, logo utilizado, por certos Espíritos encarregados disso, para animar novos seres, nos quais ele continua a obra de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não há Espíritos de animais errantes, mas apenas Espíritos humanos. Isto responde à vossa pergunta.”

a) — Como é, então, que algumas pessoas, tendo evocado animais,

obtiveram respostas?

"Evocai um rochedo e ele vos responderá. Há sempre uma multidão de Espíritos prontos para tomar a palavra, sob qualquer pretexto."

Nota: É pela mesma razão que, se evocarem um mito ou um personagem alegórico, ele responderá: isto é, responderão por ele e o Espírito que se apresentará lhe tomará o caráter e as maneiras. Alguém teve, um dia, a ideia de evocar *Tartufo* e *Tartufo* veio logo; ainda mais, falou de Orgon, de Elmire, de Damis e de Valério de quem nos deu notícias; quanto a ele próprio, imitou o hipócrita com tanta arte, como se Tartufo tivesse sido um personagem real. Disse, mais tarde, ser o Espírito de um ator, que desempenhara este papel. Os Espíritos levianos sempre se aproveitam da inexperiência dos interrogadores; porém, evitam dirigir-se àqueles que eles sabem esclarecidos para descobrir suas imposturas e que não dariam crédito às suas histórias. O mesmo se dá entre os homens.

Um senhor tinha, em seu jardim, um ninho de pintassilgos pelos quais se interessava muito; um dia, o ninho desapareceu; tendo-se certificado de que ninguém de sua casa era culpado do delito, como ele próprio fosse médium, teve a ideia de evocar a mãe dos filhotinhos; ela veio e lhe disse, em francês, muito bom: "A ninguém acuses e tranquiliza-te quanto à sorte dos meus filhinhos: foi o gato que, saltando, derrubou o ninho; tu o encontrarás sob a forragem, assim como os passarinhos, que não foram comidos." Feita a verificação, encontrou-se exatamente o que fora dito. Dever-se-á con-cluir que foi o pássaro que respondeu? Certamente que não; mas simplesmente um Espírito, que conhecia a história. Isto prova, como se deve desconfiar das aparências e como é certa a resposta acima: evocai um rochedo e ele vos responderá." (Ver, mais atrás, no capítulo sobre a *Mediunidade nos animais*, item 234.)

284. Evocação das pessoas vivas

37. A encarnação do Espírito constituirá um obstáculo absoluto à sua evocação?

"Não, mas é preciso, que o estado do corpo permita ao Espírito desligar-se, nesse momento. O Espírito encarnado vem com tanto mais facilidade, quanto o mundo, onde se encontra, for de ordem mais elevada, porque, lá, os corpos são menos materiais."

38. Pode-se evocar o Espírito de uma pessoa viva?

"Sim, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. O Espírito de um vivo também pode, nesses momentos de liberdade, apresentar-se *sem ser evocado*; isto depende da simpatia pelas pessoas com as quais se comunica." (Ver item 116. *A História do homem da tabaqueira.*)

39. Em que estado se encontra o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?

“Ele dorme ou cochila; é quando o Espírito está livre.”

a) O corpo poderia despertar, enquanto o Espírito encontra-se ausente?

“Não; o Espírito é forçado a *voltar para sua habitação*; se, neste momento, conversa convosco, deixa-vos e, muitas vezes, vos diz por que motivo.”

40. Como, estando o Espírito ausente do corpo, é avisado da necessidade de sua presença?

“O Espírito nunca está completamente separado de um corpo vivo; a qualquer distância que se transporte, mantém-se a ele ligado, através de um elo fluídico, que serve para chamá-lo, quando isto é necessário; este elo só é rompido com a morte.”

Nota: Este elo fluídico foi, frequentemente, percebido por médiuns videntes. É uma espécie de rastro fosforescente, que se perde no Espaço e na direção do corpo. Alguns Espíritos disseram, que é através disso, que eles reconhecem os que pertencem ao mundo corporal.

41. O que aconteceria se, durante o sono e na ausência do Espírito, o corpo fosse mortalmente ferido?

“O Espírito seria avisado e retornaria, antes que a morte fosse consumada.”

a) Assim, não poderia acontecer que o corpo morresse, na ausência do Espírito e que, este, por sua vez, não pudesse retornar?

“Não; isto seria contrário à lei que rege a união da alma e do corpo.”

b) Mas, se o golpe fosse dado subitamente e de improviso?

“O Espírito seria avisado antes que o golpe mortal fosse dado.”

Nota: O Espírito de um vivo, interrogado sobre este fato, respondeu: “Se o corpo pudesse morrer, na ausência do Espírito, este seria um meio muito cômodo de se cometer suicídios hipócritas.

42. O Espírito de uma pessoa, evocada durante o sono, é tão livre para comunicar-se, quanto o de uma pessoa morta?

“Não; a matéria sempre o influencia, mais ou menos.”

Nota: Uma pessoa, que se achava neste estado, e a quem se dirigia esta pergunta, respondeu: *Estou sempre acorrentada à bola de ferro, que arrasto comigo*.

a) Neste estado, o Espírito poderia ser impedido de vir, porque se encontra em outra parte?

“Sim, pode acontecer que o Espírito esteja num lugar, onde lhe agrada permanecer e, então, não atende à evocação, principalmente, quando ela é feita por alguém, que não o interessa.”

43. Será absolutamente impossível evocar o Espírito de uma pessoa acordada?

"Embora difícil, isto não é, absolutamente, impossível, pois se a evocação *produz efeito*, pode acontecer que a pessoa adormeça; mas o Espírito não pode comunicar-se, como Espírito, senão em momentos em que sua presença não seja necessária à atividade inteligente do corpo."

Nota: A experiência prova, que a evocação feita durante o estado de vigília, pode provocar o sono ou, pelo menos, um torpor vizinho do sono, mas este efeito só pode se produzir por uma vontade muito enérgica e se existirem laços de simpatia entre as duas pessoas; de outra forma, a evocação *nenhum efeito produz*. Mesmo no caso em que a evocação poderia provocar o sono, se o momento for inoportuno, a pessoa, não querendo dormir, oporá resistência e, se ela sucumbe, seu Espírito ficará perturbado com isso e dificilmente responderá. Daí resulta que o momento mais favorável para a evocação de uma pessoa viva é o do sono natural, porque, estando livre o seu Espírito, pode vir na direção daquele que o chama, assim como também poderia ir a qualquer parte.

Quando a evocação é feita com consentimento da pessoa e, esta, procura adormecer para este efeito, pode acontecer que esta preocupação retarde o sono e perturbe o Espírito; é por isso que o sono, não forçado, ainda é preferível.

44. Uma pessoa viva, evocada, terá consciência disso, ao despertar?

"Não; vós mesmos o sois mais frequentemente do que pensais. Só o seu Espírito o sabe e pode, algumas vezes, deixar-lhe uma vaga impressão, como a de um sonho."

a) — Quem pode nos evocar, se somos seres obscuros?

"Em outras existências, podeis ter sido pessoas conhecidas, neste mundo, ou em outros; e, também, vossos parentes e vossos amigos podem, igualmente, fazê-lo, neste mundo, ou em outros. Suponhamos que vosso Espírito tenha animado o corpo do pai de uma outra pessoa. Pois bem! Quando esta pessoa evocar seu pai, é vosso Espírito que será evocado e que responderá."

45. Evocado, o Espírito de uma pessoa viva, responderá como Espírito ou com as ideias do estado de vigília?

"Isso depende de sua elevação, mas julga com mais ponderação e tem menos preconceitos, exatamente como os sonâmbulos; é um estado quase semelhante."

46. Se o Espírito de um sonâmbulo fosse evocado, no estado de sono magnético, seria mais lúcido do que o de qualquer outra pessoa?

"Responderia, sem dúvida, mais facilmente, porque encontra-se mais desligado; tudo depende do grau de independência do Espírito, relativamente ao corpo."

a) — O Espírito de um sonâmbulo poderia responder a uma pessoa, que o evocasse a distância, ao mesmo tempo, que respondesse, verbalmente, a uma

outra pessoa?

“A faculdade de se comunicar simultaneamente, em dois pontos diferentes, só os Espíritos completamente desprendidos da matéria a possuem.

47. Poder-se-iam modificar as ideias de uma pessoa, no estado de vigília, agindo sobre seu Espírito, durante o sono?

“Sim, algumas vezes; o Espírito não se encontra mais ligado à matéria por elos tão íntimos, por isso, é mais acessível às impressões morais e estas impressões podem influir sobre sua maneira de ver, no estado comum. Infelizmente, muitas vezes, acontece que, ao despertar, a natureza corporal se sobrepõe e o faz esquecer as boas resoluções que possa ter tomado.”

48. O Espírito de uma pessoa viva é livre para dizer ou, não, o que queira?

“Ele possui suas faculdades de Espírito e, por conseguinte, seu livre-arbítrio e, como tem mais perspicácia, mostra-se mais circunspecto do que no estado de vigília.”

49. Poder-se-ia constranger uma pessoa, evocando-a, a dizer o que ela desejaria calar?

“Eu disse que o Espírito tem seu livre-arbítrio; mas pode acontecer que, como Espírito, ela dê menos importância a certas coisas do que no estado comum; sua consciência pode falar mais livremente. Além disso, se ela não quiser falar, poderá sempre escapar às importunações, indo-se embora, pois não se pode reter seu Espírito, como se reteria o seu corpo.”

50. O Espírito de uma pessoa viva poderia ser constrangido, por um outro Espírito, a vir e falar, assim como acontece com os Espíritos errantes?

“Entre os Espíritos, sejam de mortos ou de vivos, só há supremacia pela superioridade moral e bem deveis compreender, que um Espírito superior, jamais prestaria seu apoio a uma covarde indiscrição.”

Nota: Este abuso de confiança seria, de fato, uma ação má, mas que não poderia ter qualquer resultado, visto que não se pode arrancar um segredo, que o Espírito quisesse calar, a menos que, dominado por um sentimento de justiça, ele confessasse o que, em outras circunstâncias, calaria.

Uma pessoa quis saber, por este meio, de um de seus parentes, se o testamento deste último era em seu favor. O Espírito respondeu: “Sim, minha querida sobrinha e logo tereis a prova.” A coisa era, de fato, real, porém, poucos dias depois, o parente destruiu seu testamento e teve a malícia de fazer a pessoa ciente disso, sem que, entretanto, ele soubesse ter sido evocado. Um sentimento instintivo o levou, sem dúvida, a executar a resolução, que seu Espírito havia tomado, de acordo com a pergunta que lhe fora feita. Há covardia em perguntar ao Espírito de um morto ou de um vivo o que não se ousaria perguntar à sua pessoa e esta covardia, nem mesmo tem, por compensação, o resultado que se pretende.

51. Pode-se evocar um Espírito cujo corpo ainda se encontra no seio materno?

"Não; bem sabeis, que nesse momento, o Espírito está em completa perturbação."

Nota: A encarnação só se dá, definitivamente, no momento em que a criança respira; porém, desde a concepção, o Espírito designado para animá-lo é tomado por uma perturbação que aumenta com a aproximação do nascimento e tira-lhe a consciência de si mesmo e, por conseguinte, a faculdade de responder. (Ver *O Livro dos Espíritos*: "Retorno à vida corporal; União da alma e do corpo, questão 344.)

52. Um Espírito mistificador poderia tomar o lugar de uma pessoa viva, que se evocasse?

"Não há dúvida e isto acontece com muita frequência, principalmente, quando a intenção do evocador não é pura. Aliás, a evocação das pessoas vivas só tem interesse como estudo psicológico; convém que dela vos abstenhais todas as vezes que ela não puder ter um resultado instrutivo."

Nota: Se a evocação dos Espíritos errantes nem sempre *dá resultado*, para nos servir da expressão deles, isto é muito mais frequente para os que estão encarnados; é, então, principalmente, que Espíritos mistificadores tomam o lugar dos evocados.

53. A evocação de uma pessoa viva tem inconvenientes?

"Nem sempre ela é sem perigo; isso depende da condição da pessoa, pois se ela estiver doente, poderá aumentar seus sofrimentos."

54. Em que caso a evocação de uma pessoa viva poderá ter mais inconvenientes?

"Devem-se abster de evocar as crianças de tenra idade e as pessoas gravemente doentes, os velhos enfermos; numa palavra, ela pode ter inconvenientes, todas as vezes, em que o corpo estiver muito enfraquecido."

Nota: A brusca suspensão das qualidades intelectuais, durante o estado de vigília, poderia também oferecer perigo, se a pessoa, nesse momento, precisasse de toda a sua presença de Espírito.

55. Durante a evocação de uma pessoa viva, seu corpo experimenta fadiga, em consequência do trabalho a que se entrega o Espírito, embora ausente?

"Uma pessoa, neste estado, e que achava que seu corpo se fatigava, respondeu a esta pergunta:

"Meu Espírito é como um balão cativo preso a uma estaca; meu corpo é a estaca, que é balançada pelas oscilações do balão."

56. Visto que a evocação das pessoas vivas pode ter inconvenientes, quando é feita sem precaução, não existirá o perigo, quando se evoca um Espírito, que não se sabe se está encarnado e que poderia não se encontrar em condições

favoráveis?

"Não, as circunstâncias não são as mesmas; ele só virá se estiver em condição de fazê-lo; e, além disso, eu já não vos disse para perguntar, antes de fazer uma evocação, se ela é possível?"

57. Quando experimentamos, nos momentos mais inoportunos, uma irresistível vontade de dormir, isto proviria de estarmos sendo evocados em algum lugar?

"Isto pode, sem dúvida, acontecer, mas com maior frequência, é um efeito puramente físico, seja porque o corpo tenha necessidade de repouso, seja porque o Espírito tenha necessidade de liberdade."

Nota: Uma senhora de nosso conhecimento, médium, teve, um dia, a ideia de evocar o Espírito de seu neto, que dormia, no mesmo quarto. A identidade foi constatada pela linguagem, as expressões familiares da criança e pela narrativa, muito exata, de várias coisas que lhe tinham acontecido, no internato; porém, uma circunstância veio confirmá-la. De repente, a mão da médium para, no meio da frase, sem que fosse possível obter algo a mais; neste momento, a criança, meio desperta, fez vários movimentos na sua cama; alguns instantes depois, tendo adormecido novamente, a mão moveu-se de novo, continuando a conversa interrompida. A evocação das pessoas vivas, feita em boas condições, prova, da maneira menos contestável, a ação do Espírito distinta da do corpo e, por conseguinte, a existência de um princípio inteligente independente da matéria. (Ver na *Revista Espírita* de 1860, páginas 11 e 81, vários exemplos notáveis de evocação de pessoas vivas.)

285. Telegrafia humana

58. Duas pessoas, evocando-se, reciprocamente, poderiam transmitir seus pensamentos e corresponderem-se?

"Sim, e esta *telegrafia humana será, um dia, um meio universal de correspondência*."

a) Por que não seria praticada desde já?

"Ela o é por algumas pessoas, não por todo mundo; é preciso que os homens *se depurem* para que seus Espíritos se desliguem da matéria e isto é mais uma razão para se fazer a evocação em nome de Deus. Até lá, ela está circunscrita às *almas de elite* e desmaterializadas, o que raramente se encontra, no estado atual, dos habitantes da Terra."

CAPÍTULO XXVI

PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS

Observações preliminares. – Perguntas simpáticas ou antipáticas aos espíritos. – Perguntas sobre o futuro. – Sobre as existências passadas e futuras. – Sobre os interesses morais e materiais. – Sobre a destinação dos espíritos. – Sobre a saúde. – Sobre as invenções e descobertas. – Sobre os tesouros ocultos. – Sobre os outros mundos

Observações preliminares

286. Nunca será demasiada a importância que se dê à maneira de se formular as perguntas e, menos ainda, à natureza das perguntas. Duas coisas devem-se considerar naquelas que se dirigem aos Espíritos: a forma e o fundo. Com relação à forma, elas devem ser redigidas com clareza e precisão, evitando as perguntas complexas. Mas há um outro ponto não menos importante, é a ordem que deve presidir à disposição delas. Quando um assunto requer uma série de perguntas, é essencial que elas se encadeiem com método, de maneira que decorram, naturalmente, umas das outras; os Espíritos respondem a elas muito mais facilmente e mais claramente do que quando são feitas ao acaso, passando, sem transição, de um tema para outro. É por esta razão que é sempre muito útil prepará-las, antecipadamente, salvo para intercalar, imediatamente, as que surgem pelas circunstâncias. Além disso, a redação, que deve ser melhor, sendo feita com a mente descansada; este trabalho preparatório constitui, como já o dissemos, uma espécie de evocação antecipada, a que o Espírito pode ter assistido e ter-se colocado à disposição para responder. Notar-se-á que muito frequentemente, o Espírito responde, por antecipação, a algumas perguntas, o que prova que as conhecia de antemão.

O fundo da questão requer uma atenção ainda mais séria, pois, frequentemente, é a natureza da pergunta que provoca uma resposta certa ou falsa; há algumas sobre as quais os Espíritos não podem ou não devem responder, por motivos que nos são desconhecidos; portanto, é inútil insistir; mas o que se deve evitar, acima de tudo, são as perguntas feitas com o objetivo de

lhes pôr à prova a perspicácia. Quando uma coisa existe, dizem, eles a devem saber; ora, é precisamente porque conheceis a coisa ou que tendes os meios de verificá-la, vós mesmos, é que eles não se dão ao trabalho de responder; essa suspeita os melindra e nada se obtém de satisfatório. Não temos, todos os dias, exemplos disso entre nós? Homens superiores e que têm consciência de seu valor, gostariam de responder a todas as perguntas tolas que tentassem submetê-los a um exame, como se fossem estudantes? O desejo de fazer um adepto desta ou daquela pessoa, não constitui, para os Espíritos, um motivo de satisfazer uma vã curiosidade; eles sabem que a convicção chegará, cedo ou tarde, e os meios que empregam para conduzi-la, nem sempre são aqueles que supomos.

Imaginai um homem circunspecto, ocupado com coisas úteis e sérias, incessantemente atormentado pelas perguntas pueris de uma criança e tereis uma ideia do que devem pensar os Espíritos superiores de todas as tolices que se lhes endereçam. Daí, não se segue que não se possam obter, da parte dos Espíritos, informações úteis e, principalmente, muitos bons conselhos, mas eles respondem mais ou menos bem, conforme os conhecimentos que eles próprios possuem, o interesse que merecemos da parte deles e a afeição que nos dedicam e, finalmente, conforme o objetivo a que nos propomos e a utilidade que veem; mas se todo o nosso pensamento se limita em considerá-los mais aptos do que outros para nos esclarecer utilmente sobre as coisas deste mundo, eles não podem ter por nós uma simpatia profunda; desde então, só fazem aparições muito curtas e, muitas vezes, conforme o grau de sua imperfeição, demonstram seu mau-humor por terem sido inutilmente incomodados.

287. Algumas pessoas pensam que é preferível abster-se de formular perguntas e que convém aguardar o ensino dos Espíritos, sem provocá-lo: aí está um erro. Os Espíritos dão, sem a menor dúvida, instruções espontâneas de elevado alcance e que seria errôneo negligenciar; mas há explicações que, muitas vezes, teríamos que aguardar muito tempo, se não as solicitássemos. Sem as perguntas que propusemos, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* ainda estariam por fazer-se ou, estariam, pelo menos, bem menos completos e uma imensidade de problemas de grande importância ainda estaria por resolver. As perguntas, longe de apresentar o menor inconveniente, são de uma grandíssima utilidade, do ponto de vista da instrução, quando se sabe encerrá-las nos limites desejados. Elas têm uma outra vantagem: a de ajudar a desmascarar os Espíritos mistificadores que, sendo mais vaidosos do que sábios, raramente suportam, pelo seu interesse, a prova das perguntas de uma lógica cerrada, através das quais os empurram às suas últimas trincheiras. Como os Espíritos verdadeiramente

superiores nada têm a temer de semelhante verificação, são os primeiros a provocar explicações sobre os pontos obscuros; os outros, ao contrário, temendo ter que enfrentar o adversário mais forte, têm grande cuidado de evitá-los; também recomendam, geralmente, aos médiuns a quem desejam dominar e aos quais desejam fazer que aceitem suas utopias, que se abstenham de toda controvérsia relativa aos seus ensinos.

Se compreendem bem o que dissemos até aqui, nesta obra, já se pode fazer uma ideia do círculo no qual convém encerrar as perguntas que se podem dirigir aos Espíritos; entretanto, para maior segurança, inserimos, abaixo, as respostas que foram dadas sobre os principais assuntos, sobre os quais as pessoas pouco experientes estão, geralmente, dispostas a interrogá-los.

288. Perguntas simpáticas ou antipáticas aos espíritos

1. Os Espíritos respondem, de boa vontade, às perguntas que lhes são dirigidas?

"Conforme as perguntas. Os Espíritos sérios respondem sempre com prazer àquelas que têm por objetivo o bem e os meios de vos fazer progredir. Eles não dão ouvidos às perguntas fúteis."

2. Basta que uma pergunta seja séria para obter uma respostas séria?

"Não, isso depende do Espírito que responde."

a) Mas uma pergunta séria não afasta os Espíritos levianos?

"Não é a pergunta que afasta os Espíritos levianos, *é o caráter daquele que a formula*."

3. Quais são as perguntas particularmente antipáticas aos bons Espíritos?

"Todas as que são inúteis ou que são feitas com o objetivo de curiosidade e de experiência; então, não respondem a elas e se afastam."

a) Haverá perguntas que sejam antipáticas aos Espíritos imperfeitos?

"Unicamente aquelas que lhes podem evidenciar a ignorância ou a mistificação, quando procuram enganar; de outro modo, respondem a tudo, sem se preocupar com a verdade."

4. Que se deve pensar das pessoas que não veem nas comunicações espíritas senão uma distração e um passatempo, ou um meio de obter revelações sobre o que as interessa?

"Essas pessoas agradam muito aos Espíritos inferiores que, como elas, querem divertir-se e ficam contentes, quando as têm mistificadas".

5. Quando os Espíritos não respondem a certas perguntas, será por um efeito

da vontade deles ou por que uma força superior se opõe a certas revelações?

"Por ambas; existem coisas que não podem ser reveladas e, outras, que o próprio Espírito não conhece."

a) — Insistindo-se, fortemente, o Espírito acabaria respondendo?

"Não; o Espírito, que não quer responder, tem sempre a facilidade de ir embora. É por isso que se torna necessário aguardar, quando vos dizem para fazê-lo e, principalmente, não teimar em querer forçar-nos a responder. Insistir, para obter uma resposta, que não se quer vos dar, é um meio certo de ser enganado."

6. Todos os Espíritos estão aptos para compreender as perguntas que se lhes proponham?

"Longe disso; os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas questões, o que não os impede de responder bem ou mal, como acontece entre vós."

Nota: Em certos casos, e quando é útil, acontece, muitas vezes, que um Espírito mais esclarecido vem em auxílio do Espírito ignorante e lhe sopra o que deva dizer. Reconhece-se, facilmente, pelo contraste de certas respostas e, além disso, porque o próprio Espírito, muitas vezes, está de acordo. Isto só ocorre com os Espíritos ignorantes, mas de boa-fé, mas nunca com aqueles que fazem alarde de um falso saber.

289. Perguntas sobre o futuro

7. Os Espíritos podem nos fazer conhecer o futuro?

"Se o homem conhecesse o futuro, descuidaria do presente.

E, aí, está ainda um ponto sobre o qual insistis, sempre, para obter uma resposta precisa; é um grande erro, pois a manifestação dos Espíritos não é um meio de adivinhação. Se quereis, absolutamente, uma resposta, ela vos será dada por um Espírito estouvado: nós o temos dito, a todo instante." (Ver *O Livro dos Espíritos*, "Conhecimento do futuro", questão 868.)

8. Entretanto, algumas vezes, não há acontecimentos futuros, que são anunciados, espontaneamente e, com verdade, pelos Espíritos?

"Pode acontecer que o Espírito preveja coisas, que ele julga útil revelar, ou que ele tem a missão de tornar-vos conhecidas; mas deve-se ainda mais desconfiar dos Espíritos enganadores, que se divertem em fazer predições. Só o conjunto das circunstâncias é que permite avaliar o grau de confiança que elas merecem."

9. Qual o gênero de previsões de que mais se deve desconfiar?

"Todas as que não possuem um objetivo de utilidade geral. As predições

pessoais podem, quase sempre, ser consideradas apócrifas.”

10. Qual é o objetivo dos Espíritos que anunciam, espontaneamente, acontecimentos que não se realizam?

“Na maioria das vezes, é para divertir-se com a credulidade, o terror ou a alegria que causam; depois, riem do desapontamento. Essas predições mentirosas têm, entretanto, algumas vezes, um objetivo sério: é de pôr à prova aquele a quem elas são feitas, a fim de observar a maneira como leva a coisa e a natureza dos sentimentos, bons ou maus, que, nele, ela faz despertar.”

Nota: Assim seria, por exemplo, o anúncio do que pode lisonjear a cupidez ou a ambição, como a morte de uma pessoa, a perspectiva de uma herança, etc.

11. Por que os Espíritos sérios, quando fazem pressentir um acontecimento, comumente, não lhe fixam a data? Será por impotência ou por não terem vontade?

“Por uma e outra coisa; eles podem, em certos casos, fazer *pressentir* um acontecimento: é, então, um aviso que vos dão. Quanto a precisar-lhe a época, muitas vezes, não devem fazê-lo; frequentemente, também, não o podem, porque, eles próprios, não o sabem. O Espírito pode prever que um fato se dará, mas o momento preciso pode depender de acontecimentos, que ainda não se verificaram e que só Deus conhece. Os Espíritos levianos, que não têm qualquer escrúpulo em vos enganar, vos indicam os dias e as horas, sem se preocuparem com o acerto. É por isso que toda predição *circunstanciada* deve vos ser suspeita.

“Mais uma vez: nossa missão consiste em fazer-vos progredir; nós vos ajudamos tanto quanto podemos. Aquele que pede a sabedoria aos Espíritos superiores jamais será enganado; porém não acrediteis que percamos nosso tempo a ouvir todas as vossas tolices e a vos predizer a boa sorte; deixamos isto para os Espíritos levianos, que com isso se divertem, como crianças travessas.

A Providência pôs limites às revelações que podem ser feitas ao homem. Os Espíritos sérios guardam silêncio sobre o que lhes é proibido revelar. Insistindo para obter uma resposta, expõe-se às deslealdades dos Espíritos inferiores, sempre prontos para se aproveitarem das oportunidades de armar ciladas para vossa credulidade.”

Nota: Os Espíritos veem ou pressentem, por indução, os acontecimentos futuros; eles os veem realizar-se, num tempo, que não medem como nós; para precisar-lhes a época, ser-lhes-ia preciso identificar-se com nossa maneira de calcular a duração, o que nem sempre consideram necessário; daí, muitas vezes, uma causa de erros aparentes.

12. Não haverá homens dotados de uma faculdade especial, que os faz entrever o futuro?

"Sim, aqueles cuja alma se desprende da matéria; então, é o Espírito quem vê; e, quando é útil, Deus lhes permite revelar certas coisas, para o bem; porém, há, ainda, mais impostores e charlatães. Esta faculdade será mais comum no futuro."

13. Que se deve pensar dos Espíritos que gostam de predizer a alguém sua morte, em dia ou hora fixa?

"São Espíritos de mau gosto e de muito mau gosto, que outro objetivo não têm, senão o de satisfazer-se com o medo que causam. Não há com que se preocupar."

14. Como é que algumas pessoas são avisadas, por pressentimento, da época de sua morte?

"Na maioria das vezes, é o próprio Espírito delas que, nos seus momentos de liberdade, o sabe e disso conserva uma intuição ao despertar. É por isso que essas pessoas, estando preparadas para isso, não se amedrontam, nem se emocionam. Elas não veem nessa separação do corpo e da alma, senão uma mudança de situação, ou, se preferirdes e usando uma linguagem mais comum, o abandono de uma veste de tecido grosseiro, por uma roupa de seda. O temor da morte diminuirá, à medida que as crenças espíritas se dilatarem."

290. Perguntas sobre as existências passadas e futuras

15. Os Espíritos podem nos fazer conhecer nossas existências passadas?

"Deus permite, algumas vezes, que elas sejam reveladas, conforme o objetivo; se for para vossa edificação e vossa instrução, elas serão verdadeiras e, neste caso, a revelação é, quase sempre, feita espontaneamente e de uma maneira inteiramente imprevista; mas ele nunca o permite para satisfazer uma vã curiosidade."

a) — Por que alguns Espíritos nunca se recusam a essas espécies de revelações?

"São Espíritos brincalhões, que se divertem às vossas custas. Em geral, deveis considerar como falsas, ou, pelo menos, suspeitas, todas as revelações desta natureza, que não têm um objetivo eminentemente sério e útil. Os Espíritos brincalhões divertem-se a lisonjear o amor-próprio através de pretensas origens. Há médiuns e crentes que aceitam, por dinheiro, o que lhes é dito sobre este ponto e que não veem que o estado atual de seus Espíritos não justifica, em nada, a categoria que pretendem ter ocupado; vaidadezinha com que se divertem os

Espíritos brincalhões, assim como os homens. Seria mais lógico e mais conforme a marcha progressiva dos seres, que eles tivessem subido do que terem descido, o que seria mais honroso para eles. Para que se pudesse dar crédito a essas espécies de revelações, seria preciso que elas fossem feitas, espontaneamente, por diversos médiuns estranhos uns aos outros e ao que, teria sido revelado, anteriormente; aí, então, haveria razão evidente para acreditar."

b) — Se não se pode conhecer sua individualidade anterior, o mesmo se dá com o gênero de existência que se teve, a posição social que se ocupou, as qualidades e os defeitos que predominaram em nós?

"Não, isto pode ser revelado, porque delas podeis tirar proveito para vosso melhoramento; mas, além disso, estudando vosso presente, podeis, vós mesmos, deduzir o vosso passado." (Ver *O Livro dos Espíritos*: "Esquecimento do passado, questão 392.)

16. Pode nos ser revelada alguma coisa sobre nossas existências futuras?

"Não; tudo o que vos disserem alguns Espíritos, a esse respeito, não passa de uma brincadeira e isto se compreende: vossa existência futura não pode ser antecipadamente determinada, visto que será conforme a tiverdes feito, vós mesmos, pela vossa conduta, na Terra, e pelas resoluções que tiverdes tomado, quando fordes Espírito. Quanto menos tiverdes que expiar, tanto mais feliz ela será; mas saber, onde e como será essa existência, repetimos, mais uma vez, é impossível, salvo o caso especial e raro dos Espíritos, que só estarão, na Terra, para, aí, cumprir uma missão importante, porque, então, o caminho deles está, de certo modo, previamente traçado."

291. Perguntas sobre os interesses morais e materiais

17. Podem-se pedir conselhos aos Espíritos?

"Sim, certamente; os bons Espíritos nunca se recusam a auxiliar aqueles que os invocam com confiança, principalmente no que se refere à alma; repelem, porém, os hipócritas, *aqueles que aparentam pedir a luz e se comprazem nas trevas*."

18. Os Espíritos podem dar conselhos sobre coisas de interesse particular?

"Algumas vezes, conforme o motivo. Isso também depende daqueles a quem nos dirigimos. Os conselhos, que se referem à vida particular, são dados com mais exatidão pelos Espíritos familiares, porque se ligam a uma pessoa e interessam-se pelo que lhe diz respeito: é o amigo, o confidente de vossos mais secretos pensamentos; porém, muitas vezes, vós os cansais com perguntas tão descabidas, que eles vos deixam para lá. Seria tão absurdo perguntar coisas

íntimas a Espíritos que vos são estranhos, como o seria dirigir-vos, para isto, ao primeiro indivíduo que encontrásseis no vosso caminho. Jamais deveríeis vos esquecer, que a puerilidade das perguntas é incompatível com a superioridade dos Espíritos. Deve-se também levar em conta as qualidades do Espírito familiar, que pode ser bom ou mau, conforme suas simpatias pela pessoa a que ele se ligue. O Espírito familiar de um homem mau é um Espírito mau, cujos conselhos podem ser perniciosos, mas que se afasta e cede o lugar a um Espírito melhor, se o próprio homem se melhora. Semelhantes se atraem."

19. Os Espíritos familiares podem favorecer os interesses materiais através das revelações?

"Podem e, algumas vezes, o fazem, conforme as circunstâncias, mas ficai certos de que os bons Espíritos nunca se prestam a servir à cupidez. Os maus vos propõem, como vantajosos, diante dos vossos olhos, mil atrativos para estimulá-la e, depois, vos mistificar pela decepção. Ficai também sabendo que se vossa prova é de passar por esta ou aquela vicissitude, vossos Espíritos protetores podem vos ajudar a suportá-la com mais resignação, suavizá-la, algumas vezes; porém, no próprio interesse do vosso futuro, não lhes é permitido isentar-vos dela. É, assim, que um bom pai não concede ao seu filho tudo o que ele deseja."

Nota: Nossos Espíritos protetores podem, em várias circunstâncias, indicar-nos o melhor caminho, sem, entretanto, nos conduzir constrangidos, caso contrário, perderíamos toda iniciativa e não ousaríamos dar um passo, sem a eles recorrermos e, isto, com prejuízo de nosso aperfeiçoamento. Para progredir, o homem necessita, muitas vezes, adquirir experiência à sua própria custa; é por isso que os Espíritos prudentes, aconselhando-nos, nos deixam, muitas vezes, entregues às nossas próprias forças, como o faz um professor hábil, com seus alunos. Nas circunstâncias comuns da vida, eles nos aconselham através da inspiração e nos deixam, assim, todo o mérito do bem, como nos deixam toda a responsabilidade da má escolha.

Seria abusar da condescendência dos Espíritos familiares e equivocar-se sobre a missão que desempenham, interrogá-los, a cada instante, sobre as coisas mais vulgares, como o fazem alguns médiuns. Há alguns que, por um sim ou por um não, pegam o lápis e pedem conselhos para o ato mais simples. Esta mania denota a pequenez nas ideias; ao mesmo tempo que há a presunção de supor, que se tem sempre um Espírito servindo às suas ordens, e que outra coisa não têm a fazer, senão ocupar-se de nós e de nossos pequenos interesses. Além disso, é aniquilar seu próprio discernimento e se reduzir a um papel passivo, sem proveito para a vida presente e, certamente, prejudicial ao adiantamento futuro. Se há puerilidade em interrogar os Espíritos sobre coisas fúteis, não há menos, da parte dos Espíritos que, espontaneamente, se ocupam com o que se pode chamar — detalhes íntimos; eles podem ser bons, mas, certamente, ainda são muito terrestres.

20. Se, ao morrer, uma pessoa deixa negócios embaraçados, pode-se pedir a seu Espírito para ajudar a desembaraçá-los? E pode-se, também, interrogá-lo

sobre os haveres reais que deixou, no caso em que estes haveres não fossem conhecidos, se fosse no interesse da justiça?

"Esqueceis que a morte é uma libertação dos cuidados terrenos; julgais, então, que o Espírito, que está feliz com sua liberdade, venha, de boa vontade, retomar sua cadeia e ocupar-se com coisas que já não lhe dizem respeito, apenas para satisfazer a cupidez de seus herdeiros que, talvez, tenham se rejubilado com sua morte, na esperança de que ela lhes fosse proveitosa? Falais de justiça; mas a justiça está na decepção da cobiça deles; é o início das punições que Deus lhes reserva à avidez dos bens da Terra. Aliás, os embaraços em que deixa, algumas vezes, a morte de uma pessoa, fazem parte das provas da vida e não está no poder de qualquer Espírito libertar-vos delas, porque estão nos decretos de Deus."

Nota: A resposta, acima, desapontará, sem dúvida, os que imaginam que os Espíritos nada melhor têm a fazer do que nos servir de auxiliares clarividentes para nos guiar, não para o Céu, mas para a Terra. Uma outra consideração vem em apoio a esta resposta. Se um homem, por incúria, deixou, durante sua vida, seus negócios em desordem, não é verossímil que, depois de sua morte, tenha com eles mais cuidado, porquanto ele deve ficar feliz de ter-se livrado das marcas que eles lhe causavam e, por menos elevado que seja, ainda menos importância lhes dará, como Espírito, do que como homem. Quanto aos bens desconhecidos que tenha podido deixar, nenhum motivo tem de interessar-se por herdeiros ávidos que, provavelmente, não pensariam mais nele, se não esperassem tirar-lhe alguma coisa e, se estiver ainda imbuído das paixões humanas, poderá encontrar um malicioso prazer no desapontamento deles.

Se, no interesse da justiça e das pessoas pelas quais tem afeição, um Espírito julga útil fazer revelações deste gênero, ele o fará, espontaneamente, e, para isso, não há necessidade de ser médium, nem de recorrer a um médium; ele levará o conhecimento das coisas através de circunstâncias fortuitas, mas nunca a pedido que se lhe façam, visto que este pedido não pode mudar a natureza das provas, que se devam suportar; seria antes um motivo para agravá-las, porque é, quase sempre, um indício de cupidez e prova ao Espírito, que só se ocupam com ele por interesse. (Ver item 295.)

292. Perguntas sobre a destinação dos Espíritos

21. Podem-se pedir esclarecimentos aos Espíritos sobre a situação em que se encontram, no mundo dos Espíritos?

"Sim, e eles os dão de boa vontade, quando o pedido é ditado pela simpatia ou o desejo de ser útil e, não, pela curiosidade."

22. Os Espíritos podem descrever a natureza de seus sofrimentos ou de sua felicidade?

"Perfeitamente e essas espécies de revelações constituem um grande ensinamento para vós, pois elas vos iniciam na verdadeira natureza das penas e recompensas futuras; destruindo as falsas ideias que fazeis a este respeito,elas

tendem a reanimar a fé e vossa confiança na bondade de Deus. Os bons Espíritos ficam felizes de vos descrever a felicidade dos eleitos; os maus podem ser constrangidos a descrever seus sofrimentos, a fim de neles provocar o arrependimento; nisso encontram mesmo, algumas vezes, uma espécie de alívio: é o infeliz que exala seu lamento, na esperança de obter compaixão.

Não esqueçais que o objetivo essencial, exclusivo, do Espiritismo, é o vosso melhoramento e é, para o alcançardes que é permitido aos Espíritos iniciar-vos na vida futura, oferecendo-vos exemplos de que podeis aproveitar. Quanto mais vos identificardes com o mundo que vos espera, menos saudades sentireis daquele em que estais agora. Em suma, este é o objetivo atual da revelação."

23. Evocando-se uma pessoa, cujo destino é desconhecido, poder-se-á saber, dela mesma, se ainda existe?

"Sim, se a incerteza de sua morte não constituir uma *necessidade* ou uma prova para aqueles que têm interesse em sabê-lo."

a) Se ela estiver morta, poderá fazer conhecidas as circunstâncias de sua morte, de maneira que se possa verificar?

"Se a isso der alguma importância, ela o fará; do contrário, pouco se incomodará com o fato."

Nota: A experiência prova que, neste caso, o Espírito, de forma alguma, encontra-se interessado nos motivos que possam ter de conhecer as circunstâncias de sua morte; se tiver que revelá-los, ele o fará por si mesmo, quer por via mediúnica, quer por meio de visões ou aparições e pode, então, dar as indicações mais precisas; caso contrário, um Espírito mistificador pode, perfeitamente, despistar e divertir-se, induzindo a fazer pesquisas inúteis.

Acontece, frequentemente, que o desaparecimento de uma pessoa, cuja morte não pode ser oficialmente constatada, traz embaraços aos negócios de família. Apenas em casos muito raros e muito excepcionais é que vimos os Espíritos indicarem o caminho correto, conforme o pedido que lhes foi feito; se quisessem fazê-lo, sem dúvida, o poderiam, porém, muitas vezes, isto não lhes é permitido, se esses embaraços representam provas para aqueles que estariam interessados em livrar-se deles.

É, portanto, iludir-se com uma esperança quimérica, perseguir, por este meio, recuperações de heranças, cujo único dado positivo é o dinheiro que se gasta nesta empreitada.

Não faltam Espíritos dispostos a incutir semelhantes esperanças e que nenhum escrúpulo têm em induzir a procedimentos com os quais, muitas vezes, fica-se muito feliz de estar quite com apenas um pouco de ridículo.

293. Perguntas sobre a saúde

24. Os Espíritos podem dar conselhos relativos à saúde?

"A saúde é uma condição necessária para o trabalho que se deve executar, na Terra, é por isso que os Espíritos dela se ocupam de boa vontade; porém, como

há, entre eles, ignorantes e sábios, não convém para isto, como para qualquer outra coisa, dirigir-se ao primeiro que apareça.”

25. Dirigindo-nos ao Espírito de uma celebridade médica, estaremos mais seguros de obter um bom conselho?

“As celebridades terrenas não são infalíveis e possuem, muitas vezes, ideias sistemáticas que, nem sempre, são justas e das quais a morte não as liberta, imediatamente. A ciência terrestre é bem pouca coisa ao lado da Ciência celeste; apenas os Espíritos superiores possuem esta última ciência; sem terem nomes que conheçais, podem saber muito mais que vossos sábios, sobre todas as coisas. Não é só a ciência, que torna os Espíritos superiores e ficaríeis muito espantados da categoria, que alguns sábios ocupam entre nós. O Espírito de um sábio pode, portanto, não saber mais do que quando estava na Terra, se não tiver progredido como Espírito.”

26. O sábio, ao se tornar Espírito, reconhece seus erros científicos?

“Se tiver chegado a um grau bastante elevado para estar livre de sua vaidade e compreender que seu desenvolvimento não é completo, ele os reconhece e os confessa sem pejo; mas se ainda não estiver bastante desmaterializado, pode conservar alguns dos preconceitos de que se encontrava imbuído na Terra.”

27. Um médico poderia, evocando os Espíritos de seus pacientes que morreram, obter deles esclarecimentos sobre a causa de suas mortes, os erros que pode ter cometido no tratamento deles e adquirir, assim, um acréscimo de experiência?

“Ele o pode e isto seria muito útil para ele, principalmente, se fosse assistido por Espíritos esclarecidos que supririam a falta de conhecimento de certos doentes. Mas, para isto, seria preciso que fizesse este estudo de uma maneira séria, assídua, com um objetivo humanitário e, não, como meio de obter, sem trabalho, saber e riqueza.”

294. Perguntas sobre as invenções e descobertas

28. Os Espíritos podem guiar os homens nas pesquisas científicas e nas descobertas?

“A Ciência é obra do gênio; só deve ser adquirida pelo trabalho, pois é somente pelo trabalho que o homem se adianta no seu caminho. Que mérito teria, se apenas precisasse interrogar os Espíritos para saber tudo? A esse preço, qualquer imbecil poderia tornar-se sábio. O mesmo se dá com as invenções e descobertas da indústria. Depois, uma outra consideração, é que cada coisa deve vir a seu tempo e, quando as ideias estão maduras para recebê-la; se o homem

tivesse este poder, subverteria a ordem das coisas, fazendo que aparecessem os frutos, antes da estação própria.

Deus disse ao homem: tirarás teu alimento da terra, com o suor de teu rosto; admirável figura que pinta a condição em que ele, aqui, se encontra; ele deve progredir em tudo, pelo esforço do trabalho; se lhe dessem as coisas inteiramente prontas, de que lhe serviria sua inteligência? Seria como o estudante, cujo dever, um outro fizesse."

29. O sábio e o inventor nunca são assistidos pelos Espíritos em suas pesquisas?

"Oh! Isto é muito diferente. Quando chega o tempo de uma descoberta, os Espíritos encarregados de lhe dirigir a marcha, procuram o homem capaz de levá-la a bom termo e lhe inspiram as ideias necessárias, de maneira a lhe deixarem todo o mérito, porquanto estas ideias, é preciso que ele as elabore e as execute. O mesmo acontece com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os Espíritos deixam cada homem na sua esfera de ação; daquele que só está apto para cavar a terra, não farão o depositário dos segredos de Deus; mas saberão tirar da obscuridade o homem capaz de secundar seus desígnios. Não vos deixeis, portanto, arrastar pela curiosidade ou ambição num caminho que não corresponde ao objetivo do Espiritismo e que vos levaria às mais ridículas mistificações."

Nota: O conhecimento mais aprofundado do Espiritismo acalmou a febre das descobertas que, no princípio, esperava-se poder fazer por meio dele. Houve até quem pedisse aos Espíritos receitas para tingir e fazer crescer os cabelos, curar os calos dos pés, etc. Vimos muitas pessoas que acreditaram ter feito, assim, sua fortuna e só recolheram processos mais ou menos ridículos. O mesmo se dá quando se quer, com o auxílio dos Espíritos, penetrar os mistérios da origem das coisas; alguns Espíritos possuem, sobre essas matérias, seus sistemas que não valem mais, muitas vezes, do que o dos homens e que é prudente só acolher com a maior reserva.

295. Perguntas sobre os tesouros ocultos

30. Os Espíritos podem fazer que se descubram tesouros ocultos?

"Os Espíritos superiores não se ocupam dessas coisas; mas Espíritos mistificadores, muitas vezes, indicam tesouros que não existem, ou, também, podem fazer que procurem num lugar, quando se encontra no lado oposto; e isto tem sua utilidade, para mostrar que a verdadeira riqueza está no trabalho. Se a Providência destina riquezas ocultas a alguém, naturalmente, ele as encontrará; do contrário, não."

31. Que se deve pensar da crença nos Espíritos guardiães de tesouros ocultos?

“Os Espíritos, que não estão desmaterializados, apegam-se às coisas. Avarentos, que esconderam seus tesouros podem, ainda, vigiá-los e guardá-los, depois de mortos, e a perplexidade em que se encontram por vê-los ser retirados constitui um de seus castigos, até que compreendam a inutilidade deles. Também há os Espíritos da Terra, encarregados de lhe dirigirem as transformações interiores e que, por alegoria, deles fez guardiães das riquezas naturais.”

Nota: A questão dos tesouros ocultos está na mesma categoria que a das heranças desconhecidas; bem louco seria aquele que contasse com as pretensas revelações, que podem lhe ser feitas por brincalhões do mundo invisível. Dissemos que, quando os Espíritos querem ou podem fazer semelhantes revelações, eles o fazem espontaneamente, e não necessitam de médiuns para isto. Eis, aqui, um exemplo:

Uma senhora acabava de perder seu marido, após trinta anos de vida conjugal e se encontrava prestes a ser despejada de sua casa, sem nenhum recurso, pelos seus enteados, para os quais havia desempenhado papel de mãe. Seu desespero chegava ao auge, quando, uma noite, seu marido lhe apareceu e lhe disse para segui-lo até seu gabinete; lá, mostra-lhe sua secretária, que ainda encontrava-se selada e, por um efeito de segunda vista, faz-lhe ver o interior, indica-lhe uma gaveta secreta, que ela não conhecia e cujo mecanismo ele lhe explica, acrescentando: “Previ o que está acontecendo e quis assegurar a vossa sorte; nesta gaveta estão minhas últimas disposições: deixo-vos o usufruto desta casa e uma renda de...”; depois, desapareceu. No dia da retirada dos selos, ninguém pôde abrir a gaveta; então, a senhora contou o que havia acontecido. Ela a abriu, de acordo com as indicações de seu marido, e, ali, se encontrou o testamento, conforme ao que lhe havia sido anunciado.

296. Perguntas sobre os outros mundos

32. Qual o grau de confiança que se pode ter nas descrições que os Espíritos fazem dos diferentes mundos?

“Isso depende do grau de adiantamento *real* dos Espíritos que dão essas descrições; pois compreendeis que Espíritos comuns são tão incapazes de vos informar a esse respeito, quanto um ignorante o é, entre vós, de descrever todos os países da Terra. Muitas vezes, fazeis perguntas científicas sobre esses mundos, que esses Espíritos não podem resolver; se estiverem de boa-fé, falarão disso de acordo com suas ideias pessoais; se forem Espíritos levianos, eles se divertirão dando-vos descrições bizarras e fantásticas; tanto mais que esses Espíritos, que não são mais desprovidos de imaginação, na erraticidade, do que na Terra, tiram dessa faculdade a narração de muitas coisas, que nada têm de real. Entretanto, não acrediteis na impossibilidade absoluta de ter, sobre esses mundos, alguns esclarecimentos; os bons Espíritos se comprazem mesmo em vos descrever aqueles em que habitam, a fim de vos servir de ensino para vos melhorar e vos induzir a seguir o caminho que vos pode a ele conduzir; é um meio de fixar vossas ideias sobre o futuro e de não vos deixar no vazio.”

a) Que verificação se pode ter da exatidão dessas descrições?

"A melhor verificação é a concordância que pode haver entre elas; porém lembrai-vos de que elas têm como objetivo vossa melhoria moral, e que, por conseguinte, é sobre o estado moral dos habitantes que podeis ser melhor informados e, não, sobre o estado físico ou geológico desses globos. Com os vossos conhecimentos atuais, não poderíeis mesmo compreendê-los; este estudo de nada serviria para os vossos progressos, neste mundo, e tereis toda possibilidade de fazê-lo, quando neles estiverdes."

Nota: As perguntas sobre a constituição física e os elementos astronômicos dos mundos encontram-se na ordem das pesquisas científicas de cujo labor os Espíritos não devem nos poupar; sem isto, um astrônomo acharia muito cômodo mandá-los fazer seus cálculos, o que, sem dúvida, evitaria admitir. Se os Espíritos pudessem, pela revelação, poupar o trabalho de uma descoberta, é provável que o fizessem, preferentemente, em favor do sábio bastante modesto por reconhecer-lhe, abertamente, a origem, do que em proveito dos orgulhosos, que os renegam e aos quais, ao contrário, poupam decepções do amor-próprio.

CAPÍTULO XXVII

CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES

Contradições

297. Os adversários do Espiritismo não deixam de censurar que seus adeptos não se encontram de acordo entre si; que nem todos partilham das mesmas crenças; numa palavra: que eles se contradizem. Se, dizem eles, o ensino vos é dado pelos Espíritos, como se dá que não seja idêntico? Só um estudo sério e aprofundado da ciência pode reduzir este argumento ao seu justo valor.

Apressemo-nos a dizer, primeiramente, que essas contradições, de que algumas pessoas fazem uma grande ostentação, são, em geral, mais aparentes que reais; que elas se devem, muitas vezes, mais à superfície do que ao fundo das coisas e que, por conseguinte, carecem de importância. As contradições provêm de duas fontes: dos homens e dos Espíritos.

298. As contradições de origem humana foram suficientemente explicadas, no capítulo relativo *aos sistemas*, item 36, ao qual nos reportamos. Todos compreenderão que, no início, quando as observações ainda eram incompletas, que tenham surgido opiniões divergentes sobre as causas e as consequências dos fenômenos espíritas, opiniões, cujos três quartos já caíram diante de um estudo mais sério e mais aprofundado. Com poucas exceções e postas de lado algumas pessoas, que não se desligam, facilmente, das ideias que acariciaram ou criaram, pode-se dizer que, hoje, há uma unidade, na imensa maioria dos espíritas, pelo menos quanto aos princípios gerais, a não ser, talvez, por alguns detalhes insignificantes.

299. Para compreender a causa e o valor das contradições de origem espírita, é preciso estar identificado com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado, sob todas as suas faces. À primeira vista, pode parecer espantoso que os Espíritos não pensem, todos, da mesma maneira, mas isto não pode surpreender, quem quer que se tenha compenetrado do número infinito de degraus que devem percorrer, antes de atingir o topo da escada. Supor-lhes uma apreciação igual das coisas, seria imaginá-los, todos, no mesmo nível; pensar que eles devam, todos,

ver com justeza, seria admitir que todos chegaram à perfeição, o que não é e o que não pode ser, se considerarmos, que não são outra coisa, senão a Humanidade, despojada do envoltório corporal. Podendo manifestar-se os Espíritos de todas as categorias, daí resulta que suas comunicações trazem o cunho da ignorância ou do saber, da inferioridade ou da superioridade moral deles. Para distinguir o verdadeiro do falso, o bom do mau, é que devem conduzir as instruções que temos dado.

É preciso não esquecer que, entre os Espíritos, há, como entre os homens, falsos sábios e semissábios, orgulhosos, presunçosos e sistemáticos. Como só aos Espíritos perfeitos é dado tudo conhecer, existem para os outros, como para nós, mistérios, que eles explicam à sua maneira, conforme suas ideias e sobre as quais eles podem formar opiniões, mais ou menos justas, em que empenham o amor-próprio, para que prevaleçam e que gostam de reproduzir nas suas comunicações. O erro está em alguns de seus intérpretes terem esposado, muito levianamente, opiniões contrárias ao bom senso e de se terem feito os editores responsáveis delas. Assim, as contradições de origem espírita não possuem outra causa, senão a diversidade da inteligência, os conhecimentos, o discernimento e a moralidade de alguns Espíritos, que ainda não estão aptos para tudo conhecer e tudo compreender. (Ver *O Livro dos Espíritos*, "Introdução", § XIII; "Conclusão", § IX.)

300. De que serve o ensino dos Espíritos, dirão algumas pessoas, se não nos oferece mais clareza que o ensino humano?

A resposta é fácil. Não aceitamos, com a mesma confiança, o ensino de todos os homens e, entre duas doutrinas, damos preferência àquela cujo autor nos parece mais esclarecido, mais capaz, mais judicioso, menos acessível às paixões; é preciso agir da mesma maneira com os Espíritos. Se entre eles, há os que não estão acima da Humanidade, há muitos que a ultrapassaram e, estes, podem nos dar instruções que, em vão, procuraríamos nos homens mais instruídos. Para distingui-los da turba dos Espíritos inferiores é que devem dedicar-se, se quiserem esclarecer-se e é a essa distinção que conduz o conhecimento aprofundado do Espiritismo. Mas, essas mesmas instruções têm um limite e, se não é permitido aos Espíritos tudo saber, com mais forte razão, o mesmo deve dar-se com os homens. Existem coisas, portanto, sobre as quais, em vão, os interrogariam, seja porque lhes é proibido revelá-las, seja porque, eles próprios, as ignoram e sobre as quais não podem nos dar suas opiniões pessoais; ora, são essas opiniões que os Espíritos orgulhosos apresentam como verdades absolutas. É principalmente sobre o que deva permanecer oculto, como o futuro e o

princípio das coisas, que eles mais insistem, a fim de parecerem estar de posse dos segredos de Deus; por isso mesmo, é sobre esses pontos, que existem mais contradições. (Ver o capítulo precedente.)

301. Eis as respostas, dadas pelos Espíritos, às seguintes perguntas relativas às contradições:

1. O mesmo Espírito, comunicando-se em dois centros diferentes, poderá transmitir-lhes, sobre o mesmo assunto, respostas contraditórias?

"Se os dois centros diferem, entre si, relativamente às opiniões e às ideias, a resposta poderá chegar-lhes desfigurada, porque eles se encontram sob a influência de diferentes colunas de Espíritos: não é a resposta que é contraditória, é a maneira pela qual é dada."

2. Concebe-se que uma resposta possa ser alterada; mas, quando as qualidades do médium excluem qualquer ideia de má influência, como se explica que Espíritos Superiores utilizem uma linguagem diferente e contraditória, sobre o mesmo assunto, com pessoas perfeitamente sérias?

"Os Espíritos, realmente superiores, nunca se contradizem e a linguagem de que se utilizam é sempre a mesma *com as mesmas pessoas*. Ela pode ser diferente, de acordo com as pessoas e os lugares; mas é preciso nisso prestar atenção: a contradição, muitas vezes, é apenas aparente — está mais nas palavras do que na ideia; porquanto, ao refletir, descobre-se que a ideia fundamental é a mesma. E, depois, o mesmo Espírito pode responder, diferentemente, sobre a mesma questão, conforme o grau de perfeição daqueles que o evocam, pois nem sempre é bom que todos obtenham a mesma resposta, já que não são igualmente adiantados. É exatamente como se uma criança e um sábio te fizessem a mesma pergunta; certamente, responderias, tanto a uma quanto a outro, de maneira a ser compreendido e a satisfazê-los; a resposta, embora diferente, teria, aliás, o mesmo fundo."

3. Com que objetivo os Espíritos sérios parecem aceitar, junto de certas pessoas, ideias e até preconceitos, que combatem junto de outras?

"É preciso que nos façamos compreensíveis. Se alguém possui uma convicção bem firmada sobre uma doutrina, ainda que falsa, é necessário que nós a desviemos desta convicção, porém, aos poucos. É por isso que nós nos servimos, muitas vezes, de *seus termos* e parecemos compartilhar de suas ideias; a fim de que não se ofusque, de repente, e que deixe de se instruir conosco.

Aliás, não é bom atacar, muito bruscamente, os preconceitos; este seria o meio de não ser ouvido; eis por que os Espíritos falam, frequentemente, no

sentido da opinião daqueles que os ouvem, a fim de conduzir, pouco a pouco, à verdade. Adaptam sua linguagem às pessoas, como tu mesmo o fazes, se fores um orador, mais ou menos, hábil; é por isso que não falarão a um chinês ou a um maometano, como falarão a um francês ou a um cristão, pois teriam a certeza de serem repelidos.

Não se deve tomar, como uma contradição o que, muitas vezes, é apenas uma parte da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm sua tarefa designada por Deus; eles a cumprem nas condições que julgam convenientes, para o bem daqueles que recebem suas comunicações."

4. As contradições, mesmo aparentes, podem lançar dúvidas no Espírito de algumas pessoas; que meio de controle se pode ter para conhecer a verdade?

"Para discernir o erro da verdade, é necessário aprofundar essas respostas e nelas meditar longa e seriamente: é todo um estudo a ser feito. Para isso, é preciso tempo, como para estudar todas as coisas.

Estudai, comparai, aprofundai; incessantemente vos dizemos: o conhecimento da verdade tem este preço. E como quereis chegar à verdade, quando interpretais tudo, segundo as vossas ideias acanhadas, que tomais por grandes ideias? Mas não está longe o dia em que o ensino dos Espíritos será, por toda a parte, uniforme nos detalhes como nos pontos principais.

A missão deles é destruir o erro, isto, porém, só gradualmente pode acontecer.

5. Há pessoas que não têm nem o tempo, nem a aptidão necessária para um estudo sério e aprofundado e que aceitam, sem exame, o que se lhes ensina. Não haverá para elas o inconveniente de acreditar em erros?

"Que elas pratiquem o bem e não façam o mal, é o essencial; para isto, não há duas doutrinas. O bem é sempre o bem, quer o façais em nome de Alá ou de Jeová, pois só há um Deus para o Universo."

6. Como é que Espíritos, que parecem desenvolvidos em inteligência, podem ter ideias evidentemente falsas sobre certas coisas?

"Eles têm suas doutrinas. Aqueles que não são bastante adiantados e que julgam que o são, tomam suas ideias pela verdade. Assim como entre vós."

7. O que pensar das doutrinas segundo as quais apenas um Espírito poderia comunicar-se e que esse Espírito seria Deus ou Jesus?

"O Espírito que ensina isto é um Espírito que quer dominar; é por isso que quer fazer crer que ele é o único; porém o infeliz que ousa tomar o nome de Deus expiará duramente o seu orgulho. Quanto a essas doutrinas, elas se refutam

a si mesmas, porque estão em contradição com os fatos mais averiguados; elas não merecem exame sério, pois não possuem raízes.

A razão vos diz que o bem procede de uma boa fonte e o mal de uma fonte má; por que quereríeis que uma boa árvore desse maus frutos? Já colhestes uvas numa macieira? A diversidade das comunicações é a prova mais patente da diversidade de suas origens. Aliás, os Espíritos, que pretendem ser os únicos a se comunicar, esquecem-se de dizer por que os outros não poderiam fazê-lo. A pretensão deles é a negação do que o Espiritismo tem de mais belo e de mais consolador: as relações do mundo visível com o mundo invisível, dos homens com os seres que lhes são caros e que, assim, para eles, estariam perdidos, sem remissão. São estas relações que identificam o homem com o seu futuro, que o desligam do mundo material; suprimir essas relações é mergulhá-lo, novamente, na dúvida, que constitui seu tormento; é alimentar-lhe o egoísmo. Examinando cuidadosamente a doutrina desses Espíritos, nela se reconhecem, a cada passo, contradições injustificáveis, marcas da ignorância deles sobre as coisas mais evidentes e, por conseguinte, sinais certos da sua inferioridade."

O Espírito de Verdade

8. De todas as contradições que se notam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais marcantes é a que se refere à reencarnação. Se a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como se explica que nem todos os Espíritos a ensinem?

"Não sabeis que há Espíritos cujas ideias são limitadas ao presente, como se dá com muitos homens da Terra? Julgam que a condição em que estão deve durar para sempre; não veem além do círculo de suas percepções e não se importam em saber de onde vêm, nem para onde vão e, entretanto, devem se submeter à lei da necessidade. A reencarnação é, para eles, uma necessidade, na qual só pensam, quando ela chega; sabem que o Espírito progride, mas de que maneira? Isto é, para eles, um problema. Então, se o interrogardes, eles vos falarão dos sete céus superpostos, como andares; haverá, até, aqueles que vos falarão da esfera de fogo, da esfera das estrelas, depois, da cidade das flores, da dos eleitos."

9. Concebemos que os Espíritos pouco adiantados possam não compreender esta questão; mas, então, como se explica que os Espíritos de uma inferioridade moral e intelectual notória falem, espontaneamente, de suas diferentes existências e do desejo que têm de reencarnar para resgatarem o passado?

“Passam-se, no mundo dos Espíritos, coisas que vos são bem difíceis de compreender. Não tendes, entre vós, pessoas muito ignorantes, sobre certas coisas, e que são esclarecidas sobre outras; pessoas que têm mais discernimento do que instrução e outras que possuem mais espírito que discernimento? Não sabeis também que alguns Espíritos se comprazem em manter os homens na ignorância, aparentando instruí-los e que se aproveitam da facilidade com que suas palavras são aceitas? Eles podem seduzir aqueles que não mergulham no fundo das coisas, mas quando, pelo raciocínio, são levados à exaustão, não sustentam, durante muito tempo, o seu papel.

Além disso, deve-se levar em conta a prudência que, geralmente, os Espíritos têm na promulgação da verdade: uma luz muito viva e muito repentina ofusca e não esclarece. Eles podem, portanto, em certos casos, julgar útil só gradualmente a espalharem, de acordo com os tempos, os lugares e as pessoas. Moisés não ensinou tudo o que ensinou o Cristo e o próprio Cristo disse muitas coisas, cujo entendimento estava reservado às gerações futuras. Falais da reencarnação e vos espantais que este princípio não tenha sido ensinado em alguns países; mas pensai, pois, que num país onde o preconceito de cor* reina soberano, onde a escravidão está enraizada nos costumes, o Espiritismo teria sido repelido apenas por proclamar a reencarnação, porque a ideia de que aquele que é senhor pode se tornar escravo e, reciprocamente, teria parecido monstruosa. Não seria melhor fazer com que se aceitasse, primeiramente, o princípio geral, para, mais tarde, tirar-lhe as consequências? Oh! Homens! como é curta a vossa visão para julgar os desígnios de Deus! Sabei, portanto, que nada se faz sem sua permissão e sem um objetivo que, muitas vezes, não podeis compreender. Já vos disse que a unidade se faria na crença espírita; ficai certos de que ela se fará e que as dissidências, já menos profundas, se apagarão, pouco a pouco, à medida que os homens se esclarecerem e que elas desaparecerão, completamente; porque esta é a vontade de Deus, contra a qual o erro não pode prevalecer.”

O Espírito de Verdade

10. As doutrinas errôneas, que podem ser ensinadas por certos Espíritos, não têm por efeito retardar o progresso da verdadeira ciência?

“Quereríeis tudo obter sem trabalho; sabei, pois, que não há campo onde não cresça a erva daninha, que o lavrador deva extirpar. Essas doutrinas errôneas são uma consequência da inferioridade do vosso mundo; se os homens fossem perfeitos, só aceitariam o verdadeiro; os erros são como as pedras falsas, que só

um olho experiente é capaz de distinguir; necessitais de um aprendizado, para distinguirdes o verdadeiro do falso; pois bem! as falsas doutrinas têm como utilidade exercitar-vos em fazerdes a distinção entre a verdade e o erro.”

a) — Os que adotam o erro, não retardam o seu adiantamento?

“Se adotam o erro é que não são bastante adiantados para compreender a verdade.”

302. À espera de que a unidade se faça, cada um acredita ter consigo a verdade e sustenta ser o único a ter razão; ilusão que os Espíritos enganadores não deixam de entreter; para formar um julgamento, em que o homem imparcial e desinteressado pode basear-se?

“A luz mais pura não é obscurecida por qualquer nuvem; o diamante sem mácula é o que tem mais valor; julgai, portanto, os Espíritos pela pureza de seus ensinos. A unidade se fará do lado em que o bem jamais tenha sido misturado ao mal; é deste lado que os homens se ligarão, pela força das coisas, pois considerarão que, aí, está a verdade. Notai, além disso, que os princípios fundamentais são, por toda a parte, os mesmos e devem vos unir numa ideia comum: o amor de Deus e a prática do bem. Qualquer que seja o modo de progressão que se suponha para a almas, o objetivo final é o mesmo e o meio de atingi-lo, também, é o mesmo: fazer o bem; ora, não há duas maneiras de fazê-lo. Se dissidências capitais surgem, quanto ao princípio mesmo da Doutrina, tendes uma regra certa para apreciá-las; esta regra é: a melhor doutrina é a que melhor satisfaz o coração e a razão e que possui mais elementos para conduzir os homens ao bem; eu vos afirmo, é essa a que prevalecerá.”

O Espírito de Verdade

Nota: As contradições que se apresentam nas comunicações espíritas podem derivar das seguintes causas: da ignorância de certos Espíritos; da mistificação dos Espíritos inferiores que, por malícia ou maldade, dizem o contrário daquilo que foi dito, em outra parte, pelo Espírito cujo nome eles usurpam; da vontade do próprio Espírito, que fala de acordo com os tempos, os lugares e as pessoas e que pode considerar útil não dizer tudo a todo o mundo; da insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas do mundo incorpóreo; da insuficiência dos meios de comunicação, que nem sempre permitem ao Espírito expressar todo o seu pensamento; enfim, da interpretação que cada um pode dar de uma palavra ou de uma explicação, conforme suas ideias, seus preconceitos ou o ponto de vista sob o qual ele encare o assunto. Só o estudo, a observação, a experiência e a abnegação de todo sentimento de amor-próprio podem ensinar a distinguir essas diversas nuanças.

Mistificações

303. Se é desagradável ser enganado, ainda mais o é ser mistificado; é, aliás,

um dos inconvenientes de que mais facilmente podemos preservar-nos. Os meios de frustrar as tramas dos Espíritos enganadores ressaltam de todas as instruções precedentes; é por isso que, a esse respeito, diremos pouca coisa. Eis as respostas dos Espíritos sobre este assunto:

1. As mistificações são um dos enganos mais desagradáveis do Espiritismo prático; haverá um meio de preservar-se deles?

"Parece-me que podeis encontrar a resposta em tudo o que vos tem sido ensinado. Sim, certamente, há para isto um meio simples: é o de não pedir ao Espiritismo, senão o que ele possa e deva vos dar; seu objetivo é o melhoramento moral da Humanidade; enquanto não vos afastardes dele, jamais sereis enganados, porque não existem duas maneiras de compreender a verdadeira moral, a que todo homem de bom senso pode admitir.

Os Espíritos vêm vos instruir e vos guiar no caminho do bem e não no das honras e da riqueza, nem para servir às vossas paixões mesquinhas. Se nunca lhes pedissem nada de fútil ou que estivesse fora de suas atribuições, nenhuma crítica poderia ser feita aos Espíritos enganadores; donde deveis concluir que aquele que é mistificado, só tem o que merece.

O papel dos Espíritos não é o de vos informar sobre as coisas deste mundo, mas o de vos guiar, com segurança, naquilo que vos pode ser útil para o outro mundo. Quando vos falam das coisas deste mundo, é porque o julgam necessário, mas não por causa do vosso pedido. Se vedes, nos Espíritos, os substitutos dos adivinhos e dos feiticeiros, então, é que sereis enganados.

Se os homens tivessem apenas que se dirigirem aos Espíritos para saber tudo, não teriam mais o seu livre-arbítrio e sairiam do caminho traçado por Deus para a Humanidade. O homem deve agir por si mesmo; Deus não envia os Espíritos para aplainar-lhes a estrada material da vida, mas para preparar a do futuro."

a) Mas, há pessoas que nada perguntam e que são indignamente enganadas pelos Espíritos que vêm, espontaneamente, sem serem chamados?

"Se elas nada perguntam, deixam, porém, que digam, o que dá no mesmo. Se acolhessem, com reserva e desconfiança, tudo o que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os Espíritos levianos não as tomariam, tão facilmente, como otários."

2. Por que Deus permite que pessoas sinceras e que aceitam o Espiritismo, de boa-fé, sejam mistificadas? Isto não poderia ter o inconveniente de abalar-lhes a crença?

"Se isso lhes abalasse a crença, é que a fé delas não seria muito sólida; as que

renunciassem ao Espiritismo por um simples desapontamento, provariam que não o compreendem e que não se prendem à parte séria. Deus permite as mistificações para experimentar a perseverança dos verdadeiros adeptos e punir aqueles que do Espiritismo fazem objeto de divertimento.”

O Espírito de Verdade

Nota: A astúcia dos Espíritos mistificadores ultrapassa, algumas vezes, tudo o que se possa imaginar; a arte com a qual dirigem suas baterias e combinam os meios de persuadir, seria uma coisa curiosa, se nunca passassem de brincadeiras inocentes; porém, estas mistificações podem ter consequências desagradáveis para os que não se mantêm em guarda; ficamos bastante felizes por ter podido abrir, *a tempo*, os olhos a várias pessoas que tiveram a boa vontade de nos pedir a nossa opinião e lhes ter poupado de ações ridículas e comprometedoras.

Entre os meios que esses Espíritos empregam, é preciso colocar, em primeiro lugar, como sendo os mais frequentes, os que têm por objetivo tentar a cobiça, como a revelação de pretensos tesouros ocultos, o anúncio de heranças ou outras fontes de riquezas. Além disso, devem-se considerar, como suspeitas, essencialmente, as predições com épocas determinadas, assim como todas as indicações precisas relativas aos interesses materiais; preservar-se de todo encaminhamento prescrito ou aconselhado pelos Espíritos, quando a meta não for eminentemente racional; jamais deixar-se deslumbrar pelos nomes, que os Espíritos tomam para dar uma aparência de veracidade às suas palavras; desconfiar das teorias e sistemas científicos aventureiros; enfim, de tudo o que se afaste do objetivo moral das manifestações. Preencheríamos um volume dos mais curiosos com a história de todas as mistificações que têm chegado ao nosso conhecimento.

CAPÍTULO XXVIII

CHARLATANISMO E EMBUSTE

Médiuns interesseiros. – Fraudes espíritas

Médiuns interesseiros

304. Como tudo pode tornar-se objeto de exploração, nada haveria de surpreendente em que também se quisesse explorar os Espíritos; resta saber, como reagiriam à coisa, se, por acaso, tal especulação tentasse insinuar-se. Diremos, primeiramente, que nada se prestaria melhor ao charlatanismo e ao embuste do que semelhante ofício. Se já se veem falsos sonâmbulos, ver-se-iam muito mais, ainda, falsos médiuns e esta única razão seria motivo fundamentado de desconfiança. O desinteresse, ao contrário, é a resposta mais peremptória que se possa opor àqueles que só veem, nos fatos, uma hábil manobra. Não há charlatanismo desinteressado; qual seria, portanto, o objetivo de pessoas que usassem de trapaça, sem proveito, principalmente, quando a honorabilidade notória as colocasse acima de qualquer suspeita?

Se o ganho, que um médium retirasse de sua faculdade, pudesse ser motivo de suspeição, isto não constituiria uma prova de que essa suspeição fosse fundamentada; ele poderia, portanto, possuir uma aptidão real e agir de muito boa-fé, fazendo-se retribuir; vejamos se, neste caso, pode-se, racionalmente, chegar a um resultado satisfatório.

305. Se bem compreenderam o que dissemos sobre as condições necessárias para que se sirva de intérpretes dos bons Espíritos, das causas numerosas, que podem afastá-los, das circunstâncias independentes de suas vontades, que constituem, muitas vezes, um obstáculo à vinda deles, enfim, de todas as condições *morais* que podem exercer uma influência sobre a natureza das comunicações, como se poderia imaginar que um Espírito, por menos elevado que fosse, estivesse a qualquer hora do dia, às ordens de um empresário de sessões e submisso às suas exigências, para satisfazer a curiosidade do primeiro que aparecesse? Sabe-se da aversão dos Espíritos por tudo o que cheira à cobiça e ao egoísmo, o pouco caso que fazem das coisas materiais; como se quereria

que ajudassem a traficar com a presença deles! Isto repugna ao pensamento e seria preciso conhecer bem pouco a natureza do mundo espírita, para acreditar que pudesse ser assim. Porém, como os Espíritos levianos são menos escrupulosos e só procuram as ocasiões para se divertirem às nossas custas, daí resulta que, se não formos mistificados por um falso médium, temos toda a chance de sê-lo por alguns dentre esses Espíritos. Apenas estas reflexões dão a medida do grau de confiança que se deveria dispensar a comunicações deste gênero. Aliás, de que serviriam, hoje, médiuns pagos, visto que, se não se possui, em si mesmo, esta faculdade, poder-se-á encontrá-la em sua família, entre seus amigos ou conhecidos?

306. Os médiuns interesseiros não são unicamente aqueles que poderiam exigir uma retribuição fixa; o interesse nem sempre se traduz pela esperança de um ganho material, mas, também, pelas visões ambiciosas de qualquer natureza, sobre as quais podem basear-se esperanças pessoais; aí está um defeito que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem tirar partido e de que se aproveitam com uma habilidade, uma astúcia verdadeiramente notáveis, embalando com enganosas ilusões aqueles que se colocam, assim, sob a dependência deles. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade concedida para o bem e os bons Espíritos afastam-se de quem pretenda dela fazer um degrau para chegar ao que quer que seja, que não corresponda às vistas da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os bons Espíritos o combatem; não se pode supor que venham servi-lo. Isto é tão racional, que seria inútil insistir mais sobre este ponto.

307. Os médiuns de efeitos físicos não se encontram na mesma categoria; esses efeitos são geralmente produzidos por Espíritos inferiores menos escrupulosos. Não dizemos que esses Espíritos sejam, por isso, necessariamente, maus; pode-se ser um simples carregador e ser um homem muito honesto; um médium desta categoria, que quisesse explorar sua faculdade, poderia, portanto, ter alguns destes, que o assistiriam, sem muita repugnância; mas ainda, aí, um outro inconveniente se apresenta. O médium de efeitos físicos, tanto quanto o de comunicações inteligentes, não recebeu sua faculdade para o seu prazer: ela lhe foi concedida com a condição de fazer um bom uso e, se dela abusa, pode lhe ser retirada ou, então, desviada em seu detrimento, porque, definitivamente, os Espíritos inferiores estão subordinados às ordens dos Espíritos superiores.

Os Espíritos inferiores gostam muito de mistificar, mas não gostam de ser mistificados; se, de boa vontade, se prestam ao divertimento, às coisas de pura curiosidade, porque gostam de se divertir, também, como os outros, não gostam

de ser explorados, nem de servir de comparsas para aumentar a receita e provam, a todo instante, que têm vontade própria, que agem quando e como bem lhes parece, o que faz com que o médium de efeitos físicos menos seguro ainda esteja da regularidade das manifestações do que o médium escrevente. Pretender produzi-los em dias e horas determinados, seria dar prova da mais profunda ignorância. O que fazer, então, para ganhar seu dinheiro? Simular os fenômenos; é o que pode acontecer, não apenas com aqueles que disso fariam um ofício declarado, mas até pessoas aparentemente simples, que acham esse meio mais fácil e mais cômodo do que trabalhar. Se o Espírito não dá coisa alguma, supre-se a falta: a imaginação é tão fecunda, quando se trata de ganhar dinheiro! Sendo o interesse um legítimo motivo de suspeição, ele dá direito a rigoroso exame, com o qual ninguém poderia se ofender, sem justificar as suspeitas. Mas tanto mais a suspeita é legítima, neste caso, quanto é ofensiva, diante de pessoas honradas e desinteressadas.

308. A faculdade mediúnica, mesmo restrita ao limite das manifestações físicas, não foi dada ao homem para dela fazer ostentação nos palanques e quem quer que pretenda ter, às suas ordens, Espíritos para exibi-los, em público, pode, de maneira justa e legítima, ser suspeito de charlatanismo ou de, mais ou menos, hábil prestidigitação. Que se entenda assim, todas as vezes que se virem anúncios de pretensas sessões de *Espiritismo* ou de *Espiritualismo*, a tanto por pessoa, e, que se lembrem do direito que compram ao entrar.

De tudo o que precede, concluímos que o desinteresse mais absoluto é a melhor garantia contra o charlatanismo; se ele, nem sempre assegura a excelência das comunicações inteligentes, retira dos Espíritos um poderoso meio de ação e fecha a boca de certos detratores.

309. Restaria o que se poderia chamar de trapaça de amador, isto é, as fraudes inocentes de alguns brincalhões de mau gosto. Poder-se-ia, sem dúvida, praticá-la, como passatempo, em reuniões levianas e frívolas, mas, não, em assembleias sérias, onde só se admitam pessoas sérias. Aliás, pode-se dar, a si mesmo, o prazer de uma mistificação momentânea; mas seria preciso que se fosse dotado de uma singular paciência para desempenhar o papel durante meses e anos e, a cada vez, durante várias horas consecutivas. Só um interesse qualquer pode proporcionar esta perseverança e o interesse, nós o repetimos, pode fazer suspeitar de tudo.

310. Dir-se-á, talvez, que um médium que doa o seu tempo ao público, no interesse da coisa, não o pode dar a troco de nada, porque é preciso viver. Mas será no interesse da coisa ou no *seu próprio*, que ele o dá e, não será, antes,

porque nisso entrevê um ofício lucrativo? A este preço, encontrar-se-ão, sempre, pessoas devotadas. Será, então, que só essa indústria eles têm à sua disposição? Não nos esqueçamos de que os Espíritos, seja qual for sua superioridade ou inferioridade, são as almas dos mortos e, quando a moral e a religião prescrevem como um dever respeitar seus restos mortais, maior, ainda, é a obrigação de lhes respeitarem o Espírito.

O que diriam daquele que, por dinheiro, tirasse um corpo do túmulo e o exibisse, por ser esse corpo de natureza a provocar a curiosidade? Será menos desrespeitoso exibir o Espírito do que o corpo, sob o pretexto de que é curioso ver um Espírito agir? E notai bem, que o preço dos lugares será proporcional àquilo que ele poderá fazer e do atrativo do espetáculo. Certamente, embora tivesse sido ator em vida, não suspeitaria que, depois de sua morte, encontraria um diretor que, em seu próprio proveito, o fizesse representar, gratuitamente.

É preciso não esquecer que as manifestações físicas, tanto quanto as manifestações inteligentes, só são permitidas por Deus para nossa instrução.

311. Postas à parte essas considerações morais, não contestamos, de forma alguma, que possam existir médiuns interesseiros, embora honrados e conscienciosos, porquanto há pessoas honestas em todos os ofícios; falamos, apenas, dos abusos; mas, é preciso convir, pelos motivos que expusemos, que há mais razão para que o abuso esteja entre os médiuns remunerados do que entre aqueles que, considerando sua faculdade como um favor, não a utilizam, senão para prestar um serviço.

O grau de confiança ou de desconfiança que se deve dispensar a um médium remunerado depende, antes de qualquer coisa, da estima que seu caráter e sua moralidade merecem e, além disso, das circunstâncias. O médium que, com um fim eminentemente sério e proveitoso, fosse impedido de utilizar seu tempo de uma outra maneira e, por essa razão, *exonerado*, não pode ser confundido com o médium *especulador*, aquele que, com premeditada intenção, faria de sua mediunidade uma indústria. De acordo com *o motivo* e *o objetivo*, os Espíritos podem, portanto, condenar, absolver ou, até, favorecer; eles julgam a intenção, mais do que o fato material.

312. Os sonâmbulos, que utilizam sua faculdade de uma maneira lucrativa, não se encontram no mesmo caso. Embora esta exploração esteja sujeita a abusos e que o desinteresse seja a maior garantia de sinceridade, a posição é diferente, visto que seus próprios Espíritos é que agem; por conseguinte, estão sempre à disposição deles e, na realidade, só exploram a si mesmos, porque são livres para dispor de suas pessoas, como o entendem, enquanto que os médiuns

especuladores exploram as almas dos mortos. (Ver, item 172, *Médiuns sonâmbulos*.)

313. Não ignoramos que nossa severidade, com relação aos médium interesseiros levanta contra nós todos aqueles que exploram ou estariam tentados a explorar esta nova indústria e fizeram de nós inimigos encarniçados, assim como seus amigos que, naturalmente, tomam a defesa deles; nós nos consolamos ao lembrarmos que os mercadores expulsos do templo, por Jesus, também não deveriam vê-lo com bons olhos. Temos também contra nós as pessoas que não encaram a coisa, com a mesma gravidade; entretanto, julgamo-nos no direito de ter uma opinião e de emiti-la; a ninguém forçamos adotá-la. Se uma imensa maioria a ela se aliou, é que, aparentemente, acham-na justa; pois, efetivamente, não vemos como se poderia provar que não há mais chance de encontrar a fraude e os abusos na especulação, do que no desinteresse. Quanto a nós, se nossos escritos têm contribuído para lançar ao descrédito, na França e noutros países, a mediunidade interesseira, acreditamos que este não será um dos menores serviços, que terão sido prestados ao Espiritismo *sério*.

Fraudes espíritas

314. Aqueles que não admitem a realidade das manifestações físicas, geralmente atribuem à fraude os efeitos produzidos. Baseiam-se sobre o fato de que os prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios, quando não se conhecem os seus segredos; donde concluem que os médiuns não passam de escamoteadores. Já refutamos este argumento, ou melhor, esta opinião, notadamente nos artigos sobre o Sr. Home e nos números da *Revista* de janeiro e fevereiro de 1858; não diremos, pois, senão algumas palavras, antes de falar de uma coisa mais séria.

Aliás, há uma consideração que não escapará a quem quer que reflita um pouco. Existem, sem dúvida, prestidigitadores de uma habilidade prodigiosa, porém são raros. Se todos os médiuns praticassem a escamoteação, seria preciso convir que esta arte teria feito, em pouco tempo, progressos incríveis e teria se tornado, subitamente, bem comum, já que se encontrava em estado inato nas pessoas, que dela nem suspeitavam e, até, em crianças.

Pelo fato de haver charlatães, que debitam drogas nas praças públicas, de haver até médicos que, sem ir à praça pública, enganam a confiança dos clientes, deve-se concluir que todos os médicos são charlatães e que a classe médica tenha sido atingida na sua consideração? Pelo fato de haver pessoas, que vendem tintura, por vinho, conclui-se que todos os comerciantes de vinho são falsificadores e que não haja vinho puro? Abusa-se de tudo, até das coisas mais

respeitáveis e, pode-se dizer, que a fraude também revela sua inteligência. Mas, a fraude sempre tem um objetivo, um interesse material qualquer; lá, onde nada há a ganhar, nenhum interesse existe em enganar. Assim, já dissemos, com relação aos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é o desinteresse absoluto.

315. De todos os fenômenos espíritas, os que mais se prestam à fraude são os fenômenos físicos, pelos motivos, que é útil levar em consideração. Primeiramente, porque dirigindo-se mais aos olhos do que à inteligência, são os que a prestidigitação pode mais facilmente imitar. Em segundo lugar, porque, despertando mais do que os outros, a curiosidade, são mais apropriados para atrair a multidão e, por conseguinte, mais produtivos. Desse duplo ponto de vista, os charlatães têm, portanto, todo interesse em simular estas espécies de manifestações; os espectadores, na sua maioria estranhos à ciência, aí, vão, geralmente, procurar uma distração, muito mais do que uma instrução séria e é sabido, que se paga sempre melhor o que diverte do que o que instrui. Mas, posto isso de lado, há um outro motivo, não menos decisivo. Se a prestidigitação pode imitar efeitos materiais, para os quais só necessita de destreza, não lhe conhecemos, até o momento, o dom da improvisação, que requer uma dose de inteligência pouco comum, nem o de produzir esses belos e sublimes ditados, frequentemente, tão cheios de discernimento, que os Espíritos dão nas suas comunicações. Isto nos faz lembrar o seguinte fato:

Um homem de letras, bastante conhecido, veio nos ver, certo dia, e nos disse que era um médium escrevente *intuitivo* muito bom e que se colocava à disposição da Sociedade Espírita. Como temos, por hábito, apenas admitir na Sociedade médiuns cujas faculdades nos são conhecidas, pedimos a ele que, antes, se dignasse a vir dar provas de suas faculdades numa reunião particular. Ele, efetivamente, compareceu a ela; vários médiuns experientes, aí, deram, quer dissertações, quer respostas de uma notável precisão sobre questões propostas e assuntos desconhecidos para eles. Quando chegou a vez deste senhor, ele escreveu algumas palavras insignificantes, disse estar indisposto naquele dia e, depois, não o revimos mais; ele achou, sem dúvida, que o papel de médium de efeitos inteligentes era mais difícil de representar do que o havia imaginado.

316. Em todas as coisas, as pessoas mais fáceis de enganar são as que não pertencem ao ofício; o mesmo acontece com o Espiritismo; as que não o conhecem são facilmente enganadas pelas aparências; enquanto que um estudo prévio atento as inicia, não somente na causa dos fenômenos, mas nas condições normais em que eles podem produzir-se e lhes fornece, assim, os meios de

reconhecer a fraude, se ela existir.

317. Os médiuns trapaceiros são estigmatizados, como o merecem, na seguinte carta, que reproduzimos, na *Revista* do mês de agosto de 1861:

"Paris, 21 de julho de 1861.

Senhor,

Pode-se estar em desacordo sobre certos pontos e estar de perfeito acordo sobre outros. Acabo de ler, na página 213 do último número do vosso jornal, reflexões sobre a fraude, em matéria de experiências espiritualistas (ou espíritas) às quais fico feliz em me associar, com todas as minhas forças. Aí, qualquer dissidência, em matéria de teorias e de doutrinas, desaparece, como por encanto.

Talvez eu não seja tão severo quanto vós, com relação aos médiuns que, sob uma forma digna e conveniente, aceitam uma remuneração, como indenização do tempo que consagram a experiências, frequentemente, longas e cansativas; mas, sou tanto quanto o sois — e não poderia deixar de sê-lo — com relação àqueles que, em caso semelhante, suprem, na ocasião, pela trapaça e pela fraude, à falta ou à insuficiência dos resultados prometidos e esperados. (Ver, item 311.)

Misturar o falso com o verdadeiro, quando se trata de fenômenos obtidos pela intervenção dos Espíritos é, simplesmente, uma infâmia, e haveria obliteração do senso moral no médium, que acreditasse poder fazê-lo, sem escrúpulo. Assim como pudestes perfeitamente observar, *é lançar, no espírito dos indecisos, o descrédito sobre a coisa, desde que a fraude seja reconhecida*. Acrescentarei que é comprometer da maneira mais deplorável os homens honrados, que prestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes, que se constituem fiadores, de boa-fé, e os patrocinam, de alguma forma; é cometer para com eles uma verdadeira prevaricação.

Todo médium que fosse apanhado em manobras fraudulentas; que fosse pego, para me servir de uma expressão um pouco trivial, com a mão na botija, mereceria ser rejeitado por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para quem constituiria um dever rigoroso, desmascará-los ou estigmatizá-los.

Se vos convier, senhor, inserir estas poucas linhas, no vosso jornal, elas estão à vossa disposição.

Aceitai, etc.

Mathieu.

318. Nem todos os fenômenos espíritas são igualmente fáceis de imitar e há

alguns que desafiam, evidentemente, toda a habilidade da prestidigitação; estes são, notadamente, o movimento dos objetos, sem contato, a suspensão dos corpos pesados no ar, as pancadas de diferentes lados, as aparições, etc., salvo o emprego dos truques e dos arranjos; é por isso que dizemos que, em semelhante caso, é preciso observar, atentamente, as circunstâncias e, principalmente, levar em conta o caráter e a posição das pessoas, o objetivo e o interesse que poderiam ter em enganar; aí está a melhor de todas as verificações, porquanto há circunstâncias que retiram qualquer motivo de suspeição. Pensamos, portanto, em princípio, que se deve desconfiar de todo aquele, que fizesse desses fenômenos, um espetáculo ou objeto de curiosidade ou de divertimento e que pretendesse produzi-los à vontade, no momento desejado, assim como já explicamos. Nunca seria demais repeti-lo: as inteligências ocultas que se manifestam têm suas suscetibilidades e querem nos provar que têm também seu livre-arbítrio e não se submetem aos nossos caprichos. (Item 38.)

Bastará, para nós, assinalar alguns subterfúgios empregados ou que é possível empregar, em certos casos, para premunir os observadores, de boa-fé, contra a fraude. Quanto às pessoas que teimam em julgar, sem aprofundar, seria tempo perdido procurar dissuadi-las.

319. Um dos fenômenos mais comuns é o das pancadas, no interior da própria substância da madeira, com ou sem movimento da mesa ou outro objeto de que se sirva. Este efeito é um dos mais fáceis de imitar, seja pelo contato dos pés, seja ao provocar pequenos estalos no móvel; porém, existe uma pequena astúcia especial, que é útil desvendar. Basta colocar as duas mãos espalmadas sobre a mesa e bastante aproximadas, para que as unhas dos polegares apoiem-se, fortemente, uma contra a outra; então, por um movimento muscular completamente imperceptível, faz-se com que experimentem um atrito, que produz um pequeno ruído seco, que possui uma grande analogia com os da tiptologia íntima. Este ruído se repercute na madeira e produz uma ilusão completa. Nada é mais fácil do que fazer que ouçam tantas pancadas, quantas queiram, um ruído de tambor, etc..., do que responder a certas perguntas, por um sim, ou por um não, por números, ou, mesmo, pela indicação das letras do alfabeto.

Uma vez prevenido, o meio de reconhecer a fraude é bem simples. Ela é impossível, se as mãos estiverem afastadas uma da outra, e se se estiver certo de que nenhum outro contato poderá produzir o ruído. As pancadas reais, além disso, oferecem esta característica: é que elas mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não pode acontecer, quando devidas à causa que assinalamos ou a

qualquer outra análoga; porque o ruído sai da mesa para se colocar num móvel qualquer, em que ninguém toca, nas paredes, no teto, etc., porque ele responde, enfim, a perguntas não previstas. (Ver, item 41.)

320. A escrita direta é ainda mais fácil de ser imitada; sem falar dos agentes químicos bem conhecidos, para fazer a escrita aparecer, num dado tempo, no papel branco, o que se pode desfazer com as precauções mais comuns; poderia acontecer que, através de uma hábil escamoteação, se substituísse um papel por um outro. Também poderia acontecer que aquele que quisesse fraudar, tivesse a arte de desviar a atenção, enquanto escrevesse, com destreza, algumas palavras. Alguém nos disse também ter visto escrever, assim, com um pedaço de uma ponta de lápis, escondido debaixo da unha.

321. O fenômeno dos transportes não se presta menos à tra-paça e pode-se, facilmente, ser enganado por um escamoteador, mais ou menos, destro, sem que seja necessário envolver-se com um prestidigitador profissional. No artigo especial, que publicamos acima (item 96), os Espíritos determinaram, eles próprios, as condições excepcionais em que ele pode produzir-se, donde pode-se concluir, que a obtenção *fácil* e *facultativa* pode, pelo menos, ser considerada como suspeita. A escrita direta está no mesmo caso.

322. No capítulo dos *Médiuns especiais*, mencionamos, segundo os Espíritos, as aptidões medianímicas comuns e as que são raras. Convém, portanto, desconfiar dos médiuns que pretendam possuir estas últimas, com muita facilidade ou que ambicionam a multiplicidade das faculdades, pretensão que só muito raramente se justifica.

323. As manifestações inteligentes são, conforme as circunstâncias, as que oferecem mais garantia e, entretanto, não se acham preservadas da imitação, pelo menos no que se refere às comunicações banais e vulgares. Acredita-se ter mais segurança com médiuns mecânicos, não apenas pela independência das ideias, mas, também, contra as mistificações; é por esta razão que algumas pessoas preferem os intermediários materiais. Pois bem! é um erro. A fraude se insinua, por toda a parte, e sabemos que, com habilidade, pode-se dirigir à vontade até mesmo uma cesta ou uma prancheta que escreve e dar-lhe todas as aparências dos movimentos espontâneos. O que tira todas as dúvidas, são os pensamentos expressos, venham de um médium mecânico, intuitivo, auditivo, falante ou vidente. Há comunicações, que estão tão fora das ideias, dos conhecimentos e mesmo do alcance intelectual do médium, que seria preciso enganar-se, estranhamente, para atribuir-lhe a autoria. Reconhecemos, no charlatanismo, uma grande habilidade e recursos fecundos, mas ainda não lhe descobrimos o

dom de dar saber a um ignorante, nem espírito àquele que não o tenha.

Em resumo, repetimos, a melhor garantia está na moralidade notória dos médiuns e na ausência de todas as causas de interesse material ou de amor-próprio, que poderiam estimular-lhes o exercício das faculdades medianímicas que possuam, pois essas mesmas causas podem induzi-los a estimular as que não possuem.



CAPÍTULO XXIX

REUNIÕES E SOCIEDADES ESPÍRITAS

Reuniões em geral. – Sociedades propriamente ditas. – Assuntos de estudos. – Rivalidade entre as sociedades

Reuniões em geral

324. As reuniões espíritas podem oferecer grandíssimas vantagens, ao permitirem o esclarecimento pela troca recíproca das ideias, pelas questões e observações que cada qual possa fazer e das quais todos podem tirar proveito; mas para delas retirar os frutos desejáveis, são necessárias condições especiais, que vamos examinar, pois erraria quem as comparasse às sociedades comuns. Aliás, sendo as reuniões um todo coletivo, o que lhes diz respeito é a consequência natural das instruções precedentes; elas devem tomar as mesmas precauções e preservarem-se dos mesmos enganos, que os indivíduos; é por isso que colocamos este capítulo, em último lugar.

As reuniões espíritas apresentam características muito diferentes, de acordo com o objetivo a que se propõem e suas condições de ser devem também, por isso mesmo, diferir. Conforme a natureza delas, podem ser *frívolas*, *experimentais* ou *instrutivas*.

325. As *reuniões frívolas* compõem-se de pessoas, que só veem o lado divertido das manifestações, que se divertem com as gracinhas dos Espíritos levianos, a quem agradam muito essas espécies de assembleias, onde eles têm toda a liberdade de produzir e disso não se privam. Aí é que se perguntam todas as espécies de banalidades, que fazem os Espíritos predizer o futuro, que se lhes põe à prova a perspicácia para adivinhar a idade, o que se tem no bolso, desvendar segredinhos e muitas outras coisas desta importância.

Essas reuniões são inconsequentes; mas como os Espíritos levianos são, às vezes, muito inteligentes e, em geral, de humor fácil e jovial, nelas se produzem, muitas vezes, coisas muito curiosas das quais o observador pode tirar proveito; aquele que só isto tivesse visto e julgasse o mundo dos Espíritos, segundo esta amostra, faria dele uma ideia tão falsa, quanto o que julgasse toda a sociedade de

uma grande cidade pela de alguns quarteirões. O simples bom senso diz que os Espíritos elevados não podem vir a tais reuniões, em que os espectadores não são mais sérios, que os atores. Quem quiser ocupar-se com coisas fúteis, deve, francamente, chamar Espíritos levianos, como chamaria palhaços para divertir uma sociedade, mas haveria profanação convidar para ela nomes venerados, misturando o sagrado com o profano.

326. As *reuniões experimentais* têm por objeto, mais especialmente, a produção das manifestações físicas. Para muitas pessoas, é um espetáculo mais curioso que instrutivo; os incrédulos delas saem mais admirados do que convencidos, quando não viram outra coisa e, todo o pensamento deles é desviado para a pesquisa das artimanhas, pois nada percebendo, imaginam, de bom grado, subterfúgios. O mesmo não se dá com aqueles que têm estudado; eles compreendem, antecipadamente, a possibilidade e fatos positivos determinam, depois, ou completam a convicção deles; se houvesse subterfúgio, eles estariam em condições de descobri-lo.

Apesar disso, estas experiências têm uma utilidade, que ninguém poderia negar, pois foram elas que fizeram descobrir as leis que regem o mundo invisível e, para muitas pessoas, elas são, certamente, um poderoso meio de convicção, mas sustentamos que, sozinhas, não podem iniciar na ciência espírita, assim como a visão de engenhoso mecanismo, não pode fazer conhecida a mecânica, se não se lhe conhecem as leis; entretanto, se fossem dirigidas com método e prudência, obter-se-iam melhores resultados. Voltaremos, em breve, a este assunto.

327. As *reuniões instrutivas* apresentam um caráter inteiramente diverso e, como são as em que se pode haurir o verdadeiro ensino, insistiremos, ainda, sobre as condições que devem preencher.

A primeira de todas é de permanecerem sérias, em toda a acepção da palavra. É preciso convencer-se de que os Espíritos com quem querem comunicar-se são de uma natureza muito especial; que, não podendo o sublime aliar-se ao trivial, nem o bem ao mal, se quiserem obter boas coisas, devem dirigir-se aos bons Espíritos; mas não basta chamar bons Espíritos, é preciso, como condição expressa, estar em condições propícias para que *consistam* em vir; ora, Espíritos superiores não viriam em assembleias de homens levianos e superficiais, como a elas não teriam vindo, enquanto vivos.

Uma sociedade só é verdadeiramente séria, com a condição de se ocupar com coisas úteis, com exclusão de outras quaisquer; se ela aspira obter fenômenos extraordinários, por curiosidade ou passatempo, os Espíritos, que os produzem,

poderão vir, mas os outros irão embora. Numa palavra, seja qual for o caráter de uma reunião, ela encontrará sempre Espíritos dispostos a secundar suas tendências. Uma reunião séria afasta-se, portanto, de seu objetivo, se deixa o ensino, pelo divertimento. As manifestações físicas, como já dissemos, têm sua utilidade: que aqueles que querem ver, vão às reuniões experimentais; que os que querem compreender, vão às reuniões de estudo; é assim que uns e outros poderão completar sua instrução espírita, como, no estudo da medicina, uns vão aos cursos, outros à clínica.

328. A instrução espírita não abrange apenas o ensino moral dado pelos Espíritos, mas também o estudo dos fatos; cabe a ela a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas e, como consequência, a constatação do que é possível e do que não o é; numa palavra, a observação de tudo o que pode contribuir para que a Ciência progrida. Ora, seria equivocar-se acreditar que os fatos se limitam aos fenômenos extraordinários; que apenas aqueles que mais impressionam os sentidos sejam dignos de atenção; encontramo-los, a cada passo, nas comunicações inteligentes e homens que se reúnem para o estudo não poderiam desprezar; esses fatos, que seria impossível enumerar, surgem de uma multiplicidade de circunstâncias fortuitas; embora menos expressivos, nem por isso deixam de ser do mais alto interesse para o observador que nele encontra a confirmação de um princípio conhecido, ou a revelação de um princípio novo que o faz penetrar um pouco mais nos mistérios do mundo invisível; isso também é filosofia.

329. As reuniões de estudo são, além disso, de uma imensa utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, para aqueles, principalmente, que têm um desejo sério de aperfeiçoar-se e que a elas não compareçam com uma tola presunção de infalibilidade. Um dos grandes tropeços da mediunidade é, como já dissemos, a obsessão e a fascinação; eles podem, portanto, iludir-se de muito boa-fé sobre o mérito daquilo que obtêm e compreende-se, que os Espíritos enganadores tenham liberdade de ação, quando só lidam com um cego; é por isso que afastam seu médium de qualquer verificação; se necessário, fazem-no tomar aversão por quem quer que possa esclarecê-lo; graças ao isolamento e à fascinação, podem, facilmente, fazê-lo aceitar tudo o que querem.

Nunca será demais repetir, aí está não apenas um tropeço, mas um perigo; sim, dizemos, um verdadeiro perigo. O único meio de escapar dele é a verificação de pessoas desinteressadas e benevolentes que, julgando as comunicações, com sangue frio e imparcialidade, podem abrir-lhe os olhos e fazê-lo perceber o que, ele próprio, não pode ver. Ora, todo médium que teme

este julgamento, já se encontra no caminho da obsessão; aquele que acredita que a luz só para ele foi feita, está completamente subjugado; se leva a mal as observações, se as rejeita, se com elas se irrita, não pode haver dúvida sobre a natureza má do Espírito que o assiste.

Já dissemos que um médium pode carecer dos conhecimentos necessários para compreender os erros; pode deixar-se iludir pelas palavras eloquentes e uma linguagem pretensiosa, ser seduzido por sofismas e, isto, com a maior boa-fé do mundo; é por isso que, por falta de luzes próprias, ele deve, modestamente, recorrer às dos outros, segundo esses dois adágios: quatro olhos veem mais do que dois e que ninguém, jamais, é bom juiz em causa própria. É deste ponto de vista que as reuniões são de grande utilidade para o médium, se ele for bastante sensato para ouvir as advertências, porque, ali, encontrar-se-ão pessoas mais esclarecidas que ele, que apreenderão as nuanças, muitas vezes, delicadas, através das quais o Espírito trai a sua inferioridade.

Todo médium, que sinceramente deseje não ser o joguete da mentira, deve, portanto, procurar produzir em reuniões sérias e a elas levar o que obtenha, em particular; aceitar, reconhecido, solicitar mesmo o exame crítico das comunicações que receba; se for alvo dos Espíritos enganadores, este é o meio mais seguro de livrar-se deles, provando-lhes, que não podem enganá-lo. Aliás, o médium, que se irrita com a crítica, tanto menos razão tem, visto que seu amor-próprio não está absolutamente comprometido, porque o que é dito não provém dele e é tão responsável por isso, quanto o seria, se lesse os versos de um mau poeta.

Insistimos neste ponto, porque, se esse é um tropeço para os médiuns, também o é para as reuniões, nas quais é importante não confiar levianamente em todos os intérpretes dos Espíritos. O concurso de todo médium obsidiado ou fascinado lhes seria mais nocivo do que útil; elas não devem, portanto, aceitá-lo. Julgamos ter abordado desdobramentos suficientes para que lhes seja impossível equivocarem-se sobre os caracteres da obsessão, se o médium não puder reconhecê-la por si mesmo; um dos mais marcantes é, sem dúvida, a pretensão de ter sempre razão, contra todo mundo. Os médiuns obsidiados, que não querem admiti-lo, assemelham-se a esses doentes, que se iludem sobre sua saúde e se perdem por não se submeterem a um regime salutar.

330. O que uma reunião séria deve se propor é afastar os Espíritos mentirosos; estaria em erro se se supusesse ao abrigo deles pelo seu objetivo e pela qualidade de seus médiuns; ela, aí, não chegará, enquanto, ela própria, não estiver em condições favoráveis.

Para bem compreender o que se passa, nesta circunstância, pedimos que queiram reportar-se ao que dissemos mais acima, item 231, sobre a *Influência do meio*. Deve-se imaginar que cada indivíduo está cercado de certo número de companheiros invisíveis, que se identificam com seu caráter, seus gostos e seus pendores; portanto, quem quer que entre numa reunião pública traz consigo Espíritos, que lhe são simpáticos. Conforme o número e a natureza deles, esses companheiros podem exercer sobre a assembleia e sobre as comunicações, uma influência boa ou má. Uma reunião perfeita seria aquela, em que todos os membros, animados de igual amor ao bem, só trouxessem consigo bons Espíritos; por falta de perfeição, a melhor será aquela em que o bem suplante o mal. Isto é muito lógico, para que seja necessário insistir.

331. Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante de todas as de seus membros e formam, como que um feixe; ora, este feixe terá ainda mais força, quanto mais homogêneo ele for. Se bem se compreendeu o que foi dito (item 282, pergunta 5) sobre a maneira por que os Espíritos são avisados do nosso chamado, facilmente compreender-se-á o poder de associação do pensamento dos assistentes. Se o Espírito é, de alguma forma, atingido pelo pensamento, como o somos pela voz, vinte pessoas unindo-se com a mesma intenção terão, necessariamente, mais força do que uma só; mas para que todos esses pensamentos concorram para o mesmo objetivo, é preciso que vibrem em uníssono; que se confundam, por assim dizer, num único, o que não pode acontecer, sem recolhimento.

Por outro lado, chegando o Espírito num meio completamente simpático, aí está muito à vontade; encontrando apenas amigos, virá com mais boa vontade e estará mais disposto a responder. Quem quer que tenha acompanhado, com alguma atenção, as manifestações espíritas inteligentes pôde convencer-se desta verdade. Se os pensa-mentos forem divergentes, daí resulta um choque de ideias desagradáveis para o Espírito e, por conseguinte, prejudicial à manifestação. O mesmo se dá com um homem que deva falar numa assembleia; se ele sente que todos os pensamentos lhe são simpáticos e benevolentes, a impressão, que deles recebe, reage sobre suas próprias ideias e lhes dá mais vigor; a unanimidade desse concurso exerce sobre ele uma espécie de ação magnética que decuplica seus meios, ao passo que a indiferença ou a hostilidade o perturbam e paralisam; é assim que os atores ficam eletrizados pelos aplausos; ora, os Espíritos, muito mais impressionáveis que os homens, devem sofrer ainda mais a influência do meio.

Toda reunião deve, pois, tender para a maior homogeneidade possível; está

bem entendido, que falamos daquelas que querem chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis; se o que se quer é simplesmente obter comunicações, de qualquer maneira, sem se preocupar com a qualidade daqueles que as dão, é evidente que todas essas precauções não são necessárias, mas, então, não devem queixar-se da qualidade do produto.

332. Sendo o recolhimento e a comunhão de pensamentos as condições essenciais de toda reunião séria, compreende-se que o número excessivo dos assistentes deve ser uma das causas mais contrárias à homogeneidade. Certamente, nenhum limite absoluto existe para este número e, concebe-se que cem pessoas, suficientemente recolhidas e atentas, estarão em melhores condições do que dez, que estejam distraídas e barulhentas; porém, é evidente, também, que quanto maior for o número, mais difíceis de preencher serão essas condições. Aliás, constitui um fato provado, pela experiência, que os pequenos círculos íntimos são sempre mais favoráveis às belas comunicações e, isto, pelos motivos que desenvolvemos.

333. Há, ainda, um outro ponto não menos necessário, que é a regularidade das reuniões. Em todas, há sempre Espíritos a que poderíamos chamar de *costumeiros* e não nos referimos, aqui, a esses Espíritos, que se encontram em toda a parte e se metem em tudo; estes são, quer Espíritos protetores, quer aqueles a quem interrogamos mais frequentemente. Não se deve imaginar que esses Espíritos nada mais tenham a fazer, senão escutar-nos; eles possuem suas ocupações e podem, além disso, encontrar-se em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões acontecem em dias e horas determinados, eles se dispõem, consequentemente, a vir e é raro faltarem a elas. O mesmo ocorre com aqueles, que levam a pontualidade ao excesso; formalizam-se, quando há um atraso de quinze minutos e se eles próprios é que marcam o momento da reunião, seria inútil chamá-los alguns minutos mais cedo. Acrescentemos, entretanto, que embora os Espíritos prefiram a regularidade, os que são verdadeiramente superiores não se mostram meticulosos a esse ponto. A exigência de uma pontualidade rigorosa é um sinal de inferioridade, como tudo o que é pueril. Além das horas predeterminadas, eles podem vir, sem dúvida, e vêm, até, de boa vontade, se o objetivo for útil; porém, nada é mais prejudicial às boas comunicações do que chamá-los, à torto e a direito, quando nos deixamos levar pela fantasia e, principalmente, sem motivo sério; como não são obrigados a se submeter aos nossos caprichos, poderiam muito bem não se incomodarem com eles, é, então, principalmente, que outros podem tomar o lugar e o nome deles.

Sociedades propriamente ditas

334. Tudo o que dissemos sobre os médiuns, em geral, aplica-se, naturalmente, às Sociedades, regularmente constituídas: estas, todavia, têm que lutar contra algumas dificuldades especiais, que nascem dos próprios laços que unem seus membros. Tendo sido frequentes os pedidos de esclarecimentos sobre a organização destas, nós os resumiremos, aqui, em algumas palavras.

O Espiritismo, que mal acaba de nascer, é ainda diversamente apreciado, muito pouco compreendido em sua essência, por um grande número de adeptos, para oferecer um laço poderoso entre os membros daquilo que se poderia chamar uma associação. Este laço só pode existir entre aqueles, que nele veem o objetivo moral, compreendem-no e *aplicam-no a si mesmos*. Entre aqueles que nele apenas veem fatos mais ou menos curiosos, não poderia haver um laço sério; colocando os fatos acima dos princípios, uma simples divergência, na maneira de encará-los, pode dividi-los. O mesmo já não se dá com os primeiros, porquanto sobre a questão moral, não pode haver duas maneiras de encará-la; também deve-se notar que, por toda a parte, onde eles se encontrem, uma confiança recíproca os atrai uns para os outros; a benevolência mútua, que reina entre eles, exclui o vexame e o constrangimento, que nascem da suscetibilidade, do orgulho, que se irrita com a menor contradição, do egoísmo, que tudo reclama para si. Uma Sociedade onde tais sentimentos fossem partilhados por todos, onde se reuniriam com o objetivo de se instruírem, pelos ensinos dos Espíritos e, não, na esperança de ver coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer prevalecer sua opinião, uma tal Sociedade, dizemos, seria não apenas viável, mas indissolúvel. A dificuldade de reunir ainda numerosos elementos homogêneos, deste ponto de vista, nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e para o bem da própria causa, as reuniões espíritas devem ter em vista a multiplicação, através de pequenos grupos do que à constituição de grandes aglomerações. Esses grupos, correspondendo-se, entre si, visitando-se, permutando suas observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que, um dia, religará todas as opiniões e unirá os homens no mesmo sentimento de fraternidade, que traz o cunho da caridade cristã.

335. Já vimos de que importância é a uniformidade de sentimentos para a obtenção de bons resultados; esta uniformidade é, necessariamente, tanto mais difícil de obter-se, quanto maior for o número. Nos pequenos grupos, todos se conhecem melhor, fica-se mais seguro, quanto aos elementos que neles se introduzem; o silêncio e o recolhimento, aí, são mais fáceis e tudo se passa, como em família. As grandes assembleias excluem a intimidade, pela variedade

dos elementos de que elas se compõem; elas exigem locais especiais, recursos pecuniários e um aparelho administrativo, inúteis, nos pequenos grupos; a divergência dos caracteres, das ideias, das opiniões, aí, se desenha melhor e oferece aos Espíritos trapalhões mais facilidade para semear a discórdia. Quanto mais numerosa a reunião, mais difícil se torna contentar todo o mundo; cada um gostaria que os trabalhos fossem dirigidos de acordo com a sua vontade; que se ocupasse, preferentemente, dos assuntos que mais o interessam; alguns acreditam que o título de sócio lhes dá o direito de impor sua maneira de ver; daí, os conflitos, uma causa de mal-estar que leva, cedo ou tarde, à desunião, depois, à dissolução, sorte de todas as Sociedades, quaisquer que sejam seus objetivos. Os pequenos grupos não estão sujeitos às mesmas flutuações; a queda de uma grande Sociedade seria um fracasso aparente para a causa do Espiritismo e seus inimigos não deixariam de prevalecer-se disso; a dissolução de um pequeno grupo passa despercebida e, além disso, se um se dispersa, vinte outros se formam ao lado; ora, vinte grupos, de quinze a vinte pessoas, farão mais pela propagação, do que uma assembleia de trezentas a quatrocentas pessoas.

Dir-se-á, sem dúvida, que os membros de uma Sociedade, que agissem como acabamos de dizer, não seriam verdadeiros espíritas, já que o primeiro dever que a Doutrina impõem é a caridade e a benevolência. Isto é, perfeitamente, justo; por isso, os que pensam, assim, são espíritas mais de nome do que de fato; certamente não pertencem à terceira categoria (ver, item 28); mas quem diz que sejam, realmente, espíritas? Aqui, uma consideração, que não é destituída de gravidade, se apresenta.

336. Não esqueçamos que o Espiritismo possui inimigos interessados em atrapalhá-lo e que veem seus êxitos com despeito; os mais perigosos não são os que atacam abertamente, mas os que agem na sombra: estes o acariciam com uma das mãos e o dilaceram com a outra. Estes seres malfazejos se insinuam, por toda a parte, onde esperam fazer o mal; como sabem que a união é uma força, tentam destruí-la, semeando a discórdia. Quem diz, portanto, que aqueles que, nas reuniões, semeiam a perturbação e a cizânia não são agentes provocadores, interessados na desordem? Certamente, não são verdadeiros, nem bons espíritas; nunca podem fazer o bem e podem fazer muito mal. Compreende-se que encontram infinitamente mais facilidade em insinuar-se nas reuniões numerosas do que nos pequenos grupos, onde todos se conhecem; graças a surdas tramoias, que passam despercebidas, semeiam a dúvida, a desconfiança e a desafeição; sob a aparência de um interesse hipócrita pela causa, criticam tudo, formam conciliábulos e panelinhas que, logo, rompem a

harmonia do conjunto: é o que querem. Diante de gente dessa espécie, apelar para os sentimentos de caridade e de fraternidade é falar a surdos voluntários, pois o objetivos deles é, precisamente, destruir estes sentimentos, que constituem o maior obstáculo às suas tramoias. Este estado de coisas, desagradável em todas as Sociedades, ainda mais o é nas Sociedades espíritas, porque, se não leva a uma ruptura, causa uma preocupação, incompatível com o recolhimento e a atenção.

337. Se a reunião toma um mau caminho, dirão, não terão homens sensatos e bem intencionados o direito de crítica e deverão deixar que o mal passe, sem nada dizer, aprová-lo, através do seu silêncio? Sem nenhuma dúvida, é o direito deles: é, além disso, um dever; porém, se a intenção deles é realmente boa, emitem suas opiniões cabíveis e benevolentes, abertamente e, não, às escondidas; se não forem seguidos, retiram-se; pois não se conceberia, que aquele que nenhuma segunda intenção tivesse, se obstinasse a permanecer numa sociedade, onde seriam feitas coisas que não lhe conviessem.

Pode-se, pois, estabelecer, como princípio, que todo aquele que numa reunião espírita, provoque a desordem ou a desunião, ostensivamente ou às escondidas, por quaisquer meios, é, ou um agente provocador ou, pelos menos, um péssimo espírita, do qual poderiam se livrar o quanto antes; porém, os próprios compromissos que ligam todos os membros, muitas vezes, aí colocam obstáculos; é por isso, que convém evitar os compromissos indissolúveis; os homens de bem sempre estão muito comprometidos: os mal-intencionados sempre o estão demais.

338. Além das pessoas notoriamente malvadas, que se insinuam nas reuniões, há aqueles que, pelo próprio caráter, levam consigo a perturbação por toda a parte onde se encontram: nunca, portanto, seria demasiada a circunspecção, diante de novos elementos que se admitem. Os mais prejudiciais, neste caso, não são os ignorantes sobre a matéria, nem mesmo aqueles que não creem: a convicção só se adquire pela experiência e existem pessoas que desejam esclarecer-se, de boa-fé. Aqueles, principalmente, dos quais é preciso preservar-se, são as pessoas de sistemas preconcebidos, os incrédulos, que duvidam de tudo, até da evidência; os orgulhosos que, pretendendo ter apenas para si a luz infusa, querem impor sua opinião e olham com desdém todo aquele que não pensa como eles. Não vos deixeis levar pelo pretenso desejo de se esclarecerem; há mais de um, que ficaria muito aborrecido, por ser forçado a convir que se enganou. Guardai-vos, sobretudo, desses oradores insípidos, que querem sempre dizer a última palavra e daqueles que só se comprazem na contradição; uns e

outros fazem perder tempo, sem proveito, para si mesmos; os Espíritos não gostam de palavras inúteis.

339. Tendo em vista a necessidade de evitar toda causa de perturbação e de distração, uma sociedade espírita que se organiza, deve dar toda sua atenção às medidas apropriadas para retirar dos criadores de desordem os meios de prejudicar e oferecer as maiores facilidades para afastá-los. As pequenas reuniões só necessitam de um regulamento disciplinar, muito simples, para a ordem das sessões; as Sociedades, regularmente constituídas, exigem uma organização mais completa; a melhor será aquela, cujas engrenagens forem menos complicadas; umas e outras poderão haurir o que lhes for aplicável ou o que julgarem útil, no regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que inserimos adiante.

340. As Sociedades, pequenas ou grandes e todas as reuniões, qualquer que seja sua importância, têm que lutar contra um outro obstáculo. Os criadores de desordem não se encontram apenas no meio delas, eles também se encontram no mundo invisível. Assim como há Espíritos protetores para as cidades e os povos, Espíritos malévolos ligam-se aos grupos, da mesma maneira que aos indivíduos; ligam-se, primeiramente, aos mais fracos, aos mais acessíveis, dos quais procuram fazer instrumentos e, gradativamente, tentam envolver as massas; porque o prazer maligno deles é proporcional ao número daqueles, que mantêm sob seu jugo. Todas as vezes, pois, que num grupo, uma pessoa cai na armadilha, é preciso que se diga, que há um inimigo no campo, um lobo no redil e que todos devem manter-se vigilantes, porquanto é mais que provável, que ele multiplicará suas tentativas; se uma resistência enérgica não o desencoraja, a obsessão torna-se, então, como um mal contagioso, que se manifesta, nos médiuns, pela perturbação da mediunidade, e nos outros, pela hostilidade dos sentimentos, pela perversão do senso moral e pela perturbação da harmonia. Como o mais poderoso antídoto deste veneno é a caridade, é a caridade que procuram abafar. Portanto, não se deve esperar que o mal se torne incurável para remediá-lo; não se deve aguardar, nem mesmo, os primeiros sintomas; deve-se, sobretudo, procurar preveni-lo; para isso, existem dois meios eficazes, se forem bem utilizados: a prece feita de coração e o estudo atento dos menores sinais que revelam a presença de Espíritos mistificadores; o primeiro, atrai os bons Espíritos, que só assistem, com zelo, aqueles que o secundam pela sua confiança em Deus; o outro, prova aos maus, que estão lidando com pessoas bastante clarividentes e bastante sensatas, para não se deixarem enganar. Se um dos membros sofre a influência da obsessão, todos os esforços devem tender, desde

os primeiros indícios, a lhe abrir os olhos, pelo medo de que o mal se agrave, a fim de levá-lo à convicção de que se enganou e ao desejo de secundar aqueles que querem libertá-lo.

341. A influência do meio é a consequência da natureza dos Espíritos e de seus modos de ação sobre os seres vivos; dessa influência, cada um pode deduzir, por si mesmo, as condições mais favoráveis para uma Sociedade que aspira a ganhar a simpatia dos bons Espíritos e a obter somente boas comunicações, afastando os maus. Estas condições estão, todas, nas disposições morais dos assistentes; elas se resumem nos seguintes pontos:

• Perfeita comunhão de vistas e de sentimentos;

• Benevolência recíproca entre todos os membros;

• Sacrifício de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã.

• Desejo único de se instruir e de se melhorar, através do ensino dos bons Espíritos e aproveitamento de seus conselhos. Quem quer que esteja convencido de que os Espíritos superiores se manifestam, tendo em vista fazer-nos progredir e não para nosso divertimento, compreenderá que eles devem se afastar daqueles que se limitam a admirar-lhes o estilo, sem daí tirar qualquer proveito e só se interessam pelas sessões, conforme o maior ou menor interesse que elas lhes oferecem, segundo seus gostos particulares;

• Exclusão de tudo o que, nas comunicações pedidas aos Espíritos, apenas tiver um objetivo de curiosidade;

• Recolhimento e silêncio respeitosos, durante as conversações com os Espíritos;

• União de todos os assistentes, através do pensamento, ao apelo feito aos Espíritos, que são evocados;

• Concurso dos médiuns da assembleia, com a ausência de todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia e pelo único desejo de se tornar úteis.

Estas condições serão tão difíceis de preencher, que não se possa encontrá-las? Não pensamos assim; esperamos, ao contrário, que as reuniões verdadeiramente sérias, como as que já existem em diferentes localidades, multiplicar-se-ão e não hesitaremos em dizer que é a elas que o Espiritismo deverá sua mais poderosa propagação; religando os homens honestos e conscienciosos, elas imporão silêncio à crítica e, quanto mais puras forem suas intenções, mais respeitadas serão, até, pelos seus adversários; *quando a zombaria ataca o bem, deixa de provocar o riso: torna-se desprezível*. É entre as

reuniões deste gênero que se estabelecerão um verdadeiro laço de simpatia, uma solidariedade mútua, pela força das coisas e contribuirão para o progresso geral.

342. Seria um erro acreditar-se que as reuniões em que se ocupam mais especificamente das manifestações físicas estejam fora deste concerto fraternal e que elas excluam todo pensamento sério; se elas não requerem condições tão rigorosas, não quer dizer que a elas se possa assistir, impunemente, com leviandade e enganar-se-iam, se acreditassem que o concurso dos assistentes, ali, fosse absolutamente nulo; tem-se a prova do contrário no fato de que, muitas vezes, as manifestações deste gênero, mesmo provocadas por poderosos médiuns, não podem produzir-se, em certos meios. Há, portanto, também para isso, influências contrárias e, essas influências, não podem estar, senão na divergência ou na hostilidade dos sentimentos, que paralisam os esforços dos Espíritos.

As manifestações físicas, como já dissemos, têm uma grande utilidade: elas abrem um vasto campo ao observador, pois é toda uma ordem de fenômenos insólitos que se desdobram diante de seus olhos e cujas consequências são incalculáveis. Uma assembleia pode, portanto, ocupar-se com objetivos muito sérios, seja como estudo, seja como meio de convicção, mas não conseguirá atingir seu objetivo, se não se coloca em condições favoráveis; a primeira de todas é, não a fé dos assistentes, porém o desejo de se esclarecerem, sem segundas intenções, sem ideias preconcebidas, de tudo rejeitarem, até a evidência; a segunda é a restrição do número deles, para evitar a mistura dos elementos heterogêneos. Se as manifestações físicas são produzidas, geralmente, pelos Espíritos menos adiantados, nem por isso deixam de ter um objetivo providencial e os bons Espíritos as favorecem, todas as vezes que possam apresentar um resultado útil.

Assuntos de estudos

343. Quando se evocam seus parentes e seus amigos ou algumas pessoas célebres, para comparar suas opiniões de além-túmulo, com aquelas que possuíam, quando vivos, essas pessoas ficam, muitas vezes, embaraçadas para alimentar as conversações com eles, sem caírem nas banalidades e futilidades. Além disso, muitas pessoas pensam que *O Livro dos Espíritos* esgotou a série das questões de moral e de filosofia: é um erro; é por isso que pode ser útil indicar a fonte de onde se podem tirar assuntos de estudo, por assim dizer, ilimitados.

344. Se a evocação dos homens ilustres, dos Espíritos superiores, é eminentemente útil pelos ensinamentos que eles nos dão, a dos Espíritos comuns

não o é menos, embora eles sejam incapazes de resolver as questões de um elevado alcance; pela sua inferioridade revelam a si próprios e, quanto menor a distância que os separa de nós, mais analogia, aí, encontramos com a nossa própria situação, sem contar que, frequentemente, nos oferecem traços característicos do mais alto interesse, assim como já explicamos acima, nº 281, falando da utilidade das evocações particulares. É, pois, uma mina inesgotável de observações, mesmo que se limite a evocar os homens, cuja vida apresente alguma particularidade, com relação ao gênero de morte, à idade, às boas ou más qualidades, à sua posição feliz ou desgraçada, na Terra, aos hábitos, ao estado mental, etc.

Com os Espíritos elevados, o quadro dos estudos se amplia; além das questões psicológicas, que têm um limite, pode-se propor-lhes uma imensidade de problemas morais, que se estendem ao infinito, sobre todas as posições da vida, sobre a melhor conduta a seguir nesta ou naquela dada circunstância, sobre nossos deveres recíprocos, etc. O valor da instrução que se receba sobre um assunto qualquer, moral, histórico, filosófico ou científico, depende, inteiramente, do estado do Espírito que se interroga; cabe a nós julgar.

345. Além das evocações, propriamente ditas, os ditados espontâneos oferecem, ao infinito, assuntos de estudo. Elas consistem em aguardar o tema, que agrade aos Espíritos tratar. Vários médiuns podem, neste caso, trabalhar simultaneamente. Algumas vezes, pode-se chamar determinado Espírito; o mais comum, é aguardar aquele que gostaria de apresentar-se e ele, aí, comparece, muitas vezes, da maneira mais imprevista. Esses ditados podem, em seguida, dar lugar a uma imensidade de questões, cujo tema encontra-se, assim, inteiramente preparado. Eles devem ser comentados, cuidadosamente, para estudar todas as ideias que encerram e julgar, se trazem consigo, um cunho de verdade. Este exame, feito com serenidade, é, como já dissemos, a melhor garantia contra a intromissão dos Espíritos mistificadores. Por este motivo, tanto quanto para a instrução de todos, dever-se-á fazer conhecidas as comunicações obtidas, fora da reunião. Há, aí, como se vê, uma fonte inesgotável de elementos eminentemente sérios e instrutivos.

346. As ocupações de cada sessão podem ser reguladas, assim, como se segue:

1º) Leitura das comunicações espíritas, obtidas na última sessão, passadas a limpo;

2º) *Relatórios diversos:* Correspondência. — Leitura das comunicações, obtidas fora das sessões. — Narrativa de fatos que interessam ao Espiritismo;

3º) *Matéria de estudo:* Ditados espontâneos. — Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos. — Evocações;

4º) *Conferência:* Exame crítico e analítico das diversas comunicações. — Discussão sobre os diferentes pontos da ciência espírita.

347. Os grupos recém-criados, algumas vezes, não dão continuidade aos seus trabalhos, por falta de médiuns. Os médiuns são, com toda certeza, um dos elementos essenciais das reuniões espíritas, mas não constituem elemento indispensável e seria um erro acreditar que, sem eles, nada se pode fazer. Sem dúvida, aqueles que só se reúnem com um objetivo de realizar experiências, não podem, sem médiuns, fazer mais do que fariam músicos, num concerto, sem instrumentos; porém, aqueles que objetivam o estudo sério, possuem mil assuntos para se ocuparem, tão úteis e proveitosos, quanto se pudessem operar por si mesmos. Aliás, os grupos, que possuem médiuns, podem, eventualmente, ficar sem eles, e seria desagradável que acreditassem, neste caso, não ter outra coisa a fazer, senão a sua dissolução. Os próprios Espíritos podem, de tempos em tempos, colocá-los nesta situação, a fim de lhes ensinar a ficar sem eles. Diremos mais: que é necessário, para o aproveitamento de seus ensinamentos, consagrar, um certo tempo, para meditá-los. As sociedades científicas nem sempre possuem os instrumentos de observação sob seus olhos e, entretanto, não ficam embaraçadas de encontrar assuntos de discussão; na ausência de poetas e oradores, as sociedades literárias leem e comentam as obras dos autores antigos e modernos; as sociedades religiosas meditam sobre as Escrituras, as sociedades espíritas devem fazer o mesmo e tirarão um grande proveito para seu progresso, realizando conferências, em que leriam e comentariam tudo o que diga respeito ao Espiritismo, pró ou contra. Desta discussão, onde cada um traz o tributo de suas reflexões, jorram raios de luz, que passam despercebidos numa leitura individual. Ao lado das obras especiais, os jornais estão repletos de fatos, de narrativas, de acontecimentos, de traços de virtudes ou de vícios, que realçam graves problemas morais, que só o Espiritismo pode resolver e, ainda, aí, encontra-se um meio de provar, que ele se liga a todos os ramos da ordem social. Consideramos que uma sociedade espírita, que organizasse seu trabalho neste sentido, obtendo, para si, os materiais necessários, não acharia tempo bastante para consagrar às comunicações diretas dos Espíritos; é por isso que chamamos, sobre este ponto, a atenção dos grupos realmente sérios, daqueles que têm mais interesse em se instruir, do que em procurar um passatempo. (Ver, item 207, no capítulo da *Formação dos médiuns.*)

Rivalidade entre as sociedades

348. As reuniões que se ocupam exclusivamente das comunicações inteligentes e os que se entregam ao estudo das manifestações físicas, têm cada qual a sua missão; nem uns, nem outros estariam possuídos do verdadeiro espírito do Espiritismo, se não se vissem com bons olhos e o que atirasse pedras no outro, provaria, apenas por este fato, a má influência que o domina; todos devem concorrer, ainda que por caminhos diferentes, para o objetivo comum, que é a pesquisa e a propagação da verdade; seu antagonismo, que seria apenas um efeito do orgulho superexcitado, fornecendo armas aos detratores, só poderia prejudicar a causa que pretendem defender.

349. Estas últimas reflexões aplicam-se, igualmente, a todos os grupos que poderiam divergir sobre alguns pontos da Doutrina. Como já dissemos, no capítulo das *Contradições*, essas divergências, na maioria das vezes, só dizem respeito aos acessórios, muitas vezes, até, a simples palavras; portanto, haveria puerilidade constituírem um grupo à parte, porque não se pensaria, exatamente, do mesmo modo. Pior ainda do que isto seria, se os diferentes grupos ou sociedades de uma mesma cidade se olhassem com inveja. Compreende-se que a inveja entre pessoas, que fazem concorrência, entre si, e podem ocasionar, reciprocamente, um prejuízo material; mas, quando não há especulação, a inveja só pode ser uma mesquinha rivalidade do amor-próprio. Como, em definitivo, não há sociedade que possa reunir em seu seio todos os adeptos, as que se encontram imbuídas de um verdadeiro desejo de propagar a verdade, cujo objetivo é unicamente moral, devem ver, com prazer, a multiplicação das reuniões, e, se houver concorrência entre elas, esta deve ser a que fará maior soma de bem. As que pretendessem estar com a verdade, com exclusão das outras, deveriam prová-lo, tomando por divisa: *Amor e caridade*; pois, esta, é a de todo verdadeiro espírita. Quererão prevalecer-se pela superioridade dos Espíritos que as assistem? Que o provem, pela superioridade dos ensinos que recebem e pela aplicação que deles façam a si mesmas: aí está um critério infalível para distinguir as que estejam no melhor caminho.

Alguns Espíritos, mais presunçosos do que lógicos, tentam, às vezes, impor sistemas estranhos e impraticáveis, graças aos nomes venerados com que se adornam. O bom senso logo faz justiça a essas utopias, mas, enquanto isto não acontece, elas podem semear a dúvida e a incerteza entre os adeptos; daí, muitas vezes, uma causa de desacordos passageiros. Além dos meios que indicamos de apreciá-las, existe um outro critério, que lhes dá a medida do valor: é o número de partidários que recrutam. A razão diz que o sistema que maior acolhimento encontra nas massas, deve ser o que está mais perto da verdade, do que o que é

repelido pela maioria e vê suas fileiras diminuirem; tende, também, como certo, que os Espíritos que se negam a discutir seus ensinos é que reconhecem a fraqueza destes.

350. Se o Espiritismo deve, assim como foi anunciado, conduzir à transformação da Humanidade, isto só poderá se dar pelo melhoramento das massas, que apenas, gradualmente, e pouco a pouco, se verificará pelo aperfeiçoamento dos indivíduos. De que adianta crer na existência dos Espíritos, se esta crença não o torna melhor, mais benevolente e mais indulgente para com seus semelhantes, mais humilde, mais paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se permanece sempre avarento; ao orgulhoso, se se mantém sempre cheio de si; ao invejoso, se continua invejoso? Todos os homens poderiam, portanto, acreditar nas manifestações e a Humanidade permanecer estacionária; mas estes não são os desígnios de Deus. É para o objetivo providencial que devem tender todas as sociedades espíritas sérias, agrupando em torno de si todos aqueles que possuem os mesmos sentimentos; então, haverá, entre elas, união, simpatia, fraternidade, e, não, um vão e pueril antagonismo do amor-próprio, mais de palavras do que de fatos; então, elas serão fortes e poderosas, porque apoiar-se-ão numa base inquebrantável: o bem de todos; então, serão respeitadas e imporão silêncio à tola zombaria, porquanto falarão em nome da moral evangélica, por todos respeitada.

Essa é a estrada pela qual temos nos esforçado para fazer que o Espiritismo enverede. A bandeira que hasteamos, bem alto, é a do *Espiritismo cristão e humanitário*, em torno da qual estamos felizes de já ver tantos homens se unirem, em todos os pontos do globo, porque compreendem que, aí, está a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma nova era para a Humanidade. Convidamos todas as sociedades espíritas a cooperar nesta grande obra; que de um extremo ao outro do mundo elas se estendam, fraternalmente, as mãos e prenderão o mal em malhas inextricáveis.



CAPÍTULO XXX

REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS – FUNDADA EM 1 DE ABRIL DE 1858

E autorizada por portaria do Sr. Prefeito de Polícia, na data de 13 de abril de 1858, de acordo com o aviso do Exmo. Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral.

Nota: Ainda que este regulamento seja fruto da experiência, não o apresentamos, absolutamente, como lei absoluta, mas unicamente para facilitar as sociedades, que queiram se formar e que poderão, nele, haurir as disposições que acreditarem úteis e aplicáveis às circunstâncias que lhes são próprias. Por mais simplificada que seja a organização, ela poderá sê-lo muito mais ainda, quando se trate, não de sociedades regularmente constituídas, mas de simples reuniões íntimas que não necessitam estabelecer, senão medidas de ordem, de precaução e de regularidade nos trabalhos.

Apresentamo-lo, igualmente, para o governo das pessoas que gostariam de se relacionar com a Sociedade Parisiense, quer como correspondentes, quer a título de membros da Sociedade.

Capítulo I – Objetivo e formação da Sociedade

Art. 1º – A Sociedade tem por objetivo o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. As questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social, aí, são proibidas.

Ela toma por título: *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*.

Art. 2º – A Sociedade se compõe de membros titulares, de associados livres e de membros correspondentes.

Ela pode conferir o título de membro honorário às pessoas residentes na França ou no estrangeiro que, pela sua posição ou seus trabalhos, podem prestar-lhe serviços significativos.

Os membros honorários são, todos os anos, submetidos a uma reeleição.

Art. 3º – A Sociedade só admitirá as pessoas que simpatizam com seus princípios e o objetivo de seus trabalhos; as que já se iniciaram nos princípios fundamentais da ciência espírita, ou que estejam seriamente imbuídas do desejo de se instruírem. Em consequência, ela exclui todo aquele que possa trazer

elementos de perturbação ao seio das reuniões, quer por espírito de hostilidade ou de posição sistemática, que por qualquer outra causa e fazer, assim, que se perca o tempo em discussões inúteis.

Todos os membros devem-se, reciprocamente, benevolência e bom proceder; devem, em todas as circunstâncias, colocar o bem geral acima das questões pessoais e de amor-próprio.

Art. 4º – Para ser admitido como associado livre, é preciso dirigir ao Presidente um pedido por escrito, apostilado por dois membros titulares, que se tornam fiadores das intenções do postulante.

A carta do pedido deve relatar, sumariamente: 1º, se o postulante já possui conhecimentos do Espiritismo; 2º, o estado de suas convicções sobre os pontos fundamentais da ciência; 3º, o compromisso de se submeter, em tudo, ao regulamento.

O pedido será submetido à comissão, que o examina e propõe, se for conveniente, a admissão, o adiamento ou o indeferimento.

O adiamento é de rigor para todo candidato que nenhum conhecimento possua da ciência espírita e que não simpatize com os princípios da Sociedade.

Os associados livres têm o direito de assistir a todas as sessões, de participar dos trabalhos e das discussões que têm como objetivo o estudo, mas, em caso algum, terão voto deliberativo, no que se refere aos negócios da Sociedade.

Os associados livres só serão engajados no ano de sua admissão e sua permanência, na Sociedade, deve ser ratificada no final deste primeiro ano.

Art. 5º – Para ser membro titular, é preciso que tenha sido, pelo menos durante um ano, associado livre, tenha assistido a mais da metade das sessões e tenha dado, durante este tempo, provas notórias de seus conhecimentos e de suas convicções em matéria de Espiritismo, de sua adesão aos princípios da Sociedade e de sua vontade de agir, em todas as circunstâncias, para com seus colegas, segundo os princípios da caridade e da moral espírita.

Os associados livres que tiverem assistido, regularmente, durante seis meses, às sessões da Sociedade, poderão ser admitidos como membros titulares se, além disso, preencherem as outras condições.

A admissão será proposta ex-ofício pela comissão, com assentimento do associado, se for, além disso, apoiada por três outros membros titulares. Em seguida, se tiver cabimento, será julgada pela Sociedade, em escrutínio secreto, depois de um relatório verbal da comissão.

Apenas os membros titulares terão direito a voto deliberativo e gozam da faculdade concedida pelo artigo 25.

Art. 6º – A Sociedade limitará, se julgar conveniente, o número dos associados livres e dos membros titulares.

Art. 7º – Os membros correspondentes são aqueles que, não residindo em Paris, relacionam-se com a Sociedade e lhe forneçam documentos úteis aos seus estudos. Podem ser nomeados por apresentação de um único membro titular.

Capítulo II – Administração

Art. 8º – A Sociedade é administrada por um Presidente-diretor, assistido por membros da diretoria e da comissão.

Art. 9º – A diretoria se compõe de:

1. Presidente, 1. Vice-presidente, 1. Secretário principal — 2. Secretários adjuntos — 1. Tesoureiro.

Além disso, um ou vários Presidentes honorários poderão ser nomeados.

Na falta do Presidente e do Vice-presidente, as sessões poderão ser presididas por um dos membros da comissão.

Art. 10º – O Presidente-diretor deverá dedicar todos os seus cuidados aos interesses da Sociedade e da ciência espírita. Cabem-lhe a direção geral e a alta fiscalização da administração, assim como a conservação dos arquivos.

O Presidente é nomeado por três anos, e os outros membros da diretoria por um ano, e indefinidamente, reelegíveis.

Art. 11º – A comissão é composta dos membros da diretoria e de cinco outros membros titulares escolhidos, de preferência, entre aqueles tiverem trazido concurso ativo aos trabalhos da Sociedade, prestado serviços à causa do Espiritismo, ou dado provas de seu espírito benevolente e conciliador. Estes cinco membros são, como os da diretoria, nomeados por um ano e reelegíveis.

A comissão é presidida, de direito, pelo Presidente-diretor ou, em sua ausência, pelo Vice-presidente ou aquele de seus membros, que será designado para este efeito.

A comissão está encarregada do exame prévio de todas as questões e proposições administrativas e outras a serem submetidas à Sociedade; controla as receitas e despesas da Sociedade e as contas do Tesoureiro; autoriza as despesas comuns e todas as medidas de ordem que julgue necessárias.

Examina, além disso, os trabalhos e temas de estudo propostos pelos diferentes membros, prepara-os, ela própria, a seu turno, e determina a ordem das sessões, de acordo com o Presidente.

O Presidente poderá sempre opor-se a que certos temas sejam tratados e colocados na ordem do dia, salvo no caso de submetê-lo à Sociedade, que

decidirá.

A comissão se reunirá, regularmente, antes da abertura das sessões para exame dos casos comuns e, além disso, em qualquer outro momento que julgar conveniente.

Os membros da diretoria e da comissão, que tiverem estado ausentes, durante três meses consecutivos, sem terem avisado, serão considerados desistentes de suas funções e será providenciada a substituição deles.

Art. 12º – As decisões, quer da Sociedade, quer da comissão, serão tomadas por maioria absoluta dos membros presentes; em caso de empate, o voto do Presidente será preponderante.

A comissão poderá deliberar, quando quatro de seus membros estiverem presentes.

O escrutínio secreto é de direito, se requisitado por cinco membros.

Art. 13º – De três em três meses, seis membros, escolhidos entre os titulares ou associados livres, serão designados para preencher as funções de *comissários*.

Os comissários são encarregados de velar pela ordem e regularidade das sessões e de verificar o direito de entrada de toda pessoa estranha que se apresente para a elas assistir.

Para este efeito, os membros designados se entenderão para que um deles esteja presente à abertura das sessões.

Art. 14º – O ano social começa a 1º de abril.

As nomeações da diretoria e da comissão se farão na primeira sessão do mês de maio. Os membros, em exercício, continuarão suas funções até essa época.

Art. 15º – Para se proverem às despesas da Sociedade, uma cotização anual de 24 francos será paga pelos titulares e de 20 francos para os associados livres.

Os membros titulares, quando de suas admissões, pagarão, além disso, de uma única vez, um direito de entrada de 10 francos.

A cotização é paga, integralmente, para o ano corrente.

Os membros admitidos, no ano corrente, não terão que pagar, por este primeiro ano, senão os trimestres a vencer, incluído o de sua admissão.

Quando o marido e a mulher forem aceitos como associados livres ou titulares, apenas uma cota e meia será exigida pelos dois.

A cada seis meses, a 1º de abril e a 1º de outubro, o Tesoureiro prestará contas à comissão do emprego e da situação dos fundos.

As despesas comuns em aluguéis e gastos obrigatórios estando pagas, se houver saldo, a Sociedade determinará o emprego dele.

Art. 16º – Será conferido a todos os membros aceitos, associados livres ou titulares, um cartão de admissão, constando seu título. Este cartão ficará com o Tesoureiro, de onde o novo membro poderá retirá-lo, pagando sua cota e o direito de entrada. O novo membro só poderá assistir às sessões, após ter retirado o seu cartão. Não o tendo retirado um mês após sua nomeação, será considerado demissionário.

Será igualmente considerado demissionário todo membro que não tiver quitado sua cotização anual, no primeiro mês da renovação do ano social, após um aviso, sem resultado, do Tesoureiro.

Capítulo III – Sessões

Art. 17º – As sessões da Sociedade se realizarão todas as sextas-feiras, às oito horas da noite, salvo modificação, se for necessária.

As sessões serão privativas ou gerais; nunca serão públicas.

Todos os que façam parte da Sociedade, sob qualquer título, deverão, em cada sessão, assinar seus nomes na lista de presença.

Art. 18º – O silêncio e o recolhimento serão rigorosamente exigidos, durante as sessões, e, principalmente, durante os estudos. Ninguém poderá tomar a palavra, sem tê-la recebido do Presidente.

Todas as perguntas endereçadas aos Espíritos deverão ser feitas por intermédio do Presidente, que poderá recusar-se a formulá-las, conforme as circunstâncias.

Serão, notadamente, proibidas todas as perguntas fúteis, de interesse pessoal, de pura curiosidade, ou feitas com o objetivo de submeter os Espíritos a provas, assim como todas as que não apresentem um fim de utilidade geral, do ponto de vista dos estudos.

Serão, igualmente, proibidas todas as discussões que se desviem do objetivo especial de que nos ocupamos.

Art. 19º – Todo membro tem o direito de chamar à ordem contra todo aquele que se afaste das conveniências, durante a discussão, ou que perturbe as sessões de uma forma qualquer. A reclamação será, imediatamente, posta em votação; se for aprovada, será anotada na ata.

Três chamadas à ordem no espaço de um ano, acarretam, de direito, o cancelamento do sócio que nelas haja incorrido, qualquer que seja seu título.

Art. 20º – Nenhuma comunicação espírita, obtida fora da Sociedade, poderá ser lida, antes de ter sido submetida, quer ao Presidente, quer à comissão, que podem admitir ou recusar a leitura.

Uma cópia de toda comunicação estranha, cuja leitura tiver sido autorizada, deverá ficar depositada nos arquivos.

Todas as comunicações, obtidas durante as sessões, pertencem à Sociedade; os médiuns que as escreveram poderão tirar delas uma cópia.

Art. 21º – As sessões privativas são reservadas aos membros da Sociedade; elas se realizarão nas 1ªs e 3ªs sextas-feiras e, quando houver, nas 5ªs sextas-feiras de cada mês.

A Sociedade reserva, para as sessões privativas, todas as questões referentes aos negócios administrativos, assim como os assuntos de estudo que reclamam mais tranquilidade e concentração ou que julgue conveniente aprofundar, antes de produzi-las diante de pessoas estranhas.

Têm direito de assistir às sessões privativas, além dos membros titulares e os associados livres, os membros correspondentes, temporariamente, em Paris e os médiuns que prestam seu concurso à Sociedade.

Nenhuma pessoa estranha à Sociedade será admitida nas sessões privativas, salvo os casos excepcionais e com assentimento prévio do Presidente.

Art. 22º – As sessões gerais se realizarão às 2ªs e 4ªs sextas-feiras de cada mês.

Nas sessões gerais, a Sociedade autorizará a admissão de ouvintes estranhos, que podem a elas assistir, temporariamente, sem delas fazer parte. A Sociedade poderá retirar esta autorização, quando julgar necessário.

Ninguém poderá assistir às sessões, como ouvinte, sem ser apresentado ao Presidente por um membro da Sociedade, que se torna fiador de sua atenção para não causar perturbação, nem interrupção.

A Sociedade não admitirá, como ouvinte, senão as pessoas que aspirem a se tornar membros, ou que sejam simpáticas aos seus trabalhos e já estejam suficientemente iniciados na ciência espírita para compreendê-los. A admissão deve ser recusada, de uma maneira absoluta, a todo aquele que para ela só fosse atraído por motivo de curiosidade ou cujas opiniões sejam hostis.

O uso da palavra é proibida aos ouvintes, salvo casos excepcionais, apreciados pelo Presidente. Aquele que perturbar a ordem, de qualquer forma, ou manifestar má vontade para com os trabalhos da Sociedade, poderá ser convidado a se retirar, e em todos os casos, o fato será anotado na lista de admissão e a entrada lhe será proibida no futuro.

O número dos ouvintes, devendo ser limitado pelos lugares disponíveis, os que puderem assistir às sessões, deverão ser inscritos, com antecedência, no registro destinado para isto; com menção de seu endereço e da pessoa que o

recomenda. Em consequência, qualquer pedido de entrada deverá ser endereçado, vários dias antes da sessão, ao Presidente, que envia as cartas de admissão até o esgotamento da lista.

Os cartões de admissão só podem servir para o dia indicado e para as pessoas designadas.

A entrada não poderá ser concedida, ao mesmo ouvinte, por mais de duas sessões, salvo autorização do Presidente e, para os casos excepcionais. O mesmo membro não poderá apresentar mais de duas pessoas, ao mesmo tempo. As entradas concedidas pelo Presidente não são limitadas.

Os ouvintes não serão admitidos, após a abertura da sessão.

Capítulo IV – Disposições diversas.

Art. 23º – Todos os membros da Sociedade lhe devem seu concurso. Em consequência, são convidados a recolher, nos seus respectivos círculos de observações, os fatos antigos ou recentes que podem ter relação com o Espiritismo e a assinalá-los. Ao mesmo tempo, procurarão inquirir, tanto quanto possível, sobre a notoriedade dos ditos fatos.

São igualmente convidados a lhe assinalar todas as publicações que podem ter relação, mais ou menos direta, com o objetivo de seus trabalhos.

Art. 24º – A Sociedade fará um exame crítico das diversas obras publicadas sobre o Espiritismo, quando o julgar conveniente. Para este efeito, encarrega um de seus membros, associado livre ou titular, de lhe apresentar um relatório, que será impresso, se tiver cabimento, na *Revista Espírita*.

Art. 25º – A Sociedade criará uma biblioteca especial, composta das obras que lhe serão oferecidas e daquelas que ela adquirir.

Os membros titulares poderão vir à sede da Sociedade consultar quer a biblioteca, quer os arquivos, nos dias e horas, que serão determinados, para este efeito.

Art. 26º – A Sociedade, considerando que sua responsabilidade pode encontrar-se moralmente comprometida pelas publicações particulares de seus membros, prescreve que ninguém poderá utilizar, em qualquer escrito, o título de *membro da Sociedade*, sem ser autorizado por ela e sem que, antecipadamente, ela tenha tomado conhecimento do manuscrito. A comissão será encarregada de fazer-lhe um relatório a esse respeito. Se a Sociedade julgar o escrito incompatível com seus princípios, o autor, depois de ter sido ouvido, será convidado, quer a modificá-lo, quer a renunciar à sua publicação, quer, enfim, a não se fazer conhecido como membro da Sociedade. Caso não submeta à

decisão, que será tomada, sua exclusão poderá ser pronunciada.

Todo escrito publicado por um membro da Sociedade, sob o véu do anonimato, e sem menção alguma que possa fazê-lo reconhecido como tal, entra na categoria das publicações comuns, cuja apreciação é reservada à Sociedade. Entretanto, sem querer entravar a livre emissão das opiniões pessoais, a Sociedade convida aqueles de seus membros, que tenham a intenção de fazer publicações deste gênero a solicitar, previamente, seu parecer oficioso, no interesse da ciência.

Art. 27º – A Sociedade, querendo manter em seu seio a unidade de princípios e o espírito de benevolência recíproca, poderá pronunciar a exclusão de qualquer membro que se constitua causa de perturbação ou se coloque em hostilidade aberta contra ela, através dos escritos comprometedores para a Doutrina, pelas opiniões subversivas, ou por uma maneira de agir que ela não poderia aprovar. A exclusão, entretanto, só será pronunciada após aviso oficioso prévio, se este permanecer sem efeito e após ter ouvido o membro inculpado, se ele considerar conveniente explicar-se. A decisão será tomada em escrutínio secreto e por maioria de três quartos dos membros presentes.

Art. 28º – Qualquer sócio que se retire, voluntariamente, no decorrer do ano, não poderá reclamar a diferença das cotizações pagas por ele; esta diferença será reembolsada em caso de expulsão pronunciada pela Sociedade.

Art. 29º – O presente regulamento poderá ser modificado, se for conveniente. As proposições de modificações não poderão ser feitas à Sociedade, senão pelo órgão de seu Presidente, ao qual deverão ser transmitidas e, no caso de terem sido admitidas pela comissão.

A Sociedade pode, sem modificar seu regulamento nos pontos essenciais, adotar todas as medidas complementares que considerar úteis.

CAPÍTULO XXXI

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

Sobre o Espiritismo – Sobre os Médiuns – Sobre as reuniões espíritas. – Comunicações apócrifas

Reunimos, neste capítulo, alguns ditados espontâneos, que podem completar e confirmar os princípios contidos nesta obra. Poderíamos citá-los em maior número, mas limitamo-nos àqueles que mais particularmente dizem respeito ao futuro do Espiritismo, aos médiuns e às reuniões. Damo-los, ao mesmo tempo, como instrução e como tipos de gênero de comunicações verdadeiramente sérias. Terminamos com algumas comunicações apócrifas, seguidas de notas apropriadas a torná-las reconhecíveis.

Sobre o Espiritismo

I

Tende confiança na bondade de Deus e sede bastante clarividentes para compreender os preparativos da nova vida que ele vos destina. Não vos será dado, é verdade, gozá-la nesta existência; mas não sereis felizes, se não tornardes a viver neste globo, para considerar do alto a obra que tiverdes começado e que se desenvolverá sob os vossos olhos? Sede encouraçados por uma fé firme e inabalável contra os obstáculos, que parecem levantar-se contra o edifício, cujos fundamentos pondes. As bases sobre as quais ele se apoia são sólidas: o Cristo assentou a primeira pedra. Coragem, portanto, arquitetos do divino Mestre! Trabalhai, construí! Deus coroará vossa obra. Mas lembrai-vos bem de que o Cristo renega, como seus discípulos, todos aqueles que apenas nos lábios têm a caridade; não basta crer, é preciso, sobretudo, dar o exemplo da bondade, da benevolência e do desinteresse, sem o que vossa fé será estéril para vós.

Santo Agostinho

II

O próprio Cristo preside aos trabalhos de toda natureza, que estão prestes a se efetuar, para vos abrir a era renovação e de aperfeiçoamento, que vossos guias espirituais vos predizem. Se, de fato, além das manifestações espíritas lançardes os olhos sobre os acontecimentos contemporâneos, reconhecereis, sem qualquer hesitação, os sinais precursores, que vos provarão, de uma maneira irrecusável, que os tempos preditos chegaram. As comunicações estabelecem-se entre todos os povos: derrubadas as barreiras materiais, os obstáculos morais, que se opõem à união deles, os preconceitos políticos e religiosos apagar-se-ão, rapidamente, e o reino da fraternidade estabelecer-se-á, finalmente, de uma forma sólida e durável. Observai, desde hoje, os próprios soberanos, impelidos por mão invisível, tomarem, coisa inaudita para vós, a iniciativa das reformas; e as reformas, que partem do alto e espontaneamente, são muito mais rápidas e mais duráveis que as que partem de baixo e são arrancadas pela força. Eu pressentira a época atual, apesar dos preconceitos de infância e de educação, apesar do culto à lembrança. Sou feliz por isso e sou mais feliz, ainda, por vir vos dizer: Irmãos, coragem! Trabalhai por vós e pelo futuro dos vossos; trabalhai, principalmente, pelo vosso melhoramento pessoal, e desfrutareis, na vossa primeira existência, de uma felicidade da qual vos é tão difícil fazer uma ideia, quanto para mim é difícil fazer-vos compreender.

Chateaubriand

III

Penso que o Espiritismo é um estudo todo filosófico das causas secretas, dos movimentos internos da alma, pouco ou nada definidos, até agora. Ele explica, mais do que desvenda, horizontes novos. A reencarnação e as provas experimentadas, antes de atingir o objetivo supremo, não são revelações, mas uma confirmação importante. Sensibilizam-me as verdades que *esse meio desvenda*. Digo *meio*, intencionalmente, pois, a meu ver, o Espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira. A preocupação com as questões morais está toda por criar-se; discute-se a política, que agita os interesses gerais; discutem-se os interesses particulares; apaixona-se pelo ataque ou pela defesa das personalidades; os sistemas possuem seus partidários e seus detratores; mas as verdades morais, as que são o pão da alma, o pão de vida, são deixadas sob a poeira acumulada pelos séculos. Todos os aperfeiçoamentos são úteis aos olhos da multidão, salvo o da alma; sua educação, sua elevação são quimeras, próprias, quanto muito, para ocupar os lazeres dos padres, dos poetas, das mulheres, quer

como moda, quer como ensino.

Se o *Espiritismo* ressuscitar o *espiritualismo*, devolverá à sociedade o impulso, que dá a uns, a dignidade interior, a outros, a resignação, a todos, a necessidade de se elevar para o Ser supremo, esquecido e desconhecido pelas suas ingratas criaturas.

J.J.Rousseau

IV

Se Deus envia Espíritos para instruir os homens, é para esclarecê-los sobre seus deveres, é para lhes mostrar o caminho que pode abreviar suas provas e, através disso, apressar seu progresso; ora, assim como o fruto chega à madureza, o homem também chegará à perfeição. Porém, ao lado dos bons Espíritos que querem o vosso bem, existem também Espíritos imperfeitos que desejam o vosso mal; enquanto uns vos impulsionam para adiante, outros vos puxam para trás; deveis aplicar toda vossa atenção em saber distingui-los; o meio é fácil: tentai apenas compreender que nada que venha de um bom Espírito pode prejudicar a quem quer que seja, e que tudo o que é mal não pode provir, senão de um mau Espírito. Se não escutardes os sábios conselhos dos Espíritos que vos querem bem, se vos magoardes com as verdades que eles podem vos dizer, é evidente que são maus Espíritos que vos aconselham; só o orgulho pode vos impedir que vos vejais tais como sois; mas se vós mesmos não o vedes, outros o veem por vós; de maneira que sois censurados e por homens, que de vós riem por detrás, e pelos Espíritos.

Um Espírito familiar

V

Vossa Doutrina é bela e santa; o primeiro marco está plantado e solidamente plantado. Agora, só tendes que caminhar; a estrada que vos está aberta é grande e majestosa. Feliz daquele que chegar ao porto; quanto mais prosélitos tiver feito, mas lhe será contado. Mas, para isso, não se deve abraçar, friamente, a Doutrina; é preciso fazê-lo com ardor e este ardor será duplicado, pois Deus está sempre convosco, quando fazeis o bem. Todos aqueles que conduzirdes, serão outras tantas ovelhas, que retornaram ao aprisco; pobres ovelhas meio transviadas! Crede bem que o mais céptico, o mais ateu, o mais incrédulo, enfim, sempre tem um cantinho no coração, que gostaria de poder esconder de si

mesmo. Pois bem! é este cantinho que é preciso procurar, que é preciso encontrar; é este lado vulnerável que se deve atacar; é uma brechinha intencionalmente deixada aberta por Deus para facilitar à sua criatura o meio de retornar ao seu seio.

São Benedito

VI

Não vos assusteis com certos obstáculos, com certas controvérsias.

A ninguém atormenteis com qualquer insistência; a persuasão só chegará aos incrédulos pelo vosso desinteresse, pela vossa tolerância e vossa caridade para com todos, sem exceção.

Guardai-vos, principalmente, de violentar a opinião, mesmo pelas vossas palavras ou por demonstrações públicas. Quanto mais modestos fordes, mais conseguireis tornar-vos apreciados. Que nenhum motivo pessoal vos faça agir e encontrareis, nas vossas consciências, uma força de atração, que só o bem proporciona.

Os Espíritos, por ordem de Deus, trabalham pelo progresso de todos, sem exceção; vós, espíritas, fazei o mesmo.

São Luis

VII

Qual a instituição humana, ou mesmo divina, que não teve obstáculos a vencer, cismas contra os quais teve que lutar? Se só tivésseis uma existência triste e agonizante, ninguém vos atacaria, sabendo que devíeis sucumbir, de um momento para o outro; porém, como vossa vitalidade é forte e ativa, como a árvore espírita tem raízes fortes, acham que ela pode viver, longo tempo, e tentam abatê-la. O que farão esses invejosos? Abaterão, quando muito, alguns galhos, que brotarão com a nova seiva e ficarão mais fortes do que nunca.

Channing

VIII

Vou falar-vos sobre a firmeza que deveis ter nos vossos trabalhos espíritas. Uma citação sobre este assunto já vos foi feita; aconselho-vos a estudar de coração e de lhe aplicardes o espírito a vós mesmos; pois, assim como São Paulo, sereis perseguidos, não em carne e osso, mas em espírito; os incrédulos,

os fariseus da época reclamarão contra vós e escarnecerão; mas nada temais, esta será uma prova que vos fortalecerá, se souberdes entregá-la a Deus e, mais tarde, vereis vossos esforços coroados de êxito; este será um grande triunfo para vós, no dia da eternidade, sem esquecer que, neste mundo, já é um consolo para as pessoas que perderam parentes e amigos saber que estão felizes, que podem comunicar-se com eles é uma felicidade. Caminhai, pois, para frente; cumpri a missão que Deus vos dá e ela vos será contada, no dia em que aparecerdes diante do Todo-poderoso.

Channing

IX

Venho, eu, teu Salvador e teu juiz; venho como outrora, entre os filhos extraviados de Israel; venho trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como outrora a minha palavra, deve lembrar aos materialistas, que acima deles, reina a imutável verdade: Deus bom, o Deus grande que faz germinar a planta e que levanta as ondas. Revelei a Doutrina Divina; como um ceifeiro, juntei em feixes o bem esparso na Humanidade e disse: Vinde a mim, todos vós que sofreis!

Mas os homens, ingratos, desviaram-se do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e se extraviaram nos ásperos atalhos da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça* humana; quer, não mais através de profetas, não mais através de apóstolos, quer que vos auxiliando uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, pois a morte não existe, vos socorrais e que a voz daqueles que não mais existem se faça ouvir para vos clamar: Orai e crede! Porquanto a morte é a ressurreição e a vida, a prova escolhida, durante a qual vossas virtudes, cultivadas, devem crescer e desenvolverem como o cedro.

Crede nas vozes que vos respondem: são as próprias almas daqueles que evocais. Só raramente me comunico; meus amigos, os que assistiram à minha vida e à minha morte são os intérpretes divinos das vontades de meu Pai.

Homens fracos, que acreditais no erro das vossas obscuras inteligências, não apagueis a tocha que a clemência divina coloca em vossas mãos para clarear vossa estrada e vos reconduzir, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Em verdade vos digo: crede na diversidade, na multiplicidade dos Espíritos que vos cercam. Estou muito tocado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa imensa fraqueza, para não estender mão socorredora aos infelizes extraviados que, vendo o céu, caem no abismo do erro. Crede, amai,

compreendei as verdades que vos são reveladas; não mistureis o joio ao bom grão, os sistemas às verdades.

Espíritas! amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros, que nele se enraizaram, são de origem humana; e eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: Irmãos! nada perece; Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.

Nota: Esta comunicação, obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris, é assinada com um nome que o respeito não nos permite reproduzir, senão sob todas as reservas, tão grande seria o insigne favor de sua autenticidade e porque dele, muitas vezes, se tem abusado nas comunicações, evidentemente, apócrifas; este nome é o de Jesus de Nazaré. Não duvidamos, de forma alguma, que ele possa manifestar-se; porém, se os Espíritos verdadeiramente superiores, só o fazem em circunstâncias excepcionais, a razão nos proíbe acreditar que o Espírito puro por excelência, responda ao chamado do primeiro que apareça; em todo caso, haveria profanação em atribuir-lhe uma linguagem indigna dele.

É por essas considerações que sempre nos abstivemos de nada publicar que trouxesse o seu nome; e julgamos que nunca seria demasiado agir com circunspecção, com relação às publicações deste gênero, que só têm autenticidade para o amor-próprio e cujo menor inconveniente é fornecer armas aos adversários do Espiritismo.

Como já dissemos, quanto mais elevados são os Espíritos, na hierarquia, mais seus nomes devem ser acolhidos com desconfiança; seria preciso uma dose bem grande de orgulho para vangloriar-se de ter o privilégio de receber suas comunicações e considerar-se digno de conversar com eles, como conversa com seus iguais. Na comunicação acima, constatamos apenas uma coisa: é a superioridade incontestável da linguagem e das ideias, deixando a cada um o cuidado de julgar, se aquele de quem ela traz o nome não a renegaria.

Sobre os Médiuns

X

Todos os homens são médiuns, todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-lo. Agora, que alguns comunicam-se diretamente com ele, através de uma mediunidade especial, que outros só o escutam pela voz do coração e da inteligência, pouco importa, não deixa de ser seu Espírito familiar que os aconselha. Chamai-o de Espírito, razão, inteligência, é sempre uma voz que responde à vossa alma e vos dita boas palavras; apenas vós nem sempre as compreendeis. Nem todos sabem agir conforme os conselhos da razão, não desta razão que, antes se arrasta e rasteja do que caminha, esta razão que se perde no meio dos interesses materiais e grosseiros, mas a razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta para regiões desconhecidas; chama sagrada que inspira o artista e o poeta, pensamento divino que eleva o filósofo, impulso que arrasta os indivíduos e os povos, razão que o vulgo não

pode compreender, mas que eleva o homem e o aproxima de Deus, mais do que nenhuma criatura, entendimento que sabe conduzi-lo do conhecido ao desconhecido, e lhe faz executar as coisas mais sublimes. Escutai, pois, esta voz interior, este bom gênio que vos fala incessantemente, e chegareis progressivamente a ouvir vosso anjo guardião que, do alto do céu vos estende a mão; repito-o: a voz íntima que fala ao coração é a dos bons Espíritos e é deste ponto de vista que todos os homens são médiuns.

Channing

XI

O dom da mediunidade é tão antigo quanto o mundo; os profetas eram médiuns; os mistérios de Elêusis baseavam-se na mediunidade; os caldeus, os assírios possuíam médiuns; Sócrates era dirigido por um Espírito que lhe inspirava os admiráveis princípios de sua filosofia; ele ouvia sua voz. Todos os povos tiveram seus médiuns e as inspirações de Joana d'Arc não eram outras, senão as vozes de Espíritos benfeitores que a dirigiam. Esse dom, que agora se espalha, tornara-se mais raro nos séculos da Idade Média, mas nunca deixou de existir. Swedenborg e seus adeptos constituíram numerosa escola. A França dos últimos séculos, zombeteira e ocupada com uma filosofia que, querendo destruir os abusos da intolerância religiosa, abafava, sob o ridículo, tudo o que era ideal, a França devia afastar o Espiritismo, que, no Norte, não parava de progredir. Deus permitira esta luta das ideias positivas contra as ideias espiritualistas, porque o fanatismo tornara-se uma arma desses últimos; agora, que o progresso da indústria e das ciências desenvolveram a arte de bem viver, a tal ponto, que as tendências materiais tornaram-se dominantes, Deus quer que os Espíritos sejam reconduzidos aos interesses da alma; ele quer que o aperfeiçoamento do homem moral torne-se o que deve ser, isto é, o fim e o objetivo da vida. O Espírito humano segue uma marcha necessária, imagem da graduação que experimenta tudo o que povoa o Universo visível e invisível; todo progresso chega na sua hora: a da elevação moral chegou para a Humanidade; ela não se efetuará, ainda, nos vossos dias; porém, agradecei ao Senhor por assistirdes à aurora bendita.

Pierre Jouty (pai do médium)

XII

Deus encarregou-me de desempenhar uma missão para com os crentes que ele favorece com o mediunato. Quanto mais graças recebem do Altíssimo, mais

perigos correm e esses perigos são tanto maiores, quanto se originam dos próprios favores que Deus lhes concede. As faculdades de que gozam os médiuns atraem para si os elogios dos homens; as felicitações, as adulações: eis, para eles, o perigo. Esses mesmos médiuns, que deveriam ter sempre presente, na memória, sua incapacidade primitiva, esquecem-na; fazem mais: o que só devem a Deus, atribuem-no ao seu próprio mérito. O que acontece, então? Os bons Espíritos os abandonam; eles se tornam o joguete dos maus e não têm mais bússola para guiar-se; quanto mais capazes se tornam, mais são impelidos a se atribuírem um mérito que não lhes pertence, até que Deus, finalmente, os puna, retirando-lhes uma faculdade que só pode lhes ser fatal.

Nunca será demais lembrar-vos de vos aconselhar com vosso anjo guardião, para que ele vos auxilie a estar sempre vigilante contra o vosso mais cruel inimigo, que é o orgulho. Lembrai-vos bem, vós que tendes a felicidade de ser os intérpretes entre Espíritos e homens, que, sem o apoio do nosso divino mestre, sereis mais severamente punidos, porque tereis sido mais favorecidos.

Espero que esta comunicação produza frutos e desejo que ela possa ajudar os médiuns a estarem vigilantes contra o obstáculo em que viriam naufragar; este obstáculo, já vos disse, é o orgulho.

Joana d'Arc

XIII

Quando quiserdes receber comunicações de bons Espíritos, importa que vos prepareis para este favor, através do recolhimento, pelas puras intenções e o desejo de fazer o bem, tendo em vista o progresso geral; porquanto, lembrai-vos de que o egoísmo é uma causa do atraso de todo progresso geral; porquanto, lembrai-vos de que o egoísmo é uma causa do atraso de todo adiantamento. Lembrai-vos de que, se Deus permite a alguns dentre vós de receber o sopro daqueles de seus filhos que, pela sua conduta, souberam merecer a felicidade de compreender sua bondade infinita, é que ele quer, por nossa solicitação e, tendo em vista vossas boas intenções, vos dar os meios de progredir no seu caminho; assim, pois, médiuns! aproveitai desta faculdade que Deus quer vos conceder. Tende fé na mansuetude de nosso Mestre; colocai sempre em prática a caridade; jamais vos canseis de exercer esta sublime virtude, assim como a tolerância. Que vossas ações estejam sempre em harmonia com a vossa consciência, é um meio certo de centuplicar vossa felicidade nesta vida passageira, e de preparardes, para vós mesmos, uma existência mil vezes ainda mais suave.

Que, dentre vós, o médium que não se sinta com forças para perseverar no ensino espírita, se abstenha; pois, não aproveitando a luz que o ilumina, será menos desculpável do que um outro qualquer, que deverá expiar sua cegueira.

Pascal

XIV

Eu vos falarei, hoje, do desinteresse, que deve ser uma das qualidades essenciais nos médiuns, assim como a modéstia e o devotamento. Deus lhes deu esta faculdade a fim de que eles ajudem a propagar a verdade, mas, não, para fazer um tráfico com ela; e, por isso, não me refiro apenas àqueles que gostariam de explorá-la, como o fariam com um talento comum, que se fizessem médiuns, como se faz um dançarino ou um cantor, mas todos aqueles que pretendessem dela se servir, tendo em vista interesses quaisquer. Será racional acreditar que bons Espíritos e, ainda menos, Espíritos superiores, que condenam a cobiça, consistam em prestar-se a espetáculos, e, como comparsas, se coloquem à disposição de um empresário de manifestações espíritas? Também não é racional supor que bons Espíritos possam favorecer a quem tenha visões de orgulho e de ambição. Deus lhes permite comunicar-se com os homens para tirá-los do lodaçal terrestre e, não, para servirem de instrumentos às paixões mundanas. Logo, não pode ver com prazer os que se desviam de seu verdadeiro objetivo o dom que lhes concedeu e eu vos asseguro de que serão punidos por isso, mesmo neste mundo, pelas mais amargas decepções.

Delphine de Girardin

XV

Todos os médiuns são, incontestavelmente, chamados a servir à causa do Espiritismo, na medida de suas faculdades, mas bem poucos não se deixam apanhar pela armadilha do amor-próprio; é uma pedra de toque, que raramente deixa de produzir seu efeito; assim, em cem médiuns, apenas encontrareis um, se tanto, por mais ínfimo que seja, que não se tenha julgado, nos primeiros tempos de sua mediunidade, ter sido chamado a obter resultados superiores e predestinado a grandes missões. Os que sucumbem a esta vaidosa esperança, e grande é o número deles, tornam-se presa inevitável de Espíritos obsessores, que não tardam a subjugá-los, elogiando seu orgulho e pegando-os pelo seu lado fraco; quanto mais querem elevar-se, mais sua queda será ridícula, quando, não, desastrosa. As grandes missões só são confiadas aos homens de elite, e Deus,

mesmo, os coloca, sem que o procurem, no meio e na posição em que seus auxílios poderão ser eficazes. Nunca será demais recomendar aos médiuns inexperientes, desconfiar do que certos Espíritos poderão lhes dizer, no tocante ao suposto papel que são chamados a desempenhar; porque, se o levarem a sério, só recolherão desapontamento, neste mundo, e, um severo castigo, no outro. Que eles se convençam bem de que, na esfera modesta e obscura em que estão colocados, podem prestar grandes serviços, auxiliando à conversão dos incrédulos ou dando consolo aos aflitos; se devem, daí, sair, serão conduzidos por uma mão invisível, que preparará os caminhos e postos em evidência, por assim dizer, a seu mau grado. Que eles se lembrem destas palavras: "Quem quer que se eleve, será rebaixado e o que se rebaixar, será elevado."

O Espírito de Verdade

Sobre as reuniões espíritas

Nota: Entre as comunicações que se seguem, algumas foram dadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas ou em sua intenção; outras, que nos foram transmitidas por diversos médiuns, contêm conselhos gerais sobre as reuniões, suas formações e os obstáculos que podem encontrar.

XVI

Por que não começais vossas sessões por uma invocação geral, uma espécie de prece que dispusesse ao recolhimento? Porquanto, ficai sabendo que, sem o recolhimento, apenas obtereis comunicações levianas; os bons Espíritos só vão aonde os chamam com fervor e sinceridade. Eis o que não se compreende, ainda, o bastante; portanto, cabe a vós dar o exemplo; a vós que, se o quiserdes, podereis vos tornar uma das colunas do novo edifício. Observamos com prazer os vossos trabalhos e vos ajudamos, mas sob a condição de que vós, do vosso lado, nos secundeis e vos mostreis à altura da missão que fostes chamados a desempenhar. Formai, portanto, um feixe e sereis fortes e os maus Espíritos não prevalecerão contra vós. Deus ama os simples de espírito, o que não quer dizer os tolos, porém aqueles que renunciam a si mesmos e que, sem orgulho, vêm até Ele. Podeis vos tornar um foco de luz para a Humanidade; sabei, portanto, distinguir o bom grão, da erva daninha; semeai apenas o bom grão e tende o cuidado de não espalhar o joio, pois, ele impedirá que o bom grão cresça, e sereis responsáveis por todo o mal que houver sido feito; assim, também, sereis responsáveis pelas más doutrinas que puderdes propagar. Lembrai-vos de que, um dia, o mundo poderá ter sobre vós os olhos; fazei, portanto, que nada embace o brilho das boas coisas que saírem do vosso seio; é por isso que vos

recomendamos pedirdes a Deus para vos assistir.

Santo Agostinho

Santo Agostinho, chamado a ditar uma fórmula de invocação geral, respondeu:

Sabeis que não há fórmula absoluta: Deus é grande demais para dar mais importância às palavras do que ao pensamento. Ora, não creiais que baste pronunciar algumas palavras para afastar os maus Espíritos; guardai-vos, sobretudo, de fazer uso de uma dessas fórmulas banais, que se recitam por desencargo de consciência; sua eficácia está na sinceridade do sentimento que a dita; ela está, principalmente, na unanimidade da intenção, porquanto, aqueles que a ela não se associam de coração, não poderiam dela beneficiar-se, nem fazer com que outros sejam beneficiados. Redigi-a, portanto, vós mesmos e submetei-a a mim, se quiserdes; eu vos ajudarei.

Nota: A fórmula de invocação geral que se segue foi redigida com o concurso do Espírito, que a completou em vários pontos:

"Nós pedimos, Deus Todo-poderoso, que nos envieis bons Espíritos para nos assistir e para afastar aqueles que poderiam nos induzir ao erro; dai-nos a luz necessária para distinguir a verdade da impostura.

Afastai, também, os Espíritos malévolos que poderiam lançar, entre nós, a desunião, suscitando a inveja, o orgulho e o ciúme. Se alguns tentarem introduzir-se, aqui, em nome de Deus, nós os adjuramos a se retirar.

Bons Espíritos, que presidis aos nossos trabalhos, dignai-vos a vir nos instruir e tornai-nos dóceis aos vossos conselhos. Fazei com que todo sentimento pessoal, em nós, se apague, diante da ideia do bem geral.

Pedimos, particularmente, a..., nosso protetor particular, que queira nos dar, hoje, seu concurso."

XVII

Meus amigos, deixai-me vos dar um conselho, pois caminhais num terreno novo, e, se seguirdes a estrada que vos indicamos, não vos transviareis. Tem-se-vos dito uma coisa muito verdadeira e que gostaríamos de relembrar: é que o Espiritismo é unicamente uma moral e que não deve sair dos limites da filosofia, nem muito, nem pouco, se não quiser cair no domínio da curiosidade. Deixai de lado as questões das Ciências: a missão dos Espíritos não é resolvê-las, poupando-vos do trabalho das pesquisas, mas de tentar vos tornar melhores, pois é assim que, realmente, progredireis.

São Luís

XVIII

Zombaram das mesas girantes, jamais zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Este foi o vestíbulo da ciência; é, aí, que ao entrar, se deve deixar seus preconceitos, como se deixa a capa. Nunca será demais exortar-vos a fazer de vossas reuniões um centro sério. *Que em outros lugares se façam demonstrações físicas, que em outros lugares se veja, que em outros lugares se ouça; que, entre vós, compreenda-se e ame-se*. O que pensais ser aos olhos dos Espíritos superiores, quando fizestes girar ou levantar uma mesa? Como estudantes; o sábio passa o seu tempo a repetir o a, b, c da Ciência? Todavia, ao ver-vos pesquisar as comunicações sérias, consideram-vos como homens sérios, em busca da verdade.

São Luís

Tendo perguntado a São Luís se, com isso, ele queria censurar as manifestações físicas, ele respondeu:

"Eu não poderia censurar as manifestações físicas, visto que, se elas acontecem, é com a permissão de Deus e com um fim útil; ao dizer que elas foram o vestíbulo da ciência, indico-lhes sua verdadeira categoria e constato a utilidade delas. Censuro apenas os que delas fazem objeto de divertimento e curiosidade, sem delas tirar o ensinamento, que lhes é consequente; elas são para a filosofia do Espiritismo, o que a gramática é para a literatura e aquele que tiver chegado a um certo grau de conhecimento, numa ciência, não perde mais o seu tempo em lhe repassar os elementos."

XIX

Meus amigos e crentes fiéis, sinto-me feliz, sempre que posso vos dirigir no caminho do bem; é uma suave missão que Deus me concede e da qual me orgulho, porque ser útil é sempre uma recompensa. Que o Espírito de caridade vos reúna, tanto a caridade que dá, quanto a que ama. Mostrai-vos pacientes diante das injúrias de vossos detratores; sede firmes no bem, e, principalmente, humildes, diante de Deus; só a humildade eleva; é a única grandeza que Deus reconhece. Só, assim, os bons Espíritos virão até vós, do contrário, o do mal se apossaria de vossa alma. Sede benditos em nome do Criador e crescereis aos olhos dos homens, ao mesmo tempo, que aos de Deus.

São Luís

XX

A união faz a força; sede unidos para serdes fortes. O Espiritismo germinou, lançou raízes profundas; ele vai estender sobre a Terra seus ramos benfazejos. É preciso que vos torneis invulneráveis aos dardos envenenados da calúnia e da negra falange dos Espíritos ignorantes, egoístas e hipócritas. Para chegardes a isso, é preciso que uma indulgência e uma benevolência recíprocas presidam vossas relações; que vossos defeitos passem despercebidos, que apenas vossas qualidades sejam notadas; que a tocha da santa amizade reúna, ilumine e aqueça vossos corações e resistireis aos ataques impotentes do mal, como o rochedo inabalável à vaga furiosa.

São Vicente de Paulo

XXI

Meus amigos, quereis formar um grupo espírita e eu vos aprovo, porque os Espíritos não podem ver com satisfação os médiuns que permanecem no isolamento. Deus não lhes deu esta sublime faculdade apenas para si mesmos, mas para o bem geral. Comunicando-se com outros, eles têm mil oportunidades de se esclarecerem sobre o mérito das comunicações que recebem, enquanto que, sozinhos, estarão muito melhor sob o domínio dos Espíritos mentirosos, encantados por não terem qualquer controle. Aqui está para vós e, se não estiverdes dominados pelo orgulho, vós o compreendereis e tirareis proveito disso. Agora, aqui está para os outros:

Compreendeis bem o que deve ser uma reunião espírita? Não; pois, no vosso zelo, julgais que o que há de melhor a fazer é reunir o maior número de pessoas, a fim de convencê-las. Desenganai-vos; quanto menos fordes, mais obtereis. É, sobretudo, pelo ascendente moral que exercerdes que atraireis para vós os incrédulos, muito mais do que pelos fenômenos que obtiverdes; se apenas pelos fenômenos atrairdes, virão ver-vos por curiosidade e encontrareis curiosos que não acreditarão e que rirão de vós; se encontrarem dentre vós unicamente pessoas dignas de estima, talvez não creiam imediatamente, mas vos respeitarão, e o respeito sempre inspira a confiança. Estais convencidos de que o Espiritismo deve acarretar uma reforma moral; que vosso grupo seja, pois, o primeiro a dar o exemplo das virtudes cristãs, porquanto nestes tempos de egoísmo, é nas Sociedades Espíritas que a verdadeira caridade deve encontrar um refúgio. [17] Esta deve ser, meus amigos, uma reunião de verdadeiros espíritas. Numa outra ocasião, dar-vos-ei outros conselhos.

Fénélon

XXII

Perguntastes se a multiplicidade dos grupos, numa mesma localidade, não poderia engendrar rivalidades prejudiciais à Doutrina. A isto, eu vos responderei que os que estão imbuídos dos verdadeiros princípios desta Doutrina veem irmãos em todos os espíritas e, não, rivais; os que vissem outros grupos com um olhar ciumento, provariam que, neles, há uma segunda intenção de interesse ou de amor-próprio e que não são guiados pelo amor da verdade. Asseguro-vos de que, se aquelas pessoas estivessem entre vós, aí, logo semeariam a perturbação e a desunião. O verdadeiro Espiritismo tem por divisa benevolência e caridade; exclui qualquer outra rivalidade, a não ser a do bem que podemos fazer; todos os grupos que a inscreverem em suas bandeiras poderão estender as mãos uns aos outros, como bons vizinhos, que não o são menos por não habitarem na mesma casa. Os que pretendam ter os melhores Espíritos como guias, deverão prová-lo, mostrando os melhores sentimentos; portanto, que haja luta entre eles, mas luta de grandeza d'alma, de abnegação, de bondade e de humildade; aquele que atirasse pedra no outro provaria, unicamente por isso, que está influenciado por maus Espíritos. A natureza dos sentimentos que dois homens manifestam, com relação um ao outro é a pedra de toque para se conhecer a natureza dos Espíritos que os assistem.

Fénélon

XXIII

O silêncio e o recolhimento são condições essenciais para todas as comunicações sérias. Nunca obtereis isto daqueles que, apenas pela curiosidade, sejam atraídos para vossas reuniões; convidai, pois, os curiosos para se divertirem em outro lugar, porque a distração deles constituiria uma causa de perturbação.

Não deveis tolerar qualquer conversação, enquanto Espíritos são questionados. Às vezes, tendes comunicações que exigem, de nossa parte, réplicas sérias e respostas não menos sérias, da parte dos Espíritos evocados, que experimentam, acreditai-o, descontentamento por causa dos cochilos contínuos de alguns assistentes; daí, nada de completo, nem de verdadeiramente sério obtereis; o médium, que escreve, experimenta, também, distrações muito prejudiciais ao seu ministério.

São Luís

XXIV

Falar-vos-eis da necessidade, nas vossas sessões, de observar a maior regularidade, isto é, de evitar qualquer confusão, qualquer divergência nas ideias. A divergência favorece a substituição dos bons Espíritos pelos maus e, quase sempre, são os primeiros que se apossam das perguntas propostas. Por outro lado, numa reunião composta por elementos diversos e desconhecidos uns dos outros, como evitar as ideias contraditórias, a distração ou, pior ainda: uma vaga e zombeteira indiferença? Este meio, eu gostaria de achá-lo eficaz e certo. Talvez ele esteja na concentração dos fluidos esparsos em torno dos médiuns. Só eles, mas principalmente os que são amados, retêm os bons Espíritos na assembleia; mas a influência deles mal é suficiente para dissipar a turba dos Espíritos levianos. O trabalho do exame das comunicações é excelente; nunca seria demais aprofundar as questões e, sobretudo, as respostas; o erro é fácil, até para os Espíritos animados pelas melhores intenções; a lentidão da escrita, durante a qual o Espírito desvia-se do assunto, que ele esgota, logo que o concebeu, a mobilidade e a indiferença para com certas formas convencionadas, todas essas razões, e muitas outras, vos obrigam a dispensar apenas uma confiança limitada e sempre subordinada ao exame, mesmo quando se trate das comunicações mais autênticas.

Georges (Espírito familiar)

XXV

Com que objetivo, na maior parte do tempo, pedis comunicações aos Espíritos? Para terdes belos trechos que mostrais aos vossos conhecidos, como amostras de nosso talento; vós as conservais, preciosamente, em vossos álbuns, mas no vosso coração, não há lugar para elas. Julgais que fiquemos muito lisonjeados de comparecer às vossas assembleias, como a um concurso, para fazermos torneios de eloquência, para que possais dizer que a sessão foi muito interessante? O que vos restará, depois de terdes achado uma comunicação admirável? Julgais que venhamos buscar vossos aplausos? Desenganai-vos; não nos agrada vos divertir mais de uma forma, que de uma outra; de vossa parte, ainda há a curiosidade, que dissimulais, em vão; nosso objetivo é o de tornar-vos melhores. Ora, quando percebemos que nossas palavras não produzem frutos, e que tudo se reduz, de vosso lado, a uma estéril aprovação, vamos procurar almas

mais dóceis; deixamos, então, vir em nosso lugar, os Espíritos que nada mais querem, senão falar e estes não faltam. Vós vos espantais que os deixemos tomar nosso nome; o que vos importa? Já que, para vós não há nisso mais, nem menos. Mas, ficai sabendo que não o permitiríamos diante daqueles pelos quais, realmente, nós nos interessamos, isto é, daqueles com quem não perdemos nosso tempo; aqueles são os nossos preferidos e nós os preservamos da mentira. Portanto, se sois tão frequentemente enganados, queixai-vos apenas de vós; para nós, o homem sério não é o que se abstém de rir, mas aquele cujo coração é tocado pelas nossas palavras, que as medita e delas tira proveito. (Ver, item 268, questões 19 e 20.)

Massillon

XXVI

O Espiritismo deveria ser uma égide contra o espírito de discórdia e de dissensão; mas este espírito tem, desde todos os tempos, agitado sua tocha sobre os humanos, porque é cioso da felicidade que a paz e a união proporcionam. Espíritas! ele poderá, então, penetrar nas vossas assembleias, e não duvideis disso — ele procurará, aí, semear a desafeição, porém será impotente contra aqueles em que a verdadeira caridade anima. Mantende-vos, portanto, em guarda e vigieis, incessantemente, à porta do vosso coração, como à das vossas reuniões, para ali não deixar penetrar o inimigo. Se vossos esforços forem impotentes contra o de fora, dependerá sempre de vós impedir-lhe o acesso à vossa alma. Se, entre vós, se produzirem dissensões, elas só poderão ser suscitadas por maus Espíritos; portanto, que aqueles que tiverem, no mais alto grau, o sentimento dos deveres que a urbanidade lhes impõe, assim como o Espiritismo verdadeiro, mostrem-se mais pacientes, mais dignos e mais conciliadores; os bons Espíritos podem, algumas vezes, permitir essas lutas para fornecer tanto aos bons, quanto aos maus sentimentos a oportunidade de se revelar, a fim de separar o bom grão, da erva daninha e eles estarão sempre do lado, onde houver mais humildade e verdadeira caridade.

São Vicente de Paulo

XXVII

Repeli, com veemência, todos esses Espíritos que se arvorem em conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. São, quase sempre, Espíritos vaidosos e medíocres, cuja tendência é impor-se aos homens fracos e

crédulos, prodigalizando-lhes louvores exagerados, a fim de os fascinar e de os manter sob seu domínio. Geralmente, são Espíritos famintos de poder que, déspotas públicos ou privados, quando vivos, querem ainda ter vítimas, depois de mortos, para tiranizar. Em geral, desconfiai das comunicações que tragam um caráter de misticismo e estranheza ou que prescrevam cerimônias e atos bizarros: sempre haverá, então, um motivo legítimo de suspeição.

Por outro lado, crede que, quando uma verdade deva ser revelada à Humanidade, ela é, por assim dizer, instantaneamente comunicada, em todos os grupos sérios, que possuam médiuns sérios e, não, a estes ou aqueles, com exclusão de todos os outros. Ninguém é médium perfeito, se está obsidiado e há obsessão manifesta, quando um médium só se mostre apto a receber comunicações de um determinado Espírito, por mais alto que este procure colocar-se. Consequentemente, todo médium, todo grupo que se considere privilegiado pelas comunicações, que unicamente eles podem receber e que, por outro lado, estejam submetidos a práticas que se aproximam da superstição, estão, indubitavelmente, sob a influência de uma obsessão das mais bem caracterizadas, principalmente, quando o Espírito dominador se vangloria com um nome que todos, Espíritos e encarnados, devemos honrar e respeitar, e não permitir que sua dignidade se comprometa por qualquer motivo.

É incontestável que, submetendo ao cadinho da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil rejeitar o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado, um grupo enganado; porém, a verificação severa dos outros grupos, o conhecimento adquirido e a alta autoridade moral dos diretores de grupos, as comunicações dos principais médiuns, que recebem um cunho de lógica e de autenticidade de nossos melhores Espíritos, farão justiça, rapidamente, a esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos enganadores ou maus.

Erasto (discípulo de São Paulo)

Nota: Um dos caracteres distintivos desses Espíritos, que querem impor-se e fazer com que se aceitem ideias bizarras e sistemáticas, é pretender, fossem eles os únicos dessa opinião, a ter razão contra todo o mundo. A tática deles consiste em evitar a discussão e, quando se veem vitoriosamente combatidos pelas armas irresistíveis da lógica, recusam-se, desdenhosamente, a responder e prescrevem a seus médiuns afastarem-se dos centros, onde suas ideias não são acolhidas. Este isolamento é o que existe de mais fatal para os médiuns, porque experimentam, sem contrapeso, o jugo desses Espíritos obsessores, que os conduzem, como cegos, e os levam, muitas vezes, aos maus caminhos.

XXVIII

Os falsos profetas não se encontram somente entre os encarnados; eles também se encontram e, em número muito maior, entre os Espíritos orgulhosos que, sob falsas aparências de amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra emancipadora da Humanidade, lançando, através de seus sistemas absurdos, que fazem ser aceitos por seus médiuns; e, para melhor fascinar aqueles que querem enganar, e, para dar mais peso às suas teorias, eles se utilizam, sem escrúpulo, de nomes que os homens só pronunciam com respeito, os de santos, justamente venerados, de Jesus, de Maria, até o de Deus.

São eles que semeiam fermentos de antagonismo entre os grupos, que os impelem a isolar-se uns dos outros e a se olharem com maus olhos. Apenas isto bastaria para desmascará-los, pois, agindo assim, dão, eles próprios, o mais formal desmentido ao que pretendem ser. Cegos, portanto, são os homens que se deixam cair numa armadilha tão grosseira.

Porém, há muitos outros meios de reconhecê-los. Espíritos da ordem a que dizem pertencer devem ser, não apenas muito bons, mas, além disso, eminentemente lógicos e racionais. Pois bem! passai seus sistemas na peneira da razão e do bom senso e vereis o que restará disso. Convinde, portanto, comigo que, todas as vezes que um Espírito indique, como remédio aos males da Humanidade ou como meios de chegar à sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas: quando formule um sistema que as mais vulgares noções da ciência contradigam, só pode se tratar de um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, tende a certeza de que se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, ela o é sempre pelo bom senso das massas e, ainda há, aí, um critério. Se dois princípios se contradizem, tereis a medida de seu valor intrínseco procurando aquele que encontra mais ecos e simpatia; seria ilógico, de fato, admitir que uma doutrina, que visse diminuir o número de seus partidários, fosse mais verdadeira do que aquela que vê os seus aumentarem. Deus, querendo que a verdade chegue a todos, não a confina num círculo estreito e restrito: ele a faz surgir em diferentes pontos, a fim de que, por toda a parte, a luz esteja ao lado das trevas.

Erasto

Nota: A melhor garantia de que um princípio é a expressão da verdade está em que, quando é ensinado e revelado por diferentes Espíritos, através de médiuns desconhecidos uns dos outros e em diferentes lugares e, quando, além disso, é confirmado pela razão e sancionado pela adesão do maior número. Só a verdade pode fornecer raízes a uma doutrina; um sistema errôneo pode muito bem recrutar alguns

aderentes, porém, como lhe falta a primeira condição de vitalidade, ele só possui uma existência efêmera; é por isso que não há motivo para com ele inquietar-se; ele se mata com seus próprios erros e cairá, inevitavelmente, diante da arma poderosa da lógica.

Comunicações apócrifas

Muitas vezes, há comunicações tão absurdas, embora assinadas com os mais respeitáveis nomes, que o mais comum bom senso demonstra-lhe a falsidade; porém, há aquelas em que o erro é dissimulado, sob boas coisas, que iludem e impedem, algumas vezes, apreendê-lo à primeira vista, elas, porém, não poderiam resistir a um exame sério. Citaremos apenas algumas delas, como amostra.

XXIX

A criação perpétua e incessante dos mundos é, para Deus, como um prazer perpétuo, porque ele vê, incessantemente, seus raios tornarem-se, cada dia, mais luminosos em felicidade. Para Deus, não há número, da mesma forma, como não há tempo. Eis por que centenas ou milhares nada representam para ele. É um pai, cuja felicidade é formada pela felicidade coletiva de seus filhos e, a cada segundo da criação, ele vê uma nova felicidade vir fundir-se na felicidade geral. Não há parada, nem suspensão no movimento perpétuo, esta grande felicidade incessante, que fecunda a terra e o céu. Do mundo, apenas se conhece uma pequena fração e tendes irmãos que vivem sob latitudes em que o homem ainda não chegou a penetrar. O que significam esses calores que torram e esses frios mortais que detêm os esforços dos mais corajosos? Julgais, simplesmente, que lá esteja o limite do vosso mundo, quando não podeis mais avançar com vossos meios limitados? Poderíeis, então, medir, exatamente, o vosso planeta? Não creiais nisso. Há, no vosso planeta, mais lugares ignorados do que lugares conhecidos. Mas, como é inútil propagar, ainda mais, todas as vossas más instituições, todas as vossas leis más, ações e existências, há um limite que vos detém, aqui e ali e que vos deterá, até que tenhais transportado as boas sementes que vosso livre-arbítrio produziu. Oh! não, não conheceis este mundo a que chamais Terra. Vereis, através desta comunicação, um grande início de provas de vossa existência. Eis que vai soar a hora em que haverá uma outra descoberta, diferente da última que foi feita; eis que o círculo de vossa Terra conhecida vai se alargar e, quando toda a imprensa cantar essa Hosana, em todas as línguas, vós, pobres filhos, que amais a Deus e que buscais sua voz, tereis sabido, antes mesmo daqueles que darão seus nomes à nova terra.

Nota: Do ponto de vista do estilo, esta comunicação não suporta a crítica; as incorreções, os pleonasmos, os volteios viciosos saltam aos olhos de qualquer um, por menos letrado que seja; isso, porém, nada provaria contra o nome com que é assinada, dado que essas imperfeições poderiam decorrer da insuficiência do médium, assim como já demonstramos. O que, de fato, é do Espírito é a ideia; ora, quando ele diz, que há mais lugares ignorados no nosso planeta, do que lugares conhecidos, que um novo continente vai ser descoberto, é, para um Espírito, que se diz superior, dar prova da mais profunda ignorância. Sem dúvida, pode-se descobrir, para além das regiões glaciais, alguns cantos de terra desconhecidos, mas dizer que essas terras são povoadas e que Deus as escondeu dos homens, a fim de que não levassem para lá suas más instituições, é ter fé demasiada na confiança cega daqueles a quem ele ministra semelhantes absurdos.

XXX

Meus filhos, nosso mundo material e o mundo espiritual, que ainda bem poucos conhecem, formam como que dois pratos da balança perpétua. Até aqui, nossas religiões, nossas leis, nossos costumes e nossas paixões têm feito descer tanto o prato do mal, para elevar o do bem, que se tem visto o mal reinar soberano, na Terra. Há séculos, é sempre a mesma queixa que sai da boca do homem e a conclusão fatal é a injustiça de Deus. Há até aqueles que chegam à negação da existência de Deus. Vedes tudo, aqui, e nada, lá; vedes o supérfluo que choca a necessidade, o ouro que brilha junto da lama; todos os contrastes mais chocantes que deveriam vos provar vossa dupla natureza. De onde virá isto? De quem é a falta? Eis o que deve ser procurado, com tranquilidade e imparcialidade; quando se deseja, sinceramente, encontrar um bom remédio, acham-no. Pois bem! apesar deste domínio do mal sobre o bem, por vossa própria culpa, por que não vedes o resto seguir direto a linha traçada por Deus? Vedes as estações se desarrumarem? os calores e os frios se chocarem, inconsideravelmente? a luz do Sol esquecer-se de iluminar a Terra? a Terra esquecer, no seu seio, os grãos que o homem, ali, depositou? Vedes a cessação dos mil milagres perpétuos, que se produzem, sob nossos olhos, desde o nascimento do arbusto até o nascimento da criança, do homem futuro? Mas, do lado de Deus, tudo vai bem; tudo vai mal, do lado do homem. Qual o remédio para isso? É muito simples: aproximar-se de Deus, amarem-se, unirem-se, entenderem-se e seguir, tranquilamente, a estrada cujos marcos se veem com os olhos da fé e da consciência.

Vicente de Paulo

Nota: Esta comunicação foi obtida, no mesmo círculo; mas, quanta diferença da precedente! Não apenas pelas ideias, mas também pelo estilo. Tudo nela é justo, profundo, sensato e, certamente, Vicente de Paulo não a desaprovaria, é por isso que pode lhe ser atribuída, sem receio.

XXXI

Vamos, filhos, cerrai vossas fileiras, isto é, que vossa boa união faça a força. Vós, que trabalhais na fundação do grande edifício, vigiai e trabalhai, sempre, para consolidá-lo à sua base e, então, podereis elevá-lo bem alto! A progressão é imensa sobre todo o nosso globo; uma quantidade inumerável de prosélitos se enfileiram sob nossa bandeira; muitos cépticos e mesmo os mais incrédulos, se aproximam, também.

Ide, filhos; marchai com o coração elevado, cheio de fé; a estrada que percorreis é bela; não esmoreçais; segui sempre a linha reta, servi de guias àqueles que vêm depois de vós, eles serão felizes, muitos felizes!

Caminhai, filhos; não tendes necessidade da força das baionetas para sustentar vossa causa, apenas necessitais da fé; a crença, a fraternidade e a união, eis as vossas armas; com elas, sois fortes, mais poderosos que todos os grandes potentados do Universo reunidos, apesar de suas forças vivas, suas frotas, seus canhões e sua metralha!

Vós que combateis pela liberdade dos povos e a regeneração da grande família humana, ide, filhos, coragem e perseverança, Deus vos ajudará. Boa noite, adeus.

Napoleão

Nota: Napoleão sempre fora, enquanto vivo, um homem circunspecto e sério; todo o mundo conhece seu estilo breve e conciso; teria, singularmente degenerado se, após a morte, tivesse se tornado prolixo e burlesco. Esta comunicação, talvez seja do Espírito de algum soldado, que se chamava Napoleão.

XXXII

Não, não se pode mudar de religião, quando não se tem uma que possa, ao mesmo tempo, satisfazer o senso comum e a inteligência, que se possui, e que possa, principalmente, dar ao homem consolações presentes. Não, não se muda de religião, cai-se da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade. Ide,

ide, nosso pequeno exército! ide e não temais as balas inimigas; as que devem vos matar, ainda não foram feitas, se estiverdes, sempre, do fundo do coração, no caminho de Deus, isto é, se quiserdes sempre combater, pacífica e vitoriosamente, pelo bem-estar e pela liberdade.

Vicente de Paulo

Nota: Quem reconheceria São Vicente de Paulo através desta linguagem, com essas ideias desalinhavadas e desprovidas de sentido? O que significam estas palavras: Não, não se muda de religião, cai-se da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade? Com suas balas, que ainda não foram feitas, suspeitamos muito, que este Espírito, seja o mesmo, que assinou, acima, Napoleão.

XXXIII

Filhos de minha fé, cristãos da minha doutrina esquecida pelos interesses das ondas da filosofia dos materialistas, segui-me, no caminho da Judeia, segui a paixão da minha vida, contemplai meus inimigos, agora, vede meus sofrimentos, meus tormentos e meu sangue derramado.

Filhos, espiritualistas da minha nova doutrina, ficai prontos para suportar, para afrontar as ondas da adversidade, os sarcasmos de vossos inimigos. A fé caminhará, incessantemente, seguindo a vossa estrela, que vos conduzirá ao caminho da felicidade eterna, assim como a estrela conduziu, pela fé, os magos do Oriente à manjedoura. Quaisquer que sejam as vossas adversidades, quaisquer que sejam vossas dificuldades e as lágrimas que tiverdes derramado, nesta esfera de exílio, tomai coragem, ficai convencidos de que a alegria que vos inundará, no mundo dos Espíritos, estará bem acima dos tormentos de vossa existência passageira. O vale de lágrimas é um vale que deve desaparecer, para dar lugar à brilhante estada de alegria, de fraternidade e de união, onde chegareis pela vossa boa obediência à santa revelação. A vida, meus caros irmãos, desta esfera terrestre, toda preparatória, não pode durar, senão o tempo necessário para viver bem preparado, para esta vida que nunca poderá terminar. Amai-vos, amai-vos como eu vos amei e como, ainda, vos amo; irmãos, coragem, irmãos! Eu vos abençoo; espero-vos, no céu.

Jesus

Dessas brilhantes e luminosas regiões, onde o pensamento humano mal pode alcançar, o eco de vossas palavras e das dele veio tocar meu coração.

Oh! de que alegria sinto-me inundado, vendo-vos, vós, os continuadores de

minha doutrina. Não, nada se aproxima do testemunho dos vossos bons pensamentos! Vós o vedes, filhos, a ideia regeneradora lançada por mim, outrora, neste mundo, perseguida, detida um momento, sob a pressão dos tiranos, vai, daqui em diante, sem obstáculos, clareando os caminhos à Humanidade, durante tanto tempo mergulhada nas trevas.

Todo sacrifício grande e desinteressado, meus filhos, cedo ou tarde, produz seus frutos. Meu martírio vo-lo provou; meu sangue derramado pela minha doutrina salvará a Humanidade e apagará as faltas dos grandes culpados!

Sede benditos, vós que, hoje, tomais lugar na família regenerada! Ide, coragem, filhos!

Jesus

Nota: Sem dúvida, nada há de mau nessas duas comunicações; mas o Cristo, teve, alguma vez, esta linguagem pretensiosa, enfática e empolada? Que as compare com a que citamos, mais acima, e que traz o mesmo nome e ver-se-á de que lado está o cunho da autenticidade.

Todas estas comunicações foram obtidas no mesmo círculo. Nota-se, no estilo, um tom familiar, volteios de frase idênticos, as mesmas expressões, muitas vezes reproduzidas como, por exemplo, ide, ide, filhos, etc., donde pode-se concluir que trata-se do mesmo Espírito, que as ditou, todas, com nomes diferentes. Nesse círculo, entretanto, de fato, muito consciencioso, porém um pouco crédulo demais, não se faziam evocações, nem perguntas; tudo aguardavam das comunicações espontâneas e, com se vê, certamente, não constitui uma garantia de identidade. Com perguntas um pouco insistentes e cheias de lógica, teriam, facilmente recolocado este Espírito no seu lugar, mas ele sabia que nada tinha a temer, visto que não lhe perguntavam nada e aceitavam, sem verificação, e de olhos fechados, tudo o que ele dizia. (Ver, item 269.)

XXXIV

Como é bela a natureza! como a Providência é prudente em sua previdência! mas vossa cegueira e vossas paixões humanas impedem que tireis paciência da prudência e da bondade de Deus. Vós vos lamentais pela menor nuvem, pelo menor atraso nas vossas previsões; sabei, pois, impacientes duvidadores, porque nada acontece sem um motivo sempre previsto, sempre premeditado, em proveito de todos. A razão do que precede é para reduzir a nada, homens de temores hipócritas, todas as vossas previsões de ano mau para vossas colheitas.

Deus, muitas vezes, inspira a inquietação pelo futuro aos homens para os impelir à previdência; e vede como são grandes os meios para com vossos temores intencionalmente semeados e que, com muita frequência, escondem pensamentos de cobiça, muito mais do que uma ideia de um prudente

fornecimento, inspirado por um sentimento de humanidade em proveito dos pequenos. Vede as relações de nações para nações, que daí resultarão; vede que transações deverão realizar-se; quantos meios virão concorrer para reprimir vossos temores! pois, como o sabeis, tudo se encadeia; por isso, grandes e pequenos virão à obra.

Então, já não vedes, em todo esse movimento, uma fonte de um certo bem-estar para a classe mais laboriosa dos Estados, classe verdadeiramente interessante, que vós, os grandes, vós os onipotentes desta terra, considerais como gente submetida à vontade, criada para vossas satisfações?

Então, o que acontece depois desse vaivém de um polo ao outro? É que, uma vez bem providos, muitas vezes, esse tempo muda; o Sol, obedecendo ao seu criador, amadureceu, em alguns dias, vossas sementeiras; Deus pôs a abundância, onde vossa cobiça meditava na escassez e, apesar de vós, os pequenos poderão viver; e sem suspeitardes disso, fostes, contra a vossa vontade, a causa de uma abundância.

Entretanto, acontece — Deus o permite, algumas vezes — que os maus tenham êxito em seus projetos de cobiça, mas, então, trata-se de um ensinamento que Deus quer dar a todos; é a previdência humana que ele quer estimular; é a ordem infinita que reina na Natureza, é a coragem contra os acontecimentos, que os homens devem imitar, que devem suportar, com resignação.

Quanto àqueles que, por cálculo, aproveitam dos desastres, crede-o, serão punidos por isso. Deus quer que todos seus seres vivam; o homem não deve brincar com a necessidade, nem traficar com o supérfluo. Justo, em seus benefícios, grande, em sua clemência, bom demais para com a nossa ingratidão. Deus, em seus desígnios, é impenetrável.

Bossuet, Alfred de Marignac

Nota: Esta comunicação, certamente, nada contém de mau; há até ideias filosóficas profundas e conselhos muito sábios, que poderiam enganar as pessoas pouco versadas em literatura, sobre a identidade do autor. Tendo-a submetido ao controle da Sociedade Espírita de Paris, o médium que a recebera, houve apenas uma única voz para declarar, que ela não podia ser de Bossuet. Consultado, São Luís respondeu: "Esta comunicação é boa, por si mesma; mas não acrediteis que tenha sido Bossuet quem a ditou. Um Espírito a escreveu, talvez um pouco sob sua inspiração e colocou o nome do grande bispo, abaixo, para fazê-la ser mais facilmente aceita; mas, pela linguagem, deveis reconhecer a substituição. Ela é do Espírito que colocou o seu nome, depois do de Bossuet." Interrogado sobre o motivo que o havia feito agir assim, esse Espírito disse: "Desejava escrever alguma coisa, a fim de me fazer ser lembrado pelos homens; vendo que eu era fraco, quis, ali, acrescentar o prestígio de um grande nome. — Mas, não imagináveis que se

reconhesse que ela não era de Bossuet? — Quem sabe lá, ao certo? Poderíeis vos enganar. Outros, menos clarividentes, a teriam aceito.”

De fato, a facilidade com que algumas pessoas aceitam o que vem do mundo invisível, sob a cobertura de um grande nome, é que encoraja os Espíritos enganadores. É preciso aplicar toda a sua atenção em frustrar as artimanhas deles e só se pode, aí, chegar com o auxílio da experiência adquirida, através de um estudo sério. Incessantemente, assim, repetimos: Estudai, antes de praticar, porquanto este é o único meio de não adquirir experiência à vossa própria custa.



CAPÍTULO XXXII

VOCABULÁRIO ESPÍRITA

Agênere: (do grego, *a*, privativo, e *geiné*, *geinomai*, gerar; que não foi gerado). Variedade de aparição tangível; estado de certos Espíritos, que podem revestir, momentaneamente, as formas de uma pessoa viva, ao ponto de produzir ilusão completa.

Erraticidade: Estado dos Espíritos errantes, isto é, não encarnados, durante os intervalos de suas existências corporais.

Espírito: No sentido particular da Doutrina Espírita, *os Espíritos são os seres inteligentes da criação, que povoam o Universo, fora do mundo material e que constituem o mundo invisível*. Não são seres de uma criação particular, porém, as almas daqueles, que viveram na Terra, ou em outras esferas e que deixaram o envoltório corporal.

Batedor: Qualidade de certos Espíritos. Os Espíritos batedores são aqueles que revelam sua presença, através de pancadas e ruídos de naturezas diversas.

Medianimidade: Faculdade dos médiuns. Sinônimo de *mediunidade*. Estas duas palavras são, muitas vezes, empregadas indiferentemente; se quiserem fazer uma distinção, poder-se-ia dizer que *mediunidade* tem um sentido mais geral e *medianimidade*, um sentido mais restrito. Ele tem o dom da *mediunidade*. *A medianimidade mecânica*.

Médium: (do latim, *médium*, meio, intermediário). Pessoa que pode servir de intermediário entre os Espíritos e os homens.

Mediunato: Missão providencial dos médiuns. Esta palavra foi criada pelos Espíritos. (Ver, cap. XXXI, comunicação, XII)

Mediunidade (Ver Medianimidade)

Perispírito: (do grego, *peri*, em torno). Envoltório semimaterial do Espírito. Nos encarnados, serve de elo ou de intermediário entre o Espírito e a matéria; nos Espíritos errantes, constitui o corpo fluídico do Espírito.

Pneumatografia: (do grego *pneuma*, ar, sopro, vento, espírito e *graphô*, escrevo). Escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium.

Pneumatofonia: (do grego, *pneuma*, e *phoné*, som ou voz). Voz dos Espíritos; comunicação oral dos Espíritos, sem o auxílio da voz humana.

Psicógrafo: (do grego, *psiké*, borboleta, alma, e *grafô*, escrevo). Aquele que faz psicografia: médium escrevente.

Psicografia: Escrita dos Espíritos, através da mão de um médium.

Psicofonia: Comunicação dos Espíritos através da voz de um médium falante.

Reencarnação: Retorno do Espírito à vida corporal, pluralidade das existências.

Sematologia: (do grego, *sema*, sinal, e *logos*, discurso). Linguagem dos sinais. Comunicação dos Espíritos, através do movimento dos corpos inertes.

Espírita: O que tem relação com o Espiritismo; adepto do Espiritismo; aquele que crê nas manifestações dos Espíritos. *Um bom, um mau espírita; a Doutrina Espírita*.

Espiritismo: Doutrina fundada sobre a crença na existência dos Espíritos e em suas manifestações.

Espiritista: Esta palavra, empregada, a princípio, para designar os adeptos do Espiritismo, não foi consagrada pelo uso; a palavra *espírita* prevaleceu.

Espiritualismo: Usa-se no sentido oposto ao de materialismo (academ.); crença na existência da alma espiritual e imaterial. *O Espiritualismo é a base de todas as religiões*.

Espiritualista: O que se refere ao espiritualismo. Todo aquele que crê, que nem tudo, em nós, é matéria, é *espiritualista*, o que não implica, absolutamente, a crença nas manifestações dos Espíritos. Todo *espírita* é, necessariamente, *espiritualista*; mas pode-se ser espiritualista sem ser *espírita*. O materialista não é nem um, nem outro. Diz-se: a filosofia *espiritualista*. — Uma obra escrita, segundo as ideias *espiritualistas*. — As manifestações *espíritas* são produzidas pela ação dos Espíritos sobre a matéria. — A moral *espírita* decorre do ensino dado pelos Espíritos. — Há *espiritualistas* que escarnecem das crenças *espíritas*.

Nestes exemplos, a substituição do termo *espiritualista* pela palavra *espírita* produziria uma confusão evidente.

Estereótipo: (do grego, *stereos*, sólido). Qualidade das aparições tangíveis.

Tiptólogo: (do grego *tipto*, eu bato). Variedade dos médiuns aptos à

tiptologia. *Médium tiptólogo*.

Tiptologia: Linguagem por pancadas; modo de comunicação dos Espíritos. *Tiptologia alfabética*.

NOTA EXPLICATIVA [18]

> Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...]. Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticuloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo

inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração da sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* — do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreenssões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite "resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc." (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

> O corpo deriva do corpo, mas o Espírito, não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.).
>
> [...] O Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)
>
> Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebleia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre esse dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a

raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois que o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373).

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes "científicos" da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (Kardec, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. — janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

> Quando na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a "interpretação da doutrina dos anjos decaídos", apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversível, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

> É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente ("benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas"), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora

Produção Gráfica: Departamento Editorial do
CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS
Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21610-210
Telefax (21) 2452-7700
Site: www.edicoesleondenis.com.br
E-mail: editorial@leondenis.com.br

[1] Nosso ensino teórico e prático é sempre gratuito.

[2] Após *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec realizou: *O Evangelho Segundo o Espiritismo — O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo — A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo — O Espiritismo na Sua Mais Simples Expressão* (pequena brochura de propaganda).

[3] *A Revista Espírita* de Allan Kardec (dos anos de 1858 a 1869) é, atualmente, muito rara; pode-se ainda conhecê-la em alguns centros espíritas. Editaram-se alguns extratos: *A Obsessão — Organização e Orientação do Espiritismo. Viagem Espírita em 1862*.

• Independentemente dos boletins locais ou nacionais, aconselhamos a assinatura de *A Revista Espírita*, no escritório de Soual (Tarn) França.

[4] Sr. Jobert (de Lamballe). Para ser justo, é preciso dizer que esta descoberta é devida ao Sr. Schiff. O Sr. Jobert deduziu-lhe as consequências, diante da Academia de Medicina, para dar um golpe certeiro nos Espíritos batedores. Encontrar-se-ão todos os detalhes na *Revista Espírita* do mês de junho de 1859.

[5] Comunhão. A luz do fenômeno do Espírito. Mesas falantes, sonâmbulos, médiuns, milagres. Magnetismo espiritual: poder da prática da fé. Por *Emah Tirpsé*, uma alma coletiva que escreve por intermédio de uma prancheta. Bruxelas, 1858, ed. Devroye.

[6] Esta questão foi tratada em *O Livro dos Espíritos* (questão 128 e seguintes); nós, porém, recomendamos, com relação a este assunto, como sobre tudo o que diz respeito à parte religiosa, a brochura intitulada: *Carta de um católico sobre o Espiritismo*, do Dr. Grand, antigo cônsul da França (na livraria Ledoyen, In-18; preço 1 franco), assim como a que vamos publicar sob o título de: *As contradições do Espiritismo* do ponto de vista da religião, da Ciência e do materialismo.

[7] Reportando-se a tudo o que dissemos em *O Livro dos Espíritos* sobre os sonhos e o estado do Espírito durante o sono (questões 400 a 418), conceber-se-á que esses sonhos, que quase todo mundo tem, nos quais nos vemos transportados através do espaço e como que voando, não são outra coisa senão uma lembrança da sensação experimentada pelo Espírito, quando, durante o sono, deixava, momentaneamente, seu corpo material, levando consigo apenas seu corpo fluídico, aquele que ele conservará, depois da morte. Esses sonhos podem, portanto, dar-nos uma ideia do estado do Espírito, quando estiver desembaraçado dos entraves que o mantêm preso ao solo.

[8] **Tertuliano** (155 - 220 – Cartago) — apologista cristão; adotou as ideias de Montanus* e combateu os cristãos mornos.

*** Montanus** (Séc. II) — herético frígio; sua doutrina se fundamentava na iminência do retorno do Cristo, no final dos tempos, em vista do cumprimento do juízo final. **(Nota da tradutora.)**

[9] Vê-se, quando se trata de exprimir uma ideia nova, para a qual a língua não dispõe de termos, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos. Estas expressões: *eletromediúnico*, *perispirítico*, não foram cunhadas por nós. Aqueles que nos criticaram por termos criado as palavras *espírita*, *espiritismo*, *perispírito*, que não tinham termos análogos, poderão fazê-lo, também, aos Espíritos.

[10] Ver, para maiores detalhes sobre o estado do Espírito durante o sono, *O Livro dos Espíritos*, cap. Emancipação da alma, questão 409.

[11] O Sr. Home, entre outros.

[12] Ver a *Revista Espírita*, de janeiro de 1859. *O Duende de Bayonne*, fevereiro de 1859. *Os Agêneres: meu amigo Hermann*, maio de 1859. *O Elo entre o Espírito e o Corpo*, novembro de 1859. *A Alma errante*, janeiro de 1860; *O Espírito de um lado e o corpo do outro*, março de 1860; *Estudos sobre pessoas vivas*; *O doutor V. e a senhorita I.*, abril de 1860; *O fabricante de São Petersburgo*; *Aparições tangíveis*, novembro de 1860; *História de Maria de Agreda*, julho de 1861; Uma aparição providencial.

[13] Ver *Revista Espírita*, de fevereiro de 1860: *História de um danado*.

[14] *A realidade dos Espíritos e suas manifestações*, demonstrada pelo fenômeno da escrita direta. Pelo Sr. Barão de Guldenstubbe, 1 vol. In-8, com 15 estampas e 93 *fac-símiles*.

[15] Um dos fatos mais extraordinários desta natureza, pela variedade e estranheza dos fenômenos, é, incontestavelmente, o que ocorreu em 1852, no Palatinado (Baviera renana), em Bergzabern, perto de Wissemburg. Ele é tanto mais notável, quanto reúne, no mesmo indivíduo, quase todos os gêneros de manifestações espontâneas: estrondos de abalar a casa, reviramento dos móveis, objetos arremessados ao longe por uma mão invisível, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos que tocam sem contato, comunicações inteligentes, etc., e, o que não é de menos importância: a constatação desses fatos, durante quase dois anos, por inumeráveis testemunhas oculares, dignas de fé pelo seu saber e sua posição social. A narrativa autêntica destes fenômenos foi publicada, nesta época, em vários jornais alemães e, notadamente, numa brochura, atualmente esgotada, e muito rara. Encontrar-se-á a tradução completa desta brochura na *Revista Espírita* de 1858, com os comentários e explicações necessárias. Esta é, pelo que sabemos, a única publicação francesa que tenha sido feita. Além do interesse empolgante que se ligam a esses fenômenos, eles são eminentemente instrutivos, do ponto de vista do estudo prático do Espiritismo.

[16] *a fortiori* = expressão latina que significa: com mais forte razão. **(N.T.)**

[17] Conhecemos um senhor que foi aceito para um emprego de confiança, numa casa importante, porque ele era espírita sincero e consideraram ter encontrado, nas suas crenças, uma garantia de moralidade.

[18] **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos príncípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.